



AUGUSTUS NICODEMUS LOPES



o que você precisa saber sobre

BATALHA ESPIRITUAL



O que você precisa saber sobre Batalha Espiritual, de Augustus Nicodemus Lopes © 1997
Editora Cultura Cristã. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 1997 – 3.000 exemplares

2ª edição – 1998 – 3.000 exemplares

3ª edição – 2001 – 3.000 exemplares

4ª edição – 2006 – 3.000 exemplares

Revisão

Wilton Vidal de Lima

Editoração

Rissato

Capa

Lela Design

Conselho Editorial

Cláudio Marra (*Presidente*), Ageu Cirilo de Magalhães Jr., Alex Barbosa Vieira, André Luiz Ramos, Fernando Hamilton Costa, Francisco Solano Portela Neto, Mauro Fernando Meister, Valdeci da Silva Santos e Francisco Baptista de Mello.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Augustus Nicodemus

L864o O que você precisa saber sobre batalha espiritual / Augustus Nicodemus Lopes – 4.ed.
São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

224p. ; 14x21 cm.

ISBN: 85-7622-158-6

1. Vida Cristã – Batalha espiritual 2. Bíblia – Novo Testamento. I. Lopes, A.N. II. Título.

CDD – 235.44



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Jr., 394 - CEP 01540-040 - São Paulo - SP

Caixa Postal 15.136 - CEP 01599-970 - São Paulo - SP

Fone: (11) 3207-7099 - Fax: (11) 3209-1255

Ligue grátis: 0800-0141963 - www.cep.org.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

“Para uma Igreja verdadeira e pura”	7
Introdução	9
Capítulo um: Nós estamos em guerra	11
<i>O contexto de Efésios 6.10-20</i>	<i>13</i>
<i>A convocação para o combate</i>	<i>18</i>
<i>Os motivos para tomarmos a armadura de Deus</i>	<i>20</i>
<i>Os perigos relacionados com o combate cristão</i>	<i>24</i>
<i>Conclusão</i>	<i>27</i>
Capítulo dois: Origem e difusão do movimento de “Batalha Espiritual”	29
<i>Enfrentando os maus espíritos na China</i>	<i>29</i>
<i>As diversas linhas de “batalha espiritual”</i>	<i>30</i>
<i>A influência de Peretti, Wagner e do Movimento AD2000 ..</i>	<i>32</i>
Capítulo três: Os principais ensinamentos do movimento de “Batalha Espiritual”	35
<i>Modo “ekbalístico” de ministério</i>	<i>35</i>
<i>Todo mal é demoníaco</i>	<i>35</i>
<i>Ministério ekbalístico: única estratégia</i>	<i>36</i>
<i>Espíritos territoriais</i>	<i>36</i>
<i>Demonização de estruturas</i>	<i>39</i>
<i>A resistência dos “espíritos territoriais” à obra da Igreja .</i>	<i>39</i>
<i>A Igreja no ataque</i>	<i>40</i>
<i>Mapeamento espiritual</i>	<i>41</i>
<i>Demonização das estruturas e a “oração de guerra”</i>	<i>42</i>
<i>Enfrentando os “espíritos territoriais”: a “batalha espiritual”</i>	<i>43</i>
<i>Aconselhamento ekbalístico</i>	<i>45</i>
<i>Quebra de maldições hereditárias</i>	<i>45</i>
<i>Com o que podemos concordar</i>	<i>46</i>
<i>A realidade das forças do mal</i>	<i>46</i>
Preocupação evangélica	47
<i>Ênfase à oração</i>	<i>47</i>

Capítulo quatro: O que nos preocupa na “Batalha Espiritual” ...	49
<i>A falta de base bíblica para os principais ensinamentos do movimento</i>	49
Nenhuma instrução para “mapeamento espiritual”	50
O trono de Satanás	50
Historiografia espiritual?	51
Nenhuma instrução para atacar espíritos estruturais	51
Jesus e a missão dos Doze e dos Setenta	53
<i>Experiências como fonte de revelação e conhecimento</i>	53
Wagner: “Espíritos territoriais e missões mundiais”	54
Itioka: “A Igreja e a Batalha Espiritual”	55
O uso de experiências selecionadas	56
Pragmatismo e verdade bíblica	57
<i>Ataque à suficiência de Cristo</i>	57
Quebra de maldições: é bíblica?	58
Êxodo 20 e Ezequiel 18	58
Cristo nos resgatou da maldição da lei	60
Evangelizando brasileiros envolvidos com ocultismo	60
Os apóstolos e seus convertidos do paganismo	61
<i>Obsessão doentia pelo mundo dos espíritos</i>	64
Cosmovisão ocidental ou oriental?	65
Qual a cosmovisão bíblica?	67
Principados, potestades e as estruturas sociopolíticas	68
<i>O retorno do maniqueísmo</i>	70
A doutrina de Mani	70
Mani redivivo?	70
<i>A influência da “confissão positiva”</i>	71
<i>E a História da Igreja?</i>	71
A Reforma do século XVI e a libertação da Europa	72
Os avivamentos históricos	72
“Batalha espiritual”: revelação de Deus para os “últimos tempos”?	73
<i>Angelologia defeituosa</i>	74
Guerra nas Estrelas: combate entre os anjos	74
Espíritos Territoriais	77
<i>Todo mal vem do diabo?</i>	80
Mal moral e mal circunstancial	80
Enfrentando o pecado: exorcismo ou santificação?	81
<i>Pode um crente ficar “possesso”?</i>	82

O ensino da “batalha espiritual”	83
Possesso ou demonizado?	83
Crentes demonizados	84
Avaliação crítica	85
Espíritos malignos ou pecado?	86
Falta de ensinamento e de exemplos bíblicos	87
Análise da suposta base bíblica	87
Experiências, mais uma vez	90
Casos de “crentes demonizados”	91
Capítulo cinco: A vitória de Cristo e suas implicações	93
<i>Como a Bíblia descreve a vitória de Cristo</i>	94
A serpente esmagada: Gênesis 3.15	94
Potestades despojadas: Colossenses 2.14-15	94
Exorcismo cósmico: João 12.31-33	95
A morte da morte: Hebreus 2.14-15	97
O valente amarrado: Marcos 3.26-27	99
O dragão amarrado: Apocalipse 20.1-3	102
<i>As duas eras</i>	103
Capítulo seis: Batalha espiritual como resistência	109
<i>Armas espirituais</i>	111
Como usar essas armas	112
Instruindo um jovem soldado	112
O ensino de Pedro e de Tiago	116
<i>Conclusão</i>	118
Capítulo sete: Batalha espiritual como proclamação	119
<i>Não há outras armas de ataque?</i>	121
<i>“Repreender” no Novo Testamento</i>	122
As repreensões de Jesus	123
Não biblicismo — mas princípios	123
Miguel e Satanás	124
<i>Podemos expulsar demônios hoje?</i>	125
Capítulo oito: O erro religioso	129
<i>A importância da verdade</i>	130
<i>O propósito de Satanás</i>	131
<i>O método de Satanás</i>	132
<i>Os instrumentos de Satanás</i>	135
<i>A preocupação apostólica com a verdade</i>	140
<i>A ilusão do erro</i>	142

<i>Manifestações sobrenaturais aliadas ao erro</i>	143
<i>O perigo do desequilíbrio</i>	145
<i>Conclusão</i>	146
Capítulo nove: Paulo e Satanás	149
<i>O espinho na carne</i>	151
A natureza do espinho	153
A estratégia de Paulo para enfrentar o ataque satânico	156
A resposta do Senhor	158
A reação de Paulo diante da resposta de Deus	160
Conclusão	161
<i>A luta pela cidade de Tessalônica</i>	161
Satanás trazia Tessalônica cativa	163
O ataque de Paulo às fortalezas do diabo em Tessalônica ..	164
O ataque de Satanás contra a obra missionária em Tessalônica	166
Como Paulo enfrentou Satanás	169
<i>Conclusão</i>	170
Capítulo dez: A armadura para o dia mau	173
<i>O dia mau</i>	173
<i>A armadura de Deus</i>	176
<i>As peças da armadura</i>	180
<i>A verdade como um cinto</i>	181
<i>A justiça como couraça</i>	182
<i>A paz do Evangelho como sandálias</i>	183
<i>A fé como escudo</i>	184
<i>A salvação como capacete</i>	185
<i>A Palavra de Deus como espada</i>	186
<i>A oração intercessória e a armadura</i>	188
<i>Conclusão</i>	189
Capítulo onze: Objetos que trazem bênção e maldição	191
<i>Objetos que trazem bênção</i>	191
<i>Entendendo o uso de objetos na Bíblia</i>	192
<i>Comparando com o uso nas igrejas de libertação</i>	194
<i>Objetos que trazem maldição</i>	197
<i>Uso de objetos no paganismo</i>	199
<i>Maldições trazidas por objetos consagrados a demônios</i>	200
<i>Coisas amaldiçoadas na Bíblia</i>	204
<i>Atos 19 e a quebra de maldições de objetos</i>	207
Capítulo doze: Coisas sacrificadas a demônios	211

“PARA UMA IGREJA *VERDADEIRA E PURA*”

A oposição que o Cristianismo enfrentou nos primeiros séculos e que ainda é realidade em países da África e da Ásia surge ameaçadora do meio da própria sociedade ocidental, por longos anos nominalmente cristã. A ética evangélica, referencial antes aceito, ainda que externa e hipocritamente, é agora diária e violentamente questionada nos meios de comunicação deste país. A razão é que se assumiu a negação da fonte de autoridade – Deus e sua Palavra foram abertamente substituídos pela “centelha divina” que está dentro de cada um e pelos sentimentos e impressões pessoais. O Homem como medida do próprio Homem, expressão essencial do pecado formulada por Protágoras mas encontrada em qualquer altura da História, é o alicerce da obra de construção também da Babel moderna. Mas agora ninguém fala em chegar a Deus. Na cobertura de milhões de dólares da zigurate estão a felicidade e a realização pessoal.

Bastaria à Igreja de Jesus conviver hoje com esse renovado e agressivo paganismo. Já seriam problemas demais. Mas além desse confronto externo ela está ao mesmo tempo sendo minada com ensinamentos pervertidos semeados por seus próprios afiliados. Atos 20.30 nos elimina o elemento surpresa mas nem por isso o estrago é menor. Quando, na Igreja, o estudo sério, paciente e piedoso das Escrituras é substituído pelo folclórico e irresponsável colecionar experiências, o Deus Soberano, Senhor dos exércitos, Rei dos reis, é na prática trocado por um deus impotente e acuado que contempla assustado a batalha espiritual travada no cosmo entre anjos maus e bons sob o comando esperto de modernos gurus. Base bíblica? Para quê, se temos pesquisas de campo mostrando que essa teologia “funciona”? Aliás, até demônios foram entrevistados...

A aceitação do Evangelho e o seu ensino constituem uma das marcas da Igreja verdadeira e pura. Neste momento em que enfrentamos lobos vorazes e ensinamentos pervertidos (At 20.29, 30) a Editora Cultura Cristã deseja contribuir para essa autenticidade e pureza publicando este livro do Rev. Augustus Nicodemus Gomes Lopes. No melhor sentido da expressão, a obra é um estudo bíblico. Não há posição ou ensinamento relacionado ao tema que o autor se furte a examinar à luz das Escrituras. Não se trata de livro escrito às pressas ou em série. Ele nasceu da profunda preocupação pastoral do Rev. Augustus com os rumos da Igreja. Temos nesta obra duas valiosas combinações. Da parte do autor, erudição e piedade. E, como resultado, no livro encontramos verdade e amor (Ef 4.15). Como o leitor observará, o paganismo que se infiltra na Igreja é aqui combatido sem hesitação. Por isso este livro é indispensável para pastores, professores e alunos de seminários e institutos bíblicos, bem como para líderes em geral. Ele pode ser usado como roteiro de estudo bíblico em classes de escola dominical, grupos familiares, células e classes de treinamento.

Foi com alegria que vimos as duas primeiras edições se esgotarem. Muitos crentes estão sendo abençoados por este estudo sério, profundo. É certo afirmar que a igreja evangélica não possuía, antes desta obra, outra que apresentasse posição tão bíblica e prática sobre o mesmo assunto. Esta 3ª edição, depois dos acréscimos feitos na anterior, foi cuidadosamente revisada, apesar de não haver quase equívocos que a tornassem necessária.

Creemos ainda que este livro contribuirá para que a igreja estude com seriedade a Palavra de Deus e se firme na Verdade, rejeitando o erro de dentro e o de fora.

Cláudio Marra

Editor

Abril de 2001

INTRODUÇÃO

As igrejas históricas do mundo todo têm sido desafiadas nestas últimas três décadas a dar respostas a um movimento dentro das suas fileiras que ficou conhecido como “Batalha Espiritual”. O nome em si já sugere do que se trata: um movimento cuja ênfase maior está na luta da Igreja de Cristo contra Satanás e seus demônios, conflito este de natureza espiritual quanto aos métodos, armas, estratégias e objetivos.

Esse crescente interesse em círculos evangélicos por Satanás, demônios, espíritos malignos e o misterioso mundo dos anjos, corresponde ao surto de misticismo e interesse no mundo de hoje pelos anjos, maus e bons, e pelo oculto.

Conquanto devamos dar as boas-vindas a todo e qualquer esforço que nos venha ajudar a melhor nos prepararmos para enfrentar os ataques das hostes malignas, esse movimento polêmico tem trazido algumas preocupações sérias a pastores, estudiosos e líderes evangélicos no mundo todo, não somente das igrejas evangélicas históricas, como até mesmo de igrejas pentecostais clássicas.¹ Mesmo organizações internacionais, como o *Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial*, têm expressado suas preocupações com os ensinamentos desse movimento, como na declaração do seu *Grupo de Trabalho* feita em 1993, em Londres.²

Existem várias razões para preocupação. Uma delas é que o movimento, nos locais onde ganhou a adesão de pastores e comunidades, tem produzido um tipo de cristianismo em que a atividade satânica se tornou o centro e mesmo a razão de ser desses ministérios e igrejas. Nesses casos, embora geralmente as doutrinas fun-

1 Por exemplo, veja-se o livro de Paulo Romeiro, da Assembléia de Deus, *Evangélicos em Crise: Decadência Doutrinária na Igreja Brasileira* (São Paulo: Mundo Cristão, 1995), no qual ele faz severas críticas ao movimento.

2 Veja extratos dessa declaração em Mike Wakely, “A critical look at a new ‘key’ to evangelization”, em *Evangelical Missions Quarterly* (abril, 1995), 156-57.

damentais da fé cristã não tenham sido negadas (há exceções), elas são, via de regra, relegadas, desaparecendo do ensino e da liturgia. O que resulta é um cristianismo distorcido, deformado, no qual doutrinas como a salvação pela fé somente, mediante o sacrifício redentor, único e expiatório de Cristo, a doutrina da pessoa de Cristo, sua mediação e ofícios, e doutrinas como a da queda, da depravação do homem, da santificação progressiva mediante os meios de graça, são negligenciadas. Não é que essas igrejas e os proponentes do movimento necessariamente neguem esses pontos; mas com certeza não lhes dão a ênfase necessária e devida, que recebem nas próprias Escrituras.

O fato é que o movimento de “Batalha Espiritual” tem produzido o surgimento de novas igrejas (e mesmo denominações) cujo ministério principal é a expulsão de demônios e a “libertação” de crentes e descrentes da opressão demoníaca em todos os níveis (espiritual, moral e físico, bem como geográfico, estrutural e social). Mas não somente isso – as idéias e práticas difundidas pelo movimento têm se infiltrado nas igrejas históricas, cativando muitos dos seus pastores, oficiais e membros.

O objetivo deste livro é apresentar o ensino bíblico sobre o conflito da Igreja com as hostes das trevas e as suas implicações para os nossos dias. Com este propósito, oferecemos uma exposição das principais doutrinas da “Batalha Espiritual” e uma avaliação crítica, na tentativa de oferecer aos evangélicos no Brasil uma ferramenta útil para o discernimento e crescimento na verdade que há em Cristo.

CAPÍTULO 1

NÓS ESTAMOS EM GUERRA

David Searle conta em seu livro *Be Strong in the Lord* (“*Fortalecei-vos no Senhor*”) que ao eclodir na Europa a Segunda Guerra Mundial o médico Dr. Stott, pai do conhecido pastor e teólogo John Stott, imediatamente se alistou nas forças britânicas para defender a pátria. Mas seu filho John, na época com idade para entrar no exército, afirmou que era um pacifista e que não iria se alistar. A guerra terminou, os aliados foram vitoriosos e, durante sete anos, o pai de Stott não falou com ele, pois achava que o filho havia cometido uma falha imperdoável contra seu país. Anos mais tarde, os dois se reconciliaram e o pai finalmente foi à capela de All Souls, em Londres, para ouvi-lo pregar.¹

Embora respeitemos John Stott e sua coerência como pacifista, certamente esse tipo de atitude não valeria para a guerra na qual a Igreja está envolvida. Conforme o apóstolo Paulo escreveu em Efésios 6.10-20, estamos em uma luta sem tréguas contra principados e potestades. Neste ponto, nenhum crente pode ser um pacifista e dizer que não acredita em guerra, porque já está envolvido em uma. Ela obviamente não é contra carne ou sangue, mas contra principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso. Queiramos ou não, no momento em que nos tornamos cristãos, recebendo a Cristo como nosso Salvador, nós nos engajamos no seu exército para uma batalha de dimensões por vezes acima da nossa compreensão.

Efésios 6.10-20 é a “ordem do dia” do nosso general, a convocação do Senhor Jesus para que a Igreja esteja pronta para esse combate no qual está irreversivelmente envolvida. É uma das pas-

¹ Cf. David Searle, *Be Strong in the Lord* (V. Guermsay, Escócia: Christian Fox Publications, 1995).

sagens mais importantes para a Igreja evangélica brasileira atual. Nela o apóstolo Paulo esboça os princípios básicos da luta da Igreja de Cristo contra os espíritos malignos que dominam este mundo tenebroso. Aqui podemos encontrar, mais do que em qualquer outra parte das Escrituras, uma exposição detalhada do embate da Igreja com o diabo e seus anjos.

Se hoje eu pedisse a alguns crentes que pintassem um quadro representando o que seja a vida cristã, é bem possível que surgissem quadros como aquele que nos mostra as pegadas de Jesus na areia da praia nos carregando em seus braços nos momentos mais críticos de nossas vidas. Já vi um quadro que representava a vida cristã como um passarinho pousado num galho que balançava sobre as poderosas cataratas do Niágara: a fragilidade do pássaro contrastava com a impetuosidade da corrente mas, apesar dela, a avezinha parecia cantar tranqüilamente. Já vi também quadros que mostravam barcos a vela sobre um mar calmo, projetando-se contra um horizonte azul. Sei que muitas pessoas pintariam a vida cristã dessa maneira. Mas quantos a pintariam como um campo de batalha, com armas, instrumentos de guerra, trincheiras, sentinelas vigiando, soldados correndo de um lado para outro sob as ordens de um comandante? Quantos representariam a Igreja como um exército envolvido numa luta sangrenta e cruel? Creio que não muitos, apesar de ser exatamente esta a descrição que o apóstolo Paulo faz da Igreja em Efésios 6.10-20.² O texto não transmite o conceito, hoje tão popular, da Igreja como um hospital onde se vai receber terapia. Ao contrário, ela é descrita como um grande campo militar. Tampouco estou dizendo que não existam soldados feridos precisando de tratamento e cura. O problema é que existem muitos cristãos que passam todo o tempo na “enfermaria”, como se a Igreja fosse um grande pavilhão para tratamento permanente de doentes. Na realidade, a Igreja é mais como um exército no cam-

2 Paulo emprega figuras e linguagem militar em várias outras passagens de suas cartas para descrever a vida cristã e o ministério, como em Rm 13.12; 2Co 10.3; 1Ts 5.8; 1Tm 1.18-19; 6.12; 2Tm 2.4, entre outras.

po de batalha e cada um de nós é chamado a estar pronto para resistir aos ataques de Satanás. Cristianismo não é brincadeira, é questão de vida ou morte; é muito sério e lida com realidades eternas que determinam o estado futuro das pessoas. Assim, aqui em Efésios 6.10-20 Paulo descreve a Igreja de Cristo em sua armadura completa, resistindo firme ao ataque feroz, incessante, cruel e astucioso de um inimigo tremendamente poderoso. Por isso, repito, temos de tomar toda a armadura de Deus. A Igreja não é um “piquenique”, não é um clube, mas um exército. É dessa maneira que devemos entender a vida cristã.

A passagem nos convida a refletir que a Igreja não está vivendo neste mundo placidamente, em “berço esplêndido”. Quando os pastores e estudiosos que nos legaram a teologia reformada disseram que a Igreja no mundo é uma Igreja *militante*, em pleno combate, estavam refletindo o ensinamento bíblico de que os cristãos estão envolvidos num tremendo conflito enquanto peregrinam por este mundo tenebroso.

Se estamos envolvidos num conflito dessas proporções, certamente é muito perigoso ficar andando de um lado para o outro pela linha de fogo sem saber o que está havendo e sem nenhum preparo. Especialmente nos dias de hoje, quando o tema de *batalha espiritual* tem sido apresentado à Igreja de um modo distorcido, é extremamente importante tomarmos uma passagem crucial como Efésios 6.10-20 e entendê-la corretamente. Precisamos recapturar a visão global do que está acontecendo ao nosso redor. Precisamos também nos preparar para responder às perguntas que muitas pessoas nos fazem sobre esse assunto. E nós mesmos precisamos estar prontos para enfrentar as astutas ciladas do diabo.

O contexto de Efésios 6.10-20

Primeiramente, ao estudar uma passagem como esta, temos de nos lembrar do contexto, da situação e do propósito com o qual foi escrita. Esta é uma regra muito importante. O que a passagem significou para seus primeiros leitores? Qual o propósito do

seu autor? Paulo não a escreveu para deixar à Igreja um tratado acadêmico sobre “batalha espiritual”. Ele e os demais apóstolos eram homens muito ocupados, envolvidos continuamente com o trabalho missionário e pastoral. Não tinham tempo para “fazer teologia” só pelo prazer de fazê-lo. Não escreviam cartas apenas para manter a correspondência em dia, e sim para atender às necessidades das congregações recém-formadas, quando não podiam estar lá em pessoa para resolver os seus problemas.

Alguns estudiosos modernos têm questionado a autoria paulina da carta aos Efésios. Existe também alguma dúvida se ela foi escrita somente para os efésios ou se era uma carta circular, endereçada às várias igrejas da região onde se encontrava a cidade de Éfeso. Creio que não há evidências suficientes para abandonarmos a posição que a Igreja tem adotado por quase dois mil anos de que Paulo é seu autor. Quanto aos destinatários, reconheço que a questão é mais difícil de ser esclarecida. Sabemos que Paulo pelo menos uma vez escreveu uma carta aberta, circular (cf. Cl 4.16). De qualquer maneira, mesmo que Efésios não tenha sido destinada exclusivamente aos efésios, eles certamente receberam uma cópia da carta, ainda nos primórdios da Igreja apostólica. Assim, assumimos neste livro que Paulo é seu autor e que sua audiência primária era a Igreja de Éfeso.

Paulo escreveu aquela carta quando estava na prisão. A causa do encarceramento foi seu ministério apostólico de anunciar o Evangelho de Cristo (Ef 3.1; 4.1; 6.20). A maioria dos estudiosos acredita que ele estava preso em Roma, por instigação dos judeus de Jerusalém, após haver apelado para o julgamento de César (cf. At 25.11-12; 27.1; 28.16, 30-31). É possível que a visita de Tíquico a Roma, trazendo notícias de Éfeso, tenha motivado Paulo a lhes escrever esta carta para encorajá-los diante das notícias da sua prisão (veja Ef 3.13). Paulo escreve com o propósito de mostrar aos seus leitores todas as bênçãos espirituais que a Igreja desfruta na pessoa de Cristo. Nela o apóstolo explica, de maneira mais elaborada do que em suas outras cartas, o que pensa a

respeito da Igreja. No capítulo primeiro descreve todas as bênçãos espirituais que ela possui em Cristo Jesus. Entre essas bênçãos enumera o perdão dos pecados, a adoção de filhos, a predestinação, a redenção, a conversão e o selo do Espírito Santo. Ele fala da Igreja como a consumação do plano de Deus, de fazer todas as coisas convergirem em Cristo Jesus, sendo ela o ápice do propósito divino redentivo na História. Nela Deus realiza o seu propósito de reconciliar consigo mesmo todas as coisas.

No capítulo dois o apóstolo descreve os cristãos em sua posição de vitória, havendo sido para lá transportados de sua posição de escravidão, de miséria, de pecado, de subjugados à ira de Deus. Agora, em Cristo, a Igreja está assentada à direita de Deus. E tudo isso pela graça! Na Igreja, judeus e gentios, servos e senhores, homens e mulheres, enfim toda a diversidade da raça humana encontra sua unidade. Através do Espírito Santo todos temos acesso a Deus num só Espírito.

No capítulo três Paulo fala do ministério dos apóstolos. A eles Deus revelou o mistério do evangelho, o fundamento da Igreja. Paulo se diz o menor entre os apóstolos e considera o sofrimento na prisão romana, por anunciar o mistério de Cristo, um privilégio e não um motivo para desfalecimento e desânimo dos seus leitores. E ora para que eles possam compreender o amor de Cristo em profundidade.

No capítulo quatro Paulo menciona a unidade da Igreja no Espírito Santo, no vínculo da paz. À luz de todas essas bênçãos maravilhosas, continua Paulo, o cristão agora deve andar em novidade de vida. Deve se despir das coisas antigas e tomar sobre si toda a “novidade” que foi trazida por Cristo ao mundo, o “novo” no sentido bíblico. Deve assim se revestir do novo homem criado segundo Deus em justiça, santidade, andando de forma digna de sua vocação. Essas implicações práticas são desenvolvidas nos capítulos quatro, cinco e seis.

Ao fim da carta, o apóstolo adverte a Igreja de que ela encontrará oposição para viver neste mundo a plenitude das bênçãos

espirituais. O fato de que a Igreja está em posição de vitória em Cristo Jesus, o fato de estarmos ressurretos e assentados com ele nas regiões celestes, não quer dizer que os nossos problemas aqui neste mundo tenham acabado. Não quer dizer que o conflito cessou. Não quer dizer que tudo aqui e agora vai ser um “mar de rosas”. “Não”, diz Paulo, “vocês devem se lembrar de que a Igreja ainda está inserida num mundo tenebroso, onde habitam hostes malignas poderosas. Nele, a Igreja vai encontrar tremenda oposição desses principados e potestades, as forças espirituais do mal, que vão atacá-la continuamente, tentando evitar que os cristãos desfrutem dos seus privilégios em Cristo, e fazendo com que se desviem da sua direção e propósito”.

Aqui, então, se vê como é equivocado aquele tipo de evangelismo, bastante popular em nossos dias, que oferece às pessoas a completa solução de todos os seus problemas se somente aceitarem a Cristo Jesus. Em certo sentido, essa não é uma forma muito honesta de evangelizar. Os nossos amigos terão a impressão de que, se aceitarem a Cristo, todos os seus problemas atuais serão resolvidos de maneira miraculosa e instantânea. Creio que o oposto é que é a verdade. Quando alguém crê e se converte genuinamente a Cristo, aí é que os problemas surgem mesmo, e alguns dos anteriores até se agravam. Li certa feita a história de um escravo cristão cujo patrão costumava zombar da sua fé em Cristo, dizendo: “Não vejo qual a vantagem de ser cristão. Eu não creio em Cristo e detesto o Cristianismo. Entretanto, sou um homem rico, sem problemas, e tenho tudo na vida. E você, que professa servir a esse Cristo, não passa de meu escravo, nada tem neste mundo e passa por muitos sofrimentos. Como explica isto?” E o pobre escravo ficava sem resposta. Um dia, saiu acompanhando seu patrão numa caçada a patos selvagens. O homem era excelente atirador, e com poucos tiros conseguiu derrubar vários patos que passavam em revoada sobre a lagoa. “Depressa”, disse ele ao escravo, “vá logo buscar aqueles feridos que ainda estão vivos, pois ainda podem escapar. Deixe os mortos para depois, eles não

vão mesmo a lugar nenhum”. Enquanto o escravo obedecia, a luz brilhou em seu coração. Ao voltar com as aves abatidas, disse ao seu senhor: “Mestre, agora tenho a resposta à sua pergunta. Os meus sofrimentos neste mundo se explicam da mesma forma como o senhor me orientou a buscar os patos. O diabo vai no encalço dos que ainda estão vivos e deixa em paz os que já estão mortos. Ele procura tornar a minha vida o mais miserável que possa, pois estou vivo em Cristo, e posso escapar de suas garras. Enquanto isto, ele o deixa em paz, pois, morto em suas ofensas e pecados, o senhor já lhe pertence”.

Essa história ilustra bem o que quero dizer. Em muitos casos, alguém que se converte verdadeiramente ao Cristianismo bíblico passa a ter mais problemas do que antes. O diabo e seus anjos passarão a persegui-lo e a tentá-lo muito mais intensamente que antes. Não somente isto, mas a sua própria consciência passará a ter uma nova sensibilidade quanto ao pecado. Por exemplo, se ele antes conseguia trair a esposa sem qualquer preocupação, agora sua consciência o apertará e ele não conseguirá mais fazer isso em paz. Antes ele não tinha problemas de consciência, mas agora tem. Se antes ele “colava” na prova da escola, agora, após haver crido em Cristo, terá conflitos sérios com a sua consciência. Tudo ficou mais difícil! Se era desonesto, agora terá de andar em honestidade, terá de pagar seus impostos corretamente, não passará mais cheques sem fundos. Ele vai passar por conflitos tremendos, conflitos que antes lhe eram absolutamente desconhecidos. Descobrirá que algumas das coisas que fazia antes com perfeita tranquilidade agora lhe trazem lutas íntimas tremendas. A vida em certo sentido ficou muito mais complicada.

Não estou negando que Jesus seja a solução para nossos problemas. Estou plenamente convencido de que ele é a única solução. O que estou dizendo é que esta solução não atinge a sua plenitude agora, enquanto ainda estamos neste mundo decaído. Nós ainda aguardamos a redenção, a ressurreição dos mortos, um novo céu e uma nova terra onde habita a justiça. O que Paulo diz

no fim da carta aos Efésios, ao abordar o embate da Igreja com as hostes malignas das trevas, é que não devemos pensar que a miséria e os efeitos situacionais do pecado acabaram quando nos tornamos seguidores fiéis de Cristo. Na verdade, o que ocorreu quando nos curvamos diante de Cristo pela fé foi termos nos alistado em seu exército, tornamo-nos soldados e fomos convocados para resistir aos inimigos mais poderosos que jamais alguém ou alguma entidade neste mundo poderia encarar. É nesse contexto e nesse ambiente que devemos entender a passagem de Efésios 6. Ela é dirigida a crentes que estão numa posição de vitória, à Igreja vitoriosa, alertando-a, porém, de que esta vitória não está totalmente consumada e que, enquanto ela viver neste mundo, haverá de enfrentar oposição ferrenha dos inimigos descritos pelo apóstolo Paulo. Isso é o que devemos ver primeiro ao estudar esta passagem e o contexto em que Paulo escreveu.

A convocação para o combate

O que temos em Efésios 6.10-13 portanto é uma *convocação à batalha*. É como se Paulo tomasse a Igreja pelos ombros, sacudindo-a, e dissesse: “Acorda, nós estamos envolvidos num combate, existe uma luta sendo travada neste momento e precisamos estar alertas”. Essa exortação de Paulo pode ser dividida em duas partes, como sugeriu Martyn Lloyd-Jones em seu comentário sobre Efésios 6.10-20.³ Do versículo 10 até o 13, temos *a convocação em termos gerais*. Paulo exorta os seus leitores a que tomem toda a armadura de Deus e que se preparem para resistir. Do versículo 14 até o 20, faz *uma descrição detalhada da armadura completa do cristão*, como ele deve se preparar para esse embate, e quais as peças da armadura que ele tem de ter sobre si.

Neste capítulo veremos apenas alguns pontos da convocação geral para o combate que se encontra nos versículos 10-13. Um estudo mais detalhado sobre as peças da armadura de Deus é

3 David Martyn Lloyd-Jones, *O Combate Cristão: Uma Exposição de Efésios 6.10 a 13* (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991), 15-17.

apresentado no capítulo dez. O nosso interesse agora é responder à pergunta: “como nos preparar para a batalha?” Há vários imperativos nestes versos que refletem a idéia de uma convocação. Na realidade, Paulo se dirige aos cristãos como estando já em pleno combate. O que o apóstolo faz é despertá-los, encorajá-los e instruí-los para a luta. Essas instruções podem ser divididas de modo geral em duas partes.

1. “*Quanto ao mais sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder*” (Ef 6.10). A Igreja deve se lembrar que sua força em combate vem de Deus. O poder da Igreja para enfrentar as hostes malignas não vem de palavras “mágicas”, de técnicas ou de estratégias elaboradas pela criatividade humana. A orientação é para nos fortalecermos no Senhor e na sua força. Aqui está a fonte do poder da Igreja para o embate que está sendo travado. Estas três palavras – *fortalecer, força e poder* – já apareceram juntas no primeiro capítulo dessa carta, quando Paulo ora para que os crentes percebam “*qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder...*” (Ef 1.19). Paulo está dizendo que Deus opera na Igreja com a tremenda eficácia do seu poder. É desta força que os cristãos precisam depender, e isto através da comunhão com Deus. Note a ênfase de Paulo à expressão “no Senhor” (6.10). A Igreja precisa buscar em Deus os recursos para este combate. Este ponto não deve ser esquecido. Paulo aponta para Deus como sendo a fonte da força da Igreja para o embate com as forças das trevas.

2. “*Revesti-vos de toda a armadura de Deus*” (6.11,14). No verso 14 Paulo começa a descrever as peças dessa armadura: “*Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade...*”. O apóstolo recomenda que nos revistamos da armadura peça por peça, na sua totalidade. Alguns estudiosos têm apontado para o fato de que Paulo estava acorrentado a um soldado romano, da guarda pretoriana, ao escrever essa carta, e que a sua descrição da armadura de Deus havia sido inspirada na armadura e nos armamentos desse soldado. É bem possível que Paulo se inspirou no soldado

acorrentado ao seu lado, mas mesmo que não existisse soldado algum, ele ainda poderia ter buscado inspiração em sua própria formação teológica no Judaísmo. Paulo possivelmente se utiliza aqui de uma figura do Antigo Testamento, tirada do livro do profeta Isaías, em que o Deus de Israel, Iahweh, é representado como um guerreiro celeste, que esmaga os seus inimigos, conquista as nações e reina sobre elas (Is 11.5; 59.17). Esse tema aparece em várias partes do Antigo Testamento e sem dúvida está influenciando a linguagem de Paulo quando se refere aos cristãos como guerreiros armados e prontos para o combate.⁴

Os motivos para tomarmos a armadura de Deus

Paulo apresenta nessa passagem algumas razões pelas quais a Igreja deve tomar toda a armadura de Deus. Em primeiro lugar, *para ficar firme contra as astutas ciladas do diabo* (6.11). O propósito da armadura é que a Igreja permaneça firme, fundamentada e firmada em sua posição de vitória, em Cristo Jesus, e assim, firme contra as ciladas do diabo. Paulo destaca aqui a espartez e a astúcia do inimigo. A palavra *cilada* chama a atenção para um estratagema sutil, o emprego de meios astuciosos pelos quais se derrota um inimigo. Podemos pensar nas guerrilhas, que foi o método usado pelos vietnamitas contra os norte-americanos na guerra do Vietnã, e que trouxe gravíssimas baixas aos americanos, levando-os praticamente a perder a guerra. Os vietnamitas armavam ciladas, num terreno que eles conheciam muito bem, de tal modo que os soldados americanos, no corpo-a-corpo, no combate em terra, eram freqüentemente enlaçados e dizimados. As hostes inimigas da Igreja semelhantemente se utilizam de ciladas, estratagemas, armadilhas e arapucas, para enlaçar e derrotar os cristãos. A armadura de Deus visa protegê-los dessas ciladas.

4 Para um estudo aprofundado sobre o tema de Deus como guerreiro celeste, veja o livro de Tremper Longman III e Daniel G. Reid, *God is a Warrior* (Grand Rapids: Zondervan, 1995), que se baseia em Êx 15.3, "O Senhor é homem de guerra".

Quando eu era criança, morando num sítio no Ceará, aprendi a preparar arapucas para pegar passarinhos. Fazia uma arapuca de gravetos, colocava-a perto de um bebedouro natural e ficava "amoitado", esperando que o passarinho viesse comer o xerém colocado debaixo da armadilha. O segredo era armar a arapuca sem que o passarinho visse, atraí-lo e ficar bem quieto, bem disfarçado nas moitas, para puxar o graveto que sustinha a tampa na hora em que a pobre ave entrasse na arapuca para comer. Outro sistema era o de passar visgo de jaca num galho onde os passarinhos pousavam com frequência. Seus pés ficavam grudados no galho e, por mais que se debatessem, não havia escapatória. Mas, caçar passarinhos com arapucas não é uma prática nordestina apenas. Vemos pelo Antigo Testamento que este era um costume antigo (cf. Sl 124.7; Pv 1.17; 6.5; Am 3.5). Quando Paulo usou a palavra *cilada* para descrever os métodos usados por Satanás para atrair e "pegar" os cristãos, ele sabia que seus leitores conheciam muito bem essa imagem.

A *segunda razão* pela qual devemos tomar toda a armadura de Deus é porque *"a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestes"* (Ef 6.12). Os cristãos não estão sendo atacados por outros seres humanos contra os quais empregariam as armas convencionais de guerra. A Igreja não está combatendo contra pessoas de sangue e carne como no Antigo Testamento, quando a nação de Israel, o povo de Deus do passado, travou muitos combates contra as nações que habitavam Canaã. Não, o conflito da Igreja agora é contra seres espirituais, inimigos muito mais poderosos e astutos.

Não é que o povo de Deus no Antigo Testamento não estivesse empenhado em uma batalha também espiritual. Eles sabiam que por detrás dos embates físicos dos exércitos de Israel contra as milícias dos cananeus havia um conflito espiritual ocorrendo além da percepção humana. Há um episódio no segundo livro dos Reis

que ilustra bem o que quero dizer. Quando as tropas do rei da Síria cercaram a cidade de Dotã, onde morava o profeta Eliseu, o ajudante do profeta Eliseu ficou apavorado. Mas Eliseu lhe disse que os que estavam a seu lado eram mais numerosos do que os exércitos sírios. Faltava percepção espiritual ao moço. Quando Eliseu orou para que Deus lhe abrisse os olhos, ele “viu” além do visível; viu cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu, as tropas angélicas enviadas por Deus (2Rs 6.17). Não é que o moço fosse cego, o que lhe faltava era visão espiritual.

Quando Paulo escreveu Efésios 6.12 era prisioneiro em Roma do império mais poderoso da terra. O apóstolo, porém, enxergava muito além das forças humanas que o mantinham em cativeiro. Ele via algo além do imperador, algo maior e mais forte que as poderosas legiões que o mantinham prisioneiro. Ele estava vendo os principados e potestades do mal, os verdadeiros dominadores deste mundo tenebroso, as forças espirituais da maldade nas regiões celestes. Ele via além do visível, enxergava um combate que se travava além da vista humana. Por detrás de todas as dificuldades colocadas em seu caminho estava um inimigo muito mais poderoso do que Nero e suas legiões. Ele se refere aos seres espirituais poderosos, malignos, que ele chama de “dominadores deste mundo tenebroso”, e que são numerosos, organizados, superiores em poder, perversos, astutos e que, em certo sentido, receberam autoridade para exercer domínio parcial neste mundo. Estes são os verdadeiros inimigos da Igreja, e não pessoas de carne e sangue.

Nossa luta hoje, por exemplo, não é tanto contra os meios de comunicação que tentam nos difamar e difundir o erro; não é tanto contra os falsos ensinamentos que se infiltram nas comunidades evangélicas para asfixiá-las. O nosso conflito é contra as forças espirituais que estão por detrás de todas essas tentativas, desses ensinamentos perniciosos. O conflito da Igreja no passado não foi contra o comunismo, quando este quis esmagá-la, mas contra os poderes espirituais que estavam por trás dele como uma instituição ameaçadora da Igreja. Em última análise, a nossa luta é contra essas

forças espirituais do mal. E diante delas a Igreja só pode resistir tomando armas espirituais fornecidas pelo próprio Deus. Escrevendo aos coríntios, Paulo declara que a natureza das nossas armas não é humana ou carnal, ou seja, não batalhamos contra esses inimigos usando estratégias, métodos ou fórmulas descobertas pela engenhosidade do homem. Tais coisas são absolutamente inofensivas contra o diabo e seus anjos. As armas da Igreja são espirituais, fornecidas por Deus, e apropriadas para o conflito com os anjos caídos (2Co 10.3-5).

O confronto de Davi e Golias ilustra bem este ponto. O rei Saul queria que Davi usasse as melhores armas convencionais para o combate com o gigante. Mas Davi sabia que fisicamente ele era bastante inferior ao poderoso soldado filisteu e, por melhores que fossem as suas armas, não teria a menor chance num embate corpo-a-corpo. Além disso, Davi já havia percebido a dimensão espiritual do confronto. Não era Davi contra Golias, era o Deus de Israel contra os deuses de pedra e madeira dos filisteus. Assim, armado simbolicamente com uma funda, ao enfrentar o gigante Davi revelou a arma em que confiava ao dizer a Golias: *“Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado”* (1Sm 17.45). E nós sabemos do resultado da batalha. Semelhantemente, a Igreja deve tomar armas espirituais, providas por Deus, no confronto com seus inimigos satânicos. Nossa vitória é pelo sangue do Cordeiro (Ap 12.11).

A *terceira razão* pela qual devemos tomar a armadura de Deus é para que possamos *resistir no dia mau* (6.13). Paulo já havia dito que todos os dias são maus (Ef 5.16), mas agora admite que alguns são piores do que os outros. Existem vários adjetivos na língua grega que expressam o conceito de *mau* (*kakos*, *sapros*, e *poneros*). Deles, apenas *poneros* é usado para o diabo ou demônios (cf. *poneros*, Mt 5.37; Lc 7.21; 1Jo 2.13-14; 3.12; 5.18-19). Este adjetivo, que é o mesmo que Paulo usa aqui em Efésios 6.13, expressa a idéia de algo ruim, maligno, que produz efeitos negati-

vos. *Dia* não deve ser tomado literalmente como espaço de 24 horas, mas como ocasião, período. O *dia mau* é aquele período ou época em que os poderes malignos têm muito mais oportunidade e ocasião para atacar a Igreja e os crentes em particular. Paulo chama essas ocasiões de “dia mau”.

Sei que todo crente verdadeiro já passou por um “dia mau”, em que pareceu ver todas essas forças se unindo para atacá-lo, para destruir sua vida, seu casamento, sua conduta moral, seu relacionamento com Deus, sua confiança em Deus, sua certeza de salvação. Quem de nós já não enfrentou dias maus e tremendos assim? Até mesmo um homem justo e temente a Deus como Jó conheceu esse dia. Todos estamos sujeitos, cedo ou tarde, a ser entregues, como Pedro e os outros discípulos o foram, para ser cirandados como o trigo nas mãos do tentador (cf. Lc 22.31). Por este motivo é que Paulo exorta os crentes a que se revistam da armadura de Deus, para que possam enfrentar o dia mau. Esta é a convocação, não somente para resistir, mas para continuar firmes, mantendo nossa posição até o fim.

Os perigos relacionados com o combate cristão

Existem alguns perigos relacionados com tudo isto que acabo de mencionar. Em *primeiro lugar*, existe a tendência perigosa, que já tem tomado conta de muitos, hoje, de ver o diabo em todo lugar, de atribuir a ele e aos seus agentes mais do que é devido, de lhe dar crédito por mais do que ele realmente é responsável. Há pessoas que vêem o diabo em tudo e muito do que tem sido escrito hoje tem contribuído para formar esse tipo de mentalidade dentro da Igreja.

Em *segundo lugar*, há o perigo de reagirmos radicalmente a esse primeiro perigo e nos lançar no erro oposto, e igualmente perigoso, que é desprezar e subestimar o mundo espiritual tenebroso. Podemos chegar a esquecer a realidade e a existência dessas forças malignas operosas e atuantes nos dias de hoje. Infelizmente, a tendência de algumas igrejas históricas e reformadas é

nessa direção. Alguns teólogos têm negado a existência do diabo, dos demônios e a sua atuação. Eu mesmo, durante meus estudos no exterior, tive contato com famosos professores de teologia que negam a possibilidade de possessão demoníaca na época atual e que explicam casos aparentes de endemoninhamento em termos de desvios mentais, distúrbios psicológicos, taras, esquizofrenias, etc. Não estou dizendo que essas condições físicas e psicológicas não existam, mas sem dúvida não são a explicação para todo comportamento anormal que existe no mundo. Quando passarmos a explicar a miséria, a desgraça, os desvios de conduta, as guerras, a violência e fenômenos semelhantes apenas em termos humanos, estaremos nos tornando iguais ao mundo moderno secularizado, que não acredita na existência das forças malignas. Corremos o risco de explicar os fenômenos estranhos que ocorrem ao nosso redor somente em termos de nós mesmos, como se tudo fosse resultado da corrupção e da depravação da natureza humana. Em certo sentido esse pensamento está certo. Não precisamos do diabo para pecar, ou causar tanta miséria aos nossos semelhantes. Pecamos por nós mesmos, pois nossa natureza é corrompida, é inclinada ao mal. Mas precisamos lembrar que os principados e potestades que habitam as regiões celestes desejam que nós pequemos muito mais freqüentemente e profundamente do que o fazemos por nós mesmos. Eles desejam espalhar mais miséria e sofrimento no mundo do que a humanidade é capaz de produzir por si própria.

Fiquei profundamente chocado e impressionado quando vi, faz algum tempo, pela televisão a crueldade e a violência com que membros de uma torcida organizada de um grande time de futebol do Brasil, armados de paus e cacetes, espancaram até à morte um torcedor do time adversário durante um jogo de futebol em São Paulo. Pessoalmente acredito que tanta brutalidade não se pode explicar somente em termos da depravação humana. O mesmo digo em relação ao conflito fratricida que ocorreu na Bósnia e em Ruanda. O ódio por detrás do conflito é evidentemente sobre-

humano. Recentemente os meios de comunicação noticiaram a história de uma jovem de cerca de vinte anos de idade que mandou matar os seus pais. De onde vem tudo isso, esse ódio, esse desejo assassino? A Igreja não pode esquecer que existem poderes malignos à solta e que agem neste mundo.

Um *terceiro* perigo é o de pensarmos que o conceito moderno de “batalha espiritual” seja algo absolutamente inédito, algo novo que Deus tem revelado nestes últimos dias à geração atual. De fato, existe muita coisa nova no movimento de “batalha espiritual” que não foi ensinada às gerações anteriores. Na realidade, não foi ensinada nem mesmo pelo Senhor Jesus ou por seus apóstolos! Entretanto, o tema do conflito da Igreja com os poderes das trevas era bem conhecido dos nossos pais espirituais. A verdade é que os reformadores e os puritanos se preocuparam com isso, crendo na existência e persistência dessas forças. Eles nunca foram defensores da batalha espiritual como nos é apresentada hoje, mas escreveram obras profundas sobre o conflito do cristão com Satanás. Por exemplo, o livro do puritano William Gurnal, que tem como título *O Crente na Armadura Completa*, é um enorme volume tratando só de Efésios capítulo 6. O conhecido Martyn Lloyd-Jones, em sua série de exposições bíblicas sobre a carta aos Efésios, dedicou vários estudos sobre o assunto, que resultaram em dois volumes tratando do combate cristão. Outro exemplo é John Bunyan, autor do clássico *O Peregrino*. John Bunyan era um batista puritano e seu livro nada mais é do que a descrição do combate de Cristão com Apolion, que procura lhe barrar o caminho enquanto ele se dirige para a cidade celestial. Podemos ainda mencionar o livro do puritano do século XVII, Thomas Brooks, *Conselhos Preciosos contra as Armadilhas de Satanás*. Ele disse em seu livro: “O cristão deve conhecer quatro coisas: Cristo, a Bíblia, a si mesmo e as astutas ciladas do diabo”.⁵

⁵ Thomas Brooks, *Precious Remedies Against Satan's Devices* (Great Britain: Banner of Truth, 1984).

O *quarto* perigo é o de pensarmos que os métodos do moderno movimento de “batalha espiritual” são uma saída fácil e segura para os problemas que nos afligem neste mundo. Muitos querem resolver os problemas de temperamento, de hábitos pecaminosos, da opressão econômica, da língua maliciosa ou dos pensamentos impuros simplesmente repreendendo e amarrando os demônios que supostamente produzem esses desvios morais. O caminho apresentado pela Bíblia, porém, é o da santificação, da autodisciplina, do estudo persistente da Escritura, de aprender e prosseguir fielmente. Esse é o caminho. Não encontramos nas Escrituras exemplos de expulsão de demônios considerados responsáveis por problemas morais. Acredito que, se em vez de amarrar a Satanás, muitos amarrassem a sua língua, a Igreja seria tremendamente beneficiada. O casamento de muitos melhoraria, o relacionamento de outros seria transformado para melhor, e a vida de muitos na Igreja também experimentaria um grande progresso. Mas, o que se está querendo é um caminho fácil. Por isso tantos estão buscando cura, prosperidade, saúde, conforto, bem-estar.

Conclusão

Efésios 6 nos mostra que a única solução para os problemas do mundo é o Cristianismo bíblico. Não há outra solução. A ONU não consegue resolver os conflitos entre nações. Palestinos e judeus continuam se matando no Oriente Médio e a paz não chega. O homem não consegue resolver o problema da fome, da violência, da miséria, da corrupção e da desonestidade, males que afligem a humanidade desde seu aparecimento neste planeta. O homem está totalmente à mercê de sua própria degradação espiritual e moral, da sua miséria e desgraça. A razão é que existe um poder maior do que o homem, que está por trás dele, que o influencia, escraviza, domina, controla. Este poder cega os olhos do homem, transforma-o numa besta selvagem capaz dos mais terríveis atos de crueldade.

No mundo inteiro pessoas enfrentam o fracasso ao tentar resolver seus próprios problemas morais. Quem sabe você já

tentou fazer uma reforma moral em sua vida, deixar certos hábitos e costumes, certos comportamentos que o têm prejudicado e a outros, mas não consegue! Você está lutando contra forças e influências superiores à sua capacidade. Saiba que um poder muito acima da sua vontade de fazer o bem está contra você. Embora seja você mesmo o responsável diante de Deus pelos seus pecados, existe um poder maligno e tenebroso que o mantém cativo. Somente Cristo Jesus pode libertá-lo da influência dessas forças tenebrosas. Só ele pode lhe dar a armadura de Deus para enfrentar e resistir a esse poder.

CAPÍTULO 2

ORIGEM E DIFUSÃO DO MOVIMENTO DE “BATALHA ESPIRITUAL”

Neste capítulo e nos seguintes procuraremos examinar um novo conceito acerca do conflito da Igreja com as forças espirituais do mal, conhecido como “movimento de batalha espiritual”. Esse movimento surgiu recentemente nos círculos evangélicos mundiais. Suas reivindicações radicais e sua influência no mundo evangélico contemporâneo não permitem que seja omitido em qualquer obra moderna que trate do assunto.

Enfrentando os maus espíritos na China

Aparentemente, as idéias principais da “batalha espiritual” eram conhecidas desde o início do século. Já nas três primeiras décadas, o missionário inglês James O. Fraser, trabalhando em meio ao povo tribal Lisu, na China, um povo envolvido com magia negra, espiritismo e animismo, utilizou estratégias como dar ordens em voz alta a Satanás e seus demônios para quebrar o domínio destes espíritos sobre os Lisu. Partindo de sua experiência no campo missionário Fraser desenvolveu, na base da “tentativa e erro”, alguns métodos de combater pela oração a influência dos espíritos malignos que atormentavam este povo tribal. O que convenceu Fraser de que estava no caminho certo foi que “funcionava”. Fraser era um obreiro relativamente desconhecido, e sua prática permaneceu no desconhecimento até a publicação de sua biografia pela esposa de Howard Taylor em 1956.¹

¹ Veja os detalhes da experiência de Fraser em Ed Murphy, *The Handbook for Spiritual Warfare* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1992), 412-15. O trabalho missionário

As diversas linhas de “batalha espiritual”

Desde a década de sessenta a “batalha espiritual” vem ganhando aceitação no mundo todo. Existem algumas ramificações do movimento e seus proponentes nem sempre concordam entre si. Entretanto, compartilham de uma base teológica ampla e comum a todos, o que justifica identificar suas posições como parte desse movimento mundial de “batalha espiritual”. Em seu livro *Power Encounters (Encontros de Poder)*² o estudioso David Powlison, do Seminário de Westminster, identifica quatro linhas de “batalha espiritual”:

a) Os *carismáticos* foram os primeiros a defender popularmente uma nova perspectiva sobre batalha espiritual. O ímpeto para o movimento foi o livro de Don Bashan em 1972, intitulado *Deliver Us From Evil (Livra-nos do Mal)*, no qual se apresenta a idéia de que existem demônios agressivos por trás de cada árvore, e em que narra encontros bizarros e estranhos com eles. O conhecido Benny Hinn é um dos modernos seguidores desta linha.

b) Os *dispensacionalistas* vieram em seguida. De orientação não-carismática, seus defensores propuseram uma linha de batalha espiritual menos fantástica, concentrando-se mais no aconselhamento pastoral e na oração em favor dos oprimidos, do que em encontros extraordinários com demônios. Alguns dos seus mais conhecidos proponentes são Mark Bubeck (*O Adversário*, 1975), e Merrill Unger (*What Demons Can Do To Saints*, 1977, “O que Demônios Podem Fazer aos Santos”).

c) Uma terceira linha da “batalha espiritual” é caracterizada por uma abordagem mais moderada e evangélica e tem representantes conhecidos, como Neil Anderson, Timothy Warner (da *Trinity Evangelical Divinity School*) e Ed Murphy, autor de um volumoso

pioneiro de Fraser não foi em vão. Existe hoje uma forte igreja cristã entre os Lisu, veja a reportagem “Die Lisu in China: als Gast bei einem vergessenen Volk” em *Ethos* 12 (1993) 28-35. O fato, entretanto, não deve ser tomado como uma confirmação inequívoca dos métodos de Fraser.

2 David Powlison, *Power Encounters: Reclaiming Spiritual Warfare* (Grand Rapids: Baker, 1995). Os parágrafos seguintes são baseados nas pp. 32-33 desse livro.

manual sobre “batalha espiritual”.³ Essa linha evita os “encontros de poder” com demônios, o sensacionalismo, e enfatiza a libertação individual através do conhecimento da verdade e da fé.

d) Existe uma quarta linha da “batalha espiritual”, possivelmente a que tem ganhado maior popularidade no Brasil. Ela se identifica com o nome de C. Peter Wagner, conhecido professor e diretor de *Escola de Missões Mundiais do Seminário de Fuller*, nos Estados Unidos⁴. Essa linha nasceu na esteira do que ficou conhecido como *a Terceira Onda do Espírito*, uma corrente carismática que prega o ressurgimento nas igrejas cristãs locais dos sinais e prodígios ocorridos no período apostólico.⁵ Esta linha de “batalha espiritual” está intimamente associada a outro movimento, cujo mais conhecido expoente é também C. Peter Wagner, que é o “movimento de crescimento de igreja”, com ênfases em missões ao terceiro mundo acompanhadas de “sinais e prodígios”.⁶ Um ensino característico desta linha de “batalha espiritual” é a noção recente de “espíritos territoriais”, ou seja, demônios que mantêm determinadas regiões geográficas sob o controle da incredulidade e do pecado.⁷

Uma variação que tem ganhado muita popularidade no Brasil tem como principal ênfase a “quebra de maldições hereditárias”, um ensino que afirma que os pecados, vícios e pactos demoníacos

3 Veja nota 1, p. 29.

4 É importante observar que a Escola de Missões Mundiais do Seminário de Fuller debaixo da influência de C. Peter Wagner, tem se tornado um dos maiores centros difusores das idéias da “batalha espiritual”.

5 O termo “terceira onda do Espírito” foi cunhado e popularizado por C. Peter Wagner, através de seu livro *The Third Wave of the Holy Spirit*, 1988, cf. Stanley M. Burgess e Gary B. McGee, eds., *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements* (Grand Rapids: Zondervan, 1988), 875. Para uma avaliação mais detalhada das idéias deste movimento, veja John Armstrong “In Search of Spiritual Power” em *Power Religion: The Selling Out of the Evangelical Church?*, ed. Michael Horton (Chicago: Moody Press, 1992), 61-62.

6 Para uma descrição e crítica a este movimento veja o artigo de F. Solano Portela Neto “Planejando os rumos da Igreja: Pontos Positivos e Crítica de Posições Contemporâneas” em *Fides Reformata* 2/1 (1996) 79-98.

7 Veja por exemplo o livro *Espíritos Territoriais*, editado por Peter Wagner (Mogi das Cruzes, SP: Editora Unilit, 1995), e a crítica de Magnus G. Fialho em *Fides Reformata* 2/1 (1996), 133-36.

cometidos pelo crente antes da sua conversão, ou pelos seus antepassados, afetam negativamente a sua existência presente, sendo a “quebra” destas maldições o caminho para a libertação.⁸

A influência de Peretti, Wagner e do Movimento AD2000

Muitos dos conceitos da “batalha espiritual” alcançaram popularidade mundial através de dois romances escritos pelo novelista Frank Peretti intitulados *Este Mundo Tenebroso*.⁹ O primeiro deles é um *bestseller* com mais de 1,5 milhão de cópias vendidas. Em ambas as obras Peretti narra a história da luta espiritual de uma comunidade de cristãos contra espíritos malignos locais que tentam dominar cidades pequenas do interior dos Estados Unidos. Esses livros não são teológicos; foram escritos como ficção. Entretanto, têm difundido as idéias da “batalha espiritual” pelo mundo todo, mais do que qualquer outro meio.¹⁰ Além disso, têm sido recebidos por muitos evangélicos como uma palavra do Espírito Santo à Igreja cristã moderna. O próprio Peter Wagner, admite isso.¹¹ Através de seus inúmeros livros e artigos sobre o assunto, Wagner tem procurado dar credibilidade ao movimento, sem ter

8 Um dos livros que mais têm servido para difundir estas idéias no Brasil é o da pentecostal Marilyn Hickey traduzido no Brasil com o título *Quebre a Cadeia da Maldição Hereditária* (Adhonet, 1988). Representantes brasileiros seriam, por exemplo, Valnice Milhomens, Robson Rodovalho (*Quebrando as Maldições Hereditárias* [Brasília: Koinonia, 1992], 5ª edição, 1995), Jorge Linhares (*Bênção e Maldição* [Belo Horizonte, MG: Betânia, 1991], 2ª edição, 1992), entre outros.

9 Traduções de *This Present Darkness* (Wheaton, IL.: Crossway, 1986) e *Piercing the Darkness* (Wheaton, IL.: Crossway, 1989). Para uma excelente crítica da teologia de Peretti, ver o artigo do professor de Novo Testamento do Seminário de Fuller, Robert A. Guelich, “Spiritual Warfare: Jesus, Paul and Peretti” em *Pneuma* (13/1/1991), 33-64. É bom lembrar que muitos dos professores do Seminário de Fuller não apóiam as idéias de Peter Wagner, professor da Escola de Missões do Fuller. Guelich é um deles.

10 Segundo Wagner, os livros de Peretti têm servido mais que qualquer outra coisa para difundir os conceitos de “batalha espiritual”, cf. *Warfare Prayer* (Ventura, Califórnia: Regal Books, 1992), 19.

11 Veja a declaração de Wagner no jornal secular *Los Angeles Times*, de 17/2/90, citado por John MacArthur, *A Suficiência de Cristo* (São Paulo: Editora Fiel, 1995), 179-80.

conseguido até o momento convencer os demais professores do Seminário de Fuller.

Segundo Mike Wakely, o movimento *AD2000* tem servido como uma plataforma pública muito ampla para a difusão das idéias da “batalha espiritual” no mundo. O *AD2000* é um esforço mundial de evangelização cujo impulso inicial foi um congresso missionário em 1989, em Singapura, onde líderes evangélicos internacionais resolveram unir num único plano de evangelização cerca de dois mil planos separados para a evangelização do mundo até o ano 2000. O movimento ganhou grande impulso numa recente concentração de evangélicos na Coreia.¹² A “Rede Unida de Oração” em âmbito mundial e algumas das redes de oração nacionais estão sob a orientação de líderes comprometidos com a “batalha espiritual”. O *AD2000* estabeleceu um “Centro para Mapeamento Espiritual”, de onde pretende localizar e identificar as fortalezas espirituais do mal que ainda oferecem resistência ao esforço missionário da Igreja de Cristo.¹³

Através de literatura, mídia e conferências, as idéias da “batalha espiritual” têm sido espalhadas pelo Brasil afora. Hoje, multidões de evangélicos brasileiros são atraídos aos simpósios de “batalha espiritual” e consomem a farta literatura sobre o assunto que abarrotam as prateleiras das livrarias evangélicas.

Embora existam linhas diferentes dentro da “batalha espiritual”, elas compartilham idéias que são básicas a todas, o que justifica considerar a existência de um “movimento de batalha espiritual” e um estudo em bloco dessas idéias. É o que faremos em seguida.

12 Ver Luis Bush, “A Brief Historical Overview of the AD2000 & Beyond Movement and Joshua Project 2000”, palestra disponível na *home page* do movimento na Internet (<http://www.ad2000.org/histover.htm>).

13 Wakely, “A critical look”, 152-154.

CAPÍTULO 3

OS PRINCIPAIS ENSINOS DO MOVIMENTO DE “BATALHA ESPIRITUAL”

Modo “ekbalístico” de ministério

Todo mal é demoníaco

A doutrina mais fundamental da “batalha espiritual” é de que todos os males que acometem as pessoas, a sociedade, a Igreja e os cristãos individualmente são produzidos diretamente por demônios, os quais se instalam na vida de crentes ou descrentes e nas estruturas sociais, políticas e econômicas de determinadas regiões geográficas. Portanto, a estratégia principal da Igreja para ajudar as pessoas é sempre confrontar e expelir essas entidades malignas. Possivelmente esta visão do mundo e da missão da Igreja seja a característica mais distintiva do movimento. De acordo com esta abordagem, os demônios são responsáveis pela dor, sofrimento e miséria que encontramos ao nosso redor – o que inclui doenças, relacionamentos arruinados, desemprego, fome, opressão, injustiça social, corrupção, entre outros. Mais que isto, eles são responsáveis igualmente pelo mal moral, por pecados como prostituição, lascívia, imoralidade, adultério, desonestidade, embriaguez e por todos os distúrbios morais de comportamento. Conseqüentemente, em sua ação pastoral, missionária e evangelística, *a Igreja deve sempre empregar o método de expulsão de demônios* para libertar as pessoas e a sociedade desses males. O que está por trás

dos ministérios de libertação individual é a crença de que “os demônios do pecado residem dentro do coração humano”.¹

Ministério ekbalístico: única estratégia

David Powlison tem descrito o modo de ministério característico da “batalha espiritual” como *Modo Ekbalístico de Ministério*.² O termo “ekbalístico” vem do verbo grego *ekballw*, “expelir, expulsar”, que é o termo usado nos Evangelhos para descrever as expulsões de demônios realizadas por Jesus. Com esta expressão descritiva, Powlison captou corretamente a característica principal dos modernos movimentos de “libertação”, associados com a “batalha espiritual”, que é a expulsão de demônios. Há uma grande variedade de ministérios “ekbalísticos”. O *evangelismo “ekbalístico”* procura primeiro expulsar os “espíritos territoriais” de uma região, para que as pessoas ali possam vir a Cristo; já o *aconselhamento “ekbalístico”* procura ajudar as pessoas escravizadas por desvios morais (inclusive crentes) expulsando os demônios responsáveis por esses desvios. Esse modo de ministério é a principal característica dos pastores, líderes, obreiros e comunidades envolvidas com a “batalha espiritual”.

Espíritos territoriais

Uma *segunda* noção característica da “batalha espiritual” é a de *espíritos territoriais*. Como o nome já sugere, essa idéia gira em torno da crença de que Satanás designou um demônio, ou vários deles, para cada unidade geopolítica do mundo. Esses espíritos malignos ocupam e controlam os territórios geográficos sob sua responsabilidade.

Os defensores desse conceito apelam freqüentemente para o livro de Daniel, no qual se mencionam os “príncipes” da Pérsia e da Grécia (Dn 10.13,20) que, no entender deles, se referem aos espíritos que estavam designados como “senhores” daquelas

1 Powlison, *Power Encounters*, 29.

2 *Ibid.*, 27-30.

nações e que foram confrontados por Miguel, o anjo de Israel (Dn 10.13; 12.1). Os defensores dessa idéia concluem que, se existe um "príncipe" da Pérsia e outro da Grécia, há também um "príncipe" do Brasil, um dos Estados Unidos, e de cada país do mundo. Além de nações, afirmam que existem espíritos malignos designados como responsáveis por Estados, cidades, ruas e até casas.

Outro argumento usado para defender a idéia de "espíritos territoriais" se baseia em Deuteronômio 32.8, em que se diz que Deus fixou os termos dos povos de acordo com o número dos filhos de Israel. Neuza Itioka segue Michael Green ao preferir uma variante à passagem em que se diz "filhos de Deus" em vez de "filhos de Israel" — que são tomados como uma referência aos anjos de Deus.³ A implicação seria que Deus designou "anjos" como representantes, guardiães e responsáveis das nações.

Exatamente como esses "filhos de Deus" vieram a se transformar em espíritos malignos não é claro. Já aqui podemos antecipar uma crítica: não é uma regra saudável de interpretação basear um ponto de teologia em uma variante textual (especialmente do texto hebraico). E mesmo que a variante "filhos de Deus" fosse a original, ainda assim se poderia questionar se a expressão, toda vez que ocorre, se refere a anjos, já que em Gênesis 6.2,4 "filhos de Deus" é provavelmente usado para se referir aos fiéis, descendentes de Sete, em contraste com os "filhos dos homens", a descendência de Caim.⁴

Outra passagem freqüentemente citada é Marcos 5.10, na qual os espíritos imundos, ao serem comandados por Jesus a sair do geraseno, pedem para não ser enviados "para fora do país". Segundo Itioka, "seriam punidos por estar invadindo território

3 Cf. Neuza Itioka, "A Igreja e a Batalha Espiritual: Você Está em Guerra!" em *Série Batalha Espiritual* (São Paulo: Editora SEPAL, 1994), 43-44. Ver também C. Peter Wagner, "Territorial Spirits and World Missions", em *Evangelical Missions Quarterly* 25 (1989), 281.

4 A idéia de que "filhos de Deus" se refere exclusivamente a anjos ou deuses não tem apoio na Escritura. O termo é usado para designar os que adoram o Deus verdadeiro, cf. Êx 4.22; Dt 14.1; Is 1.2; 43.6; 45.11; Os 1.10; 11.1.

alheio”.⁵ Entretanto, esta afirmação não encontra respaldo na passagem e nem no seu contexto. Curiosamente, Mateus omite esse pedido dos demônios, e Lucas traz o pedido dos demônios como sendo que Jesus não os mandasse “sair para o abismo” (Lc 8.31). Não há nada nas passagens que sugira invasão de território já ocupado por outros espíritos malignos.

Segundo os defensores do conceito de “espíritos territoriais”, os demônios que governam regiões influenciam e controlam seus moradores através dos ensinamentos da nova era, do espiritismo, da astrologia, do satanismo, do uso de pirâmides, cristais, bruxaria, macumba, magia, feitiçaria, prática da adivinhação ou qualquer outra atividade relacionada com o ocultismo. O propósito dessas entidades espirituais malignas é cegar as pessoas que habitam nas áreas sob seu controle e levá-las à perdição, impedindo que sejam alcançadas com a verdade do Evangelho. Assim, quanto mais mergulhada em trevas espirituais for uma região, mais densa é a concentração de demônios ali, concluem os proponentes desta idéia.

Partindo desse princípio, tem-se sugerido que a famosa *janela 10/40* – espaço entre as latitudes 10 e 40 norte, onde estão algumas das nações mais fechadas para o Evangelho (como Afeganistão, Bangladesh, Egito, Líbano, Mauritânia, Iêmen, entre outras) – é uma imensa fortaleza demoníaca, a última a ser conquistada antes da vinda do Senhor.⁶ Creio que o movimento está correto ao enfatizar a ação dos espíritos malignos através do ocultismo com o propósito de manter os incrédulos nas trevas do pecado e da ignorância de Deus. Somente não está claro para mim que esses espíritos se organizam geograficamente e nem que esta “geograficalização” maligna tenha qualquer relevância para a obra missionária da Igreja.

5 Itioka, “A Igreja e a Batalha Espiritual”, 44.

6 Cf. George Otis, *Last of the Giants* (Tarrytown, NY: Chosen Books, sem data), 161.

Demonização de estruturas

Uma *terceira* noção é a da *demonização* das estruturas, que tem importante papel na cosmovisão do movimento. *Demonização*, no conceito da "batalha espiritual", significa a invasão e o controle por parte de um ou mais demônios de áreas da vida de uma pessoa ou de estruturas sociais, econômicas, culturais e políticas de uma região. Robert Linthicum descreve as cidades como sendo habitação do mal pessoal, do mal sistêmico e dos principados e potestades.⁷ Outros autores ainda falam do principado e potestade que está nas estruturas sociais do Brasil.⁸ Apesar de não haver qualquer evidência bíblica a este favor, Wagner insiste que "estruturas sociais... podem, e são freqüentemente demonizadas por personalidades demoníacas extremamente perniciosas e dominadoras, as quais chamo de 'espíritos territoriais'".⁹

A resistência dos "espíritos territoriais" à obra da Igreja

Os espíritos territoriais oferecem total resistência aos esforços da Igreja em evangelizar a área sob seu controle, cegando as pessoas ou oprimindo os crentes. Alguns proponentes da "batalha espiritual" acreditam que mesmo crentes verdadeiros podem ficar "demonizados".¹⁰

Tais espíritos malignos, segundo a "batalha espiritual", atacam os pregadores, promovem pecado e divisão na Igreja, semeiam a confusão e fazem tudo o que lhes é possível para abortar os projetos evangelísticos de uma igreja. O resultado é que a Igreja não pode avançar, porque esses poderes estabelecem uma barrei-

7 Robert Linthicum, *Cidade de Deus, Cidade de Satanás* (Belo Horizonte, MG: Missão Editora, 1993), 17-94.

8 Itioka, "A Igreja e a Batalha Espiritual", 37.

9 Wagner, *Warfare Prayer*, 96.

10 Para Itioka, por exemplo, a Igreja deveria levar a sério o pressuposto de que crentes podem ter demônios ou ficar endemoninhados, mas ela falha em fornecer qualquer evidência bíblica que leve a Igreja a mudar de atitude (*A Igreja e a Batalha Espiritual*, 65). Citar experiências em que pessoas supostamente regeneradas estavam "endemoninhadas" não é evidência persuasiva.

ra, uma fortaleza no seu caminho. Segundo alguns líderes do movimento, o quartel-general dessas hostes, que corresponde ao “trono de Satanás” mencionado em Apocalipse 2.13, está localizado em uma posição geográfica naquela região, de onde o seu “príncipe” dá suas ordens aos espíritos malignos subordinados.

Portanto, conforme nos dizem os adeptos da “batalha espiritual” a Igreja não pode evangelizar com sucesso enquanto não neutralizar essas forças espirituais cósmicas. Essa é a tarefa primeira da Igreja. Pela “batalha espiritual” ela deve atacar essas forças e desalojá-las. Em vez de ficar na defensiva, os crentes têm de partir para o ataque, invadir os territórios ocupados por essas hostes, derrubar as suas fortalezas e neutralizar toda influência maligna nessa região. Só assim poderão ganhar as pessoas para Cristo e levar o Evangelho aos que estão sob o domínio do maligno.

A Igreja no ataque

Para que possam vencer os espíritos malignos, os crentes têm, antes de tudo, de aprender as táticas de “batalha espiritual”. Nenhum crente pode se engajar na batalha “sem mais nem menos”. Peter Wagner afirma que são poucos os crentes que estão preparados, e dá um aviso: “Se você não sabe o que está fazendo... Satanás vai devorá-lo no café da manhã”.¹¹ Assim, para não serem devorados no café da manhã do diabo, os cristãos têm de ler os livros escritos pelos peritos em “batalha espiritual”, freqüentar as suas conferências e simpósios e aprender com os *experts* todas as estratégias espirituais para assaltar as fortalezas do diabo e derrubá-las.

Quais são essas novas estratégias que a Igreja tem de aprender? Tentaremos citar, de maneira resumida, os pontos básicos ensinados nesses seminários e conferências e através dos livros escritos pelos especialistas no assunto.

¹¹ Citado em MacArthur, *A Suficiência de Cristo*, 180.

Mapeamento espiritual

A igreja tem de “mapear” espiritualmente a área a ser evangelizada, antes de eventualmente começar seus esforços evangelísticos. Essa técnica consiste em localizar as concentrações estratégicas dos demônios, as fortalezas malignas de uma localidade. Inclui também a descoberta de seus nomes e as razões pelas quais se concentram ali.

O “mapeamento espiritual” é a radiografia de uma cidade, obtida através de estudo cuidadoso de sua história, localização, nome e hábitos sociais. O alvo é identificar as potestades espirituais malignas responsáveis por ela. O perfil das cidades corresponderá aos espíritos malignos por elas responsáveis. Mas a identificação dessas entidades não é feita somente através de estudos histórico-sociogeográficos – em muitos casos, é através de uma “revelação” direta de Deus que os nomes dos demônios são tornados conhecidos.¹²

Um dos objetivos do mapeamento é localizar o “trono de Satanás”, o local onde a potestade responsável pela área tem seu quartel-general. Como localizá-lo? De acordo com Peter Wagner¹³, uma igreja local deve tomar o mapa da cidade ou zona a ser evangelizada e, com ele em mãos, deve orar sobre cada um dos quadrados que delimitam a área. Quando sentirem profunda opressão e resistência espiritual ao orar sobre determinada área, deverão marcá-la cuidadosamente, pois é ali que está localizado o trono de Satanás. A igreja, então, deverá iniciar naquela região específica um grupo de guerreiros de oração, os quais, pela oração da fé (no conceito deles), devem declarar a queda do trono de Satanás. Quando isso ocorrer, a cidade ficará liberta e a igreja poderá evangelizar e ganhar a cidade inteira para Cristo.

12 Cf. as declarações de Neuza Itioka acerca do evangelista Omar Cabrera, na revista *Vinde*, p. 8.

13 Wagner ensinou essa técnica durante um congresso de evangelização em Campinas, São Paulo, em 1993.

Uma ilustração desta crença é a experiência narrada por Timothy Warner de um uruguaio que morava perto da fronteira com o Brasil. Ele ganhou um folheto evangelístico em sua terra, sem manifestar qualquer interesse por seu conteúdo. Quando cruzou a fronteira com o Brasil, imediatamente se converteu! A explicação de Warner é que no território brasileiro os demônios estavam “amarrados”, enquanto que, no lado uruguaio, não.¹⁴

Demonização das estruturas e a “oração de guerra”

Para os defensores da “batalha espiritual” é crucial que a igreja, uma vez que “mapeou” a região a ser evangelizada, *determine* pela oração a queda das fortalezas entrincheiradas nessas regiões e estruturas, e isto em voz alta, com fé, declarando em nome de Jesus que aquela fortaleza *está* derrubada e que aquele poder maligno *está* anulado. Pela “palavra da fé” (termo popularizado pela “teologia da prosperidade”), os crentes determinam a vitória de Cristo sobre a região identificada e, por fim, declaram que a cidade pertence a Cristo. Um exemplo desta técnica foram os *outdoors* espalhados pela cidade de São Paulo em meados de 1996 com os dizeres: “São Paulo é do Senhor Jesus. Povo de Deus, declare isto”. A idéia é que pela declaração de fé dos crentes paulistanos aos principados e potestades, os espíritos malignos que têm controle sobre São Paulo serão derrotados, e o Evangelho prevalecerá. Evidentemente todo crente sincero deseja que não somente São Paulo, mas todo o Brasil se converta a Cristo. A questão é se declarações aos principados e potestades de que São Paulo é de Cristo contribuem de alguma maneira para esse fim. O princípio que está por trás dessa estratégia, consciente ou não, é o da *confissão positiva*. Entretanto, tem sido chamada de “oração de guerra”.

O conceito de “oração de guerra” foi aparentemente popularizado por Wagner em seu livro *Warfare Prayer (Oração de*

14 Wagner, *Espíritos Territoriais*, 83. Cf. ainda a sua defesa do amarrar espíritos malignos pela oração em *Spiritual Warfare: Victory over the Powers of this Dark World* (Wheaton, IL: Crossways Books, 1991), 140-43.

(*guerra*). O conceito é de que a oração funciona como uma arma através da qual a igreja pode neutralizar a ação dos demônios. Grupos se concentram e fazem correntes de oração para derrubar determinadas fortalezas e neutralizar os poderes malignos entrincheirados em determinado território ou nas estruturas sociais, políticas e mesmo eclesiásticas. Isto se chama “guerra estratégica pela oração”. Nessa oração, é essencial que se mencione os nomes das potestades da área e que se determine que estão amarradas em nome de Jesus.

A igreja pode “amarrar” pela “oração de guerra” não somente os demônios que controlam as estruturas e os sistemas sociais, mas particularmente os espíritos malignos supostamente responsáveis por desvios morais de comportamento, como o “demônio da embriaguez”, “demônios dos vícios” ou “demônios das drogas”. O método é vocalizar a ordem: “Eu te amarro em nome de Jesus!” e então declarar que o demônio está “amarrado”. É muito importante nesse confronto *identificar o demônio*. Isto se faz conjurando-o, em nome de Jesus, a revelar seu nome e outros segredos da hierarquia demoníaca. Há registros de diálogos demorados de obreiros da “batalha espiritual” com pessoas endemoninhadas, em que o obreiro conversa com as entidades malignas que supostamente infestam a pessoa para identificar quem são, de onde vêm, para finalmente amarrá-las, repreendê-las e mandá-las de volta para o abismo.¹⁵

Enfrentando os “espíritos territoriais”: a “batalha espiritual”

De acordo com Wagner, a batalha espiritual ocorre em três níveis.¹⁶ Em resumo, são os seguintes:

15 Um exemplo claro é o livro de Rita Cabezas, *Desmascarado* (São Paulo: Renascer, 1996), no qual ela narra extensos diálogos seus com demônios, falando através de pessoas supostamente endemoninhadas.

16 Wagner, *Warfare Prayer*, 18.

1) *Nível terreno* – pela expulsão de demônios.

2) *Nível oculto* – onde o confronto se dá com satanistas, bruxos, “xamãs”, adivinhadores e pessoas envolvidas com toda sorte de práticas ocultas. A vitória da igreja sobre os espíritos dominadores de um território dá-se, segundo Wagner, quando o poder desses espíritos é “quebrado” pela libertação de satanistas, pais-de-santo, bruxos ou ocultistas que habitam naquela região. Para provar esse ponto, citam casos em que, após um confronto de poder com pessoas envolvidas com espíritos malignos, os habitantes da região, que antes eram fechados para o Evangelho, passaram a aceitar a Cristo em grande número. Um dos exemplos mais conhecidos é o do evangelista Carlos Annacondia, na Argentina. Outros poderiam ser citados, como as experiências de Edgard Silvano, na evangelização. O ponto a notar é que são essas experiências a base de sustentação teológica do conceito – e não a exegese bíblica.

3) *Nível estratégico* – é o confronto com uma concentração de poder ainda mais tremenda: os espíritos territoriais. Este confronto dá-se pela “oração de guerra”; o palco são as regiões celestiais; a oração não somente funciona como arma para agredir estes espíritos, como também movimenta as hostes angelicais para lhes resistir. Esta idéia está representada perfeitamente nos romances de Peretti.

A passagem geralmente usada para apoiar esse conceito é Daniel 10.10-21. Após haver orado com jejuns por três semanas, quebrantado pelo que havia compreendido de uma visão que teve (10.1-3), Daniel é visitado por um anjo (10.4-10). Este havia saído com o propósito de confortá-lo, desde quando Daniel começou a orar (10.12). Entretanto, sua chegada foi retardada pela oposição de entidades malignas, o “príncipe da Pérsia” e os “reis da Pérsia” (10.13). Somente com a ajuda do arcanjo Miguel é que finalmente o anjo obteve vitória contra essas potestades e pôde chegar até Daniel (10.13).

Embora Daniel não se tenha envolvido diretamente com as entidades malignas, e sua oração não tenha nada de “oração de

guerra", a passagem é usada para estabelecer uma relação entre a oração e a "batalha espiritual" em âmbito celestial. E já que os príncipes e reis da Pérsia e Grécia mencionados na passagem (cf. Dn 10.13, 20) são provavelmente anjos maus relacionados com aqueles países (a relação não é clara, embora os títulos "reis" e "príncipes" sugiram domínio), ensina-se que, pela "oração de guerra", podemos oferecer resistência a esses espíritos territoriais, assim como Daniel fez – embora nada nessa passagem afirme que Daniel o tenha feito!

Aconselhamento ekbalístico

O aconselhamento e o cuidado pastoral pelas pessoas, dentro das idéias da "batalha espiritual", parte do princípio de que demônios podem se abrigar na vida de alguém, quer essa pessoa seja regenerada ou não, para produzir dor, sofrimento, doenças e, principalmente, desvios morais de comportamento. O termo "posseção demoníaca" é geralmente evitado. O termo usado é via de regra "demonização". Nos gabinetes de aconselhamento de pastores e especialistas adeptos do movimento, o paciente é "libertado" dos desvios de comportamento, dos problemas físicos e psicológicos através da expulsão dos demônios responsáveis. Em casos graves e reincidentes, o paciente é orientado a praticar a "autolibertação", ou seja, a expelir demônios de si próprio, se o mal causado por eles se mostra muito freqüente e resistente. No aconselhamento *ekbalístico*, quase todos os problemas das pessoas (crentes, inclusive) se resolvem através da expulsão de demônios.

Quebra de maldições hereditárias

Outra técnica que os crentes devem aprender (segundo a "batalha espiritual") é a *quebra de maldições*. Acredita-se que as pragas, maldições ou palavras más proferidas contra nós têm o poder de nos tornar infelizes, de perturbar nossas vidas. Através dessas maldições lançadas contra nós, que podem incluir frases

dos nossos pais como “menino, vai para o diabo que te carregue!”, os demônios recebem autoridade para entrar em nossas vidas nos trazendo miséria, dor e sofrimento. Mesmo um verdadeiro crente pode deixar de alcançar a plena felicidade, caso não quebre as maldições que foram lançadas contra ele. O processo consiste em localizar e identificar essas maldições e anulá-las “em nome de Jesus”.

Outra técnica aborda *as maldições hereditárias*, aquelas que herdamos dos nossos pais e antepassados através dos seus pecados não confessados ou de pactos que, porventura, tenham feito com demônios. Esse conceito se baseia em Êxodo 20.5, em que Deus afirma que castiga a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta gerações. Para a libertação, segundo alguns, é necessário traçar uma árvore genealógica da nossa família, identificar as pragas, maldições, pecados e pactos com demônios feitos por eles no passado e anulá-los, quebrando-os e rejeitando-se os pecados dos nossos progenitores.¹⁷

Com o que podemos concordar

É necessário oferecer uma avaliação lúcida dessas idéias que se têm tornado tão populares nas igrejas evangélicas do Brasil. Começemos por destacar os conceitos corretos e bíblicos que estão presentes no movimento.

A realidade das forças do mal

A ênfase dada pela “batalha espiritual” à *atuação de Satanás e seus anjos nos dias de hoje* vem nos conscientizar da realidade, do poder e da atuação das hostes espirituais da maldade. Isto é algo necessário, pois a Igreja é sempre tentada a perder a visão espiritual, a deixar de discernir além do que é visível a olhos humanos, limitando-se a perceber somente o que é palpável, tangível, sem enxergar além das realidades concretas. Os crentes são tentados a ficar totalmente indiferentes para as realidades espirituais e, por esta razão, deixam de orar como deveriam. Ou podem ficar

17 Essa é a tese principal do livro de Rodovalho, *Quebrando as Maldições Hereditárias*.

totalmente materialistas, preocupados apenas com o que comer e beber, como se divertir, ter um bom emprego, subir na vida, casar, ter filhos e ganhar sua aposentadoria no final. E se esquecem de que há uma batalha ocorrendo neste exato momento, que existem poderes espirituais do mal que estão vindo contra a Igreja.

Assim, de tempos em tempos, Deus usa movimentos, como a "batalha espiritual" em nossos dias, para fustigar a Igreja e para lhe dizer que ela não está dando a devida importância à realidade da atuação e poder destas forças. Evidentemente não devemos dar atenção excessiva aos demônios. Porém, não devemos ignorar sua realidade e atuação.¹⁸ Devemos estar conscientes desses poderes. Devemos ter uma perspectiva bíblica lúcida sobre o tema.

Preocupação evangelística

A "batalha espiritual" tem demonstrado por vezes acentuado *zelo evangelístico*. Seus proponentes estão interessados em atingir as pessoas com o Evangelho. Pensam que através da "batalha espiritual" poderão libertar aquelas pessoas que não têm Cristo. É bem possível que o conceito de alguns deles quanto à evangelização seja bem diferente do conceito bíblico, já que em seus esforços missionários colocam a ênfase no ministério *ekbalístico* da Igreja, freqüentemente minimizando a necessidade de arrependimento pessoal e de fé em Jesus Cristo para a reconciliação com Deus, perdão e salvação da culpa do pecado. Não podemos concordar com isso. Assim mesmo, temos de reconhecer o zelo e fervor dessas pessoas, que servem quase que como um julgamento sobre a mornidão, indiferença e comodismo que por vezes dominam as igrejas evangélicas tradicionais.

Ênfase à oração

Por fim, vê-se no movimento uma grande ênfase à oração, que é bem-vinda. É verdade que o conceito de oração abraçado

18 C. S. Lewis colocou de modo admirável este ponto em *Screwtape Letters* (New York: McMillan, 1962), 3.

pelo movimento diverge, em muitos aspectos, do que entendemos ser o conceito bíblico. Longe de ser uma arma para guerrear contra os demônios, ou um instrumento para reivindicar de Deus o que queremos, a oração é o meio pelo qual os filhos de Deus buscam o Pai do céu e se entregam a ele, junto com seus problemas e aflições, na expectativa de que Deus lhes haverá de responder dentro da sua mais santa e agradável vontade.

De qualquer modo, mesmo com um conceito defeituoso de oração, o movimento de “batalha espiritual” tem corretamente destacado a importância da oração para a vida da Igreja em sua tarefa missionária. E contra essa ênfase, nada se pode dizer.

CAPÍTULO 4

O QUE NOS PREOCUPA NA “BATALHA ESPIRITUAL”

Apesar de crer que uma pessoa não deixa de ser crente verdadeiro por abraçar os ensinamentos da “batalha espiritual”, tenho algumas preocupações quanto aos principais conceitos do movimento. Antes de expressá-las, quero reafirmar que creio na existência e na atuação dos demônios hoje. Creio que Satanás tenta e mesmo aflige os crentes. Admito a possibilidade de possessão demoníaca de pessoas que não são verdadeiramente convertidas. Essas minhas convicções, entretanto, não devem toldar minha visão e nem me roubar o espírito crítico, isto é, o espírito de análise, que examina todas as coisas e retém o que é bom, como ordena a Escritura (1 Ts 5.21). No que se segue, ofereço alguns questionamentos sinceros ao ensino da “batalha espiritual”.

A falta de base bíblica para os principais ensinamentos do movimento

Como a maioria dos evangélicos, creio que a Bíblia é a nossa única regra de fé e de prática. Também estou consciente que há muitas áreas sobre as quais ela não se pronuncia explicitamente. É por esse motivo que há liberdade para tomarmos algumas decisões nessas áreas usando o bom senso, as lições da História, à luz do sistema doutrinário e prático ensinado na Bíblia. Mas, uma coisa é, digamos, usar velas nos cultos alegando que a Bíblia não proíbe. Outra, é construir uma teologia inteira de missões, aconselhamento e libertação usando o mesmo argumento e o “silêncio” das Escrituras.

Apesar do tom de autoridade de alguns dos peritos em “batalha espiritual”, grande número das estratégias propostas por eles *não tem qualquer fundamento bíblico*. Na verdade, soam mais como um misticismo exagerado. Pawson afirma corretamente,

“Apesar de reivindicar que as Escrituras apóiam seu método, a origem do movimento não está na redescoberta da verdadeira natureza da missão bíblica. Quando examinada à luz da Escritura, a evidência é fraca.”¹

Vejamos alguns exemplos disso.

Nenhuma instrução para “mapeamento espiritual”

Começemos com o conceito de “mapeamento espiritual”. Onde, na Bíblia, há recomendação à Igreja para localizar espiritualmente concentrações de forças demoníacas e derrubar pela oração o trono de Satanás antes de evangelizarmos uma área? Onde encontramos na Escritura orientação para fazer uma “radiografia” espiritual de uma cidade, pela sua história, localização, nome e hábitos sociais, para identificar as potestades espirituais malignas responsáveis por ela e guerrear contra elas em oração?

O trono de Satanás

Examinemos o caso do “trono de Satanás”. Ele é mencionado apenas uma vez nas Escrituras, em Apocalipse 2.13. Nesta passagem, o Senhor Jesus se refere à cidade de Pérgamo, onde havia uma igreja cristã, como sendo o local do trono de Satanás, onde o maligno habitava. A referência certamente é a algo em Pérgamo que era extremamente hostil e perigoso para a fé cristã, e que já tinha feito vítimas como o fiel Antipas (2.13). Não é difícil identificar esta ameaça: Pérgamo era o centro do culto ao imperador na Ásia. O templo dedicado ao imperador naquela cidade era o mais antigo de toda a Ásia. Num ambiente daqueles, a vida dos

1 J. David Pawson, *The Fourth Wave* (Londres: Hodder e Stoughton, 1993), 69.

cristãos corria constante perigo. Além do mais, eles sabiam que por trás da idolatria estavam os demônios (1Co 10.20). A expressão “trono de Satanás” não indicava que havia em Pérgamo um trono espiritual onde Satanás se assentava, e de onde controlava outros espíritos malignos. Aponta apenas para o caráter demoníaco da idolatria ao imperador romano. Na carta à Igreja de Esmirna, os judeus perseguidores dos cristãos são chamados “sinagoga de Satanás” (Ap 2.9). Segue-se que havia em Esmirna uma “sinagoga” literal de demônios? É evidente que não, pois a expressão é usada figuradamente para expressar o caráter maligno da perseguição movida pelos judeus.

Historiografia espiritual?

Defensores da “batalha espiritual” têm sustentado que através do estudo da história de uma cidade, seus hábitos culturais, sua localização geográfica e suas características sociais, a igreja pode fazer um “mapeamento” da sua condição espiritual e identificar e localizar as entidades malignas que a controlam. Com base nestes dados, afirmam, a igreja pode guerrear em oração contra essas entidades e assim quebrar seu poder sobre a cidade, abrindo-a para o Evangelho.

Entretanto, não há uma única passagem da Escritura que possa ser usada para defender esta idéia, ou ao menos para inferir que este é o curso de ação a ser seguido pela igreja ao evangelizar uma área. O passado de uma cidade, sua localização e hábitos jamais interferiram na estratégia missionária da igreja primitiva, a não ser na acomodação da mensagem à condição dos seus ouvintes (por exemplo, a mensagem de Paulo aos filósofos gregos em Atenas).

Nenhuma instrução para atacar espíritos estruturais

Onde encontramos nas Escrituras orientação, quer dada pelo Senhor Jesus ou pelos seus apóstolos, por preceito ou por exemplo, para que a Igreja combata em oração e determine pela fé a

queda das potestades malignas alojadas nas estruturas sociais injustas, que provocam a corrupção dos sistemas políticos e sociais? Ou para que, nos dias de hoje, amarre o demônio do funcionalismo público, do escravagismo, da bebedeira e das drogas? Ou ainda, para que anule coisas como a maldição do Triângulo das Bermudas ou os congestionamentos de tráfego das grandes cidades, como os defensores da “batalha espiritual” nos Estados Unidos reivindicaram ter feito há alguns anos?²

Se este é o caminho a seguir, por que o apóstolo Paulo ou demais apóstolos e presbíteros da Igreja apostólica não organizaram uma cruzada de oração e “batalha espiritual” contra a escravidão vil que predominava no Império romano, ou contra a fúria assassina dos imperadores contra os cristãos? Um dos próprios defensores da “batalha espiritual”, o professor chinês Tai M. Yip, tem criticado o conceito de que Satanás opera em estruturas sociais, valores culturais, história ou geografia. Ele afirma que Efésios 2.1-3 claramente mostra que Satanás opera *em pessoas*, e não em coisas — embora certamente usará pessoas para influenciar sistemas e estruturas.³

Supondo ainda que havia “tronos”, “fortalezas” e “principados” locais — o que a igreja primitiva fez para “derrubá-los”? Ela pregou fielmente o Evangelho, até que, por fim, o culto ao imperador veio a desaparecer e o Cristianismo a se estabelecer. Nada lemos no Novo Testamento acerca de “amarrar” os supostos espíritos territoriais dessas regiões; o que lemos é que os cristãos *pregaram a Palavra*! Foi isto que Paulo fez quando entrou em Corinto, cidade famosíssima pela imoralidade dos seus moradores e pelos templos pagãos que abrigava, muitos dos quais promoviam a prostituição cultural. Qual foi a estratégia de Paulo para “derrubar” o domínio de Satanás ali? Ele mesmo nos revela em 1 Coríntios 2.1-5: pregar a Cristo, e este crucificado, no poder do Espírito Santo.

2 Cf. MacArthur, *A Suficiência de Cristo*, 179.

3 Tai M. Yip, “Spiritual Mapping: Another Approach”, em *Evangelical Missions Quarterly*, 31 (1995), 167-168, 170.

Ou, em termos pessoais, por que Paulo não amarrou, repreendeu, decretou a queda, anulou ou mandou para o abismo o mensageiro (*aggelos*) de Satanás, doloroso como um espinho na carne, que o importunava de modo humilhante (2Co 12.7), mas se limitou a orar três vezes para que Deus o libertasse, recebendo ainda um "não" por resposta (2Co 12.8-9)? Ou ainda, por que não decretou pela fé a queda da oposição que Satanás levantou contra ele, no caminho de volta a Tessalônica (1Ts 2.18)? O apóstolo não conseguiu romper o bloqueio satânico, qualquer que tenha sido, e finalmente mandou Timóteo em seu lugar (1Ts 3.1-2).

Jesus e a missão dos Doze e dos Setenta

As táticas ensinadas pelos peritos em "batalha espiritual" estão ausentes nas instruções que Jesus deu aos doze apóstolos, quando os enviou em missão. No que respeita ao encontro com pessoas endemoninhadas, ele se limitou a instruí-los a que expelissem demônios à medida que os encontrassem (Mt 10.8; Mc 3.15; Lc 10.1-24). Nada de técnicas para localizá-los, identificá-los, questioná-los, guerrear contra eles em oração ou amarrá-los. Eles deveriam ser sumariamente expelidos.

O objetivo era mostrar que o Reino de Deus já havia chegado, que Satanás já havia sido amarrado e que agora a sua casa estava sendo saqueada. Era dar alívio temporário aos que sofriam, despertar a fé em Jesus, o Messias. O próprio Jesus cuidou em adverti-los a que não fizessem da expulsão dos demônios o foco das suas atenções (Lc 10.17-20). E os próprios apóstolos não ensinaram essas técnicas às igrejas nas cartas que escreveram, e que hoje fazem parte da nossa Bíblia.

Os pontos acima visam mostrar como é preocupante a falta de evidência bíblica mínima que apóie, ao menos indiretamente, os ensinamentos da "batalha espiritual".

Experiências como fonte de revelação e conhecimento

Outra preocupação, bastante ligada à primeira, é que a autoridade que se alega para muitas dessas práticas são *as experi-*

ências ocorridas nos gabinetes pastorais, nos campos missionários e nos próprios simpósios da “batalha espiritual”. Em seu manual de “batalha espiritual”, Ed Murphy descreve de que modo o missionário Fraser chegou a descobrir as técnicas especiais de oração contra demônios, ou seja, na base da tentativa e erro. O que finalmente convenceu Fraser de que estava na trilha certa era que certo tipo de oração “funcionava”.⁴

Wagner: “Espíritos territoriais e missões mundiais”

Outro exemplo é o artigo de Peter Wagner sobre “Espíritos territoriais e missões mundiais” publicado em 1989. Neste artigo, Wagner admite que seu conhecimento sobre “espíritos territoriais” se baseia principalmente na sabedoria popular sobre o assunto.⁵ Mas não pára por aí. Ele tenta um cálculo do número de demônios que existem baseado nas informações de um ex-pai-de-santo da Nigéria, a quem Satanás teria designado autoridade sobre determinado número de demônios que, por sua vez, tinham controle sobre outros tantos.⁶ Wagner defende a tese de “casas-mal-as-sombradas” com base na experiência de missionários em Serra Leoa.⁷ A maior parte do artigo é empregada por Wagner para amontoar experiências após experiências em campos missionários, que supostamente provam a existência de demônios como autoridades locais.⁸

A certa altura, Wagner menciona seis potestades mundiais que estão imediatamente abaixo de Satanás na hierarquia satânica, cujos nomes são Damião, Asmodeo, Menguelesh, Arios, Beelezebub, e Nosferatus. Estes demônios e seus nomes, segundo Wagner, foram descobertos por Rita Cabezas, que realizou pesquisas extensas sobre a hierarquia satânica usando métodos que Wagner prefere não citar, mas que estão relacionados com o mi-

4 Veja Murphy, *Handbook*, 413.

5 Wagner, “Territorial Spirits”, 278.

6 *Ibid.*, 279.

7 *Ibid.*, 278.

8 *Ibid.*, 282-284.

mistério de psicologia e libertação de Cabezas, e com revelações divinas que ela recebeu através de "palavras de conhecimento".⁹

O que fica evidente no artigo é que Wagner baseia suas conclusões não em exegese bíblica, mas nas experiências aparentemente bem-sucedidas nos campos missionários e em gabinetes de aconselhamento. Temos de admitir que Wagner, a certa altura de seu artigo, tenta dar alguma evidência bíblica a essas opiniões,¹⁰ mas afora a passagem de Daniel 10, nenhum dos textos mencionados ao menos sugere uma distribuição geopolítica de demônios. Se a matéria é bíblica, por que não há uma única passagem clara sobre ela no Novo Testamento?

Itioka: "A Igreja e a Batalha Espiritual"

Percebemos o mesmo problema nos livros de Neuza Itioka, por exemplo. Uma das mais sérias deficiências do seu livro "A Igreja e a Batalha Espiritual" diz respeito às suas fontes. Em sua bibliografia, procura-se em vão por bons livros de teologia, que venham sendo usados pela Igreja há séculos, e que possam ter informado a autora, já que este livro é apresentado como uma aplicação "da teologia" ao assunto.¹¹ É surpreendente encontrar nas notas bibliográficas fontes como "fatos constatados e verificados nas ministrações pessoais", depoimentos pessoais e testemunhos de ex-pais-de-santo. É dessas últimas "fontes", totalmente inaceitáveis em um trabalho que pretende ser acadêmico, que a autora tira o fundamento para grande parte do seu livro. Por exemplo, a sua convicção de que crentes verdadeiros podem ficar endemoni-

9 *Ibid.*, 284. Não é difícil, para quem lê as obras de Rita Cabezas, perceber qual o método que ela usa para "descobrir" os mistérios da hierarquia satânica. Em seu último livro (*Desmascarado*) Cabezas narra longos diálogos que teve com demônios (falando através de pessoas endemoninhadas), os quais não somente lhe revelaram seus nomes, como também lhe deram informações sobre outros demônios. Ela afirma que não é correto basear sua teologia no que demônios dizem, mas acrescenta "... tenho a impressão de que aquele demônio dizia a verdade..." (p. 216).

10 Wagner, "Territorial Spirits", 280-282.

11 Itioka, "A Igreja e a Batalha Espiritual", 71.

nhados se baseia não em exegese das Escrituras, mas na narrativa de várias experiências que teve.¹²

Itioka freqüentemente usa experiências pessoais como fonte autorizada de conhecimento. Ela afirma, com base em sua experiência de aconselhamento, que certos demônios “adquirem” o direito de se sentar no pescoço das pessoas. Com base em testemunhos, declara que as orações da igreja diminuem o índice de criminalidade, roubo e violência, e que as entidades de uma rua podem ser atadas, etc. Uma de suas crenças mais curiosas, a de que determinadas igrejas têm entidades malignas que se alimentam dos pecados não resolvidos da comunidade e de seus pastores, é defendida principalmente com base em vários testemunhos. O que é mais sério, Itioka faz várias especulações sobre os demônios que dominam o Brasil baseada na doutrina da Umbanda sobre essas entidades.¹³

O uso de experiências selecionadas

Wakely observa que as experiências narradas por Wagner para defender a existência e atuação de “espíritos territoriais” são muito limitadas e cuidadosamente selecionadas.¹⁴ Creio que o mesmo poderia ser dito de outros autores que empregam experiências para ensinar doutrinas. Wakely mostra, por exemplo, que a maioria das ilustrações usadas por Wagner em seu livro *Warfare Prayer* são tiradas da Argentina, especialmente do ministério do evangelista argentino Carlos Annacondia, que se utiliza da tática da “batalha espiritual”. Wakely nota, porém, que Wagner não menciona os casos em que esses métodos foram empregados sem qualquer resultado, e nem os casos em que houve conversões em massa, implantação de novas igrejas e crescimento genuíno de igrejas sem que esses métodos tivessem sido utilizados. Por deixar de mencionar que outras igrejas e missões, que não a de Annacondia, estão

12 *Ibid.*, 29-30; 61-64.

13 *Ibid.*, 30, 52-53; 67-69; 49.

14 Wakely, “A critical look”, 158.

tendo o mesmo resultado, Wagner deixa de fornecer uma informação importante para que o leitor julgue os métodos de Annacondia dentro do contexto argentino global.¹⁵

Pragmatismo e verdade bíblica

O estabelecimento da validade de um princípio pelos resultados que ele produz é característica do *pragmatismo*, filosofia que surgiu nos Estados Unidos nas últimas décadas do século passado. Pragmatistas afirmam que a validade de um conceito está diretamente relacionada aos resultados que ele produz na prática. Ou seja, um conceito é verdadeiro e válido se produz os resultados almejados. Se uma idéia funciona, vamos usá-la. Seus resultados a justificam.

O pragmatismo tem penetrado profundamente nas igrejas evangélicas, produzindo estragos tremendos. Mas será que devemos ser pragmáticos enquanto cristãos? Vamos usar certas coisas no culto e na vida cristã apenas porque elas “funcionam”? Ou vamos usar porque são bíblicas? Existem muitos métodos, empregados pelas seitas, que “funcionam” – do contrário as seitas não teriam tantos adeptos ao redor do mundo. Mas a pergunta certa é: qual o fundamento bíblico para esses métodos? Se o propósito é encher a igreja de pessoas, existem muitas coisas que podem ser feitas pelos pastores para terem suas igrejas repletas. Mas tais fórmulas são bíblicas? O pragmatismo abre caminho para outros erros e nos fará pensar que os fins justificam os meios.

Ataque à suficiência de Cristo

Uma *terceira* preocupação é que algumas ênfases do movimento ameaçam direta ou indiretamente a *suficiência de Cristo e do Evangelho*. A Bíblia nos diz que o Evangelho é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16-17). Ensina-nos que se uma pessoa está em Cristo ela faz parte da nova criação de Deus (2Co 5.17); que não há mais condenação para ela

15 *Ibid.*, 159.

(Rm 8.1); que seus pecados foram perdoados e houve um rompimento com o passado, pois o crente foi transportado do império das trevas para o reino de Cristo (Cl 1.13). Ela não mais pertence a este mundo, que se desfaz, mas à época vindoura que já raiou no presente. Portanto, Satanás, apesar de tentar o crente ao pecado e de lhe dificultar a vida, já não tem mais nenhuma autoridade, nenhum direito sobre ele: nas palavras do apóstolo João, “o maligno não lhe toca” (1 Jo 5.18). A obra de Cristo é completa e perfeita.

Quebra de maldições: é bíblica?

Uma das tendências da “batalha espiritual” (inconsciente, quero crer) é adicionar à obra de Cristo uma complementação feita por peritos em “maldições”. É ensinada claramente a necessidade de se quebrar maldições hereditárias e de se anular compromissos que ficaram pendentes com o diabo, mesmo após a pessoa ter sido convertida a Cristo. Ensina-se que herdamos as maldições que acompanharam nossos antepassados, por causa de seus pecados e pactos demoníacos, e que precisamos anulá-las.

Êxodo 20 e Ezequiel 18

Geralmente o texto usado para defender este ponto é Êxodo 20.5, em que Deus ameaça visitar a maldade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração dos que o aborrecem. Entretanto, ensinar que Deus faz cair sobre os filhos as conseqüências dos pecados dos pais, é só metade da verdade revelada.

A Escritura nos diz igualmente que se um filho de pai idólatra e adúltero vir as obras más de seu pai, temer a Deus e andar em seus caminhos, nada do que o pai fez virá a cair sobre ele. A conversão e o arrependimento individuais “quebram”, na existência das pessoas, a “maldição hereditária” (um efeito somente possível por causa da obra de Cristo). Este foi o ponto enfatizado pelo profeta Ezequiel em sua pregação ao povo de Israel da época (leia cuidadosamente Ezequiel 18). A nação de Israel havia sido levada em cativo para a Babilônia, e os judeus cativos se quei-

xavam de Deus dizendo: "*Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos é que se embotaram...*" (Ez 18.2b) – ou seja, "nossos pais pecaram, e nós é que sofremos as conseqüências". Eles estavam transferindo para seus pais a responsabilidade pelo castigo divino que lhes sobreveio, que foi o desterro para a terra dos caldeus. Achavam que era injusto que estivessem pagando pelo pecado de idolatria dos seus pais. Usavam um provérbio da época, que nos nossos dias seria mais ou menos assim: "Nossos pais comeram a feijoada, mas nós é que tivemos a dor de barriga..."

Através do profeta Ezequiel, Deus os repreendeu, afirmando que a responsabilidade moral é pessoal e individual diante dele: "*A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai...*" (Ez 18.4b, 20). E que pela conversão e por uma vida reta, o indivíduo está livre da "maldição" dos pecados de seus antepassados (ver 18.14-19). Esta passagem é muito importante, pois nos mostra de que maneira o próprio Deus interpreta (através de Ezequiel) o significado de Êxodo 20.5. Ou seja, o segundo mandamento prevê a visitação do juízo divino sobre os descendentes de homens ímpios, *descendentes estes que aborrecem a Deus como seus pais*. Várias passagens no próprio Pentateuco deixam claro que a retribuição divina sobre os filhos dos que aborrecem a Deus é descontinuada a partir do momento em que esses filhos se arrependem de seus próprios pecados, e os confessam a Deus, confessando igualmente os pecados de seus pais, como Levítico 26.39-42.

Encontramos a mesma idéia em Números 14.13-34. Nesta passagem vemos claramente como a misericórdia e a longanimidade de Deus atuam em conjunto com sua justa ira contra os rebeldes e pecadores. Após a revolta do povo de Israel contra Deus, inflamados pelo relato desanimador dos dez espias incrédulos, o Senhor Deus condenou aquela geração incrédula a perecer no deserto. Seus filhos haveriam de levar sobre si as infidelidades de seus pais, *até que estes morressem* (v. 33), após o que, os filhos entrariam na terra (v. 31). Aplicando aos nossos dias, fica evidente que o crente verdadeiro já rompeu com seu passado e com as implicações es-

pirituais dos pecados dos seus antepassados quando, arrependido, veio a Cristo em fé.

Cristo nos resgatou da maldição da lei

O apóstolo Paulo nos esclarece que o escrito de dívida que nos era contrário, a maldição da lei, foi tornado sem qualquer efeito sobre nós: Jesus o anulou na cruz (Cl 2.13-15; Gl 3.13). Ou seja, toda e qualquer condenação que pesava sobre nós foi removida completamente quando Cristo pagou, de modo suficiente e eficaz, nossa culpa diante de Deus. Ora, se a obra de Cristo no Calvário em nosso favor foi poderosa o suficiente para remover a própria maldição da santa lei de Deus que pesava sobre nós, quanto mais qualquer coisa que poderia ser usada por Satanás para reivindicar direitos sobre nós, inclusive pactos feitos com entidades malignas, por nós ou por nossos pais, na nossa ignorância.

Basta um estudo simples nas Escrituras, da linguagem usada para descrever nossa redenção, para que não fique qualquer dúvida de que o crente, à semelhança de um escravo exposto à venda na praça, foi comprado por preço e que, agora, passa a pertencer totalmente ao seu novo senhor. O antigo patrão não tem mais qualquer direito sobre ele, como rezava a legislação romana da época. Assim, Paulo diz que fomos *comprados* por preço (1Co 6.20; *agorazw*, comprar, redimir, pagar um resgate – termo usado para o ato de comprar um escravo na praça), e que sendo agora livres, não devemos nos deixar outra vez escravizar (1Co 7.23). Fomos *resgatados* (*lutrow*) pelo precioso sangue de Cristo (1Pe 1.18; cf. Ap 5.9).

Evangelizando brasileiros envolvidos com ocultismo

Argumenta-se que o Brasil é um país místico, e que grande parte da população tem se envolvido, vez ou outra, com o oculto. Realmente, é grande o número de pessoas ligadas à magia negra, espiritismo, umbanda, candomblé, aos ensinamentos da “nova era” e a muitas práticas ocultas populares. A quantidade de pessoas envolvidas com espíritos malignos é muito grande, quer atra-

vés da procura consciente de contato com entidades espirituais, quer através de “inocentes” consultas a búzios e leitura das linhas das mãos. A literatura de “bruxos” como Paulo Coelho é *bestseller* no Brasil. É também sabido que pessoas dos mais altos escalões do governo brasileiro consultam astrólogos, os búzios e se utilizam dos serviços de médiuns e videntes. As implicações de toda essa abertura para o reino das trevas, argumenta-se, é que dificilmente encontraremos nas igrejas pessoas que foram convertidas como adultas e que não tiveram ao menos uma passagem superficial pelo mundo dos espíritos malignos. Tais pessoas estão sujeitas a ser molestadas, oprimidas e mesmo invadidas por esses espíritos, aos quais deram o direito de entrar em suas vidas no passado, se não anularem estes “pactos” que foram feitos com eles, mesmo que inconscientemente.

Às vezes ocorre que cristãos genuínos que no passado se envolveram de uma maneira ou de outra com práticas ocultas têm dificuldades em crescer em algumas áreas da vida cristã. O mesmo se diria de quem foi alcoólatra, maníaco sexual, cleptomaníaco ou avarento antes de se converter a Jesus Cristo. A pergunta é se o tratamento recomendado nas Escrituras para essas pessoas é a prática de “quebra de maldições”, a anulação de pactos com demônios.

É bem verdade que no Brasil um grande número de convertidos vem de um passado no espiritismo e na umbanda. Ainda assim, Satanás não tem mais nenhum direito sobre eles, pois suas dívidas foram removidas pelo sangue de Jesus na cruz. Todos os pactos, acordos, votos e trabalhos que foram feitos com os demônios quedam anulados, na vida do que crê, pela poderosa obra redentora de Cristo. As reivindicações dos espíritos malignos sobre pais-de-santo agora convertidos a Cristo são ilegítimas.

Os apóstolos e seus convertidos do paganismo

A verdade é que não existe qualquer mandamento dado pelo Senhor aos seus apóstolos para que quebrem maldições e anulem pactos demoníacos dos novos convertidos vindos do paganismo. Escrevendo cartas às igrejas, os apóstolos não as instruíram a fazer

nada parecido. E o que é mais significativo, não há qualquer registro de coisa semelhante no livro de Atos, que narra o trabalho missionário de Pedro e de Paulo. O mundo em que os apóstolos pregaram o Evangelho era infestado pelo ocultismo e pela idolatria, possivelmente de maneira tão intensa quanto o Brasil de hoje. Muitos dos convertidos pelos apóstolos vieram de um passado de ocultismo, artes mágicas e feitiçaria. Entretanto, em nenhum momento os apóstolos consideraram necessário acrescentar ao arrependimento e à fé coisas como quebra de maldições ou anulação de pactos com espíritos.

Um dos locais mais infestados era Éfeso. A cidade era conhecida como um centro de artes mágicas e pelo culto à deusa Artemis (Diana). Essa deusa da mitologia grega era tida como a deusa do submundo, que controlava os espíritos da natureza e dos animais selvagens. Sua imagem era coberta com os símbolos do Zodíaco, para lembrar aos adoradores de Éfeso que ela era uma divindade cósmica, com controle sobre os espíritos determinantes do destino.¹⁶ Quando Paulo ali pregou o Evangelho muitos efésios se converteram a Cristo, boa parte dos quais havia se envolvido com artes mágicas, e certamente com o culto a Diana (At 19.18-20, 26-27). Como testemunho público de que *já haviam sido libertos e resgatados* pelo poder do Espírito Santo, vieram a público queimar seus livros de magia negra. Não foi pelo atear fogo naqueles livros que ganharam sua plena libertação. Eles já haviam sido libertados, quando creram (At 19.18). Mais tarde, quando lhes escreveu a carta que conhecemos como Efésios, o apóstolo Paulo não sentiu nenhuma necessidade de instruí-los a quebrar maldições que fossem resultado de pactos ainda pendentes com o antigo culto aos demônios com que se haviam envolvido no passado.

Antes, em sua primeira viagem missionária, Paulo havia levado a Cristo o procônsul Sérgio Paulo, na ilha de Chipre (At 13.4-12).

16 Clinton E. Arnold, *Powers of Darkness: Principalities & Powers in Paul's Letters* (Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1992), 149-50.

Sérgio Paulo havia se envolvido com artes mágicas, pois tinha ao seu lado um judeu mágico, um bruxo, chamado Barjesus. Possivelmente era seu conselheiro espiritual, conforme a prática antiga – e bem moderna! – de oficiais e governadores consultar videntes antes de tomarem decisões.¹⁷ Após a conversão de Sérgio Paulo, o apóstolo nada lhe recomendou em termos de quebrar os pactos antigos feitos com os espíritos malignos através dos serviços do bruxo.

Outro exemplo de como os apóstolos tratavam convertidos que vinham do ocultismo é o relato da conversão dos samaritanos em Atos 8. Lemos ali que os samaritanos em peso seguiam a Simão Mago, um bruxo que praticava artes mágicas e que era o líder espiritual da cidade ou da região (At 8.9-11). Certamente a maioria dos moradores da cidade já havia, uma vez ou outra, se envolvido com Simão através de consultas, “trabalhos”, invocação de mortos e outras práticas ocultas populares naquela época. Quando Felipe ali chegou pregando o Evangelho no poder do Espírito, muitos deles lhe deram crédito e foram convertidos a Cristo. Felipe os batizou (At 8.12). O próprio bruxo foi batizado (8.13). Mais tarde, os apóstolos vieram de Jerusalém examinar esses convertidos. Nada acrescentaram ao que Felipe já havia feito, a não ser orar para que os convertidos recebessem o Espírito Santo – procedimento necessário para que ficasse claro que, à semelhança dos judeus no dia de Pentecostes, outros povos podiam também ser aceitos na Igreja de Cristo (At 8.16-17). Nenhuma palavra sobre o passado deles na feitiçaria! Nenhuma instrução a Felipe para que anulasse os pactos demoníacos daquela gente! Os apóstolos consideraram que a obra de Cristo entre os samaritanos, convertendo-os, *era suficiente para romper os antigos laços de pecado, ignorância, superstição e incredulidade.*

E mesmo quando o bruxo deu sinais de que ainda estava “amarrado” ao seu passado, a orientação de Pedro foi: “*arrepen-*

17 *Ibid.*, 32.

de-te... e roga ao Senhor” (At 8.22). Pedro viu que Simão estava ainda *“em fel de amargura e laço de iniquidade”* (At 8. 23), mas não julgou que a solução seria “anular” os compromissos do bruxo com o mundo dos espíritos. A solução era um arrependimento verdadeiro e oração ao Senhor.

A tendência dessas ênfases da “batalha espiritual”, portanto, acaba sendo a de diminuir o poder e a eficácia da suficiência de Cristo na vida do crente, ao introduzir a necessidade da quebra de maldições hereditárias como condição para que o crente verdadeiro usufrua plenamente das bênçãos que Deus lhe tem reservado em Cristo.¹⁸

Obsessão doentia pelo mundo dos espíritos

A tendência da “batalha espiritual” de criar em seus adeptos uma *obsessão doentia pelos espíritos malignos* é outra preocupação. Muitos estão *fascinados pelo mal*.¹⁹ Felizmente isso não acontece com todos os adeptos do movimento. Entretanto, pessoas menos preparadas que se envolvem com a visão de um mundo povoado de demônios e anjos maus à procura das mínimas brechas para se apossarem de suas vidas, acabam ficando obcecadas por Satanás e os demônios. Vêm Satanás em qualquer coisa, como em resfriados, dores de cabeça, no microfone do preletor que deixa de funcionar, no copo de leite que cai, no comportamento anormal dos filhos.

É claro que Satanás nos ronda como leão faminto e que seus demônios procuram, sempre que possível, nos assaltar, tentar, afligir e nos levar ao pecado. Mas, como veremos mais adiante, espíritos malignos não são a única explicação bíblica para os males que

18 Às vezes o ataque parece ser consciente. Em seu livro, Itioka qualifica a confiança do crente na obra de Cristo como “ufanismo festivo” e “triumfalismo vazio”, um empecilho ao progresso da igreja (“A Igreja e a Batalha Espiritual”, 17). Como um bom corretivo para essa ênfase desequilibrada de Itioka, recomendo o livro de John MacArthur, *A Suficiência de Cristo*, especialmente o capítulo sobre “batalha espiritual”.

19 Romeiro, *Evangélicos em Crise*, 116.

ocorrem no mundo. Aviões podem cair, furacões podem destruir, pessoas podem ficar doentes, tomar decisões erradas em suas vidas, estragar seus casamentos, sem que necessariamente haja demônios diretamente responsáveis por essas coisas. Vivemos num mundo decaído, que geme e suporta dores debaixo do cativeiro da corrupção por causa do pecado do homem (Rm 8.18-25). Além disso, Deus também intervém na existência humana em julgamento trazendo por vezes desastres, sofrimento e dor, com o objetivo de levar os homens ao arrependimento (Jr 5.3; Ap 9.20-21; 16.8-11). É uma distorção do ensino bíblico atribuir exclusivamente aos demônios os males que acometem a humanidade.

O modo pelo qual o movimento de "batalha espiritual" encara os males do mundo tende a produzir ministérios de "libertação" onde Satanás tem se tornado o centro. Não que o estejam adorando – certamente que não. Mas há tanta ênfase aos demônios, ao exorcismo, à libertação de males supostamente produzidos por demônios que, se aprouvesse a Deus eliminar agora o diabo e seus anjos, retirando-os do mundo, o ministério de muitos pastores e obreiros das igrejas evangélicas também se acabaria, pois quase só falam, pregam e escrevem sobre isso. As grandes e principais doutrinas das Escrituras são deixadas em plano secundário. O pior de tudo é que ministérios assim têm uma tendência de formar crenças receosas, que não desfrutam da plenitude da alegria, da liberdade em Cristo Jesus, pelo receio que têm de serem invadidos por espíritos malignos.

Cosmovisão ocidental ou oriental?

Na raiz desse problema está a *cosmovisão* da "batalha espiritual", isto é, sua maneira de encarar o mundo.²⁰ Defensores da "batalha espiritual" ensinam que as culturas ocidentais, especialmente a de países desenvolvidos como os Estados Unidos e países

²⁰ Cf. a definição de Timothy M. Warner sobre cosmovisão em *Spiritual Warfare: Victory over the Powers of This Dark World* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1991), 23-32.

da Europa, têm se tornado largamente *secularizadas, racionalistas e materialistas*. Ou seja, as pessoas dessas culturas vivem num mundo onde tudo tem uma explicação natural, normal e lógica. Num sistema assim, dizem os defensores da “batalha espiritual”, não há lugar para se reconhecer a existência de Deus, o sobrenatural, milagres, e nem mesmo a existência e atividade dos espíritos malignos.

Dessa maneira, propõem uma mudança da cosmovisão ocidental para uma cosmovisão oriental, em que há espaço para o sobrenatural, o miraculoso, e para o reconhecimento da atividade satânica hoje.²¹ Nas religiões orientais existe a crença em seres espirituais, que invadem o cotidiano das pessoas e que se associam com objetos pessoais, ancestrais mortos e a própria natureza. É evidente que no Brasil a grande maioria da população segue uma cosmovisão semelhante à dos países orientais antigos, onde o mundo e tudo o que acontece nele é explicado sempre em termos do sobrenatural, da intervenção de anjos e demônios e do próprio Deus. Na raiz dessa cosmovisão brasileira está o misticismo católico, as crenças em espíritos malignos das religiões afro-brasileiras e, mais recentemente, os movimentos pentecostais. A “batalha espiritual” tem adotado esta maneira de encarar o mundo.

Se, por um lado, estão corretos em afirmar que a cosmovisão ocidental é materialista a ponto de negar até mesmo os milagres do Senhor Jesus narrados na Escritura, por outro, é evidente que culturas que têm adotado a cosmovisão oriental têm caído no outro extremo da superstição e do misticismo. Basta que vejamos o abandono do racional e a tentativa de unir ciência e magia, tão em evidência hoje em culturas influenciadas por essa cosmovisão. Talvez um exemplo patente seja a mistura de ciência e magia na trilogia americana *Guerra nas Estrelas*, que marcou o início da ficção científica mística como entretenimento popular e mundial.

21 Essa mudança de paradigmas é defendida, por exemplo, por John Wimber e Kevin Springer (*Power Evangelism* [San Francisco: Harper & Row], 1987), 89; ver ainda Charles Kraft, *Christianity and Culture* (Maryknoll, NY: Orbis, 1977), 53.

Podemos observar ainda que a cosmovisão da “batalha espiritual” deve muito mais a Frank Peretti do que à Bíblia. Lendo os livros escritos pelos defensores do movimento, pode-se perceber claramente a influência da fantasia de Peretti, de um mundo onde anjos e demônios se digladiam nos céus, vencendo ou perdendo de acordo com o nível de cobertura de oração dos crentes, e disputando palmo a palmo os territórios que correspondem aos seus planos estratégicos.²²

Qual a cosmovisão bíblica?

Duas perguntas devem ser feitas neste contexto: primeira, é realmente a cosmovisão ocidental que tem impedido a Igreja de perceber o mundo espiritual como ele realmente é? Será que é por sermos parte de uma cultura secularizada, materialista e racional que não enxergamos o ensino da “batalha espiritual” como a coisa certa? John Armstrong responde que não: os Pais da Igreja, que vieram após os apóstolos, eram quase todos orientais. Mesmo assim, rejeitaram as reivindicações de Montano, que iniciou um movimento no século II, cuja ênfase principal era a restauração na Igreja de todos os dons apostólicos, especialmente línguas, profecia, milagres e sinais. A Igreja oriental rejeitou essas reivindicações e condenou o Montanismo como movimento herético.²³ A segunda pergunta é se a cosmovisão oriental é realmente a cosmovisão apresentada na Bíblia. E a resposta, mais uma vez, é *não*. Obviamente as Escrituras reconhecem a existência e a atuação dos espíritos malignos, mas certamente não nos apresentam um mundo em que tudo o que ocorre é explicado em termos da interferência dessas forças.

É aparente que a cosmovisão da “batalha espiritual” se assemelha mais à do antigo mundo pagão, do que da cosmovisão bíblica.

22 Cf. Wakely, “A critical look”, 158.

23 Armstrong, “In Search of Spiritual Power”, 71. Sobre o Montanismo, veja *Cartas Pastorais: O Espírito Santo Hoje. Dons de Língua e Profecia* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1996) 16, nota 58.

No paganismo grego, influenciado por Homero e pelas religiões de mistério oriundas da Mesopotâmia, Frígia, Egito e Síria, deuses e demônios infestavam o mundo e o cotidiano; a vida e o destino das pessoas dependiam de seus relacionamentos com essas entidades.²⁴ O que temos observado é o início de uma mudança de cosmovisão no mundo ocidental, mas não com retorno à cosmovisão bíblica, e sim ao paganismo.²⁵

Príncipados, potestades e as estruturas sociopolíticas

É dentro dessa cosmovisão paganizada que devemos entender o conceito de *demonização de estruturas sociais, políticas e econômicas*. Segundo adeptos da “batalha espiritual”, essas estruturas podem ser “demonizadas” – invadidas por entidades espirituais malignas, com o fim de oprimir povos, controlar sociedades e evitar que Deus seja glorificado.

Não podemos negar que Satanás tem interesse em espalhar opressão e miséria no mundo. Ele veio para matar, roubar e destruir (Jo 10.10). O que devemos questionar é se existe base bíblica para a idéia de que Satanás faz isso “demonizando” sistemas e estruturas sociopolíticas e econômicas.

As passagens bíblicas mais usadas para defender esse conceito são as das cartas aos Efésios e aos Colossenses em que o apóstolo Paulo faz menção dos “*principados e potestades*” que são os “*dominadores deste mundo tenebroso*” (Ef 1.20-21; 3.10; 6.10-11; Cl 1.16; 2.15). Vários estudiosos têm tentado interpretar essas passagens como sendo uma referência de Paulo às forças econômicas, sociais e políticas que dominam e escravizam o mun-

24 A idéia de que esta era a cosmovisão do mundo pagão do século I foi contestada por Wesley Carr, *Angels and Principalities. The Background, Meaning and Development of the Pauline Phrase hai archai kai hai eksousiai* (Cambridge: Cambridge University Press, 1981). Entretanto, sua contestação tem conseguido poucos adeptos. Veja a crítica de Clinton E. Arnold, “The ‘Exorcism’ of Ephesians 6.12 in Recent Research” em *Journal for the Study of the New Testament* 30 (1987), 71-87.

25 Michael Horton, *Made in America: The Shaping of Modern American Evangelicalism* (Grand Rapids: Baker, 1991), 117-18.

do; seriam as estruturas da existência terrena que sufocariam a vida das pessoas.²⁶ Outros têm procurado combinar com esse conceito o fato óbvio de que Paulo se refere a entidades *espirituais*. Essa interpretação sugere que o apóstolo se refere a demônios que operam nas estruturas e através delas.²⁷ Uma objeção fatal a essas duas linhas de interpretação é que Paulo, todas as vezes que menciona os "principados e potestades" na carta aos Efésios, adiciona a expressão "nos lugares celestiais", uma referência óbvia ao mundo invisível das realidades espirituais.²⁸ Estruturas sociais e localização geográfica não se encaixam neste contexto.

A interpretação mais plausível, portanto, é que a expressão "principados e potestades" nas cartas de Paulo se refere à hierarquia angélica que existe no mundo invisível e misterioso dos anjos, bons e maus (cf. "tronos, soberanias", Cl 1.16). Estes últimos são mencionados em Efésios 6.12. Seu domínio sobre o mundo tenebroso não é exercido através da "demonização" de estruturas ou de regiões geopolíticas, mas através da sua atuação sobre os "filhos da desobediência" (Ef 2.1-3).

O conceito de demonização de estruturas é estranho ao mundo do Novo Testamento. É muito mais um conceito da cosmovisão pagã, que infelizmente tem sido adotado como parte da cosmovisão da "batalha espiritual".

26 Por exemplo: Gordon Rupp em seu livro *Principalities and Powers*, de 1952, e a conhecida obra de Hendrik Berkhof em 1953, *Christ and the Powers* (Traduzido para o espanhol como *Cristo y los poderes*, pela TELL). É importante observar que estas obras são do pós-guerra, quando o mundo havia sido levado a refletir sobre o poder destrutivo de estruturas como o Nazismo.

27 Por exemplo, G. B. Caird (*Principalities and Powers: A Study of Pauline Theology*, 1956), Markus Barth (*The Broken Wall: A Study of the Epistle to the Ephesians*, Judson Press, 1959), e Oscar Cullmann (*Christ and Time*, [Londres: SCM, 1951] e *The State in the New Testament* [Londres: SCM, 1957] 95-114).

28 É o que John Stott indica em *The Message of Ephesians* (Londres: Intervarsity Press, 1979); ver *in loco*; consulte ainda, neste ponto, Peter O'Brien, "Principalities and Powers and their relation to structures" em *Evangelical Review of Theology*, 6/1 (1985), 54-55.

O retorno do maniqueísmo

Outra preocupação nossa é que existe o risco, dentro do movimento, do retorno (se é que ainda não ocorreu!) de uma heresia antiga, rejeitada pela Igreja no início de sua história, de que o mundo é regido pelo embate de duas forças cósmicas iguais, porém opostas entre si, o bem e o mal. Refiro-me ao antigo dualismo entre as forças das trevas e as forças da luz.

A doutrina de Mani

Essas idéias foram absorvidas por Mani, no século III, o fundador da heresia conhecida como maniqueísmo, cuja doutrina principal é que existe um conflito básico no mundo, entre Deus e Satanás. Mani possivelmente formou suas idéias sob a influência do Gnosticismo e do dualismo persa entre o deus do bem e o deus do mal. As idéias de Mani foram confrontadas por Orígenes e depois por Agostinho. A Igreja rejeitou e condenou as idéias de Mani, pois são contrárias ao ensinamento bíblico de que Deus é o Senhor absoluto do universo e de que Satanás é apenas uma das suas criaturas, totalmente sob o seu controle.

Mani redívivo?

Muito embora o neguem em seus discursos, alguns da “batalha espiritual” enfatizam e descrevem o poder de Satanás e seus demônios de tal modo que se tem a impressão de que, na prática, eles acreditam terem esses espíritos poder quase igual ao de Deus. Alguns críticos evangélicos têm chamado a nossa atenção para o fato de que o *ressurgimento do dualismo* nos círculos evangélicos faz parte do massivo retorno ao paganismo que caracteriza a sociedade ocidental moderna.²⁹

29 Ilorton, *Made in America*, 117-18.

A influência da "confissão positiva"

Outra preocupação é com a influência dentro da "batalha espiritual" do conceito da *confissão positiva*. De modo bastante similar aos conceitos do "Evangelho da Prosperidade", os proponentes da "batalha espiritual" parecem atribuir às declarações e "amarrações", feitas em fé, um poder determinativo e final. Isto fica evidente pela ênfase às verbalizações, no conflito com os demônios, de expressões como "eu declaro", "eu amarro" ou outras equivalentes. Após a declaração "está amarrado", o guerreiro espiritual deve aceitar como realidade que o demônio está neutralizado, mesmo que não disponha de nenhuma evidência mais concreta de que isto realmente ocorreu (apelar para Hebreus 11.1 é forçar o sentido da passagem).

A idéia por trás da "confissão positiva" é que as palavras têm poder criador. Pelas palavras da nossa boca podemos criar realidades ao nosso redor. Se declararmos a vitória, a saúde e a prosperidade, elas ocorrerão. O mesmo se confessarmos a derrota. A falácia deste princípio, popularizado por Essek Kenyon, Kenneth Haggin, Kenneth Copeland, Benny Hinn e Valnice Milhomens, entre outros, já foi exposta de maneira clara e convincente por Alan Pieratt em sua pesquisa publicada recentemente em língua portuguesa.³⁰

E a História da Igreja?

Preocupa-nos ainda que as reivindicações do movimento de "batalha espiritual" deixem sem explicação o avanço do Evangelho no mundo inteiro antes da popularização de suas idéias. De que modo os cristãos de séculos passados encaravam o combate com as hostes das trevas? O que a Igreja andou fazendo antes disso?

30 Alan Pieratt, *O Evangelho da Prosperidade* (São Paulo: Vida Nova, 1993), 64-90; 152-170. Veja ainda Hank Hanegraaff, *Christianity in Crisis* (Eugene, Oregon: Harvest House Publishers, 1993), e D. R. McConnell, *A Different Gospel* (Peabody, Massachussetts: Hendrickson Publisher, 1988), edição atualizada, 1995.

A Reforma do século XVI e a libertação da Europa

Calvino, com certeza, nunca utilizou métodos semelhantes aos da “batalha espiritual”. Lutero, que certamente estava consciente da realidade do conflito da Igreja com as hostes dominadoras deste mundo tenebroso, não lançou mão de técnicas como amarrar, destronar, mandar ao abismo e manietar demônios. O máximo que o impetuoso reformador fez foi um dia lançar um tinteiro contra a parede do seu escritório no castelo de Warburg, quando se sentiu assaltado por Satanás, e gritar: “Sai, Satanás!” Ele lançou o tinteiro onde pensava que Satanás estaria. A mancha de tinta, dizem, está lá até hoje!

A Reforma religiosa do século XVI, que libertou parcialmente a Europa do jugo de Satanás naquela época, foi levada a efeito sem nenhuma das técnicas modernas de “batalha espiritual”, e sim pela pregação simples da verdade, de que nós somos justificados pela graça e pela fé em Jesus. Até onde sabemos, nenhum dos líderes da Reforma andou amarrando demônios e destruindo fortalezas, caçando e derrubando Satanás do seu trono. Foi através da pregação simples, poderosa e fervorosa do Evangelho que parte da Europa foi liberta do cativeiro das forças malignas da época. As convicções dos reformadores quanto ao conflito com as hostes malignas podem ser resumidas nas linhas do hino “Castelo Forte”, composto por Lutero:

*Se nos quisessem devorar demônios não contados,
Não nos iriam derrotar nem ver-nos assustados.
O príncipe do mal, com seu plano infernal,
Já condenado está; vencido cairá por uma só palavra.*

Os avivamentos históricos

O que dizer ainda dos grandes avivamentos espirituais dos séculos XVI, XVII e XVIII? O que fazer com nomes como George Whitefield, John Wesley, Charles Finney, Hudson Taylor, Adoniran Judson, Carlos Studd e tantos outros homens de Deus que leva-

ram o Evangelho ao mundo, pregando a outros povos, colonizando países, traduzindo as Escrituras, e que nunca usaram as manobras ensinadas pela "batalha espiritual"?

Geralmente, movimentos radicais que introduzem novos conceitos em suas gerações como se fossem a verdade divina final e definitiva, não têm explicação adequada para a história, a não ser afirmar que seus antecessores laboravam em erro, ou que representam uma fase provisória do progresso da Igreja, ou ainda que não tinham uma fé "completa".

É o caso do moderno movimento de "falar em línguas": se as línguas faladas por seus adeptos fossem um sinal inequívoco do batismo com o Espírito Santo, significaria que os homens e mulheres de Deus que labutaram fervorosa e fielmente nos campos missionários antes do surgimento do movimento pentecostal nunca foram batizados com o Espírito Santo, já que jamais tiveram essa experiência. Entretanto, é inegável que fizeram em suas gerações mais pela divulgação do Evangelho no mundo do que, quem sabe, toda uma moderna geração de "batizados com o Espírito".

"Batalha espiritual": revelação de Deus para os "últimos tempos"?

Tem-se argumentado que os conceitos distintivos da "batalha espiritual" são uma nova revelação de Deus à sua Igreja, para que ela possa enfrentar os ataques satânicos dos últimos tempos. Avaliando o livro de Peter Wagner, *Espíritos Territoriais*, um resenhista observa:

Peter Wagner ... deixa claro que o movimento de "Batalha Espiritual" é a etapa final da preparação que Deus vinha fazendo na Igreja desde a década de 50 (p. 26), preparando o mundo para o grande Armagedom (p. 25). Diante disto, o livro assume um caráter de preciosidade, ao pretender apresentar verdades que haviam permanecido ocultas a milhares de crentes em todas as épocas da Igreja, e que

agora estão sendo reveladas a uns poucos “privilegiados estudantes da Palavra”. Isto pode ser notado quando Wagner concorda e estimula a classificação dos crentes em “crentes médios” (p. 30), e “os guerreiros”, chamados e revestidos do “dom” da “batalha espiritual”. Diz ele: “... somente crentes espiritualmente dotados, chamados com este propósito, poderão aventurar-se nesta guerra” (p. 52 e 53).³¹

Segundo as Escrituras, os últimos tempos já começaram desde Pentecostes (cf. At 2.16-17; 1Co 10.11; 1Jo 2.18; Hb 1.2; 2Pe 3.3). Por que só agora é que esta revelação veio? O maior perigo dessa idéia é introduzir outra fonte de revelação além dos escritos bíblicos, o que representa um ataque frontal à doutrina da suficiência das Escrituras. Se uma doutrina ou prática não pode ser provada pelas Escrituras, a consciência dos crentes não pode ser obrigada a acatá-la. A razão é que a única coisa que obriga nossas consciências é a palavra de Deus. Se tirarmos as Escrituras como critério maior e final da verdade, não há como saber se essas “revelações” extrabíblicas vêm de Deus, do coração humano, ou mesmo dos espíritos enganadores.

Angelologia defeituosa

Guerra nas Estrelas: combate entre os anjos

Outra observação crítica diz respeito ao ensino da “batalha espiritual” sobre anjos. O exemplo clássico são os romances de Frank Peretti.

Peretti é pródigo em narrar em seus romances embates entre os anjos de Deus e os demônios. É verdade que, por serem romances, devemos a Peretti o benefício da licença literária. Entretanto, é evidente que Peretti narra sua história a partir de determinada visão que tem do mundo angelical. E nesse seu mundo, anjos e demônios se digladiam freqüentemente, de acordo com os even-

31 Cf. *Fides Reformata* 2/1 (1996), 134.

tos que se desenrolam nas áreas geográficas pelas quais são responsáveis. A pergunta é se as Escrituras nos informam acerca desses embates e se eles têm qualquer influência nas orações que a Igreja deve fazer.

Uma passagem do Apocalipse que merece destaque nessa conjuntura é a que descreve uma batalha no céu entre Miguel e seus anjos contra o dragão e seus anjos, em que Satanás é derrotado e lançado à terra (Ap 12.7-9). O evento histórico a que essa guerra celestial corresponde tem sido bastante discutido. Para alguns, refere-se à queda de Satanás no princípio, quando se revoltou contra Deus e foi expulso dos céus. Para outros, à vitória final de Cristo, ainda por ocorrer no fim dos tempos. O contexto, entretanto, parece favorecer outra interpretação, ou seja, que esta derrota de Satanás nas regiões celestiais corresponde à vitória de Cristo, faz quase dois mil anos, ao morrer e ressuscitar, já que ela aconteceu "por causa do sangue do Cordeiro" (Ap 12.10; cf. Jo 12.31; 16.11).³²

Não é difícil entender o simbolismo dessa passagem. João narra em Apocalipse 12.13-17 como o dragão vermelho, a antiga serpente, não podendo mais alcançar o filho da mulher, se volta para pelejar contra ela e contra os seus descendentes. Nos versos 17 e 18 lemos:

"Trou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar contra os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs sobre a areia do mar."

Quem são os participantes desse conflito? Temos o grande dragão vermelho que o próprio texto identifica como sendo Satanás, o sedutor de todo o mundo, o acusador dos irmãos. As estrelas que ele derriba com sua cauda, facilmente se percebe, são seus anjos, anjos caídos que estão sob seu controle e que executam suas ordens. Outros participantes são o arcanjo Miguel e os seus

32 Uma das melhores defesas deste ponto de vista é a de William Hendriksen, *Mais que Vencedores*, trad. Valter G. Martins (São Paulo: Cultura Cristã, 1987).

anjos. Outro ainda é a figura da mulher. Uns acham que se refere a Israel, outros acham que é a Igreja. Pessoalmente, entendo que simboliza o Israel de Deus, o Israel fiel do Antigo Testamento, portanto a Igreja de Deus, de onde veio o Messias, o Filho que havia de reinar sobre toda a terra. Este é o outro participante, Jesus Cristo. O texto, de maneira clara, refere-se a ele como o filho da mulher que foi arrebatado até o céu. A seguir, temos participantes humanos, que são o restante da descendência da mulher, os cristãos, que venceram pelo sangue do Cordeiro e pela Palavra do seu testemunho.

O apóstolo João está descrevendo as tentativas de Satanás de destruir o Messias, que vêm ocorrendo na História desde o início da criação, quando Deus anunciou ao próprio Satanás no Jardim do Éden a vinda de alguém que lhe esmagaria a cabeça. Satanás, o grande dragão, a antiga serpente que estava no Éden, sabia disso. Vemos no Velho Testamento todos os esforços que ele fez para eliminar a semente santa, a começar com o assassinato de Abel. Mas finalmente Jesus veio. Satanás pensou que havia sido vitorioso quando Cristo foi pendurado no madeiro, mas ali o Senhor triunfou sobre ele. João representa em Apocalipse 12 a vitória de Cristo sobre Satanás revelando o que se passou no palco celestial, além das vistas humanas.

Assim, o conflito do Senhor no Getsêmani e na cruz teve seu correspondente nos céus, na luta entre Miguel e seus anjos e Satanás e seus anjos. O triunfo do Salvador na terra acarretou a expulsão de Satanás dos céus: ele é vencido e lançado fora. Logo em seguida, no texto, quando João diz que o Filho subiu aos céus, vem a declaração de vitória: *“agora veio a salvação... o reino do nosso Deus”* (Ap 2.10) e a afirmação de que a Igreja venceu pelo sangue do Cordeiro. Na cruz do Calvário Jesus triunfou sobre Satanás, esmagou-lhe a cabeça e se tornou mais do que vencedor. O que fez o dragão? Ele se lançou contra a mulher e os seus descendentes. Já que não pode mais destruir Jesus, vai em busca dos seus seguidores.

Não sabemos o que está acontecendo agora no mundo angelical. Apocalipse 12 é apenas um vislumbre que Deus nos deu do que ocorreu no mundo invisível num momento crucial da história da salvação. Não nos é revelado o que ocorre no cotidiano das regiões celestiais; as Escrituras não nos encorajam a pesquisar o mundo angélico invisível.³³ Em seu romance *Este Mundo Tenebroso*, Frank Peretti descreve em várias ocasiões escaramuças imaginárias nos céus entre os anjos de Deus e os demônios. Naturalmente, tudo não passa de ficção e da fértil imaginação de Peretti, pois nem ele, nem ninguém, sabe o que realmente se passa no misterioso mundo angelical, além do que as Escrituras nos revelam.

À semelhança do Antigo Testamento, o Novo é reservado em narrar essas pelejas celestiais, e se limita a registrar dois confrontos do arcanjo Miguel com Satanás (Jd 9; Ap 12.7-9). Não temos condições de saber quais as razões para estes embates entre anjos, e nem quão freqüentemente eles ocorrem no misterioso mundo celestial.

Espíritos Territoriais

Já falamos alguma coisa sobre “espíritos territoriais”. Apenas mais uma palavra. Digno de nota é o fato de que Miguel, que no Antigo Testamento aparece como o guardião de Israel, surge no Novo Testamento como o defensor da Igreja, liderando as hostes angélicas contra Satanás e seus demônios, que procuram destruir a obra de Deus (Ap 12.7-9). Sua área de ação não é mais o território de Israel, mas o mundo, onde quer que a Igreja esteja. A constatação deste fato deveria moderar a fascinação de muitos, hoje, pela idéia de *espíritos territoriais*, maus ou bons, que seriam supostamente responsáveis por determinadas regiões geográficas e que se embatem em busca da supremacia sobre aqueles locais. É possível que as nações ou outras regiões tenham seus príncipes

33 Cf. Augustus N. Lopes, “Anjos no Novo Testamento”, em *Ultimato* 240 (maio, 1996), 31-34.

angélicos, bons ou maus, mas esta idéia não exerce qualquer função ou influência no ensinamento do Novo Testamento quanto aos anjos e à sua participação na luta da Igreja contra os “*principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso*” (Ef 6.12).

Enquanto no livro de Daniel os anjos caídos aparecem relacionados com determinados territórios, no Novo Testamento eles aparecem não mais relacionados com unidades geopolíticas, mas com este mundo como um todo. O conflito regionalizado geograficamente do Antigo Testamento tomou caráter universal e cósmico com a vitória de Cristo. O diabo e seus príncipes malignos são apresentados no Novo Testamento como dominadores, não de determinadas regiões geográficas, mas “deste mundo tenebroso”. E os anjos agora servem aos servos de Deus em qualquer região geográfica do planeta onde se encontrem (Hb 1.16). Este ponto é reforçado pelo fato de que o apóstolo Paulo, que demonstra ter conhecimento do livro de Daniel (inclusive pelo uso do termo *archwn*, potestade, governante, autoridade), nunca faz qualquer conexão entre as potestades malignas e determinada região geográfica das muitas pelas quais passou pregando o Evangelho.³⁴

Não há realmente qualquer passagem bíblica no Novo Testamento que possa ser empregada para provar que o domínio de regiões geopolíticas por demônios designados por Satanás deva ser levado em consideração pela Igreja de Cristo em sua tarefa missionária. Em seu artigo sobre “espíritos territoriais e missões mundiais”, Peter Wagner apela para Efésios 6.12 como evidência de que temos de guerrear essas entidades a níveis elevados, nos lugares celestiais. Mas a passagem não está dizendo isso, tampouco sugere que esses “principados e potestades” ocupem unidades geopolíticas. Muito menos a parábola do “valente” em Mateus 12.24-29 e paralelos. Wagner diz que se o “valente” controla uma casa, por que não uma nação, uma cidade, uma tribo?³⁵ Mas é

34 Cf. Arnold, *Powers of Darkness*, 99.

35 Wagner, “Territorial Spirits”, 280.

evidente que este não é o ponto de Jesus ao narrar esta parábola. Além do mais, "casa" não é para ser tomada literalmente, como um local físico, mas como uma figura do reino de Satanás que estava sendo "saqueado" por Jesus, como o contexto claramente indica (cf. Mt 12.25-28). Wagner apela ainda para o encontro de Paulo com o bruxo Elimas (At 13.6-13). Para ele, a passagem é um exemplo da quebra do poder de um espírito maligno sobre um local, através do confronto vitorioso com um bruxo. Mas o próprio Wagner é obrigado a admitir que Paulo não menciona nem se dirige a qualquer espírito maligno, que porventura seria a potestade de Chipre, não lhe dá ordens, ou coisa do gênero. Se havia um "príncipe de Chipre", Paulo o ignorou totalmente. Não há nada na passagem, inclusive, sugerindo que a conversão do procônsul Sérgio Paulo tenha sido resultado da libertação da ilha do poder daquela potestade demoníaca.³⁶

O fato é que não há no Novo Testamento qualquer relação entre a expulsão de espíritos malignos, que supostamente são potestades locais, e a "libertação" dessas localidades para o Evangelho. Este fato transparece claramente em pelo menos duas ocasiões do ministério do Senhor Jesus. Quando ele chegou à região do outro lado do Mar da Galiléia encontrou um homem possesso por uma "legião" de demônios (Mc 5.1-9). Não houve qualquer "quebra" do suposto poder dos demônios sobre aquela região, quando Jesus os confrontou e expeliu (Mc 5.13). Com exceção do geraseno liberto por Jesus (Mc 5.18), toda a população daquela região rejeitou a Jesus, pedindo que ele fosse embora dali (Mc 5.17). O mesmo ocorreu com a cidade de Cafarnaum. Embora Jesus tenha realizado ali um grande número de exorcismos, a cidade permaneceu incrédula e mereceu uma severa repreensão por parte do Senhor Jesus (Mt 11.23-24).

Poderíamos ainda lembrar que, apesar do número elevado de expulsões de demônios realizadas por Jesus em seu ministério,

36 *Ibid.*, 281.

as regiões onde ocorreram (Galiléia e Judéia) permaneceram na incredulidade, nas trevas e no pecado. Ao fim do seu ministério, o Senhor contava com apenas um punhado de seguidores.

Na verdade, o ensino do Novo Testamento é que os demônios desejam *pessoas* nas quais habitar, e não regiões, cidades ou casas. O Senhor Jesus ensinou que quando o espírito imundo sai do homem, “*anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra*” (Mt 12.43). E, finalmente, resolve voltar para a “casa” de onde saiu, que é o homem (12.44). E junto com outros, ali estabelece sua morada (12.45).

Todo mal vem do diabo?

Uma *última* preocupação é com a doutrina básica do movimento, ou seja, que todos os males que acometem o mundo, a Igreja e os cristãos individualmente são produzidos por demônios e que, portanto, a solução é sempre confrontar e expelir essas entidades malignas. Esta é a pressuposição mais básica do movimento. Tudo o mais permanece em pé ou cai com esta doutrina.

Mal moral e mal circunstancial

Creio que David Powlison já apresentou uma análise satisfatória desse princípio fundamental.³⁷ Portanto, limitar-me-ei a resumir a decomposição meticulosa que ele faz do conceito.

Powlison aponta para o fato de que o mal existe no mundo sob duas formas, ambas reconhecidas claramente nas Escrituras: o mal *moral* e o mal *circunstancial*. No primeiro caso, temos o pecado, em todas as suas formas variadas. No segundo, a miséria, a dor, o sofrimento, as doenças, enfim, as circunstâncias que causam pesar e sofrimento aos homens. Estes males são resultado do mal moral que existe no universo. Enquanto que o mal moral em si é o resultado da desobediência do homem, tentado ou não pelo

37 Powlison, *Power Encounters*, 63-76.

diabo, males circunstanciais podem em algumas ocasiões ser o resultado da ação direta de demônios.

Powlison destaca o fato claro nos Evangelhos de que Jesus, ao enfrentar o mal que encontrava à sua frente, adotava duas táticas diferentes, dependendo se o mal era moral ou circunstancial. Quando o Senhor se defrontava com pessoas aflitas por doenças ou sofrendo como resultado direto da possessão demoníaca, ele expelia os demônios responsáveis por aquelas circunstâncias. Seu método era expulsar, expelir, mandar embora aquelas entidades perversas e, desta maneira, sanar os males. Mas quando o Senhor encontrava pessoas aflitas pelo pecado, seu método invariável era perdoá-las e orientá-las a que não pecassem mais. O caso clássico é o da mulher apanhada em flagrante adultério (Jo 8). Outro, é o do paralítico trazido por quatro amigos (Mc 1.1-12). Quando se tratava de uma aflição produzida pelo pecado pessoal, o método do Senhor era curar a doença e levar a pessoa a abandonar o pecado e ter uma vida reta, como fez com o paralítico de Betesda (Jo 5.14). O ponto central é que o Senhor Jesus não expelia demônios quando enfrentava o pecado. Powlison acredita que a "batalha espiritual" tem falhado em perceber essa distinção básica. Como resultado, confundem os dois tipos de males e empregam sempre uma mesma tática para resolver qualquer tipo de mal, ou seja, a expulsão de demônios, mesmo quando o que está em jogo é o pecado.

Enfrentando o pecado: exorcismo ou santificação?

Um exemplo deverá esclarecer este ponto. Suponha que você esteja sofrendo com imagens mentais eróticas há muito tempo e, por mais que tente, não consegue se livrar delas, o que lhe traz profunda tristeza e depressão. Você procura a ajuda de um pastor, obreiro ou conselheiro que segue os ensinamentos da "batalha espiritual". É quase certo que você vai ouvir dele que existe um demônio da lascívia entrincheirado em sua vida e que é necessário expeli-lo.

Ou seja, seu problema é um caso de “demonização”. É possível que, após a sessão de exorcismo, você se sinta melhor e liberto. Em muitos casos isso não ocorre, e em breve você estará de volta para outra sessão. Às vezes, esse processo demora meses. É possível que você seja até mesmo instruído a expelir de si próprio este demônio, quando ele retornar.

Nesse tipo de aconselhamento há pouco espaço para os métodos antigos, como arrependimento, confissão e admissão da própria culpa. Antes do surgimento deste movimento, pensamentos eróticos reincidentes eram considerados como sendo da responsabilidade do próprio indivíduo, que os alimentava de alguma maneira. A solução era confessar a Deus as vezes em que permitimos e alimentamos esses pensamentos, e tomar as providências para que os mesmos não encontrassem mais lugar. O crente era orientado a “resistir ao diabo”, com a promessa que ele haveria de fugir (Tg 4.7). Não se resolvia culpa pessoal com exorcismo, nem se substituía a responsabilidade individual por demonização.

O movimento de “batalha espiritual” confunde essas coisas, o que tende a causar confusão e privar o crente de experimentar a verdadeira libertação do domínio do pecado em sua vida. Esta provém do exercício diário da mortificação da natureza pecaminosa, com base na sua crucificação com Cristo (Rm 6.6; 8.13). A solução para as obras da carne não é a expulsão de espíritos que supostamente nos escravizam a praticar esses pecados (um conceito estranho ao ensinamento bíblico), mas viver uma vida no Espírito (Gl 5.16-26).

Pode um crente ficar “possesso”?

Aqui somos confrontados com mais um ensinamento questionável da “batalha espiritual”, ou seja, que um genuíno crente pode ficar sob o controle efetivo de um ou mais demônios, que habitam sua mente. Poucos assuntos têm provocado tanta polêmica como este. É conveniente que lhe dediquemos alguma aten-

ção. No que se segue abordaremos alguns dos principais aspectos da questão.

O ensino da “batalha espiritual”

Possesso ou demonizado?

Para entender bem esta questão é necessário que estejamos conscientes de que defensores da “batalha espiritual” fazem uma distinção entre *possessão demoníaca* e *demonização*. Muitos deles criticam os tradutores da Versão King James (produzida no século XVII, e que, possivelmente, ainda seja a versão inglesa mais popular no mundo ocidental) por traduzir o termo *daimonizomai* e seus cognatos por “possessão demoníaca” e, assim, colocar a Igreja no trilho errado durante séculos.³⁸ A Bíblia em português de Almeida segue esta tradução.³⁹

A expressão “possessão demoníaca” e mesmo “endemoninhamento”, segundo Gilberto Pickering, implica na posse por parte de Satanás da vida e do destino de uma pessoa.⁴⁰ Neste caso, só há duas opções: ou alguém está possuído por um espírito maligno, ou não está. O ponto defendido por Pickering é que existem *graus diferentes* em que uma pessoa – mesmo um crente – fica sob o controle e influência de Satanás. Daí a preferência pela tradução “demonizado” ou “endemoninhado”, pois expressa a idéia de que uma pessoa, mesmo um crente, pode ter alguma área de sua vida sob o controle parcial de um ou mais demônios, sem necessariamente estar “possesso” por eles. Powlison, em sua crítica à “batalha espiritual”, descreve este conceito fazendo um paralelo

38 Veja Ed Murphy, *Handbook*, 49-50. A expressão *daimonizomai* ocorre cerca de 13 vezes no Novo Testamento, cf. Mt 4:24; 8:16; 8:28; 8:33; 9:32; 12:22; 15:22; Mc 1:32; 5:15; 5:16; 5:18; Lc 8:36; Jo 10:21. Uma expressão paralela é *echein daimonion*, “ter um demônio”, que ocorre em Lc 4:33, 7:33, 8:27; Jo 7:20. E ainda, *echein pneuma*, “ter um espírito [maligno ou imundo]”, cf. Mc 9:17; Lc 4:33; At 8:7; 16:16; 19:13.

39 Cf. as críticas de Gilberto Pickering, *Guerra Espiritual: Estratégias Missionárias de Cristo* (Rio de Janeiro: CPAD, 1987), 116.

40 *Ibid.*, 116-117.

entre a personalidade humana infestada em diversas áreas por demônios e o disco rígido de um computador, em que determinadas áreas estão infectadas por um ou mais vírus.⁴¹

Muitos defensores da “batalha espiritual” negam que um crente pode ficar possesso de um espírito imundo, mas afirmam que ele pode ficar “demonizado”, isto é, com alguma área de sua vida sob o controle de um ou mais demônios.⁴² Na verdade, vão a ponto de dizer que não existe “possessão demoníaca” nem mesmo de incrédulos — o que há é “demonização”.⁴³ Conseqüentemente, a explicação que dão para um comportamento moral ilícito é de que os demônios do pecado estão entrincheirados no coração humano.

Crentes demonizados

Em que consiste, então, a “demonização” de um crente? Segundo a “batalha espiritual”, a “demonização” é uma influência maligna na vida do crente, superior àquela da tentação, em que um ou mais demônios vêm habitar nele, fazendo-o ficar confuso, incrédulo e especialmente escravizado a determinados hábitos pecaminosos. O crente cai vítima desta opressão demoníaca por causa de seus pecados ou por causa dos pecados de outros contra ele, como a molestação sexual durante a infância.⁴⁴ A “demonização” de um crente verdadeiro pode ocorrer ainda por vários outros motivos: o pecado de seus antepassados, ódio, amargura e rebelião durante a infância, pecados sexuais, maldições e pragas rogadas por outros e envolvimento com o ocultismo.⁴⁵

Tais motivos dão autoridade aos demônios para invadir o crente. O mesmo ocorre por causa de maldições hereditárias. Qualquer que seja a causa, os demônios invadem a vida dos crentes e neles habitam. Permanecem em constante conflito com o Espírito

41 Powlison, *Power Encounters*, 30.

42 Cf. Murphy, *Handbook*, 50-51; Cabezas, *Desmascarado*, 216-19.

43 Murphy, *Handbook*, 51.

44 Murphy defende veementemente este ponto, cf. *Ibid.*, 449-462.

45 *Ibid.*, 437-48. Cf. Itioka, “A Igreja e a Batalha Espiritual”, 61-63.

Santo, que também habita nos crentes.⁴⁶ Segundo alguns, esses demônios invasores podem ficar habitando o corpo ou a alma deles.⁴⁷

O efeito da demonização de crentes, segundo Murphy, é uma vida em pecado, geralmente nas áreas de práticas sexuais ilícitas, ódio, mágoa, rancor, rebelião, sensação de culpa, rejeição e vergonha, atração pelo ocultismo e pelo mundo dos espíritos.⁴⁸ Segundo Murphy, o processo de demonização de um crente é geralmente o seguinte: o primeiro demônio invade a sua vida e abre as portas para que outros venham. Se não forem detectados e expulsos, permanecerão lá, habitando o crente, e gradativamente ganharão controle sobre as suas emoções, até finalmente atingirem o centro de sua personalidade. Crentes demonizados não poderão prosseguir sozinhos na vida cristã; precisam de ajuda de alguém que expulse essas entidades de sua vida.⁴⁹

Avaliação crítica

O que poderíamos responder a essas idéias tão estranhas ao Cristianismo histórico? Para começar, mudar a tradução de *daimonizomai* ("possessão demoníaca") para "demonização" não resolve. Persiste o problema levantado pela sugestão de que crentes verdadeiros podem se tornar escravos de demônios, mesmo que seja em apenas algumas áreas morais da sua vida. Embora "demonização" traduza de forma mais literal a expressão bíblica, "possessão demoníaca" expressa melhor o seu sentido. Alguém "demonizado" na realidade está sob o controle de um demônio. Existe alguma área de sua vida – ou sua vida toda – que está *posuída* por aquela entidade. É este o sentido da expressão.

Nos casos mencionados nos Evangelhos e Atos, os endemoninhados estavam afligidos por distúrbios, quer mentais quer físicos que produziam paralisia, cegueira, surdez, loucura, reações

46 Murphy, *Handbook*, 429-30.

47 Itioka, "A Igreja e a Batalha Espiritual", 65.

48 Murphy, *Handbook*, 433-44.

49 *Ibid.*, 434.

semelhantes à epilepsia, cf. Mt 4.24; 8.28; 9.23; 12.22; 15.22. Seus corpos e mentes haviam sido invadidos por demônios. A causa pela qual esses demônios entraram nessas pessoas nunca é citada no Novo Testamento. O efeito é que tais pessoas viviam sob o controle desses seres, que não somente as afligiam, mas as haviam privado da razão, às vezes da saúde e do controle físico.

Nos Evangelhos, as atitudes e reações das pessoas “demonizadas” são atribuídas aos demônios que as invadiram (ver Mc 3.11; Mt 8.31; Mc 1.26; Lc 4.35; At 5.16; *et al*). Portanto, não é de admirar que os tradutores, quase universalmente, têm traduzido o verbo *daimonizomai* indicando possessão demoníaca. É que se trata da invasão de demônios na vida, no corpo, na mente e na personalidade das pessoas, a ponto de escravizá-las a certos pecados e atitudes. Admitir que um crente esteja “demonizado” é admitir que ele está sob o controle de Satanás, cativo da sua vontade, impelido a essas atitudes compulsivas. E, portanto, mesmo que a terminologia seja trocada, permanece a questão: pode um crente ter demônios habitando seu corpo, o qual é igualmente habitado pelo Espírito Santo?⁵⁰

A questão é realmente aguda, pois a Escritura ensina que o crente está assentado com Cristo nos lugares celestiais, acima de todos os principados e potestades (Ef 1.21-22). O crente está em Cristo, e Cristo nada tem a ver com o maligno (Jo 14.30). E, naturalmente, o diabo não toca os que são de Cristo (1Jo 5.18), pois o que está no crente (o Espírito Santo) é maior que os espíritos malignos que habitam este mundo (1Jo 4.4).

Espíritos malignos ou pecado?

Os demônios denominados pela “batalha espiritual” como sendo demônios da lascívia, do ódio, da ira, da vingança, da em-

50 Pickering, na tentativa de evitar o problema criado pela palavra do apóstolo João de que o diabo não toca o que é nascido de Deus (1 Jo 5.18), chega a ponto de dizer que essa passagem se refere apenas à nova natureza dentro do crente, enquanto que a velha natureza é sujeita a invasões demoníacas! (cf. *Guerra Espiritual*, 118-20). É um exemplo claro de uma exegese a serviço de conceitos teológicos preconcebidos.

briaguez, da inveja e assim por diante, não aparecem no Novo Testamento. Essas coisas são, na verdade, as obras da carne mencionadas por Paulo em Gálatas 5.19-21. A solução para esses pecados não é expulsar demônios que supostamente os produzem, mas arrependimento, confissão e santificação. O conceito de "crente demonizado", em vez de produzir a mortificação da nossa natureza pecaminosa como as Escrituras determinam (Cl 3.8; Rm 8.13), fornece uma desculpa e uma racionalização para o pecado, que a nossa natureza pecaminosa sempre é rápida em usar.

Falta de ensinamento e de exemplos bíblicos

Além disso, falta a necessária comprovação bíblica de que podemos e devemos expulsar demônios da vida de crentes verdadeiros. Jesus nunca expulsou demônios de quem era seu discípulo — Maria Madalena, de quem Jesus expulsou sete espíritos malignos, certamente se converteu naquela ocasião (Lc 8.2). Os apóstolos, igualmente, nunca expulsaram demônios de crentes das igrejas locais. O Novo Testamento é absolutamente silencioso a este respeito.

E silencia igualmente quanto às causas que levaram determinadas pessoas a ficarem endemoninhadas. O Novo Testamento apenas descreve o encontro de Jesus e dos apóstolos com pessoas endemoninhadas, mas em nenhum caso revela como o endemoniamento aconteceu, se foi por causa de pecados pessoais, pelos pecados de outros, por maldições hereditárias, ou qualquer outro dos motivos alegados pelos proponentes da "batalha espiritual". Não devemos tentar satisfazer a nossa curiosidade baseados apenas em especulações e experiências pessoais.

Análise da suposta base bíblica

Na verdade, as passagens bíblicas usadas pelos defensores da "batalha espiritual" para defender o conceito de diferentes graus de demonização de crentes não servem de suporte real à idéia. Powlison analisa as principais passagens usadas para defender esta

tese, e mostra claramente que elas não defendem o que os defensores da “batalha espiritual” pretendem.⁵¹ Estas passagens são:

1. *Atos 10.38*. O texto mostra apenas que Jesus, tendo sido ungido por Deus, ia por toda a parte libertando os “oprimidos” pelo diabo. O termo “oprimidos” (*kata dunasteuomenous*) significa “os que estão sob o controle e o poder de alguém”, que os machuca, maltrata, sufoca — daí a tradução “oprimidos”. A passagem não define quem eram esses sob o poder do diabo; sabemos pelos relatos dos Evangelhos que eram judeus e às vezes gentios que moravam nas regiões onde Jesus passou evangelizando. Não há nenhum caso nos Evangelhos de expulsão de demônios de verdadeiros discípulos de Jesus. Powlison aponta para o fato de que em todo o capítulo 10 de Atos o ensinamento gira em torno de arrependimento, fé e vida reta.⁵² O fato de que Jesus libertou muitos judeus do poder dos demônios tem sido usado às vezes como argumento para provar que crentes verdadeiros podem ficar endemoninhados. Não eram os judeus o povo de Deus no Antigo Testamento? A mulher encurvada, que por muitos anos foi mantida cativa por Satanás, não era “filha de Abraão”, como o próprio Jesus disse (Lc 13.16)? A isso podemos responder que casos como o da mulher encurvada (apenas uma entre outras judias a quem Jesus libertou) podem somente confirmar o que já sabemos, ou seja, que *membros de igrejas evangélicas* podem verdadeiramente ficar endemoninhados. Tais casos relatados nos Evangelhos não provam que *crentes verdadeiros* podem ser possessos. A expressão “filhos de Abraão” é usada no Novo Testamento, não como uma designação de um verdadeiro judeu (do tipo que Paulo descreve em Romanos 2.28,29) mas dos judeus em geral, descendentes naturais de Abraão. Os fariseus, inimigos ferrenhos de Jesus, consideravam-se “filhos de Abraão” (Mt 3.9), mas João Batista disse que até de pedras mortas Deus podia criar filhos de

51 Powlison, *Power Encounters*, 128-29.

52 *Ibid.*, 128.

Abraão (Mt 3.9b). Quando os judeus disseram a Jesus que eram descendentes de Abraão (Jo 8.33), Jesus replicou que os verdadeiros filhos de Abraão praticam as obras de Abraão (Jo 8.39). O que quero mostrar é que, considerando que nem todo judeu, descendente de Abraão, era necessariamente um filho de Deus no sentido evangélico, não podemos usar os casos em que Jesus expeliu demônios de judeus como evidência de que crentes genuínos podem ficar endemoninhados, pois os Evangelhos não nos dizem que esses judeus endemoninhados eram de fato filhos de Deus.

2. *Efésios 4.27*. Essa passagem é usada para defender a idéia de que pecados como ira (mencionada no verso anterior) abrem a porta para que espíritos malignos invadam a vida do crente e estabeleçam uma fortaleza "psicológica" em sua alma. Mas será que a passagem de fato ensina isto? Obviamente, todos nós concordamos que a ira pode ser usada pelo diabo para causar muitos danos em nossas vidas e na vida da Igreja. Mas a pergunta é se Paulo aqui ensina que o diabo invade e "demoniza" um crente que se irou. A resposta mais óbvia, diante do contexto da passagem, é que Paulo está prevenindo contra os danos que o diabo poderá fazer na vida do crente em particular, ou na vida da Igreja. Esta parece ser a melhor interpretação: quando acumulamos mágoa, rancor e ira contra nossos irmãos em nossos corações, estamos dando ao diabo a oportunidade de causar divisões dentro da Igreja. É contra essas atitudes pecaminosas que Paulo nos previne, e não contra uma invasão de espíritos malignos em nossa alma.

3. *2 Coríntios 10.4*. Nesta passagem Paulo menciona "fortalezas" que se opõem à obra de Deus. Para os defensores da "batalha espiritual" são fortalezas demoníacas. Mas a passagem nada tem a ver com demônios, nem com as fortalezas que eles constroem dentro de áreas da nossa *psiquê*. Paulo se refere à resistência que os incrédulos oferecem à verdade do Evangelho, através de sofismas e de outros raciocínios falazes, que procedem da soberba e da incredulidade de seus corações. E Paulo os derriba, não com voz de comando do tipo "eu amarro... eu decreto...

eu destrono...” – mas pela pregação do Evangelho de Cristo, trazendo essas pessoas, vencidas pela verdade, aos pés do Senhor Jesus.

Experiências, mais uma vez

Embora alguns tentem justificar biblicamente a “demonização” de crentes (e na nossa opinião, não o conseguem), o argumento decisivo para convencer os adeptos da “batalha espiritual” é a *experiência*. Paulo Romeiro documentou essa realidade de maneira clara em seu livro *Evangélicos em Crise*: o conhecido Merrill F. Unger, um dos autores mais citados pelos defensores da “batalha espiritual”, escreveu um livro publicado em 1952 com o título *Biblical Demonology (Demonologia Bíblica)*, no qual reconhece que em nenhum lugar as Escrituras declaram que um verdadeiro crente pode ser invadido por Satanás e seus demônios. Unger ainda afirma que a experiência não pode oferecer base para a interpretação bíblica. Em 1971 Unger escreveu outro livro, *Demons in the World Today (Demônios no Mundo de Hoje)*, em que se retrata da posição anterior: agora ele acredita na demonização de crentes. O que levou Unger a mudar de idéia, como ele próprio declara naquele livro, não foi um estudo mais acurado das Escrituras, mas foram os relatos que recebeu de missionários de várias partes do mundo, narrando experiências em libertar crentes “demonizados”.⁵³ Ou seja, sua mudança de opinião foi feita com base em relatos de experiências, e não em interpretação cuidadosa da Bíblia.

Outro exemplo é a experiência de Rita Cabezas. Como ela mesma narra, passou a acreditar na demonização de crentes verdadeiros após ter presenciado vários casos de libertação ocorridos com “cristãos”.⁵⁴

53 Romeiro, *Evangélicos em Crise*, 120-22.

54 Cabezas, *Desmascarado*, 208-15.

Casos de “crentes demonizados”

O que fazer com esses testemunhos acerca de “crentes” de quem foram expelidos espíritos malignos? Creio que Edward Gross acertou em cheio quando disse que a questão com a qual estamos realmente lidando não é se pessoas que freqüentam as igrejas evangélicas hoje podem ficar endemoninhadas — é claro que podem —, mas sim, se cristãos *verdadeiros*, que foram nascidos de novo, podem ser habitados por demônios, a ponto de que a única forma de libertação para eles seja o exorcismo ministrado por outras pessoas.⁵⁵ A resposta quanto à última pergunta é “não”. Obviamente, em um bom número de casos, os “crentes” dos quais foram expelidos demônios não eram realmente nascidos de novo, crentes genuínos, regenerados e habitados pelo Espírito Santo. Creio também que em alguns casos, as supostas “demonizações” foram casos de pessoas com problemas psicológicos, problemas mentais e mesmo pessoas se passando por “endemoninhadas”.

Pessoalmente acredito que é possível hoje um descrente ser de tal modo oprimido e atacado por Satanás a ponto de ocorrer a possessão. Questiono, porém, à luz das Escrituras, que os testemunhos de expulsões de demônios de “crentes” sejam casos reais de “demonização” de verdadeiros crentes. Lamentavelmente, muitos pastores e líderes de igrejas reformadas no Brasil têm se esquecido do ensinamento do Catecismo Menor, refletido na pergunta 26:

P. 26. *Como exerce Cristo as funções de Rei?*

R. *Cristo exerce as funções de rei sujeitando-nos a si mesmo, governando-nos e protegendo-nos, contendo e subjugando todos os seus e os nossos inimigos.*

A pura doutrina bíblica ensina que Cristo não é somente profeta e sacerdote: ele também é nosso rei, que nos protege e derrota nossos inimigos.

55 Edward N. Gross, *Miracles, Demons, & Spiritual Warfare* (Baker, 1990), 163.

CAPÍTULO 5

A VITÓRIA DE CRISTO E SUAS IMPLICAÇÕES

As Escrituras afirmam a existência e a realidade das forças espirituais do mal. É o que nos diz Paulo: “*Revesti-vos de toda a armadura de Deus para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo*” (Ef 6.11). A Bíblia deixa claro que o diabo existe e que deseja nos destruir. Em Efésios 6.12 Paulo diz que “*a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestes*”. Paulo nos diz aqui que os inimigos da Igreja são espíritos perversos, numerosos, organizados, e mais poderosos que o homem; que são astutos, inteligentes e que têm domínio sobre o mundo imerso nas trevas do pecado. Estão em franca oposição a Deus, a Cristo e à sua Igreja. Continuamente atacam os cristãos.

A Bíblia também ensina algo mais, algo que não tem sido suficientemente compreendido e enfatizado pelo movimento de “batalha espiritual”. Refiro-me ao ensino bíblico de que as forças do mal *já estão derrotadas*. As Escrituras dizem que na cruz do Calvário, onde padeceu e morreu, e em sua ressurreição, Cristo ganhou a batalha decisiva contra as hostes espirituais do mal.

Os escritores da Bíblia descreveram a vitória de Cristo e os seus efeitos usando expressões diferentes. Vejamos algumas das principais passagens.

Como a Bíblia descreve a vitória de Cristo

A serpente esmagada: Gênesis 3.15

Em Gênesis 3.15 temos o proto-Evangelho, o anúncio feito por Deus da vitória de Cristo sobre Satanás, em uma linguagem altamente simbólica:

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.”

A semente da mulher que haveria de vir é Jesus Cristo, o qual feriu a cabeça da serpente, que é Satanás, na cruz do Calvário. A implicação é que Satanás vive atualmente em seus estertores mortais, como uma cobra cuja cabeça foi pisada. Certa feita um crente gaúcho, após me ouvir falar sobre este assunto, me contou que as cobras venenosas cujas cabeças eram esmagadas durante o dia ficavam “estrebuchando” em estertores mortais até o pôr-do-sol. Creio que é uma figura bem vívida da situação de Satanás hoje.

Satanás, a antiga serpente, teve sua cabeça esmagada pelo Filho de Deus. A figura de uma serpente cuja cabeça está esmagada nos ensina que enfrentamos inimigos já derrotados. Cristo fez isso na agonia da sua morte.

Potestades despojadas: Colossenses 2.14-15

O mesmo lemos em Colossenses 2.15, em que Paulo emprega outra imagem para nos dar uma descrição gráfica da vitória de Jesus sobre Satanás:

“... [Jesus], despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.”

A linguagem que Paulo emprega aqui é militar. Ele fala de *despojar, triunfar e expor ao desprezo*. A palavra “despojar” significa “despir” na língua grega. Ela é usada para descrever o que ocorria, no mundo antigo, quando um soldado vencia seu adversário: ele o *despojava* de suas vestes e principalmente de suas armas, desarmando-o completamente. Poderíamos traduzir a passa-

gem como “Cristo *desarmou* os principados e as potestades”.¹ É a mesma coisa que Jesus ensina no Evangelho de Lucas, na parábola do homem valente (Satanás), pois diz que aquele que é mais forte que ele (Jesus), após vencê-lo, “*tira-lhe a armadura em que confiava*” (Lc 11.22).

No mundo antigo, quando havia uma guerra entre povos inimigos, as cidades do povo derrotado eram *despojadas*, isto é, seus bens, armas, gado, mulheres e crianças eram levados pelos soldados vencedores. Um exemplo bem conhecido é do despojamento de Sodoma e Gomorra pela liga de reis comandada por Quedorlaomer (Gn 14.1-11). Nas guerras romanas, os prisioneiros eram amarrados às carruagens ou cavalos dos vencedores e *expostos ao desprezo público* durante a procissão de *triunfo* que esperava os generais vencedores em suas cidades (cf. 2Co 2.14).

Essa é a figura usada pelo apóstolo para descrever a vitória de Cristo sobre Satanás. Satanás já teve sua casa saqueada pelo mais forte que ele, que entrou, amarrou-o, desarmou-o e lhe tomou os bens (as pessoas sob seu poder). Paulo não poderia ter usado linguagem mais descritiva para apresentar a completa vitória de Cristo sobre os principados e potestades!

Exorcismo cósmico: João 12.31-33

No Evangelho de João 12.31-33 o Senhor Jesus narra com outros termos a sua vitória sobre Satanás. Ele disse:

“Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer.”

¹ A tradução desta passagem é difícil, em razão das diferentes possibilidades contidas nas formas verbais. Mas, “desarmados” é a tradução de boa parte de importantes versões em inglês. É também a tradução feita por conhecidos exegetas como Peake, Abbott, Lohse e Beare (cf. seus comentários nesta passagem).

Jesus menciona *o príncipe deste mundo*, que nada tem a ver consigo (Jo 14.30), e que já está debaixo do julgamento de Deus (Jo 16.11). A referência é a Satanás. Jesus afirma que *agora* o mundo será julgado, e *agora* seu príncipe será expulso. A palavra “expulsar” que o Senhor Jesus usa aqui é a mesma empregada nos demais Evangelhos para se referir às expulsões de demônios por ele realizadas (cf. *ekballw*, Mt 9.33; Mc 3.15; *et al.*). É interessante notar que o apóstolo João não narra nenhum caso de expulsão de demônios em seu Evangelho. Para ele, o exorcismo básico e vital realizado pelo Senhor Jesus, do qual todos os demais dependem, foi a expulsão de Satanás deste mundo *através da morte de Cristo na cruz*. O “agora” a que Jesus se refere em 12.31 é explicado nos versos seguintes, quando menciona a sua morte e os efeitos dela (cf. Jo 12.32-33). Ele afirma que ao morrer atrairia todos a si.

Quando lemos essas passagens de João juntas (Jo 12.31-32; 14.30-31; 16.8-11) percebemos que a morte, ressurreição e ascensão de Jesus aos céus é o momento decisivo da vitória de Deus sobre as trevas, no conflito que o apóstolo João começou a narrar no início do Evangelho (cf. 1.5, 10-12). No capítulo 12, Jesus revela que com sua morte e glorificação “é chegada a hora” (12.23), é “chegado o momento” da expulsão do príncipe deste mundo (12.31).² A hora e o momento se referem ao clímax de um processo que começou com o surgimento da figura do Messias neste mundo, com a inauguração do Reino de Deus na terra, através da encarnação e ministério de Jesus. Satanás foi amarrado a partir do momento que o Reino irrompeu na pessoa de Jesus — é por isso que Jesus pode despojar Satanás, libertando seus cativos do poder dos espíritos malignos, pois Satanás foi amarrado.³

2 Ver o artigo de Judith Kovacs, “Now shall the ruler of this world be driven out: Jesus death as cosmic battle in John 12.20-36”, em *Journal of Biblical Literature*, 114/2 (1995), 231-35.

3 Este é o ponto de Guelich, *Spiritual Warfare*, 38-40. Também defendido por Arnold, *Powers of Darkness*, 79-80.

A sua morte, ressurreição e ascensão são os eventos que terminam por atar Satanás. Portanto, a cruz de Cristo é o ato de exorcismo mais radical e profundo que ele jamais realizou. É o grande exorcismo cósmico que desfechou o golpe mortal nas pretensões de Satanás. Ali ele foi expulso de sua posição de autoridade sobre este mundo. Ele não mais poderia manter indefinidamente as nações debaixo das trevas, debaixo do engano e da mentira religiosos (cf. Ap 20.3). Lembremos ainda que a expulsão de Satanás não significa a cessação definitiva de sua atividade maligna neste mundo, mas uma restrição radical à mesma. Como na batalha angélica narrada em Apocalipse 12, o dragão foi expulso do céu, mas continuou na terra a perseguir os crentes.

A morte da morte: Hebreus 2.14-15

Nesta passagem o autor também se refere à vitória de Cristo sobre o diabo, de outra perspectiva:

“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.”

A passagem afirma que Cristo, através da morte, destruiu o diabo. O verbo “destruir” (*katargew*) significa tornar algo ineficaz, anular, cancelar, destruir, abolir, dar um fim a alguma coisa (cf. 2Tm 1.10; Ef 2.15; 1Jo 3.8). “Destruir” nem sempre implica que a coisa destruída deixou de existir. O sentido primário da palavra na língua grega não é aniquilar, mas é “tornar algo inoperante, ineficaz” (cf. 1Co 15.26). Aqui em Hebreus 2.14 significa simplesmente que Cristo tomou o poder que o diabo tinha sobre a morte. Ao dizer que Cristo “destruiu” o diabo, o autor de Hebreus não está dizendo que Cristo deu um fim à sua existência, mas sim que anulou e desfez seu poder, tanto de infligir, como de causar a mor-

te, levando as pessoas a pecar. O diabo foi o primeiro pecador e o primeiro a tentar alguém ao pecado. Já que o salário do pecado é a morte, o diabo, em certo sentido, tem o poder de causá-la, já que ele, através da tentação, atrai a humanidade ao pecado e, conseqüentemente, à morte. Além disto, ele aterroriza as consciências dos pecadores com o medo da morte. Através de sua própria morte, Cristo livrou das garras da escravidão, do pavor da morte (2.15) os que são seus. O contexto da passagem deixa claro que Cristo libertou, não anjos ou todo o mundo, mas a verdadeira “descendência de Abraão”, os seus “irmãos”, o povo de Deus (Hb 2.10-18). O ponto é que o diabo foi completamente derrotado, ficando reduzido a nada, como os deuses pagãos mencionados em Isaías 44.9-20.

O Senhor Jesus chama o diabo de “assassino” (Jo 8.44). De que modo o diabo causa a morte? Tentando as pessoas ao pecado, pois “*o salário do pecado é a morte*” (Rm 6.23). Foi o que ele fez com Adão e Eva (cf. Rm 5.12). O nome “diabo” significa “acusador”. Satanás acusa os pecadores diante de Deus, exigindo a morte deles. Porém, as exigências do diabo quanto à morte dos que estão em Cristo foram tornadas vazias, pois seus pecados já foram punidos em Cristo. Pela sua morte, Jesus deu um fim ao poder de morte que o diabo tinha sobre o povo de Deus. Ou seja, apesar do fato de que vão morrer fisicamente, ressuscitarão para a vida eterna (cf. João 11.25-26).

O que temos aqui é outra maneira de a Escritura dizer que na cruz do Calvário Cristo venceu a batalha decisiva contra o diabo lhe esmagando a cabeça, triunfando sobre ele, despojando-o como um guerreiro que pisa no pescoço do inimigo vencido e lhe arranca as armas e a armadura. Foi exatamente isso que Cristo fez na cruz! Triunfou publicamente sobre seu inimigo; destruiu aquele que tinha o poder da morte.

O valente amarrado: Marcos 3.26-27

Há outra linguagem na Bíblia para descrever isso, já mencionada, que é a parábola do “homem valente”, citada em Marcos 3.23-27 e seus paralelos (Mt 12.29; Lc 11.21-22):

“Então, convocando-os Jesus, lhes disse, por meio de parábolas: Como pode Satanás expelir Satanás? Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir; se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir. Se pois, Satanás se levantou contra si mesmo, e está dividido, não pode subsistir; mas perece. Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa.”

Os proponentes da “batalha espiritual” tomam a parábola do “homem valente” como uma estratégia missionária dada por Jesus à sua Igreja: antes de a Igreja poder entrar em uma área para evangelizá-la, deve primeiro “amarrar” os espíritos territoriais (o homem valente) que ali habitam.⁴ Só então poderá resgatar as pessoas (os bens do homem valente) que estão sob o domínio de Satanás. Os adeptos da “batalha espiritual” vêem nesta passagem uma autorização dada por Jesus para que os cristãos hoje “amarem” espíritos malignos, não somente de áreas a serem evangelizadas por uma igreja local, mas de nações inteiras. Outras passagens que são apontadas como também contendo esta estratégia e autorização são Mateus 16.19 e 18.18, em que o Senhor Jesus diz aos apóstolos “o que ligares (dew, “amarrar, ligar”) na terra, terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus”.

Mas, será que a parábola do valente contada por Jesus pode servir de base para tais práticas? A resposta é não. A passagem

4 Por exemplo, Warner, *Spiritual Warfare*, 140-42.

não *prescreve* metodologia pastoral ou missionária; ela *descreve* o trabalho cósmico de Jesus como salvador e libertador.⁵

Jesus contou essa ilustração para explicar de onde vinha o seu poder para expelir demônios. Ou seja, de Deus. A chegada do Reino de Deus em sua pessoa havia neutralizado Satanás ou, na linguagem da parábola, o havia “amarrado”. A prova é que, agora, Jesus estava saqueando a casa de Satanás sem que este lhe colocasse qualquer resistência. No relato dos Evangelhos, os demônios se aproximam de Jesus não como combatentes ou guerreiros mas como suplicantes, reconhecendo quem ele é e pedindo misericórdia da sua parte. Inexoravelmente, o Senhor Jesus os expelle e liberta os cativos de Satanás. O “homem valente” havia sido amarrado, e agora a sua casa estava sendo “saqueada” por Jesus, em pessoa.

A parábola portanto ensina que Satanás, o “homem valente”, já foi amarrado por Jesus. Uma vez feito isto, ele libertou sem impedimento as pessoas oprimidas pelos espíritos malignos (Mt 12.28). Os apóstolos, enviados com autoridade similar, constataram que, pelo nome de Jesus, os espíritos malignos batiam em retirada (Lc 10.17-19). Mais uma prova de que Satanás estava amarrado, impotente para impedir que sua casa fosse “saqueada” pelos discípulos.

É necessário entendermos este ponto muito bem. As expulsões de demônios que Jesus realizou correspondiam ao *saque da casa do “homem valente”*, e não ao *amarrar* do “homem valente”. Exatamente porque Jesus já o havia amarrado é que agora podia lhe saquear a casa livremente, libertando as pessoas que estavam sob seu poder. A prova é que Satanás não podia oferecer qualquer resistência a Jesus ou aos seus discípulos. Seu poder já havia sido quebrado.

A passagem, é verdade, não nos diz exatamente quando Jesus amarrou Satanás, mas é claro pelo contexto que o aprisiona-

5 Powlison, *Power Encounters*, 129-30; Arnold, *Powers of Darkness*, 79-80; Romeiro, *Evangélicos em Crise*, 134.

mento de Satanás começa simultaneamente com a chegada do Reino de Deus na pessoa do Messias (cf. Mt 12.28). A “laçada final” aconteceu na cruz, na ressurreição e na ascensão.

É importante que se observe este ponto, pois alguns pensam que expelir demônios hoje é o mesmo que “amarrá-los”. A parábola do valente mostra que não. Só podemos roubar, saquear, e despojar Satanás porque ele *já foi* amarrado. As expulsões de demônios pelos apóstolos não eram “amarrações”, mas simplesmente o saque do reino de Satanás, pois o mesmo já havia sido atado, neutralizado por Jesus, com a chegada do Reino de Deus.

Mais algumas observações sobre o conceito de “amarrar” Satanás e espíritos malignos. Já era popular entre os judeus, antes de Cristo vir ao mundo, a idéia de “amarrar” Satanás. O livro apócrifo de Tobias narra como o anjo Rafael foi enviado por Deus para “amarrar” o demônio Asmodeu e assim libertar a virtuosa Sara (*Tobias* 3.17; 8.3). Em 1 Enoque, Deus comanda o anjo Rafael a “amarrar” o demônio Azazel pelas mãos e pés e lançá-lo definitivamente no inferno (*1 Enoque* caps. 6-9; 10.4, 11-13). Este mesmo livro narra no capítulo 88 como os anjos decaídos foram “amarrados”, pés e mãos, pelos arcanjos Miguel, Gabriel e Fanuel, e lançados no abismo. E o *Testamento dos Doze Patriarcas*, um apócrifo da mesma época, narra que o “novo sacerdote” que Deus haveria de levantar, “amarraria” Belial (Satanás) (*Testamento de Levi*, 18.10-12). É interessante observar que, mesmo nesses livros não inspirados, o conceito de “amarrar” as forças do mal aparece como sendo algo a ser realizado pelo Messias que haveria de vir, ou pelos arcanjos, sob o comando direto de Deus. Do mesmo modo, no Novo Testamento, a expressão “amarrar” em relação a Satanás é usada exclusivamente para Cristo: ele é o anjo que desce do céu e amarra Satanás (Ap 20.1-3; ver os quatro anjos “amarrados” em 9.14-15) e é o mais forte que o “homem valente”, que entra em sua casa e o amarra (Mt 12.29). Apesar de Jesus ter dado autoridade aos seus discípulos para expulsar demônios de pessoas oprimidas (Mc 3.14-16; Lc 10.18-19), não lhes instruiu a

“amarrar” Satanás — isso já havia sido feito por ele, quando o Reino de Deus irrompeu na era presente, através da sua presença.

É por esse motivo que o verbo “amarrar”, tendo Satanás como objeto, é usado na Bíblia somente em referência à obra de Cristo. Basta uma pesquisa rápida da palavra “amarrar”, ou de seus sinônimos, numa concordância bíblica, para que se verifique que em nenhum lugar os apóstolos ou os crentes em geral usaram esta terminologia quando enfrentaram as hostes malignas. O motivo é claro, eles sabiam que Satanás já havia sido amarrado através da obra de Cristo.

Portanto, o uso do termo “amarrar” para se referir a uma atuação da Igreja hoje contra Satanás e seus anjos não se justifica biblicamente, confunde os crentes e esvazia a obra de Cristo. Também priva os crentes do poder e da confiança que existe no saber que Satanás já está atado por Cristo.

O dragão amarrado: Apocalipse 20.1-3

Quando afirmamos que o diabo já está amarrado, não queremos dizer com isto que ele está *totalmente* imobilizado. Este tipo de linguagem usada nos Evangelhos tem como alvo expressar a verdade bíblica de que Cristo, ao morrer e ressuscitar, limitou o poder de Satanás de modo tão radical a ponto de usar termos como “destruir”, “despojar” e “amarrar”. Em que sentido o diabo foi limitado, então? Em Apocalipse 20.1-3 lemos o seguinte:

“Vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto pouco tempo.”

Agostinho e grande parte dos autores reformados são da opinião de que João se refere aqui à restrição que Cristo impôs ao

diabo através de sua obra redentora na cruz do Calvário. O anjo é Cristo, que vem e amarra o demônio e o segura e o prende. O verbo “prender” no original grego é o mesmo verbo traduzido em Marcos 3.27 como “amarrar” (*dew*). A tradução de Almeida, “prender”, não permite que o leitor veja claramente o paralelo com a parábola do “homem valente” que é amarrado por Jesus. A expressão “mil anos”, referente ao período em que Satanás está “amarrado”, tem sido interpretada historicamente por muitos estudiosos reformados como sendo a época entre as duas vindas de Cristo.⁶ Esta interpretação está em harmonia com os demais textos que acabamos de examinar, e que falam da plena vitória de Cristo Jesus.

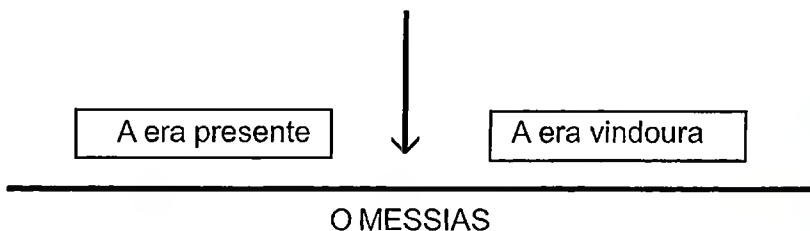
Notemos, portanto, que a base da vitória em nossa luta contra os principados e potestades é o triunfo de Cristo na cruz do Calvário. Por isso, Paulo, quando começa a falar sobre a batalha da Igreja contra os dominadores malignos deste mundo tenebroso, começa dizendo: “*Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do Seu poder*” (Ef 6.10). O poder da Igreja está em Cristo, porque ele venceu, despojou, destruiu e amarrou o valente, que é Satanás. O segredo da vitória da Igreja, portanto, não consiste em aprender técnicas, estratégias místicas, fórmulas, táticas até então não reveladas, e as empregar contra o diabo.

As duas eras

Possivelmente, a melhor maneira de entender o ensino bíblico acerca das restrições impostas por Cristo a Satanás através da cruz e da ressurreição é nos lembrarmos de como as Escrituras entendem a História. Os gregos a viam como se movendo em círculos, uma repetição sem fim dos eventos — e, portanto, algo sem sentido, sem controle, sujeito ao acaso e ao capricho dos deuses. Enquanto isso, os judeus tinham um conceito *linear* da História, entendendo que ela se dividia em duas partes, o *olam hazé*,

6 Veja a defesa deste pensamento em Hendriksen, *Mais que Vencedores*.

a *era presente*, em que Israel estava sofrendo debaixo do domínio de seus inimigos, e o *olam habá*, a *era vindoura*. Nesse mundo por vir Israel seria libertado de seus inimigos, tornar-se-ia o centro do mundo, e Deus seria adorado e reconhecido por todas as nações. Essa nova era seria introduzida pelo Messias, quando viesse em glória e poder, para destruir os opressores do povo de Deus. Um gráfico desta visão de mundo seria mais ou menos assim:

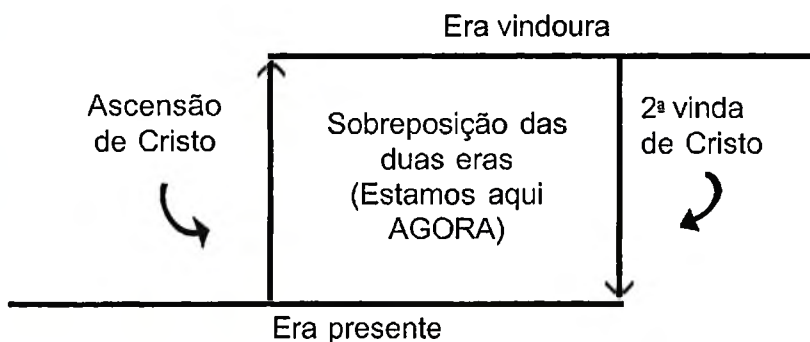


Os primeiros discípulos eram todos judeus e viam a História dividida em duas eras distintas, separadas entre si por um evento marcante, definitivo, que era a esperada vinda do Messias de Israel. Esta maneira de ver o mundo foi alterada de forma radical pelos judeus cristãos *após* a vinda de Cristo. Eles perceberam que Jesus, o Messias, não havia ainda estabelecido de modo definitivo o mundo vindouro, como esperado, nem a nova era de paz e prosperidade para o povo de Deus. Na verdade, ele não se parecia muito com o Messias libertador glorioso e poderoso esperado pelos judeus. Chegou mesmo a morrer numa cruz, morte vergonhosa e humilhante! Foi somente após a sua ressurreição que os apóstolos compreenderam o que Deus estava fazendo na História. A nova era havia chegado, sim, porém de *forma inaugural, iniciante*. Os últimos dias haviam raído em Cristo, mas ainda não plenamente.

Foi isso que Pedro compreendeu, quando explicou à multidão atônita no dia de Pentecostes que a descida do Espírito Santo que acabara de ocorrer era a inauguração da era futura tão esperada pelos judeus: "*Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne*" (At 2.17). Pedro está citando o profeta Joel (Jl 2.28). Mas ele muda as palavras de Joel.

O profeta havia dito: “*E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne*”. Pedro troca o *depois* por *últimos dias*, pois para ele o *depois* de Joel se referia exatamente a Pentecostes e à inauguração da nova era, os *últimos dias* esperados pelos judeus.

A mesma compreensão é encontrada no apóstolo Paulo. Ele afirma que “*os fins dos séculos*” já haviam chegado sobre a Igreja (1Co 10.11). O apóstolo João afirmou igualmente que já estava vivendo na *última hora* (1Jo 2.18). Para eles, a erupção da nova era em Cristo não encerrou a era presente, como os judeus imaginavam. O que ocorreu foi que a era vindoura invadiu a era presente, sem substituí-la e sem encerrá-la. As duas eras se sobrepueram, passando a existir lado a lado. O mundo presente só passará quando o Messias Jesus Cristo retornar, trazendo a era vindoura em sua plenitude. Até lá, a era vindoura e a era presente subsistem lado a lado. Um gráfico desta cosmovisão seria mais ou menos assim:



Segundo o Novo Testamento, portanto, vivemos hoje no período em que as duas eras se sobrepoem. A sua coexistência traz tensões que o Novo Testamento expõe de maneira clara: Cristo já reina, mas ainda não liquidou literalmente todos os seus inimigos, como Satanás e a morte (1Co 15.20-28; Hb 2.8). O Reino de Deus já está entre nós, mas ainda temos de orar “*venha o teu Reino*”. Já estamos salvos da condenação do pecado, mas ainda

não da sua presença e da morte que ele acarreta. Já temos as primícias do Espírito, já experimentamos os poderes do mundo vindouro, mas ainda não em sua plenitude (1Co 13.9-13). Já estamos ressuscitados com Cristo, mas ainda não fisicamente. É à luz desta tensão que podemos entender que o diabo já foi vencido, despojado, limitado e amarrado, mas ainda não destruído (cf. 1Co 15.24).⁷

Procuremos entender claramente este ponto. Nos Evangelhos, Satanás é representado como sendo um inimigo vencido. Os demônios são expulsos inexoravelmente. Eles se aproximam de Jesus não como negociadores em pé de igualdade, mas como suplicantes (Mc 1.23-28; 5.1-20). O Senhor Jesus declara que Satanás está amarrado (Mc 3.27; Mt 12.29; Lc 11.21-22). Por outro lado, a destruição final de Satanás é vista como futura (Mt 25.41). Essa tensão faz parte do ensinamento de Jesus acerca do Reino de Deus, que já é presente, mas ainda vindouro.⁸ Temos de manter os dois pontos dessa tensão em perfeito equilíbrio. O problema com muitos defensores da "batalha espiritual" é que não dão ênfase suficiente ao aspecto *já realizado* da obra de Cristo, da sua vitória sobre Satanás.

O leitor não deve pensar que, ao enfatizar o ensinamento bíblico de que Satanás está, em certo sentido, "amarrado", eu esteja ensinando que o diabo não está mais ativo hoje. O que estou dizendo é que a Igreja enfrenta um inimigo ativo, sim, porém vencido e conquistado por Cristo Jesus, derrotado e limitado em sua atividade. É uma serpente, sim, mas cuja cabeça está esmagada; é um leão que ruge, sim, mas acorrentado; é um adversário astuto, sim, mas um adversário que, como no jogo de xadrez, já perdeu a rei-

7 Para maiores detalhes sobre esta abordagem histórica, redentivo-escatológica dos ensinamentos do Novo Testamento, veja George Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 2ª edição (Rio: JUERP, 1985), 24-32; Herman Ridderbos, *Paulus: Ontwerp van zijn theologie* (Kampen: Uitgeversmaatschappij, 1966), 40-55; *The Coming of the Kingdom* (Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1976), 104-115; Geerhardus Vos, *Redemptive History and Biblical Interpretation* (Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1980).

8 Guelich, *Spiritual Warfare*, 39.

nha, e a sua derrota é apenas uma questão de tempo; o golpe final já foi desferido.

O diabo pode tentar o crente ao pecado, mas não pode arrancá-lo das mãos de Cristo, nem exigir a sua morte eterna. Está amarrado para fazer isto, está limitado pelo poder da cruz e da ressurreição. Ele pode afligir o crente, mas não pode possuí-lo porque "*maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo*" (1Jo 4.4; 5.18). Ele pode colocar obstáculos à obra missionária, mas não pode impedir que o Evangelho se espalhe pelo mundo, porque esta é a vontade de Deus. Ele pode semear o erro religioso na Igreja, pode tentar os crentes ao pecado, mas não pode destruir, erradicar e apagar a Igreja da face da terra. Ele está *limitado, reduzido* em sua atividade pela vontade de Deus, baseada na vitória de Cristo Jesus. É isso que nós temos de entender bem claramente. Creio que muitos, hoje, por não perceberem este claro ensinamento da Escritura, estão exagerando o poder atual de Satanás e, conseqüentemente, minimizando a vitória do Senhor Jesus.

CAPÍTULO 6

BATALHA ESPIRITUAL COMO RESISTÊNCIA

Notemos um ponto importante que está implícito na representação que Paulo faz em Efésios 6 do cristão em sua armadura completa, como um guerreiro pronto para o combate. O soldado cristão está em *uma posição de defesa, de resistência*. A figura que Paulo descreve é a de um soldado guardando vigilantemente o terreno inimigo já conquistado. Não é difícil perceber isto, pois nesta passagem Paulo exorta a Igreja a ficar firme e a resistir várias vezes (Ef 6.11,13 e 14). Até mesmo a espada do guerreiro cristão pode ser vista como sendo primariamente para sua defesa, como tentarei mostrar no Capítulo dez.

Não estou dizendo que a Igreja tem apenas armas defensivas, e que a Palavra de Deus, como espada, serve apenas para nos defender. O que estou dizendo é que aqui, em Efésios 6, Paulo descreve o guerreiro cristão numa posição de defesa. É claro que a Igreja deve avançar em áreas onde o Evangelho ainda não foi anunciado. Mas não é este o ponto de Paulo em Efésios 6. Aqui ele vê a Igreja em sua posição de vitória, defendendo território já conquistado em Cristo Jesus.

A arma ofensiva da Igreja contra os principados e potestades é igualmente a Palavra de Deus. É a exposição da Palavra, a proclamação do Evangelho, pois, onde o Evangelho é anunciado, onde a verdade é pregada, o inimigo bate em retirada. Após descrever a armadura de Deus, Paulo pede que orem por ele, para que lhe seja dada liberdade e ousadia para pregar a Palavra de Deus. Ele estava preso em Roma, estava encarcerado, " ... *sou embaixador em*

cadeias... ” (6.20). Segundo o ensino de alguns proponentes da “batalha espiritual”, os efésios poderiam ter determinado em oração que Paulo fosse solto e as suas cadeias desfeitas. Bem, Paulo nunca leu os livros modernos de “batalha espiritual”, e creio que, se os tivesse lido, não teria mudado de opinião. Sua posição é completamente outra. Ele pede que os cristãos se envolvam em oração para que, dentro da prisão, no seu ministério, ao anunciar o Evangelho, sua palavra seja poderosa em Deus para destruir as fortalezas e trazer cativo todo pensamento à obediência de Cristo Jesus. Esta é a arma ofensiva da Igreja no combate cristão.

Este ponto é muito importante para uma compreensão correta de toda esta questão de “batalha espiritual”. Em Efésios 6 a posição da Igreja é de um soldado resistindo a um ataque. Ela está sendo atacada e precisa resistir. Muitos dos proponentes da “batalha espiritual” usam esta passagem para justificar estratégias ofensivas no combate espiritual. Mais adiante estaremos abordando algumas dessas estratégias. No momento é suficiente perceber claramente que Paulo não está descrevendo ou encorajando técnicas ofensivas para invadir e derrubar as fortalezas demoníacas entrincheiradas em regiões geográficas ou cósmicas, ou ainda nas estruturas sociais e políticas.

Notemos ainda que o soldado cristão, na descrição de Paulo, é enviado ao campo de batalha com uma orientação somente: “Tome a sua armadura e resista firme!” Essa é toda a estratégia em que ele foi instruído: revestir-se de Cristo e resistir. Não há qualquer sugestão nesta passagem de que, antes de ir ao combate, ele deva aprender a empregar manobras como as popularizadas pela “batalha espiritual” através de seus simpósios e sua literatura especializada, tais como “mapeamento espiritual”, “quebra de maldições”, entre outras. Ele recebia ordens para ficar firme, para não ceder. Para Paulo, essa atitude seria suficiente para fazer resistência ao maligno.

Armas espirituais

Ao usar a metáfora do combate para descrever o conflito da Igreja contra as hostes malignas, Paulo determina aos crentes que tomem toda a armadura de Deus para poder resistir (Ef 6.13-18).

Em 2 Coríntios 10.3-4 Paulo faz menção dessas armas. Ali ele diz:

“... Embora andando na carne, não militamos segundo a carne. ... As armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas...”.

Para poder resistir diante das hostes espirituais do mal, precisamos dessas armas vindas do alto. Nada mais nos valerá nem protegerá.

Uma análise atenciosa de Efésios 6.14-18 mostrará que as peças da armadura têm um tema comum. Todas elas têm a ver com o *Evangelho de Cristo*: justiça, verdade, paz, fé, salvação, Palavra de Deus. Estas não são armas que fabricamos — elas vêm prontas de Deus. Nenhuma delas é resultado da minha piedade, bondade, fervor ou mérito.

A razão é simples. Quando o diabo vem me atacar, ele não tem como alvo principal as minhas finanças, a minha saúde, o meu casamento ou o meu emprego. É claro que ele procurará atingir essas áreas *também*, como parte do seu alvo de destruir o máximo possível; mas seu alvo principal é me roubar da fé em Cristo, é me confundir a ponto de me neutralizar com suas acusações. Se o diabo puder abalar minha confiança em Deus, terá alcançado seu objetivo. Minha saúde e minha conta bancária são coisas secundárias para ele.

As únicas armas que realmente me protegerão do verdadeiro propósito de Satanás são a justiça de Cristo, a verdade do Evangelho, a salvação eterna, a Palavra de Deus, empunhadas com fé, como um escudo. Se o alvo primordial de Satanás é causar pobreza, doenças, problemas políticos, injustiças sociais, então não preci-

samos das armas que Paulo descreve aqui. Mas, se a verdadeira guerra é sobre o destino eterno das pessoas, essas armas são perfeitas e fazem sentido. Em seu livro *Beyond Culture Wars* (*Além da Guerra das Culturas*), Michael Horton mostra como os evangélicos, por terem se equivocado quanto às verdadeiras intenções de Satanás, estão se preocupando atualmente com o que é secundário para o diabo, esquecendo-se do propósito principal do maligno.¹

Como usar essas armas

Nem Cristo nem seus apóstolos nos deixaram um detalhado plano de batalha, com instruções específicas. Conforme já percebemos em nossa pesquisa, *a guerra espiritual é muito mais uma questão de caráter pessoal do que de estratégias, táticas ou manobras especiais*. Mais do que “tecnologia espiritual” precisamos de *caráter autêntico* para enfrentar as astutas ciladas do diabo.

Instruindo um jovem soldado

Foi a partir dessa perspectiva que Paulo orientou o jovem Timóteo:

“Este é o dever de que te encarrego, ó filho Timóteo, segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: Combate, firmado nelas, o bom combate, mantendo a fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé” (1Tm 1.18,19).

Nessa passagem Paulo orienta Timóteo a combater “o bom combate” (as lutas do ministério pastoral) firmado nas profecias que houve a seu respeito. Paulo certamente se refere à ordenação de Timóteo para o ministério, com a imposição das mãos do apóstolo Paulo e do presbitério (presbíteros e pastores de uma região), conforme lemos em 1 Timóteo 4.14 (cf. 2Tm 1.6; 2.2). Naquela

1 Michael Horton, *Beyond Culture Wars* (Chicago: Moody Press, 1994), 235.

ocasião, Timóteo havia sido alvo de uma profecia que, provavelmente, mencionava o importante papel a ser desempenhado por ele na liderança da Igreja cristã. Paulo, então, encoraja Timóteo a usar aquelas palavras (na realidade, o evento total da sua ordenação) como um encorajamento para ficar firme no combate cristão, nas lutas que todo pastor enfrenta para manter seu rebanho seguro e alimentado.

Mas não é somente isso. Paulo orienta o jovem ministro a que combata o bom combate “*mantendo a fé*”. Fé, no Novo Testamento, não somente designa aquela infalível confiança em Deus e suas promessas, as quais foram seladas em Cristo, como também se refere ao conjunto das verdades cristãs nas quais Timóteo devia crer. É a fé que uma vez foi dada aos santos; é o ensino apostólico, o depósito doutrinário, o ensino do Evangelho. Em outras palavras, Paulo exorta Timóteo a se engajar no bom combate do ministério (que certamente inclui luta contra as hostes malignas) com plena confiança em Deus, conforme ele se revela no Evangelho, mantendo a sã doutrina; a se apegar à verdade, ao ensino dos apóstolos. A prova disso é que mais adiante Paulo menciona Himeneu e Alexandre, que se desviaram da verdade, que naufragaram na fé e foram entregues a Satanás para serem castigados (1Tm 1.20). Quando Paulo exorta Timóteo a combater o bom combate, não lhe dá nenhuma técnica especial, não lhe ensina nenhuma palavra mágica, não lhe passa qualquer orientação para repreen-der doenças, amarrar demônios, decretar a queda das oposições satânicas ao ministério (certamente havia muitas em Éfeso). Simplesmente o orienta a manter a fé – estamos diante dos nossos já conhecidos “cinto da verdade” e “escudo da fé”.

Em seguida, Paulo diz a Timóteo que mantenha a “*boa consciência*”. Para o apóstolo, existe uma relação estreita entre a fé (doutrina verdadeira) e uma consciência clara e limpa, cf. 1Tm 1.5; 3.9; Tt 1.9. Ter boa consciência significa ser sensível à orientação íntima de Deus quanto ao nosso agir, a qual vem pela sua Palavra e nos governa. Uma boa consciência sempre está no processo de

fazer distinção entre o que é bom e o que é mau, aprovando o bem e rejeitando o que for contrário à vontade de Deus. Manter a fé e a boa consciência significa viver uma vida reta, seguindo de coração os preceitos da fé, sem rejeitar e abafar a orientação de uma consciência santificada pela Palavra de Deus. É somente rejeitando os clamores da consciência, que um dia havia abraçado a fé, que as pessoas naufragam espiritualmente, rejeitam a boa palavra de Deus e se tornam apóstatas – como Himeneu e Alexandre, que se tornaram blasfemos (cf. 1Tm 1.20).

Meu ponto é que Paulo, ao dar instruções a Timóteo sobre a batalha que é o ministério cristão, não lhe prescreve estratégias, mas lhe recomenda duas atitudes que lhe trariam a vitória: 1) Manter fé enraizada no ensino bíblico. 2) Ter uma vida reta e santa, em que a consciência nada tenha de que o acusar.

Na segunda carta que escreve a Timóteo, no capítulo 2.3-4, Paulo outra vez usa a linguagem militar ao estimular o jovem pastor a perseverar no combate do ministério. Note o que ele diz:

"Participa dos meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer aquele que o arremontou".

Mais uma vez percebemos que Paulo não prescreve uma técnica ou um segredo especial que abriria as portas para o poder sobre as entidades malignas que se opõem ao trabalho do pastor – ele simplesmente recomenda a Timóteo que não se envolva com o mundo e que viva inteiramente para satisfazer o divino general. Ou seja, a ênfase está no caráter, na conduta. Em guerra espiritual, o que *somos* valerá muito mais do que aquilo que *dizemos*.

Mais adiante na carta, Paulo ensina de que maneira o jovem pastor Timóteo deveria proceder para libertar pessoas cativas nos laços do diabo:

"... É necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando

com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento, para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade” (2Tm 2.24-26).

Em seu ministério Timóteo haveria de encontrar pessoas cativas do diabo, aprisionadas em seus laços. A descrição que Paulo faz nesta passagem é de pessoas que, no conceito da “batalha espiritual” estão “demonizadas”: elas se opõem ao Evangelho (v. 25), procedem de maneira insensata, estão presas aos laços do diabo, foram feitas cativas por ele para cumprirem a sua vontade (v. 26).

Qual é a estratégia que Paulo recomenda a Timóteo para libertar essas pessoas?

1) Timóteo deveria estar *consciente da atitude e do caráter necessários* para lidar com pessoas assim: o servo do Senhor deve ser brando, manso, capaz de instruir outros e paciente (v. 24). Evidentemente, fé e oração são necessárias, mas Paulo aqui enfatiza o que é forçoso para um correto relacionamento pessoal com as pessoas cativas do diabo.

2) Timóteo deveria *instruir essas pessoas na verdade do Evangelho*, não se deixando irritar por sua resistência acirrada (v. 24b, 25a). Pessoas verdadeiramente cativas de Satanás têm suas mentes confusas com toda a sorte de erros religiosos. É tarefa do servo de Deus, em seu ministério de libertação, instruir essas pessoas, esclarecer suas dúvidas, mostrar-lhes o caminho da verdade, pois somente a verdade as libertará do cativeiro satânico (Jo 8.32).

3) Timóteo deveria *aguardar a intervenção da graça divina* que iluminaria a mente dessas pessoas, fazendo-as ver seus erros, concedendo-lhes arrependimento para que pudessem finalmente deixar esses erros e receber a verdade que lhes estava sendo ensinada (v. 25b). Certamente isso inclui que Timóteo deveria orar por essas pessoas. Mas o ponto aqui é que a libertação final é obra de Deus, no tempo de Deus. Caberia a Timóteo instruir e

corrigir, mas ele não poderia, de fato, libertar as pessoas do cativeiro de Satanás. Essa obra é exclusiva de Deus. Caberia a Timóteo aguardar em fé e oração, após haver feito sua parte.

É instrutivo observar o que Paulo *não orienta Timóteo a fazer*. É verdade que o argumento do silêncio não é conclusivo, mas quando há silêncio no momento apropriado para se dizer certas coisas, ele ganha relevância e valor. Se há um lugar nas cartas de Paulo a Timóteo em que ele poderia ter ensinado as estratégias de libertação dos “demonizados” é aqui, em que ele instrui seu jovem discípulo a lidar com pessoas cativas dos laços malignos. Mas o que vemos? Nenhuma referência a expulsão de demônios, repreensão, “amarrar” Satanás... Paulo nem mesmo orienta Timóteo a orar! Muito menos “oração de guerra”! Na verdade, a única estratégia de Paulo é *ensinar as verdades do Evangelho* a quem está cativo de Satanás. Não pode haver real libertação se nossas mentes não forem convencidas, esclarecidas e libertadas pela verdade de Deus.

O ensino de Pedro e de Tiago

Em 1 Pedro 5.8-9, o apóstolo Pedro instrui os cristãos sobre como agir diante das investidas de Satanás:

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge, procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo.”

Pedro escreve essa carta a crentes espalhados pelo império Romano que estavam passando por sérias perseguições (1Pe 1.1; cf. 1.6; 4.12-16). Ao final da sua carta, ele exorta os crentes a se tratarem com humildade (5.5b-6) e a lançarem todas as ansiedades sobre o Senhor (v. 7). Estas exortações poderiam ser mal compreendidas pelos crentes, como sendo um encorajamento a tomarem uma atitude de resignação passiva. Nos versos seguintes, Pedro

os exorta a ficarem vigilantes e cautelosos, pois eles têm um adversário muito mais terrível do que o império Romano que os persegue, ou seja, o diabo. Apenas uma vez nessa carta ele menciona o diabo ("acusador"). Ele compara o diabo a um leão faminto, rugindo ao redor de um curral de ovelhas, esperando um momento de descuido para devorar alguma delas.

O quadro é bastante parecido com o que Paulo nos ensina em Efésios 6. E a exortação de Pedro é também semelhante: os crentes devem ficar alertas, exercer domínio próprio, ser sóbrios, vigilantes e cuidadosos. Ou seja, não devem se descuidar um só momento ou dar uma brecha ao diabo. Na verdade, devem *resistir ao diabo, permanecendo firmes na fé* quando ele atacar, sem se deixar vencer por suas tentações (cf. 5.9). E para encorajá-los, Pedro lhes lembra que os demais cristãos pelo mundo afora passam pelo mesmo tipo de tentações, e que Deus os haverá de proteger, após um período de provação (cf. 5.10).

Em outras palavras, o que Pedro ensina a Igreja a fazer diante dos ataques malignos é ficar firme, resistir ao adversário, às suas acusações. *Resistir!* Não pode haver dúvida de que essa resistência é *dizer não a todas as tentações de Satanás*. É se apegar às verdades do Evangelho, às promessas de Deus e, por elas, firmar-se numa vida reta e pura, rejeitando o pecado e as ofertas do diabo. À semelhança de Paulo, o apóstolo Pedro não prescreve o uso de qualquer tipo de palavras ou chavões que sejam poderosos para neutralizar as tentações e anular os planos do diabo e seus demônios.

A mesma coisa encontramos na recomendação de Tiago aos crentes judeus espalhados pelo Império romano. Após exortar que se submetam humildemente a Deus, Tiago declara: "... *resisti ao diabo, e ele fugirá de vós*" (Tg 4.7). Na verdade, esta é a única passagem no Novo Testamento em que se diz que o diabo fugirá diante da resistência do crente. Deve ser, portanto, crucial aprendermos dela *de que maneira* podemos oferecer resistência ao maligno. Tiago não nos deixa dúvidas:

“Chegai-vos a Deus e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto e a vossa alegria em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor e ele vos exaltará” (Tg 4.8-10).

O segredo de oferecer uma resistência que colocará o diabo em fuga não é atacá-lo, repreendê-lo, ou ameaçá-lo diretamente, mas nos aproximarmos de Deus. E de que modo fazemos isto? Através da submissão à sua vontade, da purificação dos nossos corações de quaisquer dúvidas e vacilações, de um espírito quebrantado pelos nossos pecados, de uma atitude séria e grave para com nosso estado e nossas necessidades. A promessa de Deus é que ele nos exaltará — o que, no contexto, significa principalmente vitória contra o diabo, que procura nos tentar à auto-exaltação através do orgulho.

Conclusão

As diferentes passagens mencionadas acima, que são instruções dos apóstolos de Cristo quanto ao modo de enfrentarmos Satanás, são unânimes em nos ensinar que o plano de Deus para a Igreja é que ela *resista* aos ataques do diabo se firmando no Evangelho e em suas promessas. O que isso significa? Nada menos que se revestir do Senhor e da força do seu poder; sujeitar-se a Deus, ter uma vida limpa em submissão a ele; submeter-se à sua vontade, andar em comunhão com ele; apegar-se à sã doutrina. O diabo não pode derrubar ou destruir a quem se apegue à verdade da Escritura e se guie por ela.

CAPÍTULO 7

BATALHA ESPIRITUAL COMO PROCLAMAÇÃO

Abordemos agora outra questão relativa ao tema desta seção, que é o avanço da Igreja no mundo. De que maneira a Igreja deve prosseguir, avançar e conquistar o mundo para Cristo? A resposta é: da mesma maneira pela qual vem fazendo isso desde a sua fundação, ou seja, *pregando o evangelho de Cristo*.

Se a Igreja tem uma arma ofensiva, essa arma é a proclamação da Palavra de Deus. É verdade que em seu ministério o Senhor Jesus, além de pregar e ensinar, curava doentes e expelia demônios. Mas é evidente que essas atividades estavam subordinadas à anunciação da chegada do Reino de Deus, tão esperado pelos judeus. Isso se torna ainda mais evidente no ministério dos apóstolos.

Percebemos isso claramente no ministério do apóstolo Paulo em Corinto. Se havia um lugar no mundo onde deveria existir um “trono” literal de Satanás, esse era a cidade de Corinto. Corinto era provavelmente a cidade mais depravada, corrupta, idólatra e imoral da Ásia no primeiro século da Era Cristã, a ponto de os gregos cunharem um termo pejorativo, o verbo *corintinizar*, que queria dizer “tornar alguém depravado”. Dizer a alguém “você é um coríntio!” equivalia a insultar a pessoa, afirmando que ela era moralmente depravada. Corinto abrigava templos dedicados aos principais deuses e deusas da mitologia grega, como Apolo, Atenas, Afrodite, Dionísio, Poseidon e Zeus. Floresciam as religiões de mistério, como o culto a Asclépio, Demétrio e Core. E mesmo deusas egípcias, Isis e Sarapis, tinham seus

adeptos naquela cidade. Para não falar do culto aos deuses romanos e do culto ao imperador.¹

Destacava-se em Corinto o culto à deusa Afrodite (ou Vênus), da mitologia grega. Essa deusa, a deusa do amor de acordo com a mitologia, tinha muitos amantes, era sensual e cheia de volúpia. Existia em Corinto um templo consagrado a ela, estrategicamente colocado num monte que dominava a cidade. Diariamente seus adoradores ofereciam sacrifícios nos altares do templo, diante da imagem da deusa. Havia centenas de *hierodouloi* (escravos do templo, sacerdotes) que participavam dos rituais infames em homenagem à deusa. A julgar pelo ensino da “batalha espiritual”, Corinto estava totalmente sob o poder de espíritos territoriais. Corinto era deles, e eles ali se entrincheiraram, formando uma fortaleza, um bastião impenetrável. Como entrar nesse baluarte das trevas? Essa era a questão com a qual Paulo devia se confrontar.

O próprio Paulo nos dá uma descrição de como ele abalou e derrubou os poderes e “fortalezas”, como invadiu os “territórios”, “amarrô” os demônios e “anulou” a toda obra maligna em Corinto. Ele simplesmente anunciou a Cristo, e este crucificado, aos moradores da cidade. Ele pregou o evangelho de Cristo e nasceu ali, em pleno território inimigo, uma igreja vibrante, com membros que tinham vindo da idolatria, do homossexualismo, do alcoolismo, da prostituição e das diferentes camadas sociais da cidade (1Co 6.9-11). Eles vieram e encheram a igreja. Paulo teve uma vitória tremenda. Qual foi sua arma? Ele responde em 1 Coríntios 2.1-2:

“Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado.”

Paulo havia decidido saber entre eles uma coisa só: *Jesus Cristo e este crucificado!* Esta era a sua mensagem. Seu método

¹ Para informações mais detalhadas sobre a religião de Corinto, na época de Paulo, veja Victor P. Furnish, *II Corinthians*, Anchor Bible 32A (Nova York: Doubleday, 1984), 14-22.

era anunciar a cruz. Por isso disse: *“A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder...”* (v. 4). Que demonstração era esta? Era a demonstração do poder do Espírito atuando através da pregação da Palavra em derrubar as fortalezas da incredulidade e da resistência humanas ao evangelho, em resgatar pessoas trazendo-as para a luz do evangelho, *“... para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana e sim no poder de Deus”* (v. 5; cf. 2.6-16).

Paulo foi tão simples em sua estratégia para conquistar Corinto para Cristo! Ele tinha uma arma, a mensagem sobre a morte de Cristo na cruz. Ele pregava a Cristo Jesus, poder de Deus e sabedoria de Deus. Nós precisamos retornar à simplicidade do Evangelho. O apóstolo Paulo, que era um “mestre” em “batalha espiritual”, tinha uma arma para derrubar os poderes malignos: ele pregava a cruz de Cristo! Cristo crucificado, poder de Deus e sabedoria de Deus. Esta é a arma da Igreja e é assim que ela prossegue, é assim que ela “conquista”, que “invade” território inimigo, no linguajar dos defensores da “batalha espiritual”. É assim que a Igreja faz! No mais, ela tem é de resistir aos embates.

As peças do arsenal cristão descritas em Efésios 6 representam nossa herança em Cristo. É tudo o que o crente herda em Cristo Jesus, tudo que é nosso na conversão, no processo de santificação e na habitação do Espírito. Não são “chavões”, não são “comandos”, não são “ordens vocalizadas”, técnicas e estratégias místicas, não! Mas a nossa posição em Cristo e na sua cruz. Essa é a posição da Igreja.

Não há outras armas de ataque?

Há alguns irmãos que perguntam se não existe outra coisa a fazer além do que foi dito acima. “Será que não posso repreender as doenças; repreender os demônios e o próprio Satanás, quando estão perturbando? Será que não posso amarrar Satanás para impedi-lo? Será que não posso determinar a vitória sobre as barreiras

ras do inimigo? Afinal, não poderíamos dizer que essas técnicas são parte da armadura de Deus, do armamento da Igreja, e que podem ser usadas?”

Minha maior dificuldade é não encontrar, nas passagens da Escritura que tratam de “batalha espiritual”, uma ordem, uma orientação, ou mesmo um exemplo sugerindo que se adotem métodos semelhantes aos defendidos por alguns do movimento de “batalha espiritual”. Tenho muito receio de crer ou praticar coisas que sejam apenas fruto da minha piedade mal informada. A única estratégia segura é limitar minha crença e minha prática – especialmente em um terreno tão delicado como é este de demonologia – ao que percebo explicitamente nas Escrituras. Quero seguir o princípio de me sujeitar a Deus, à sua Palavra. Como soldado, procuro obedecer ordens. Quando leio a Bíblia, o manual de combate espiritual, não vejo essas coisas ordenadas em nenhum lugar, quer por preceito, exemplos ou por inferência legítima de uma passagem.

“Repreender” no Novo Testamento

Tomemos como exemplo a prática comum entre crentes de “determinar” as coisas. Será que não podemos, com a autoridade de Jesus, determinar que doenças vão embora, que os demônios se retirem e parem de perturbar? Minha resposta é que eu gostaria de ser o primeiro a “determinar” pela fé a derrota do diabo, se visse essa recomendação na Escritura. Mas não há qualquer exemplo no Novo Testamento de um crente dizendo: “Eu determino que isso aconteça desta forma em nome de Jesus”. Até onde sei, não há nenhum exemplo ou ordem para que os crentes enfrentem as dificuldades e oposições desta vida determinando vitória, sucesso, libertação, meramente pronunciando palavras de maneira fervorosa. Nós não determinamos nada, quem determina é o General e nós cumprimos suas ordens. O conceito de que Deus deu aos crentes autoridade para determinar acontecimentos em termos espirituais, cósmicos e mesmo terrenos é estranho ao ensino das Escrituras.

Imagine se Paulo, quando o mensageiro satânico o estivesse esbofeteando, dissesse: “eu determino que essa dor vá embora”, sem antes procurar saber qual era a vontade de Deus (1Co 12.7-10). Paulo iria determinar de um jeito, e Deus de outro! Como ficaria tudo isso? Quem prevaleceria? Será que Deus se veria obrigado a desistir do seu plano de fazer Paulo humilde através do espinho na carne, já que o apóstolo decretara que o mensageiro de Satanás fosse embora?

As repreensões de Jesus

Alguém poderia argumentar que Cristo repreendeu doenças e demônios. De fato, nosso Salvador algumas vezes fez isto. Se fizermos um estudo no Novo Testamento da palavra “repreender” (*epitimaw*), notaremos algo curioso. As duas únicas pessoas, em toda a Bíblia, que repreenderam demônios, doenças ou qualquer obra contrária ou maligna, foram Jesus Cristo e Seu Pai Celeste. Ninguém mais. Estude a palavra “repreender”, tendo ao seu lado uma chave bíblica para conferir. Jesus repreendeu doenças uma vez somente, quando curou a febre da sogra de Pedro (Lc 4.39). Repreendeu demônios para que não dissessem quem ele era (Mt 12.16; Mc 3.12) e em outras circunstâncias para que se calassem e saíssem de suas vítimas (Mt 17.18; Mc 1.25; 9.25). Em outra oportunidade, Jesus repreendeu a tempestade: repreendeu o mar, o vento e imediatamente a tempestade cessou (Mt 8.26; Mc 4.39). No livro dos Atos dos Apóstolos não encontramos qualquer dos apóstolos usando o termo “repreender”. Embora Pedro confrontasse Elimas, o mago, e Paulo o falso profeta Barjesus, não disseram “eu te repreendo”.

Não biblicismo — mas princípios

Não me entenda mal. Não quero ser “biblicista”. Sei que podemos inferir de forma legítima das Escrituras certas práticas e doutrinas que não são colocadas de maneira explícita, como a doutrina

da Trindade, por exemplo. Mas, há muito mais evidências na Bíblia para se inferir a doutrina da Trindade do que para se inferir grande parte das práticas da “batalha espiritual”.

A razão pela qual discordo do uso do termo “repreender” pelos cristãos hoje, para cercear a atuação demoníaca, não é somente a falta de evidência explícita. Existem razões teológicas. Repreender os principados e potestades é prerrogativa de Cristo somente, pois foi ele quem os venceu por sua morte e ressurreição. Além disso, ele é Deus e Senhor sobre os elementos, podendo, por isso, repreender os ventos, o mar, as tempestades. Ele é o criador e o Senhor e por isso diz ao demônio, “cala-te, sai dele, vai para tal lugar...!” Ele é DEUS! Se as pessoas vão usar o Senhor Jesus como modelo para “repreender” demônios e doenças, deveriam também passar a repreender tempestades e a fúria dos elementos – mas até onde sei, ninguém tem reivindicado ser capaz de fazer isso com sucesso.

Miguel e Satanás

Para mim este ponto fica claro na narrativa que Judas nos dá acerca do incidente entre o anjo Miguel e Satanás:

“O arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda!” (Judas 9)

Nós estamos falando do arcanjo Miguel, que é o mais poderoso dos anjos de Deus. Lemos isso no Velho e no Novo Testamentos. É o chefe das hostes espirituais angélicas de Cristo. Esse ser perfeito, sem pecado, muito mais poderoso do que os humanos e que assiste na presença de Deus, em certa ocasião, quando disputava o corpo de Moisés com Satanás (parece que Satanás queria tomar o corpo de Moisés para, talvez, levar Israel a pecar, idolatrando o seu corpo morto), não se atreveu a pronunciar juízo infamatório contra Satanás. Isso é o oposto do que muita gente

hoje está fazendo (e não se comparam nem de longe com Miguel em poder). Miguel se limitou a dizer: “*O Senhor te repreenda*”.

Assim, não vejo nas Escrituras que foi dada autoridade aos crentes para repreender as hostes malignas, pois isso é prerrogativa de Cristo e do Pai. Entretanto, podemos orar e dizer: “Ó Senhor, repreende a Satanás, que procura perturbar a tua obra entre nós, afasta suas tentações, tem misericórdia, livra-nos do mal...” Não vejo problemas em que oremos assim. Na realidade, esta oração me parece bem mais bíblica do que decretos e determinações por parte de alguns. Quando os crentes da Igreja do período apostólico se viram encurralados pelos líderes religiosos em Jerusalém, simplesmente se dirigiram a Deus e suplicaram que o Senhor olhasse para aquelas ameaças. Entregaram-se ao Senhor e Juiz de todos, esperando que ele fizesse justiça e juízo na terra (At 4.29).

Podemos expulsar demônios hoje?

Mas e quanto a ordenar aos demônios que saiam da vida de uma pessoa? Em outras palavras, será que podemos expelir demônios de alguém? Vejamos o que a Bíblia nos diz a este respeito.

1) Afora os inúmeros encontros com endemoninhados, Jesus se defrontou com duas tentativas diretas de Satanás para afastá-lo da cruz: uma no deserto, que foi repelida pela Palavra, e outra em Cesaréia de Felipe, quando, através das palavras precipitadas de Pedro, Satanás procurou dissuadir a Jesus de morrer na cruz (Mc 8.31-32). Em todas as ocasiões, Satanás foi rechaçado inextinguivelmente, apenas pela Palavra do Senhor.

2) O Senhor Jesus deu autoridade aos seus discípulos para que expelissem demônios à medida que fossem pregando o Evangelho, não só aos Doze Apóstolos, como aos Setenta (Mc 3.14-16; 6.13; Lc 10.1-16). Em suas instruções o Senhor Jesus não os ensinou a identificar as entidades malignas pelo nome, suas regiões geográficas, nem os autorizou a que se engajassem em diálogo com esses espíritos. Eles deveriam ser sumariamente expelidos sem mais

palavras. Foi assim que o próprio Jesus procedeu ao expelir demônios. Em vez de apelar para truques, fórmulas mágicas, talismãs e elaborado ritual – como era a prática dos exorcistas da época –, Jesus expelia os demônios meramente com a sua palavra. E os discípulos fizeram o mesmo.²

3) A Igreja apostólica entendeu claramente isso. Os apóstolos, e gente associada com eles, expeliram demônios em nome de Jesus, em seus labores missionários: Pedro e os apóstolos em Jerusalém (At 5.16), Felipe (At 8.7) e Paulo (At 16.18; 19.12). Quando exorcistas judeus ambulantes tentaram fazer isso em nome de Jesus, fracassaram dramaticamente (At 19.13-17). Em seus encontros com pessoas endemoninhadas, à semelhança de Jesus, os apóstolos e Felipe se limitaram a expelir delas os espíritos que as haviam invadido. Mesmo que Jesus em uma ocasião tivesse indagado o nome dos espíritos malignos que se haviam apossado do gadareno, os apóstolos não seguiram esse procedimento nem o ensinaram à Igreja. Aliás, em lugar algum das suas cartas às igrejas os apóstolos instruem os crentes a expelir demônios ou a entrar em diálogo direto com eles.

4) Não há registro nos Evangelhos de que discípulos, que não aqueles Doze e os Setenta, realizaram expulsões de demônios. A mesma coisa ocorre no livro de Atos. Apesar da passagem de Marcos 16.17 ter sido usada hoje como uma autorização para a prática de exorcismos pelos crentes, não foi assim que a Igreja apostólica a entendeu: nos relatos históricos que temos, expulsão de demônios foi feita apenas pelos apóstolos. A única exceção é Felipe, que se explica pelo fato de ter recebido diretamente das mãos dos apóstolos a sua ordenação.³

2 Os discípulos relataram a Jesus o caso do que parece ter sido um exorcista judeu ambulante que usava o nome de Jesus em seus exorcismos (Mc 9.38.). Entretanto, Jesus adverte que expulsão de demônios, bem como milagres realizados em seu nome, não são necessariamente evidências de verdadeira fé, como não-salvos que no dia do juízo reivindicarão ter expelido demônios em seu nome (Mt 7.22-23).

3 Marcos 16.17-18 pode ser interpretado como se referindo aos apóstolos. Além do mais, devemos trazê-lo para a discussão somente com cautela, tendo em vista os problemas textuais que estão envolvidos na passagem, e que levantam dúvidas sobre sua autenticidade.

Embora Jesus tenha dito aos Setenta que lhes havia dado poder para pisar serpentes e escorpiões – algo que se verificou no ministério apostólico (Lc 10.18-19), Paulo emprega o ensinamento de Jesus num sentido escatológico ao dizer aos crentes de Roma que o próprio Deus haveria de, em breve, esmagar a Satanás sob os pés deles – uma referência clara à vinda de Cristo e ao juízo final sobre Satanás (Rm 16.20).

5) Em nenhuma dessas passagens se narra que um verdadeiro discípulo de Cristo tenha sido libertado de demônios através de algum apóstolo ou evangelista.

À luz destas observações acredito que pastores e presbíteros, devidamente ordenados e em pleno exercício de suas atividades, poderão, em se deparando com pessoas genuinamente endemoninhadas, orar pela libertação da pessoa e, em nome de Jesus, ordenar que os espíritos malignos se retirem de suas vidas. Mas isto, não sem antes averiguarem cuidadosamente se a causa real para o comportamento estranho e bizarro da pessoa supostamente endemoninhada é de fato a atuação de espíritos malignos. Devem ser seriamente levadas em conta possibilidades como problemas psicológicos ou mentais, bem como a possibilidade de farsa deliberada, ou mesmo simples imitação de comportamento (coisa comum em contextos em que “possessão demoníaca” e seus efeitos mais populares – tremer, cair no chão, revirar os olhos, falar com voz diferente – ocorrem frequentemente). A autoridade que procede do Cristo exaltado fará que os demônios se retirem sumariamente, como lemos no livro de Atos. Não há base bíblica para questionamento dos nomes e atividade dessas entidades.

Todo esse procedimento, mesmo se bem-sucedido, será de pouca valia para a pessoa assim liberta se não for seguido de sua conversão genuína. Evidentemente, não há base bíblica para ministérios de “libertação” ou “cultos de libertação” cujo clímax é a expulsão de demônios (ministério *ekbalistico*). A expulsão de demônios jamais é contemplada no Novo Testamento como sendo alvo de ministérios ou cultos por parte da Igreja de Cristo.

CAPÍTULO 8

O ERRO RELIGIOSO

Talvez a arma mais poderosa de Satanás na sua guerra contra a Igreja seja o *erro religioso*. Possivelmente não exista arma mais eficaz. Espalhando doutrinas falsas, Satanás consegue que as pessoas fiquem confusas, e assim a verdade do Evangelho e o progresso da Igreja são cerceados. As heresias têm sido usadas pelo diabo contra a Igreja de Cristo desde que ela nasceu, e sempre com resultados terríveis. Na realidade, foi usando esse método que ele conseguiu seduzir e enganar o primeiro casal, introduzindo o pecado no mundo (Gn 3.4-5; 2Co 11.3; 1Tm 2.14).

Na visão que teve na ilha de Patmos, o apóstolo João percebeu claramente que esse método tinha efeitos devastadores. Quase mais nada consegue destruir tanto a fé e a pureza da Igreja quanto o erro religioso “autenticado” por demonstrações sobrenaturais. Esta é uma receita extremamente bem-sucedida para atrair e iludir os homens, feita pelo “*sedutor de todo o mundo*” (Ap 12.9). João viu emergir da terra uma besta, que operava grandes sinais, a ponto de fazer fogo descer do céu, à vista dos homens, e fazia com que eles, convencidos por tal demonstração de poder sobrenatural, fizessem e adorassem uma imagem (Ap 13.11-15; cf. Dt 13.1-3). João viu ainda espíritos imundos, semelhantes a rãs, que são *operadores de sinais* e que integram as legiões malignas que saem ao combate contra Cristo e sua Igreja (Ap 16.13-14). O apóstolo estava consciente do poder do diabo para produzir sinais e prodígios de mentira, para dar apoio ao erro religioso (cf. também 2Ts 2.9-10). O desígnio do maligno é desviar a Igreja da verdade de Deus. Por isso, precisamos estar alertas.

A importância da verdade

Muitas pessoas têm caído vítimas das ciladas do erro religioso. Não somente das seitas que estão lá fora, mas do erro religioso que brota de dentro da própria Igreja. Creio que o tomar a armadura de Deus inclui conhecer essa estratégia de Satanás e estar preparados para detectar e repudiar a mentira religiosa. É interessante que o moderno movimento de “batalha espiritual” venha enfatizando bastante o que os demônios fazem para afligir o corpo das pessoas, enquanto que pouco ou nada tem falado acerca da estratégia satânica de destruir as suas mentes através de falsas doutrinas. Fala-se muito em “libertação”, mas aparentemente isto não inclui se libertar de falsas doutrinas pelo estudar e aprender corretamente as doutrinas bíblicas, rejeitando as heresias.

O moderno movimento tem em certa medida despertado a Igreja para o caráter demoníaco do conflito em que ela se encontra. Entretanto, ele tem uma fraqueza grave. Identifica a atuação maligna prioritariamente com a doença, a depressão, os problemas financeiros e outras mazelas ocasionais, esquecendo-se que a mais danosa atuação do diabo é exatamente a difusão da mentira. Contra essa atividade satânica não existe uma solução fácil como “amarrar” ou “repreender” este ou aquele demônio.

A única defesa contra essa cilada do diabo é vestir a *verdade* de Deus, como o cinturão que os legionários usavam para proteger o ventre e carregar as armas (Ef 6.14). O *cinto da verdade* é a primeira peça que Paulo nomeia na armadura de Deus. A verdade! Paulo começa sua descrição com a verdade, pois só quando professa a verdade e crê nela é que a Igreja tem condições de resistir ao erro religioso. Obreiros cristãos podem “amarrar” quantos demônios queiram, e determinar e declarar a queda de quantas fortalezas existam, mas se não estiverem revestidos da verdade, da doutrina bíblica correta, de nada valerão essas declarações. Assim, faz parte do equipamento da Igreja na sua luta contra as hostes das trevas conhecer as astutas ciladas do diabo à medida que ele pros-

segue difundindo o erro, seja através das seitas conhecidas, seja dentro da própria Igreja.

Hoje em dia a ênfase a definições mais precisas e exatas da verdade teológica não é bem aceita em algumas igrejas (até mesmo históricas e tradicionais). O espírito que prevalece em muitas delas é de indefinição doutrinária. Muitos pastores, líderes e membros das igrejas não querem saber de precisão doutrinária, de exatidão na formulação teológica. Preferem um evangelicalismo vago e sem muita definição. Estão sob um “guarda-chuva”, debaixo do qual convivem harmoniosamente pessoas com as mais contraditórias convicções, algumas delas até heréticas.

O que impera hoje em muitas igrejas evangélicas, além da falta de definição doutrinária, é a falta de precisão e profundidade teológicas. E tudo em nome de uma tolerância cristã piedosa, porém ingênua. Não estou querendo generalizar. Sei que existem exceções, pelas quais damos graças a Deus. Entretanto, creio que concordarão comigo que esse é o “espírito da época”, uma tendência generalizada de se evitar doutrina e teologia claramente definidas, como se fossem inimigas da vida espiritual, do zelo, do fervor, do avivamento. Poucos percebem a importância de uma aferição exata dos posicionamentos doutrinários. Prevalece um evangelicalismo vago e indefinido.

Creio que o diabo se aproveita dessa tendência em sua luta contra a Igreja. Não é à toa que o apóstolo Paulo nos diz que, quando vamos vestir a armadura de Deus, devemos começar pela *verdade*. No texto Paulo não se refere à verdade ética, ao falar a verdade e nunca mentir. Naturalmente esse conceito ético está presente. Mas ali a *verdade* é a verdade de Deus, outro nome para a sã doutrina, para o Evangelho, entendido como um corpo doutrinário revelado e que tem de ser crido pela Igreja.

O propósito de Satanás

Vamos examinar mais de perto essa astuta cilada do diabo. Qual seu alvo em difundir a mentira religiosa? As Escrituras nos

asseguram que aqueles a quem Deus escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, e pelos quais o Salvador morreu eficazmente, ouvirão a mensagem do Evangelho no tempo apropriado e, capacitados pelo Espírito, crerão nela. Serão perdoados, justificados e aceitos por Deus. É o eterno propósito de Deus que garante que essas coisas acontecerão, sem que nada possa impedi-las (Rm 8.28-30; Ef 1.3-14; Jo 6.37,44; At 13.48). Satanás sabe disso. Entretanto, não sabe quem são esses eleitos. A igreja também não sabe e portanto procura salvar a todos. Satanás, por sua vez, procura destruir a todos. Em termos gerais, ele almeja impedir que os homens sejam salvos através do ouvir e do crer na pura verdade de Deus. O diabo sabe que a obra de Cristo, tudo que ele fez na cruz do Calvário e o grande plano de Deus de redenção, se tornam eficazes para salvar o homem perdido se o mesmo tomar conhecimento deles através do ministério da Igreja.

Ninguém pode ser salvo sem ouvir e crer no verdadeiro Evangelho. Em Romanos 10.13-15 Paulo diz que a salvação, em termos práticos, em termos do seu efeito, depende da pregação. Quando Satanás não puder impedir que o Evangelho seja anunciado, ele vai tentar fazer que ele chegue deturpado aos ouvidos dos pecadores porque, no fim, o efeito será o mesmo. As pessoas não ouvirão a pura verdade de Deus, mas ouvirão uma meia-verdade, ou uma completa deturpação da mesma, que não os pode salvar. Este é o propósito de Satanás com as heresias: impedir que o Evangelho se alastre em sua pureza e que os pecadores creiam na pura mensagem bíblica. Satanás está fadado ao fracasso. Nenhum dos planos de Deus serão frustrados. Entretanto, Satanás precisa tentar, até o fim. Se um dia ele pensou que poderia ser Deus, não é muito que pense que pode arruiná-lo.

O método de Satanás

O pai da mentira segue algumas estratégias para impedir que o Evangelho chegue aos ouvidos dos homens. *Primeiro*, ele oferece resistência aos verdadeiros pregadores, aos verdadeiros

evangelistas, aos verdadeiros pastores e missionários, que através do mundo todo tentam levar aos homens a mensagem de redenção que há em Cristo Jesus. Vemos esta estratégia satânica em ação no ministério do apóstolo Paulo, quando ele, ao tentar retornar à recém-fundada Igreja de Tessalônica, foi impedido pelo diabo: *“Por isto quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas), contudo Satanás nos barrou o caminho”* (1Ts 2.18). Paulo percebeu que o impedimento era uma oposição satânica. Não sabemos se ele jamais conseguiu retornar aos seus convertidos naquela cidade. Mas, o ponto é que, à medida que Paulo desejava desenvolver o seu trabalho missionário, encontrava oposição satânica.

Em *segundo lugar*, o diabo cega o entendimento das pessoas, para que elas não compreendam o que lhes está sendo dito acerca do plano redentor de Deus. Escrevendo aos coríntios, Paulo revela: *“Se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”* (2Co 4.3; cf. 3.14; 1Co 1.18). Por que tantas pessoas inteligentes ouvem a mensagem do evangelho mais de uma vez e não conseguem compreendê-la e aceitá-la? A resposta é uma só: que os poderes malignos e tenebrosos que ocupam nosso mundo e o dominam cegam o entendimento dos incrédulos; fecham os seus olhos e não lhes permitem ver o que é óbvio, o que é claro. O diabo faz isso (cf. Ef 2.2).

Em *terceiro lugar*, o diabo tenta anular o efeito da Palavra de Deus nos corações humanos. Na parábola do semeador o Senhor Jesus narra como algumas sementes caem à beira do caminho e os pássaros as levam impedindo que elas germinem (Lc 8.5,12). Ele compara a atividade daqueles pássaros à obra do maligno em tirar o que é plantado no coração das pessoas para que elas não venham a crer na verdade do evangelho. Isso o diabo faz de várias maneiras. Ele distrai a atenção do ouvinte que escuta a mensagem

evangelística; ou, quando a pessoa ouve, ele “arrebata” o efeito da Palavra no coração humano através das distrações e preocupações da vida. Assim, o efeito é anulado, e a Palavra não produz resultado.

Quarto, quando o diabo não consegue impedir que o Evangelho seja divulgado, usa outra estratégia que é difundir o erro religioso para causar confusão. Por isso, como pai da mentira, é também o pai do erro religioso. A parábola do joio e do trigo, contada pelo Senhor, é bastante esclarecedora sobre esta estratégia de Satanás. Nela temos uma descrição da obra do maligno em difundir o erro religioso e perturbar a vida da igreja:

“O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se. E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Onde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso” (Mt 13.24-28).

O Senhor nos dá a explicação da parábola:

“Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E, chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo. E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino [os que seguem a Jesus]; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos” (36-39).

Jesus portanto disse que o diabo colocou no mundo seus agentes difusores da mentira. Aqui são chamados de *filhos do*

maligno. São comparados ao joio, que é uma erva daninha amargosa, distinta do trigo apenas quando ambas chegam a certo desenvolvimento. Semear o joio em um campo de trigo se fazia no oriente antigo quando alguém tinha ódio a outro e desejava se vingar. Em vez de atear fogo na plantação de trigo do inimigo, ele mandava semear o joio no meio dela. A princípio não se percebia tanto, pois o joio, quando começa a crescer, é muito semelhante ao trigo. Há o risco de se arrancar o trigo junto com o joio quando se tenta limpar um campo cedo demais. Somente depois que ambos crescem é que se vê a diferença. Antes, é quase impossível fazer a distinção apropriada e só se percebia a desgraça na hora da ceifa, quando não se tinha mais o que fazer. Essa era a vingança: semear o joio no meio do trigo.

O diabo usa exatamente a mesma estratégia. Ele semeia a mentira e o erro religioso no mundo e na Igreja através de pessoas que se prestam a servi-lo. O seu desejo é perturbar – quando não consegue impedir – a obra de Deus no mundo. Ele confunde as pessoas com uma variedade de ensinamentos falsos sobre Deus, o Evangelho e a salvação. Corrompe a verdade bíblica em cada geração e divulga o erro na Igreja. Esta é sua astuta cilada.

Os instrumentos de Satanás

Quais os instrumentos que ele usa? Paulo menciona em 1 Timóteo 4.1-2 dois agentes diretos do maligno:

"Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinamentos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras, e que têm cauterizada a própria consciência..."

Paulo fala aqui, em *primeiro lugar*, de espíritos enganadores, de demônios que são capazes de produzir doutrinas. Em 1 Timóteo 4.14 ele já havia mencionado *ensinos* de homens mentirosos que, por meio de armadilhas, levam as pessoas por caminhos errados. Mas agora ele revela a origem desses ensinamentos

mencionar “ensinos de demônios”. Essa expressão sugere a idéia de ensinos que foram inventados por demônios, que têm sua origem na iniciativa demoníaca. É evidente, assim, que demônios são capazes de produzir doutrina. Não pensemos que o diabo não conhece teologia! Ele conhece muito mais do que o melhor preparado entre nós, melhor do que qualquer teólogo sobre a face da terra. Ele acompanha desde a criação do mundo todo o desenrolar da história da salvação. O diabo, como pai do erro religioso, usa espíritos enganadores para difundir doutrinas que ele mesmo inventou. O maior laboratório teológico de todo o mundo é o próprio inferno. Lá no gabinete de Satanás nascem os erros religiosos, a heresia, o engano e a confusão religiosa. Enquanto o Espírito Santo é o *Espírito da verdade*, que guia os filhos de Deus em toda a verdade (Jo 16.13), o diabo é o espírito do erro, da mentira, que ilude e guia os homens em toda a falsidade (1Co 12.1-3; compare com 1Co 10.19-20).

Esses demônios são capazes também de realizar sinais e prodígios para dar aparência de verdade aos desvios doutrinários que produzem. O diabo sabe que o homem facilmente se impressiona com o sobrenatural e, assim, para dar autoridade à mentira que ele deseja difundir, ele a “autentica” através de milagres e outras manifestações do gênero. Satanás é capaz de até mesmo produzir uma falsa sensação de paz e alegria. Eu ainda não encontrei um membro de qualquer seita que não diga que goza de paz. Pelo contrário, todos afirmam que têm paz, alegria e senso de realização profundos.

Lembro-me de uma ocasião, quando eu era seminarista em Recife, de um jovem mórmon que encontrei em um acampamento para jovens, do qual eu era um dos preletores. Procurei conversar com ele para lhe transmitir o Evangelho, mas minha abordagem foi desastrosa. Comecei perguntando se ele tinha paz. Na minha inexperiência, esperava que ele dissesse que não, e assim me desse uma chance de lhe apresentar a Cristo. Mas sua resposta foi o oposto do que eu esperava, pois ele afirmou que tinha muita paz e

que estava feliz na sua seita. Na verdade, disse ele, antes de se tornar mórmon, não tinha paz, mas agora sim. Minha tentativa ruiu por terra. Eu não estava ciente de que as seitas ensinam e fornecem às pessoas uma falsa sensação de paz e de alegria.

Outro instrumento do diabo, em *segundo lugar*, são homens e mulheres que se prestam à tarefa satânica de difundir a mentira religiosa. Satanás mesmo não escreve livros de teologia, é claro – ele age através de homens e mulheres que se prestam a esse fim. Há dois tipos de pessoas que são usadas para difusão do erro na Igreja.

Primeiro, existem aquelas pessoas absolutamente sinceras que vieram a cair vítimas do erro dentro da própria Igreja. Elas acreditam sinceramente nessas mentiras e se esforçam por persuadir os demais, pois estão convencidas de que são a verdade de Deus. Isso aconteceu no século passado com um pastor presbiteriano que viveu na Inglaterra logo após o grande pregador batista Charles Spurgeon. Ele praticamente sucedeu Spurgeon em termos de popularidade em Londres. Seu nome era Edward Irving.¹ Começou como assistente do grande pregador Thomas Chalmers. Quando Chalmers morreu, Irving assumiu o púlpito da Igreja e, em menos de um ano, aumentou tremendamente o número dos que assistiam aos cultos. Irving tinha tudo para ser um dos pregadores populares mais bem-sucedidos da Inglaterra. Tinha boa aparência, eloquência extraordinária, uma mensagem apaixonada, viril, definida, e pregava de maneira cativante. No início do seu ministério atraía multidões. Até mesmo pessoas de outras localidades iam a Londres para ouvi-lo falar. Os lugares na sua igreja tinham de ser reservados com semanas de antecedência.

Irving veio a ser conhecido como um dos principais precursores do movimento pentecostal. Antes deste movimento surgir em 1906, Irving já admitia em sua igreja a prática dos dons normal-

¹ Veja mais detalhes no artigo de Alderi S. Matos, "Edward Irving: Precursor do Movimento Carismático na Igreja Reformada" em *Fides Reformata* 2/1 (1966) 5-14. Cf. também Arnold Dallimore, *Forerunner of the Charismatic Movement: The Life of Edward Irving* (Chicago: Moody, 1983).

mente associados com a prática da maioria dos grupos pentecostais. Ele havia iniciado uma associação com os Irmãos de Plymouth, um grupo que tinha umas idéias estranhas sobre escatologia, entre elas, a popular noção da volta secreta de Cristo. Eles defendiam que a volta de Cristo estava totalmente “às portas”, que era iminente, e que antes disso seriam restaurados à Igreja todos os dons apostólicos como estavam narrados no Novo Testamento, inclusive os dons de apóstolo e de profeta. Irving se deixou convencer por este ensino e abriu as portas de sua igreja para que se formassem dois grupos, um ficou conhecido como “os doze apóstolos”, e outro como “os profetas”. Estes últimos se levantavam nos cultos, interrompendo os sermões de Irving e vaticinavam sobre a vida das pessoas. Irving mesmo não se considerava um apóstolo nem um profeta. Contudo, aceitava essas pessoas como tais, e se deixava humildemente interromper durante os cultos para que elas, muito menos preparadas do que ele, doutrinassem a sua enorme congregação. Ele também permitiu o falar em línguas apesar de ele mesmo não falar.

Irving passou a ensinar que Cristo, quando encarnou, assumiu uma natureza genuinamente pecaminosa. Segundo ele, Cristo não só tinha assumido a fraqueza da natureza humana, como também a própria corrupção dessa natureza humana. O seu presbitério o disciplinou por heresia. Ele saiu da Igreja Presbiteriana, mas levou uma grande parte da sua comunidade, e continuou como pastor deles. Finalmente, os “apóstolos” assumiram a liderança e expulsaram o próprio Irving da igreja. Irving morreu antes dos 40 anos de idade, doente de pneumonia. Morreu orando para que Deus o curasse. Ele defendia que o dom de cura havia sido restabelecido na Igreja e que Deus curava exatamente da mesma maneira como curou no período apostólico. Mas morreu decepcionado com essa crença.

Esta é uma história trágica e a exponho com muito temor. É um fato histórico ocorrido com um pastor sincero. Ninguém duvida da honestidade e da piedade de Edward Irving. Ele queria viver

para a glória de Deus. Mas, em algum lugar da sua carreira, ele deixou de seguir a verdade. Na sua armadura faltava o cinto da verdade e por ali o inimigo entrou e o derrubou. Seus seguidores fundaram a Igreja Apostólica, ou Irvingita, uma seita que existe ainda hoje, com o nome de Igreja Nova Apostólica, tendo inclusive comunidades no Brasil. Podemos concluir que uma pessoa sincera que não esteja vestida com a verdade, mesmo com toda boa intenção, pode ser usada para difundir ensinamentos que não correspondem às Escrituras. Irving estava errado e a história demonstrou isso. Não basta ser sincero, é necessário estar firmado na Escritura, na Palavra de Deus. Infelizmente o povo brasileiro é muito impressionável. Basta que alguém conte seu testemunho, que teve esta ou aquela revelação, este ou aquele sonho, uma visão ou uma voz do céu, e as pessoas logo lhe dão crédito.

Mas há, em *segundo* lugar, aqueles homens mentirosos e hipócritas que têm a consciência morta, queimada com ferro em brasa. Eles sabem que estão dizendo mentiras, mas não se importam. Seus fins são simplesmente se aproveitar financeiramente da fé e da ingenuidade dos outros. Paulo disse que estes perderam o juízo, não têm mais a verdade, e pensam que a religião é um meio de se tornarem ricos (1Tm 6.5). Tais pessoas não se preocupam se o que estão dizendo é verdade ou não, desde que ganhem alguma coisa com o que pregam e ensinam. Talvez glória pessoal, talvez nome, talvez o aplauso das pessoas, talvez popularidade. Estão interessados apenas em ter como retorno algum lucro ou proveito, como os fariseus da época de Jesus. Estes tinham como objetivo explorar as viúvas e lhes roubar os bens, disfarçando seu intento com longas orações (Mt 23.14; cf. Jr 6.13; 8.10). Ou ainda como o “santeiro” Demétrio, que vivia à custa da idolatria do povo de Éfeso, fazendo imagens da deusa Diana (At 19.24-28).

O Senhor Jesus nos alertou contra esse tipo de gente em Mateus 24.24: “... *surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos*”. Jesus antecipou que isso aconteceria na Igre-

ja. Se perguntarmos onde isso está acontecendo hoje dentro das igrejas evangélicas, possivelmente alguns dirão que nada disso está acontecendo. Eles não vêem nada de errado no evangelicalismo moderno. Para eles, tudo está bem. Mas a verdade é bem diferente. Quando Jesus disse que haveria falsos mestres e falsos profetas fazendo sinais e prodígios que, se possível, enganariam os próprios eleitos, ele não estava querendo simplesmente nos dar um susto. Ele estava querendo nos dar um alerta genuíno e verdadeiro de que esse tipo de coisa haveria de acontecer repetidamente na história da Igreja. Esta palavra do Senhor não tem sido levada tão a sério como nós pensamos.

Lemos no livro de Atos que o apóstolo Paulo de certa feita exortou os presbíteros da Igreja de Éfeso a se cuidarem contra os falsos ensinamentos que certamente haveriam de penetrar nas comunidades por ele fundadas após a sua saída. Ele diz: *“Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles”* (Atos 20.29-30). Tais falsos mestres têm um propósito: arrastar os discípulos atrás deles. Querem formar seguidores, arrastar os discípulos falando coisas pervertidas.

A preocupação apostólica com a verdade

As cartas de Paulo e dos demais apóstolos foram escritas, entre outras coisas, para combater o erro religioso no primeiro século e para prevenir as igrejas nascentes contra a sua influência perniciosa. Se os apóstolos não houvessem se preocupado em preservar a pureza doutrinária, é possível que a Igreja já houvesse se deturpado a ponto de se tornar irreconhecível como Igreja de Cristo. Foi também graças a essa preocupação que nós hoje temos o Novo Testamento, especialmente as cartas apostólicas. Na realidade, até mesmo os Evangelhos tinham um propósito apologético, entre outros, ao serem escritos. Os apóstolos, quando sentaram para escrever suas cartas às igrejas do primeiro século, tinham como

alvo corrigir problemas específicos que estavam ameaçando a vida dessas comunidades.

Na maioria dos casos, a questão era o surgimento de algum erro religioso. A carta aos Colossenses, por exemplo, foi escrita pelo apóstolo Paulo para combater a ameaça de uma estranha mistura de judaísmo, cristianismo e gnosticismo que havia brotado na comunidade. O gnosticismo em si era uma mistura de filosofia grega, misticismo pagão e cristianismo, que danificou a Igreja até o terceiro século. O apóstolo João escreveu o seu Evangelho possivelmente para combater alguns aspectos desta heresia. A sua primeira carta reflete alguns dos pontos do gnosticismo incipiente do primeiro século, como a negação da encarnação de Cristo (cf. 1 Jo 4.1-6). Judas escreve a sua carta para exortar a Igreja a combater pela *“fé que uma vez foi entregue aos santos”* (Jd 3). A segunda carta de Pedro tem o mesmo propósito de combater os falsos mestres e os seus ensinamentos. Paulo, quando escreveu a epístola aos gálatas, tinha como objetivo combater uma heresia que estava sendo transmitida por “cristãos” que desejavam ainda conservar aspectos cerimoniais da lei de Moisés, como circuncisão, o calendário religioso judaico e as leis relativas à dieta religiosa dos judeus. Segundo alguns estudiosos, havia nesse ensino até mesmo alguns elementos místicos do gnosticismo. Era uma espécie de legalismo religioso. Hoje toleramos práticas legalistas dentro da Igreja. Mas Paulo achou tão importante a sã doutrina, que escreveu Gálatas com o propósito de preservá-la. O mesmo acontece com sua primeira carta aos Coríntios. O capítulo quinze tem como alvo combater uma heresia dentro da igreja que negava a ressurreição do corpo. A segunda carta aos Tessalonicenses também procurava corrigir um ensinamento falso acerca da vinda de Cristo. Uma das principais ênfases das cartas pastorais de Paulo a Timóteo e Tito é exatamente que eles estejam alertas e prontos para confrontar e refutar o ensino dos falsos profetas.

É evidente a preocupação dos apóstolos com a sã doutrina! Eles sabiam que o diabo pode corromper a mente dos crentes e

afastá-los da simplicidade do Evangelho (2Co 11.3). Eles lutaram e se esforçaram para prevenir a infiltração do erro nas comunidades. A cada geração a Igreja tem enfrentado falsos profetas e falsos ensinamentos. Não pensemos que será diferente com a nossa própria geração.

A ilusão do erro

O erro religioso é muito sutil. O diabo sabe como apresentá-lo de modo atraente. *Primeiro*, é necessário fazer que o erro venha disfarçado de verdade. O diabo nunca manda o erro sozinho, nunca manda veneno com a figura de uma caveira e dois ossos cruzados dizendo: "cuidado, veneno". Ele manda um vidrinho de perfume, com cheiro agradável, mas cujo conteúdo é fatal. O erro religioso sempre vem em uma embalagem bonita, atraente e junto com outras coisas boas com as quais nós concordaríamos.

Segundo, o diabo torce sutilmente a verdade de Deus, como fez lá no jardim do Éden, para levar a mulher a se desviar do mandamento de Deus (Gn 3.1-6). No deserto, tentando Jesus, ele torceu duas passagens do Salmo 91, aplicando-as de maneira errada, ao sugerir a Jesus que pulasse do pináculo do templo. Seu argumento foi que estava escrito que os anjos sustentariam ao Senhor. O diabo fez uma aplicação absolutamente errada de uma passagem das Escrituras (cf. Mt 4.6). Mudou o seu sentido para tentar Cristo a agir baseado numa interpretação forçada da Escritura. Esta é uma característica de todo falso mestre. Ele sempre tem uma interpretação distorcida da Escritura. Os falsos mestres, conquanto possam expressar verdades da Escritura em seu ensinamento, costumam se desviar em algum ponto básico, como na doutrina de Deus, de Cristo, do Espírito Santo, da criação, do pecado ou da redenção.

Terceiro, o diabo se manifesta como anjo de luz. Paulo nos fala em 2 Coríntios 11.13-15 dessa transfiguração de anjo de trevas em anjo de luz. O apóstolo admite a possibilidade de um anjo vindo do céu anunciar um Evangelho distorcido aos homens

(Gl 1.8). Quase todas as seitas reivindicam que começaram sobrenaturalmente, com uma revelação vinda do céu, e mesmo através da aparição de anjos. Quase todos os fundadores de seitas reivindicam ter experimentado visões, sonhos, revelações ou fenômenos sobrenaturais. Maomé anunciou sua nova religião ao mundo partindo da afirmação de que Deus lhe havia revelado uma nova verdade. Joseph Smith, fundador do mormonismo, afirma que foi visitado várias vezes pelo anjo Moroni, que lhe indicou onde estariam umas placas de ouro contendo a verdade divina, que posteriormente vieram a ser a base para o livro de Mórmon. Alan Kardec igualmente liga o nascimento da sua doutrina, que é o espiritismo moderno, ao fenômeno das mesas girantes.

Li com preocupação a história de um evangelista coreano chamado Daniel Kim. Esse homem tem pregado uma mensagem apocalíptica no mundo inteiro, atraindo milhares de pessoas para seu movimento, chamado de “O Evangelho Eterno”. Ele narra em suas publicações que em 1954 recebeu uma ordem de Deus para pregar o “evangelho eterno”. Diz que chegou a morrer, que subiu até aos céus e que lá Deus lhe revelou o segredo do livrinho mencionado em Apocalipse 10, cujo conteúdo não havia sido permitido a João escrever (cf. Ap 10.1-4). Deus então lhe permitiu voltar à vida com a ordem para que anunciasse o conteúdo do livro, o “evangelho eterno”, ao mundo inteiro. Kim agora vai ao mundo inteiro pregando esse “evangelho eterno”. Notemos no surgimento do movimento de Kim a marca característica das seitas, uma revelação extrabíblica, para a qual ele foi arrebatado até o terceiro céu recebendo o segredo do livrinho que Deus não revelou nem ao apóstolo João! Isto introduz nosso próximo ponto. Já nos referimos a ele algumas vezes, mas examinemo-lo mais de perto agora.

Manifestações sobrenaturais aliadas ao erro

As Escrituras nos advertem que as forças das trevas têm a capacidade de produzir fenômenos sobrenaturais. Os feiticeiros de Faraó, os mágicos do Egito, conseguiram imitar, através de

ciências ocultas, alguns dos milagres efetuados por Moisés e Arão diante de Faraó (Êx 7.10-11, 20-22; 8.6-7). Falsos profetas são capazes de anunciar sinais e prodígios que eventualmente venham a suceder (Dt 13.1-3; cf. At 16.16-18). Lemos no livro de Jó que Satanás aparentemente foi capaz de fazer fogo cair do céu (que o servo de Jó confundiu com fogo de Deus) para consumir o rebanho do patriarca, bem como trazer fortes ventos sobre a casa de seus filhos (Jó 1.13-19). Várias passagens nas Escrituras nos advertem contra esses poderes das trevas (cf. Mt 24.24; 2 Ts 2.9).

Nos dias atuais ouvimos falar de milagres operados por santos católicos. Milagres e prodígios associados com imagens e relíquias dos santos foi a arma que a Igreja Católica usou para dar credibilidade ao seu ensino na idade medieval, mas ainda hoje ouvimos falar dessas coisas. O espiritismo tem igualmente ganhado muitos adeptos usando o mesmo estratagema. Nas sessões espíritas, dizem seus defensores, ocorrem encontros com o sobrenatural. Isso é usado como prova de que a doutrina kardecista é verdadeira. Certamente há muita charlatanice e credice nos relatos de eventos sobrenaturais que ouvimos em nossos dias – inclusive em igrejas protestantes – mas não devemos esquecer que alguns podem ter ocorrido, de fato, sem que necessariamente Deus os tenha produzido. Prodígios podem ser efetuados por demônios operadores de sinais para dar autoridade à mentira, para dar credibilidade aos ensinamentos falsos. Deus não autenticaria a idolatria e a reencarnação, para não mencionar outros erros religiosos, através de demonstrações miraculosas vindas de sua parte. Contudo, ele pode permitir que o diabo e seus anjos decaídos se utilizem do sobrenatural para iludir os que rejeitam a verdade, como Paulo afirma:

“Ora, o aparecimento do iníquo [o Anticristo] é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.

É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade” (2Ts 2.9-12).

Essas manifestações são chamadas de “*sinais e prodígios da mentira*”. A expressão “*da mentira*” pode indicar, primeiramente, a *natureza* desses sinais. Neste caso, Paulo estaria se referindo ao fato que as manifestações sobrenaturais operadas pelos poderes das trevas são apenas aparentes, são mentiras, não ocorrem realmente. Nenhuma delas é um milagre verdadeiro, apenas embuste. Ou a expressão pode indicar ainda o *objetivo* dos sinais e prodígios, que é autenticar e promover a mentira. Em ambos os casos o alvo é o mesmo, levar pessoas a crerem no erro religioso ensinado pelo curandeiro. Um exemplo de “*sinais e prodígios da mentira*” no Novo Testamento são as artes mágicas realizadas por Simão Mago, o feiticeiro de Samaria. Através delas, por muito tempo, Simão manteve o povo da cidade sob sua influência (At 8.9-11). Visto que existe essa relação entre o sobrenatural e os falsos ensinamentos, a Bíblia nos adverte a não dar crédito ao sobrenatural sem analisar as doutrinas relacionadas com ele. É por isso que no Antigo Testamento o teste do profeta não era somente se a sua profecia se cumpria (Dt 18.21-22), mas se o seu ensinamento estava em harmonia com a Lei de Deus (Dt 13.1-5). O teste final era a ortodoxia do profeta, não apenas se a sua profecia se cumpria.

O perigo do desequilíbrio

Outra estratégia de Satanás é fazer que os crentes percam o equilíbrio teológico. Seu método é levá-los a tomar certos pontos doutrinários secundários e os transformar em pontos centrais, produzindo um desequilíbrio. Um caso bem atual é a centralidade que a expulsão de demônios tem recebido em vários movimentos, produzindo um desequilíbrio que faz com que aquilo que é realmente central na Bíblia seja obscurecido ou completamente ignorado.

É possível tomar coisas boas e legítimas, como os dons do Espírito Santo, e trazê-las para o centro de um movimento, a ponto de as doutrinas centrais, como a pessoa e a obra de Cristo, sua glória, seus atributos, sua obra de salvação no mundo, serem ignoradas ou receberem uma atenção mínima, produzindo igrejas desequilibradas teologicamente. Outro exemplo é a questão social, que é uma questão necessária e legítima. O que acontece? Pessoas tomam este aspecto e o trazem para a linha de frente, dando-lhe tanta ênfase que a função principal da Igreja, que é proclamar o Evangelho, fica obscurecida e até negligenciada.

O desequilíbrio teológico é uma forma de erro religioso, pois onde a verdade não é apresentada em todas as suas facetas, o resultado é um Evangelho deformado, que produz dano às almas dos que nele crêem. Creio que o diabo usa pessoas absolutamente sinceras para trazer o desequilíbrio para dentro da Igreja.

Conclusão

O que tudo isso tem a ver conosco? O erro religioso é tremendamente perigoso. Mesmo que alguns achem que não há nenhum perigo na falta de exatidão doutrinária, a Bíblia nos mostra o contrário. Ela nos diz que a mentira religiosa é prejudicial para a Igreja, pois afasta o povo da verdade, corrompe a fé e as consciências. A verdade doutrinária deve ser buscada, pregada e guardada zelosamente pelos pastores e líderes do povo de Deus, e defendida com as armas legítimas. O erro religioso conduz à prática religiosa errada e desequilibrada. Só a verdade liberta, só ela traz paz verdadeira e crescimento espiritual genuíno. O Espírito Santo não abençoa o erro. O Espírito Santo é chamado na Bíblia de *Espírito da Verdade*. Por isso só abençoará a verdade.

Como resistir ao erro? Não há um caminho fácil. Os falsos ensinamentos não serão banidos do meio da cristandade simplesmente através de irmãos bem intencionados que acreditam poder resolver o problema declarando que o erro religioso está banido, e “amarrando” os espíritos enganadores, produtores de falsos ensi-

nos. Não há substituto para se tomar a armadura de Deus, especialmente o cinto da verdade.

A Igreja só tem uma defesa contra o erro religioso. É tomar toda a armadura de Deus, vestir-se da verdade, tomar a couraça da justiça que vem da parte de Deus, empunhar a Palavra, a espada do Espírito. Não há outras armas. Isso significa estudo profundo da Palavra, em oração, meditação sobre ela, tomada de posição firme contra o erro religioso e resistência à tendência do evangelicalismo moderno de fazer coexistir pacificamente, debaixo do mesmo guarda-chuva, as mais diferentes e contraditórias idéias, como se todas fossem verdadeiras e se complementassem mutuamente. Não há outro caminho.

CAPÍTULO 9

PAULO E SATANÁS

Neste capítulo gostaria de abordar duas ocasiões em que o apóstolo Paulo se viu confrontado por Satanás em sua vida e ministério. A primeira, narrada em 2 Coríntios 12.7-10, em que Paulo revela que já por catorze anos carregava em sua carne um doloroso e humilhante espinho satânico, sem experimentar a libertação daquele incômodo. A segunda, narrada em 1 Tessalonicenses 2.17-18, quando Satanás barrou o seu caminho e o impediu de retornar à igreja de Tessalônica. Obviamente ele se viu diante da oposição satânica muitas outras vezes no decorrer da sua atividade missionária. Em certa ocasião, Satanás se opôs através do feiticeiro judeu Barjesus, ou Elimas, que queria impedir que o procônsul Sérgio Paulo escutasse o Evangelho (At 13.6-12). Noutra ocasião, uma moça possuída de espírito de adivinhação tentava perturbar o testemunho dele em Filipos (At 16.18). Nessas duas circunstâncias Paulo confrontou os poderes malignos que estavam por trás de Elimas e da moça. No caso de Elimas, Paulo repreendeu e pronunciou juízo divino sobre o feiticeiro, o qual se cumpriu imediatamente (At 13.11). No caso da moça, ele ordenou em nome de Jesus ao espírito de adivinhação que a deixasse, no que foi imediatamente obedecido (At 16.18). Afora estas duas ocasiões, vemos que Paulo em várias oportunidades expeliu demônios, como por exemplo durante seu ministério em Éfeso (At 19.11).

É importante observar que nem sempre Paulo adotou essa estratégia de confronto. Nem sempre ele exerceu autoridade sobre Satanás para tirá-lo do seu caminho, como o fez no caso de Elimas e da moça de Filipos. Na verdade, vemos Paulo quase que totalmente impotente para remover o espinho satânico de sua carne e para transpor a trincheira que Satanás abriu no caminho para

Tessalônica. É uma solução muito simplista dizer que foi falta de fé do apóstolo. Existe outra explicação. Creio que Paulo e os demais apóstolos dependiam inteiramente de Deus quanto ao tempo e ao modo de enfrentar Satanás. O mesmo ocorria com relação aos milagres e curas. Nem sempre Paulo podia curar. Os sinais e prodígios que acompanhavam seu ministério, e que demonstravam que ele era apóstolo, não ocorriam à vontade de Paulo, mas debaixo do critério soberano do Espírito (2Co 12.12; Rm 15.18-19; cf. Hb 2.4).¹ Em pelo menos duas ocasiões ele teve de aceitar a doença de seus amigos. Não pôde curar Trófimo, a quem deixou doente em Mileto (2Tm 4.20), nem Timóteo, seu companheiro de viagem, que padecia de freqüentes enfermidades. Somente lhe recomendou o uso medicinal do vinho (1Tm 5.23). Ele mesmo padeceu de uma doença que afinal foi a causa pela qual veio pregar o Evangelho na Galácia, e que permaneceu com o apóstolo durante seu ministério naquela região (Gl 4.13-15). Talvez seja por essa razão que nem Paulo nem os demais apóstolos marcaram reuniões de cura e expulsão de demônios com antecedência. Eles não sabiam quando Deus iria curar ou lhes dar poder para expelir demônios! A prática moderna de marcar reuniões de cura e exorcismo com antecedência, até com semanas de prazo, é totalmente estranha ao Novo Testamento. Enquanto que os modernos operadores de sinais agem de forma a dar a entender que têm controle sobre o Espírito, os apóstolos viviam na mais completa sujeição à vontade divina. Assim, enquanto que em algumas ocasiões aprovou a Deus conceder que Paulo usasse de autoridade sobre Satanás, em outras, aprovou ao Senhor permitir que Satanás tivesse algum sucesso em afligir o apóstolo e colocar obstáculos em seu caminho. Não é que Paulo não estivesse revestido de “toda a armadura de Deus”. A armadura de Deus não tem como objetivo nos livrar da dor, do sofrimento, das aflições e dos contratempos caracterís-

¹ Vale acrescentar que, para Paulo, além dos sinais e maravilhas operados por suas mãos, sua integridade pessoal, seu conhecimento profundo do mistério de Cristo e os sofrimentos e angústias que sofria por Cristo, o identificavam como verdadeiro apóstolo de Cristo, cf. 2Co 4.2; 6.4-10; 11.6; 11.22-33; 1Co 9.2.

ticos do mundo em que vivemos. Ela nos é dada para que, em meio a estas aflições e dores, nos mantenhamos *firmes* na fé, na santidade, sem nos deixarmos arrastar ao pecado. Foi o que ocorreu com Paulo. Satanás teve sucesso em lhe cravar na carne um espinho doloroso em excesso, mas não teve sucesso em fazer que o apóstolo amaldiçoasse a Deus, se revoltasse e abandonasse o seu ministério. Paulo estava firme, protegido pela armadura de Deus.

Esta reflexão inicial já nos traz um importante elemento para compreendermos de que modo devemos resistir aos esforços do diabo em nos afligir e oprimir. Não entendo que o método divino para fazermos isto é sempre expulsar ou expelir as entidades malignas responsáveis pela aflição ou dificuldade, como ensina o moderno movimento de batalha espiritual. A atitude de Paulo para com o espinho na carne e para com a barreira em Tessalônica pode trazer alguma lucidez para os evangélicos de hoje. Muitos deles, incorretamente, entendem que é somente pelo exorcismo que a Igreja e os crentes individuais podem resolver os seus problemas.

O espinho na carne

Paulo revela aos seus leitores em 2 Coríntios 12.7-10 um confronto satânico que vinha experimentando fazia catorze anos. Foi em determinado momento da sua vida em que esteve engajado em um tremendo combate espiritual.

“E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades,

*nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo.
Porque quando sou fraco, então é que sou forte.”*

Aqui nós temos uma das poucas vezes em que o apóstolo Paulo fala de si mesmo, e uma das raras vezes em que ele narra um confronto seu, íntimo, que teve com Satanás. É uma confissão, uma declaração do embate, do conflito, da batalha espiritual que teve com as hostes das trevas.

No capítulo 12.1, Paulo se vê obrigado a narrar uma experiência gloriosa, sagrada, fazia catorze anos, da qual nunca havia falado em público. Havia falsos apóstolos na cidade de Corinto, alegando ter autoridade igual à de Paulo (2Co 11.4-5, 13-15). Estes, apresentando como prova de autoridade a sua descendência hebraica, enfatizavam que eram semente de Abraão e ministros de Cristo (2Co 11.22-23). Não é impossível que tivessem apresentado como prova adicional testemunhos de visões e revelações que teriam recebido da parte de Deus. A resposta de Paulo é mostrar que seus sofrimentos por amor a Cristo e às igrejas o destacam como verdadeiro apóstolo, em contraste àqueles falsos mestres, que nunca haviam experimentado uma única chicotada por anunciar o Evangelho (2Co 11.24-33). Quanto às visões alegadas por eles, não convinha a Paulo se gloriar em público de determinadas experiências que, como apóstolo de Cristo, ele havia passado. Mas agora era necessário fazê-lo, para confirmar o seu apostolado e desmascarar aqueles falsos mestres. Passa a narrar então, com alguma relutância, aquela revelação que havia recebido do Senhor havia catorze anos. É importante notar que em toda essa passagem (2Co 12.7-10) Paulo menciona *o Senhor*, sua designação costumeira para o Senhor Jesus. Foi ele quem concedeu a extraordinária experiência que Paulo narra, de como havia sido arrebatado até o terceiro céu e ali ouviu coisas indizíveis, coisas que ao homem não era lícito falar (2Co 12.2-4). A relutância de Paulo se percebe pelo fato dele narrar a experiência como tendo acontecido a “um homem” que ele conhecia. Na verdade, o apóstolo se refere a si próprio. Aquela experiência, sim, era verdadeira e algo do qual

poderia se gloriar. Mas ele diz no versículo 6: *"... se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas abste-nho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve"*.

Para Paulo não era conveniente sair contando este tipo de experiências. Quando alguém começa a falar muito dessas coisas, o foco das atenções muda do Senhor Jesus para o homem. Paulo não queria chamar a atenção sobre si e por isso se abstinha completamente de falar. E o Senhor, para evitar que seu servo viesse a ensoberbecer-se pela grandeza daquela revelação, permitiu que um mensageiro de Satanás viesse humilhá-lo (12.7). Assim, em vez de se gloriar naquela revelação extraordinária, Paulo passa a se gloriar na experiência oposta, que revelava suas fraquezas e sua total dependência da graça de Jesus Cristo. Era disto que ele se gloriava de boa vontade (12.9). Ou seja, mais motivo de glória era a graça para suportar as aflições, do que visões e revelações do céu.

A natureza do espinho

Nesta passagem existem preciosas lições para nós relacionadas com o tema de batalha espiritual. Vamos aprender com Paulo de que modo devemos reagir a um ataque pessoal de Satanás. Começamos por entender o ataque sobre Paulo. Sabemos pouco da natureza desse ataque. Através da história da Igreja muitas pessoas têm tentado explicar que "espinho na carne" era aquele que foi dado a Paulo. Alguns sugerem que o diabo havia usado uma doença para infligir uma cegueira parcial ao apóstolo. De fato, é possível que Paulo durante sua vida tenha sofrido de problemas nos olhos, como uma passagem de sua carta aos Gálatas parece sugerir (Gl 4.12-15). Sabemos pelo livro de Jó que Satanás pode afligir as pessoas com doenças (Jó 2.7; Lc 13.16). Outros estudiosos sugerem que o diabo continuamente alimentava o orgulho de Paulo, trazendo grande aflição ao apóstolo. É também possível, segundo outros, que Paulo se refira às perseguições do diabo so-

fridas aonde quer que fosse pregando o Evangelho. O próprio Paulo menciona as perseguições, aflições e angústias que experimentava por amor a Cristo logo após falar do espinho (cf. 2Co 12.10). Mas a verdade é que não sabemos com certeza o que afligia o apóstolo, embora possamos ter certeza de algumas coisas:

1. *Tinha origem satânica.* Paulo diz que aquele incômodo em sua carne era “um mensageiro de Satanás”. Muitos intérpretes, considerando que Paulo usa a expressão “foi-me dado”, acreditam que Paulo estava consciente de que o “mensageiro de Satanás” agia por permissão do Senhor Jesus. A palavra mensageiro usada aqui é *aggelos*, a palavra usada normalmente no Novo Testamento para “anjo”. Ela também significa emissário, enviado (cf. Lc 7.24). Não sabemos se Paulo está se referindo a um espírito maligno, uma pessoa, um ser humano enviado por Satanás para afligi-lo, ou a alguma outra coisa que vinha da parte do maligno. Qualquer que tenha sido o caso, a origem do ataque era satânico. Quem o atacou, de fato, foi o diabo. Ele estava por trás de todo esse sofrimento que sobreveio a Paulo. As Escrituras nos mostram que Satanás é capaz de infligir sofrimento às pessoas, como fez com Jó (Jó 2.7), com uma mulher israelita (Lc 13.16) e com o imoral de Corinto (1Co 5.5) – naturalmente, somente com a permissão divina.

2. *Era algo extremamente doloroso.* A palavra que Paulo usa para “espinho”, *skolops* em grego, só aparece aqui no Novo Testamento.² Entretanto, ela ocorre quatro vezes na Septuaginta, a tradução grega da Bíblia Hebraica, usada pelos judeus da dispersão, pelos primeiros cristãos, e certamente por Paulo. Em todas as ocorrências, *skolops* é usada figuradamente e não literalmente. Em três delas é usada para se referir à oposição dolorosa das nações ímpias contra Israel. As nações inimigas de Israel seriam como “espinhos” em seus olhos, se Israel não as expulsasse (Nm 33.55). O mesmo em Ezequiel 28.24. Em Oséias 2.6, Deus ameaça através

² A palavra grega freqüentemente usada no Novo Testamento é *akantha*, que ocorre, por exemplo, em Mt 7.16; 27.29; Jo 19.2; Hb 6.8.

do profeta cercar o caminho de Israel com “espinhos” e lhe fazer oposição, uma provável referência aos ataques das nações inimigas ao seu redor. Em Siraque 43.19 se diz que a geada ao se formar sobre a terra se torna como espinhos pontiagudos. Em todas essas passagens a idéia de *skolops* como algo ou uma circunstância adversa que produz dor aguda está presente.³ E em todas, é usada figuradamente. Paulo não está falando de um *espinhozinho* qualquer que lhe arranhava a pele mas de algo pontiagudo, como uma estaca, que havia sido enfiada em sua carne.

Não sabemos se o “espinho na carne” era algo físico ou espiritual. Tudo depende da interpretação da palavra “carne”. Se for entendida literalmente, como o corpo de Paulo, o incômodo era físico (cf. Rm 2.28; 1Tm 3.16). Mas Paulo usa o termo às vezes de maneira figurada, para se referir à natureza humana decaída (cf. Rm 7.18; Gl 5.19), ou para a natureza humana em geral (cf. 1Co 1.26; Gl 6.8; Rm 11.4). Para muitos estudiosos, o espinho na carne era um incômodo físico, e não têm faltado tentativas de adivinhar de que tipo, as sugestões variando de doença nos olhos (At 9.9; Gl 4.15), malária (W. Barclay), epilepsia, enxaquecas violentas (Tertuliano, Jerônimo), feiúra (2Co 10.10), e até mesmo gagueira! Outros intérpretes pensam que Paulo usa o termo “carne”, aqui, para existência física em geral. Neste caso, pensam que o “espinho” eram as perseguições e angústias que Paulo sofria por causa do Evangelho. E, de fato, Paulo menciona essas coisas logo em seguida (cf. 2Co 12.10). Acresce ainda que Paulo, no contexto imediato, havia se referido aos seus perseguidores como “ministros de Satanás” (2Co 11.14-15). Pessoalmente creio que

3 A palavra *skolops*, que traduzimos como “espinho”, pode ser igualmente traduzida como “estaca”. Na literatura extrabíblica que remonta ao primeiro século, a palavra é usada para se referir à *estaca* que era usada pelos carrascos do império romano para empalar os condenados e levá-los à morte. Era uma forma de morte muito dolorosa. O empalamento era um suplício antigo, em que o condenado era espetado pelo ânus numa estaca pontiaguda, ficando nela exposto até morrer. Esta é a palavra que é usada aqui, e estudiosos sérios como Lightfoot e Ramsay acreditam que a melhor tradução é “uma estaca na carne”. Mas a tradução “espinho” é a preferida da maioria dos tradutores.

essa última interpretação é a mais correta, mas a verdade é que não dá para saber com certeza a que o apóstolo se refere. O que quer que fosse, era algo muitíssimo doloroso que o incomodava, inquietava e perturbava profundamente. O diabo lhe enfiou essa “estaca”, se no corpo ou na alma, não sabemos.

3. *Era algo muito humilhante.* Notemos ainda que Paulo diz que esse mensageiro de Satanás o *esbofeteava*. Ele emprega o verbo “esbofetear” no tempo presente, o que indica a persistência do “mensageiro” em repetir a ação com frequência. Literalmente, a palavra significa “bater com o punho fechado”. Tudo indica que Paulo emprega o termo figuradamente. Não é fácil aceitar que este “mensageiro” era uma pessoa que diariamente esmurrava o rosto de Paulo com punhos cerrados, como um boxeador faz em seus treinamentos com a bola elástica. O “esbofetear” é certamente simbólico, figurado. Refere-se ao sofrimento e à humilhação causados pelo “mensageiro de Satanás”. Era um vexame similar ao de alguém que diariamente é esmurrado por outro. O que quer que fosse era algo que humilhava o apóstolo, algo que o prostrava, que o incomodava. Algo extremamente humilhante, a ponto de não deixar qualquer margem para que ele se exaltasse, se envaidecesse pela grandeza das revelações que recebia da parte do Senhor Jesus.

A estratégia de Paulo para enfrentar o ataque satânico

É por demais instrutivo examinar a estratégia de Paulo. Qual foi sua atitude, quando pela primeira vez sentiu a agulhada satânica? Possivelmente ele não percebeu, a princípio, que aquilo lhe havia sido posto na carne por permissão do seu Mestre, com o objetivo de mantê-lo humilde. Sua primeira impressão foi de que estava sendo atacado por Satanás e que, portanto, estava envolvido em um confronto direto com as hostes malignas. Logicamente, de início ele agiu com o propósito de remover o espinho.

Estudemos a estratégia do apóstolo examinando primeiro *o que ele não fez* para remover aquele agulhão doloroso. Ele não

tentou neutralizar o ataque satânico se utilizando de seus poderes apostólicos sobre os espíritos malignos, expulsando o “espinho” (quer fosse uma doença ou qualquer outro incômodo físico), amarrando-o (no caso de perseguidores ou de tentações específicas) ou repreendendo-o. Mesmo sendo um apóstolo de Cristo, revestido de autoridade, Paulo não declarou que o mensageiro estava derrotado, não determinou que ele parasse. Paulo nem ao menos falou com ele! Não discutiu; não deu ordens; não se dirigiu a ele.

O que Paulo fez? Ele simplesmente orou ao Senhor. Apesar de Paulo orar normalmente a Deus Pai através de Cristo, o “Senhor” deste verso é possivelmente o “Senhor Jesus”; (cf. 12.1 veja ainda 1Co 1.2; 1Ts 3.12-13).⁴ E sua oração não foi daquele tipo popular em que a pessoa, dirigindo-se muito mais ao diabo e a seus demônios que a Deus, expulsa, amarra, repreende, proíbe e destrona as entidades malignas que porventura estejam ao seu redor! Não! A oração de Paulo foi uma súplica fervorosa, nascida de sua profunda angústia. Não comandou nem ordenou, mas suplicou. Por três vezes ele repetiu seu clamor, assim como por três vezes o próprio Mestre orou no Getsêmani, para que o cálice da morte fosse passado dele (Mt 26.44). Paulo pediu ao Senhor que afastasse de si o mensageiro de Satanás. A estratégia de Paulo foi se sujeitar ao Senhor, para então resistir ao diabo, crendo que ele haveria de fugir (Tg 4.7).

Nada mais natural. Se estamos sendo afligidos por alguma coisa, nossa primeira reação é orar pedindo que Deus afaste o sofrimento de nós. Ninguém gosta de sofrer. Podemos compreender por que as pessoas que sofrem recebem com tanta avidez ensinamentos que prometem expulsar o sofrimento através de uma mera palavra de fé, de uma ordem com autoridade aos demônios que provocam sua dor. E muitos líderes ganham uma audiência muito grande e atenta ensinando táticas de como “amarrar” a dor, repreendê-la e determinar que ela pare. Claro, ninguém gosta de

4 Cf. Roger L. Omanson e John Ellington, *A Handbook on Paul's Second Letter to the Corinthians* (United Bible Societies, 1995).

sofrer. Por isso, tantas pessoas se sentem atraídas por este tipo de ensinamento, porque é uma forma fácil e rápida de resolver os problemas. Mas Paulo sabia o modo certo de enfrentar essas coisas. O que ele fez foi recorrer ao Senhor em oração e colocar diante dele a sua angústia e dor.

A resposta do Senhor

Paulo diz que a resposta de Cristo foi diferente do seu pedido. Ele pediu libertação do mensageiro de Satanás, mas recebeu, ao invés, graça para suportá-lo. Não sabemos se o Senhor Jesus deu esta resposta após as três vezes em que Paulo orou, ou se a cada oração ele respondeu a mesma coisa. De qualquer modo, o Senhor não concedeu o que aquele apóstolo tão cheio de fé, tão achegado a ele, desejava ardentemente. Já ouvi alguém dizer que o “não” de Jesus a Paulo foi porque o apóstolo não orou com suficiente fé. Esta interpretação nem merece consideração mais séria. O texto deixa claro que a resposta de Cristo nada teve a ver com a fé de seu servo humilde. Não! A verdade é que o Senhor tinha uma solução melhor do que aquela que Paulo havia imaginado a princípio. O Senhor tinha algo melhor em vista do que amarrar, assaltar, invadir, repreender as fortalezas satânicas da vida de Paulo. Melhor do que amarrar o diabo e os demônios é ser humilde. Muito mais espiritual do que assaltar as fortalezas dos dominadores deste mundo tenebroso é aprender a paciência, a sofrer resignadamente em nome de Jesus, dando graças a Deus por tudo. É preciso muito mais poder para amarrar o nosso *eu* orgulhoso do que para amarrar meia dúzia de entidades malignas. Cristo queria preservar o seu servo Paulo humilde, quebrantado. Ele não poderia usar um Paulo orgulhoso e soberbo, mesmo que ele fosse capaz de amarrar todos os demônios, da Ásia Menor a Jerusalém! Mas ele poderia usar um Paulo humilde, quebrantado, mesmo que diariamente fosse esbofeteado por um emissário de Satanás. Era isso que o Senhor queria fazer com aquele aguilhão demoníaco fincado em seu apóstolo; queria ensiná-lo a depender somente da graça. Essa foi a

resposta do Senhor Jesus. É o que lemos no versículo 9: “*Então, ele me disse: a minha graça te basta*”. Paulo usa o verbo “dizer” (*ele me disse*) num tempo do verbo grego (*perfeito*) que denota algo que ocorreu no passado mas cujo efeito permanece até o presente. A frase poderia ser traduzida “Ele me tem dito...” Ou seja, o Senhor respondeu a Paulo que tudo que ele precisava era a sua graça, e o efeito daquela palavra acompanhava o apóstolo diariamente, confortando-o e capacitando-o a suportar alegremente o doloroso agulhão maligno, como se a cada nova “bofetada” o Senhor renovasse a sua promessa.

O Senhor Jesus disse a Paulo que o seu poder (*dunamis*) se torna perfeito quando alguém reconhece suas fraquezas e passa a depender totalmente dele (12.9). O Senhor havia prometido poder aos apóstolos para a evangelização do mundo (At 1.8). Muitos líderes e membros da Igreja, hoje, estão em busca de poder. Poder, poder, poder... é tudo que buscam e desejam, ter poder, ser poderosos. Suas reuniões de oração, vigílias, conferências, quase toda atividade gira em torno da obtenção do poder divino, que no entender de muitos torna os crentes pessoas extraordinárias, invencíveis. Mas quantos realmente entendem que a expressão máxima do poder de Jesus Cristo é tomar um homem afligido por algo extremamente doloroso, reduzido ao pó e à cinza, humilhado e fraco, e capacitá-lo para viver com aquele sofrimento, numa atitude de submissão e gratidão a Deus? Isso é *poder*!

Não me entenda mal. Não estou dizendo que a estratégia de Deus é de sempre nos sujeitar ao sofrimento infligido por Satanás para nos fazer crescer. Como já mencionei no início deste capítulo, Paulo foi capaz, algumas vezes, de neutralizar a ação demoníaca em sua vida e na vida de outros. O meu ponto é que *nem sempre Deus permite que as coisas se resolvam dessa maneira*. Existem os “dias maus” em que nosso Pai, por razões soberanas, permite que sejamos cirandados, testados e fortalecidos ao final, muito a contragosto dos demônios. Ou seja, até o diabo serve aos propósitos de Deus. Quem manda neste mundo é Cristo e não o

diabo. Se ele vem para a sua vida ou para a minha, ele virá somente com a permissão expressa de Deus e só vai até onde Deus determinar. Aprouve a Deus permitir que o maligno enfiasse aquela estaca na vida de Paulo porque tinha um propósito na sua vida, que era mantê-lo dependente da sua graça.

A reação de Paulo diante da resposta de Deus

Quando Paulo entendeu a resposta do Senhor, qual foi sua reação? Quando ele percebeu que o propósito de Cristo era manter o mensageiro de Satanás e permitir que aquele assalto maligno, doloroso e humilhante continuasse, submeteu-se humildemente à vontade divina, como o próprio Senhor havia feito no jardim (Mt 26.42). Paulo se conscientizou de que o poder ilimitado que vem da graça de Cristo se manifesta quando somos fracos. Não somente quando agimos como guerreiros poderosos de oração, mas quando reconhecemos a nossa fraqueza, nos quebrantamos e confessamos a nossa total dependência de Cristo. Assim o poder da ressurreição atua.

Ao tomar consciência dessa realidade, Paulo passou a gloriar-se nas fraquezas, para que o poder de Cristo repousasse sobre ele (12.9b). O verbo “repousar” empregado por Paulo só aparece aqui no Novo Testamento. Literalmente, significa “habitar em uma tenda”. Paulo desejava ser plenamente habitado pelo Cristo ressurreto. Ansiava por ser uma demonstração viva do poder de Cristo, o qual se torna mais aparente nos que são fracos e dependentes. Deus resiste aos soberbos! Assim, a oração angustiada de Paulo por libertação do mensageiro satânico se transformou em louvor. *“Pelo que sinto prazer nas fraquezas...”* (v. 10). Paulo estava contente em sofrer injúrias, perseguições e angústias por amor de Cristo. *“Porque quando sou fraco, então é que sou forte”* (12.10b). O sentido dessa frase, curta mas poderosa, é que Paulo tinha a força espiritual verdadeira tanto mais quanto mais reconhecia sua fraqueza e sua dependência de Cristo.

Essa escaramuça espiritual entre Paulo e o mensageiro satânico, qualquer que tenha sido a maneira como ele cravou um

espinho na carne do apóstolo, nos mostra que Deus tem outros planos para nossa vida que não o de sempre nos dar a libertação plena e imediata dos incômodos que Satanás porventura lance em nosso caminho. Esse conceito pode soar estranho à luz do ensinamento que está em moda hoje, que ao sobrevir uma “estaca” do maligno, você tem de arrancá-la, tem de se livrar dela. ... que não pode ser assim... que é falta de fé... que não é a vontade de Deus... Coitado de Paulo! Se vivesse em nossos dias seria, no mínimo, acusado de incrédulo! Mas a verdade é que precisamos mais fé para agir como Paulo do que para pronunciar palavras cheias de autoridade contra demônios que, por sinal, já estão derrotados mesmo.

Conclusão

Se Paulo não era imune a essas coisas, o que dizer de nós? O Senhor quer nos ensinar a ser dependentes da sua graça; ele quer nos ensinar que a graça é melhor do que a vida, do que a saúde, do que prosperidade e conforto. E às vezes, para fazer isso, nosso Mestre permite que sejamos esbofeteados por Satanás. Penso que Paulo não definiu o que era aquele “espinho” para podermos identificar nosso próprio sofrimento com ele. Cada um de nós pode ver no “espinho na carne” de Paulo a nossa própria dor e angústia. Talvez a primeira coisa que devamos fazer quando estivermos sendo atacados, sendo humilhados, sofrendo dolorosamente, é perguntar a Deus qual é o seu propósito. E isto antes de pedir que o sofrimento seja tirado. Obviamente não estou dizendo que não podemos orar pedindo libertação. Podemos e devemos. Meu ponto, porém, é que estejamos cientes do fato que Deus pode estar querendo mostrar a sua graça de uma maneira diferente daquela que lhe sugerimos em nossas orações por libertação.

A luta pela cidade de Tessalônica

Outra ocasião em que o grande apóstolo se viu confrontado diretamente por Satanás foi quando desejava regressar à cidade

de Tessalônica, onde havia deixado uma congregação de novos convertidos. Satanás então lhe barrou o caminho. Ele narrou o incidente aos próprios tessalonicenses, em sua primeira carta:

“Ora, nós, irmãos, orfanados por breve tempo de vossa presença, não, porém, do coração, com tanto mais empenho diligenciamos, com grande desejo, ir ver-vos pessoalmente. Por isto quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas), contudo Satanás nos barrou o caminho. Pois, quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós?”
(1Ts 2.17-19).

Paulo escreveu esta carta aos seus filhos na fé em Tessalônica com o propósito, entre outros, de explicar por que estava demonstrando para regressar. Ele havia sido obrigado a fugir da cidade por causa da perseguição dos judeus incrédulos (1Ts 2.17-3.13; cf. At). Ele explica que tentou voltar mais de uma vez mas foi impedido por Satanás (2.17-20). Em seguida, o apóstolo passa a descrever as providências que tomou diante da oposição satânica. *Primeira*, enviou Timóteo a Tessalônica, para confirmar e confortar os irmãos (3.1-8), pois temia que o tentador viesse a desfazer sua obra ali (3.5). *Segunda*, impedido de estar presente, ele havia se dedicado mais à oração pelos seus convertidos (3.10-13). Ele orava para que Deus abrisse as portas para uma eventual visita sua à cidade (3.10-11) e para que Deus, enquanto isso não ocorresse, os fortalecesse e confirmasse (3.12-13).

Nessa passagem de sua carta, Paulo levanta o véu e nos deixa ver além do que olhos humanos podiam perceber. Ele estava consciente de que uma batalha estava sendo travada, fora da compreensão humana. Por trás da perseguição e oposição dos judeus contra seu trabalho missionário estava um adversário muito mais poderoso, cruel e astuto que eles.

Satanás trazia Tessalônica cativa

Inquestionavelmente Satanás *trazia cativa a cidade através da idolatria*. Cidade portuária, Tessalônica era aberta às novas influências trazidas pelos visitantes de outros lugares, como as religiões de mistério importadas da Frísia, Síria, Pérsia e Egito. Essas religiões se tornaram muito populares entre toda a população da Macedônia, onde se situava Tessalônica. Elas ofereciam aos participantes felicidade, prosperidade e imortalidade através da obtenção de um conhecimento secreto (*gnose*) que resultava na união com os seus deuses. Entre os mais populares estavam Demétrio, Cibele, Mitra, Ísis e Osíris, Baco, Afrodite e Eleusis. Essa união era alcançada somente pelos iniciados nos “mistérios”, os quais passavam por rituais secretos. Muitos destes rituais mágicos secretos nos são ainda hoje desconhecidos, mas continham elementos como sacrifícios de animais, envolvimento sexual e orgias, em que os adoradores embriagados entravam em estado de êxtase e frenesi.

Além das religiões de mistério, havia ainda o culto ao imperador, promovido por Roma. Em Tessalônica havia um templo dedicado à adoração de César. Outra cidade daquela época, Pérgamo, que havia se tornado o centro do culto ao imperador na província da Ásia, foi considerada pelo Senhor Jesus como a anfitriã do “trono de Satanás” (Ap 2.13). No século III, Tessalônica se tornou a guardiã da estátua do imperador. Paulo sabia muito bem que os demônios estavam por trás da idolatria, e que o culto aos ídolos (quer gregos ou romanos) nada mais era que o culto aos demônios (mesmo que os idólatras não tivessem consciência disso, cf. 1Co 10.20, uma verdade que fora revelada já na época de Moisés; Dt 32.16-17; Sl 106.37-39; Ap 9.20). Assim, através dos diversos cultos em Tessalônica envolvendo a adoração de ídolos, os demônios perpetuavam a cegueira espiritual daquela gente e os mantinham cativos (cf. 2Co 4.4; Ef 2.2).

O ataque de Paulo às fortalezas do diabo em Tessalônica

Ao penetrar em Tessalônica, Paulo não trazia senão a armadura de Deus (Ef 6.10-20). Ele assaltou as fortalezas de Satanás, não através de correntes de oração, não através de ordens aos demônios para que ficassem amarrados, desalojados e repreendidos, tampouco decretando, pela fé, que o trono de Satanás em Tessalônica estava derribado. Ele nos revela em outras cartas qual as suas armas e a sua estratégia para atacar as fortalezas malignas e libertar as pessoas cativas à vontade de Satanás. Assim, lemos que ao entrar em Corinto, cidade totalmente sujeita ao cativeiro maligno, ele empregou a “espada do Espírito”, a pregação da Palavra de Deus para trazer os coríntios à liberdade em Cristo (1Co 2.1-5). É verdade que Paulo operou sinais em Corinto (2Co 12.12), mas ele os considerava como uma autenticação divina à sua apostolicidade, ao passo que creditava a libertação e a salvação dos coríntios à pregação da Palavra (cf. 1Co 1.21-24; 15.1-4).

Em 2 Coríntios 10.3-5 Paulo emprega linguagem militar para descrever seu ministério. Ele vê sua tarefa missionária como um ataque a instalações fortificadas. Ele se refere à incredulidade dos homens, aos seus argumentos e sofismas para rejeitar o conhecimento de Deus. A mente e o coração humanos são como fortalezas cercadas de trincheiras, impenetráveis a quaisquer tentativas que se utilizem de armas humanas, iguais às do mundo. Paulo afirma que as armas dele não são assim – elas são armas eficazes, através do poder de Deus, para invadir e destruir as resistências erigidas pela incredulidade humana e para trazer a mente e seus pensamentos cativos para Cristo. Não é difícil de perceber a que armas Paulo se refere. O contexto da passagem não deixa dúvidas de que ele se refere a sua pregação do Evangelho de Cristo.

Essas foram as armas que ele usou para assaltar as fortalezas de Satanás e da incredulidade e ignorância humanas em Tessalônica. Ele sabia que à medida que as mentes daqueles idólatras e judeus incrédulos de Tessalônica viessem cativas para a

obediência a Cristo, elas seriam livres do cativeiro do maligno, pois a verdade de Deus liberta. Certamente Paulo orava incessantemente à medida que pregava. E embora seja perfeitamente possível que ele rogasse a Deus que impedisse Satanás de atrapalhar a obra de evangelização, não foi “decretando” que os demônios estavam amarrados que ele invadiu as fortalezas malignas e despojou os principados e potestades, tornando libertos os que estavam cativos à vontade do diabo – mas foi pela pregação da cruz de Cristo, no poder do Espírito Santo.

Conforme já mencionamos em capítulos anteriores, escrevendo alguns anos mais tarde a Timóteo, seu filho na fé, o apóstolo ensina como ele poderia ajudar uma pessoa que havia caído cativa nos laços do diabo:

“Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente; disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade.”
(2Tm 2.24-26).

É notável que Paulo não recomendou a Timóteo qualquer das técnicas modernas do movimento de batalha espiritual para libertar uma pessoa que estivesse aprisionada pelo diabo. Também é notável que Paulo ensine Timóteo a deixar os resultados nas mãos de Deus! A fórmula do apóstolo é simples e singela: através do ensino paciente, da exortação amorosa e da instrução em espírito de mansidão, Deus pode conceder o arrependimento a uma pessoa cativa às mentiras do diabo e, assim, trazê-la ao pleno conhecimento da verdade e à liberdade das armadilhas satânicas.

A tática de expelir demônios das pessoas como solução para todos os males que as afligem parece funcionar às vezes quando estes males se localizam no âmbito físico e material, como no caso

de doenças. Mas não tem qualquer efeito quando se trata de livrar uma pessoa de um falso ensino, da incredulidade, dos sofismas, do orgulho e da altivez contra o conhecimento de Deus. Isso Paulo fez pregando o Evangelho no poder de Cristo. E à medida que as mentes e os corações das pessoas são libertados pela verdade de Deus, seus corpos, suas vidas, seus relacionamentos começavam a experimentar os efeitos curadores do influxo da nova vida e da graça de Deus.

Foi assim que o apóstolo entrou em Tessalônica. Lemos em Atos 17.1-5 que ele foi às sinagogas arrazoar com os judeus, partindo das Escrituras, abrindo o sentido das mesmas e demonstrando por elas que Jesus era o Messias. Através da exposição das Escrituras no poder de Deus, as pessoas começaram a ser libertas – e as fortalezas de Satanás começaram a ruir.

O ataque de Satanás contra a obra missionária em Tessalônica

A conversão de numerosos tessalonicenses através da pregação de Paulo representou uma séria perda para Satanás. Muitos judeus creram em Cristo, bem como uma numerosa multidão de gregos. Estes se voltaram para o Senhor deixando os ídolos (At 17.4; 1Ts 1.9). Uma perseguição feroz se levantou contra Paulo e seus companheiros, movida pelos judeus incrédulos e invejosos, assim como seus patrícios em Jerusalém haviam feito com Jesus (At 17.5-9; Mt 27.18). Paulo foi obrigado a deixar a cidade às pressas (At 17.10). Não é difícil perceber, à luz do ensino mais amplo do Novo Testamento, que Satanás estava usando contra o trabalho missionário de Paulo a mesma estratégia que havia usado contra Jesus. A incredulidade, a inveja e o ódio transformam as pessoas em instrumentos úteis aos propósitos do diabo. Assim, usando judeus endurecidos e enlouquecidos pela inveja, Satanás obteve sucesso em expulsar Paulo da cidade e deixar sem liderança a igreja recém-nascida. Como um rebanho de ovelhas sem pastor, ela ficava mais vulnerável aos ataques do maligno.

Não somente isso; Satanás conseguiu também impedir que Paulo retornasse à cidade para continuar os labores pastorais entre seus novos convertidos. Várias vezes Paulo tentou regressar, mas "*Satanás nos barrou o caminho*", revela ele em sua carta (1Ts 2.18). A palavra "barrou" que Paulo emprega aqui provinha do vocabulário militar da época. Ela era usada para se referir ao cavar valetas na estrada para impedir o avanço do inimigo. Não sabemos ao certo que tipo de dificuldades Paulo encontrou para voltar à cidade. Talvez tenha ficado doente. Ou talvez os judeus de Tessalônica tivessem conseguido dos magistrados da cidade uma ordem legal proibindo a entrada de Paulo. O fato é que no momento ele não podia voltar (será que um dia voltou?). E ele percebeu, nessa impossibilidade, a mão de Satanás.

E o que é pior ainda, *Satanás tentava destruir a obra que Paulo havia deixado para trás*. O próprio apóstolo confessa seu receio de que Satanás tentasse os recém-convertidos e que eles caíssem em pecado, tornando inútil o seu labor (1Ts 3.5). Paulo sabia que os propósitos de Deus jamais seriam frustrados. Ele percebia sinais da eleição na vida da nova igreja (1Ts 1.4). Por outro lado, Paulo não era onisciente. Ele não sabia quem eram os eleitos. E zelava por todos eles, para que a fé dos crentes não fosse corrompida por Satanás.

Não sabemos exatamente o que Paulo temia que ocorresse com seus convertidos durante a sua ausência. O diabo certamente poderia desanimá-los com perseguições e tentá-los a voltar à idolatria. Ou talvez pudesse lhes corromper a fé através de falsos mestres. Esta possibilidade estava sempre na mente do apóstolo Paulo. Escrevendo aos coríntios ele disse: "*receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam corrompidas as vossas mentes e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo*" (2Co 11.3). Quando Paulo escreveu estas palavras ele estava preocupado com a infiltração de falsos mestres na igreja de Corinto, que traziam um Evangelho deturpado. Ele sabia que Satanás, através de pessoas cujas men-

tes estavam já corrompidas e cauterizadas, poderia difundir o erro religioso e causar a confusão (1Tm 4.1-3).

Aparentemente Satanás utilizou essa tática para atacar a igreja dos tessalonicenses. Um falso ensinamento sobre a vinda de Cristo havia surgido na comunidade ao tempo em que Paulo escreveu a segunda carta. De acordo com esse falso ensino, Cristo já havia voltado (2Ts 2.2). No ambiente do primeiro século, quando a expectativa do retorno iminente de Cristo saturava a atmosfera da Igreja Primitiva, alguns se deixaram levar pelo entusiasmo e passaram a afirmar que Jesus já havia voltado, e que a ressurreição dos mortos já havia ocorrido. Este tipo de ensinamento, segundo Paulo, pervertia a fé das pessoas. Escrevendo a Timóteo, o apóstolo se refere a dois apóstatas, Himeneu e Fileto, e comenta: *“a linguagem deles corrói como câncer; entre os quais se incluem Himeneu e Fileto. Estes se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns”* (2Tm 2.17-18).

Esse tipo falso de escatologia “realizada” brotou também na igreja de Tessalônica. A linguagem de Paulo em 2 Tessalonicenses 2.2 deixa a entender que tudo começou com uma profecia possivelmente proclamada durante o culto. Nessa passagem ele adverte aos crentes a que não se deixem enganar *“quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola como se procedesse de nós”*. A expressão “por espírito” tem sido entendida por muitos estudiosos como sendo uma referência à profecia. E algumas versões já traduzem a expressão dessa maneira.⁵ Paulo também menciona a possibilidade de que alguém falsificasse uma carta sua para promover esse ensinamento errôneo.

Embora não possamos ter plena certeza, não é impossível que os promotores dessa heresia estivessem realizando sinais e prodígios para dar autenticidade às suas mentiras. Logo após cor-

5 A NIV traz “não se deixem perturbar facilmente por alguma profecia...”. A Bíblia de Jerusalém traduz “nem vos perturbeis por palavra profética”. E a Bíblia na Linguagem de Hoje se refere ao perturbador como sendo um profeta.

rigir a idéia estranha de que Cristo já havia voltado (2Ts 2.3-6), Paulo passa a alertar aos tessalonicenses que o aparecimento futuro do anticristo será marcado por manifestações miraculosas produzidas pelo diabo, para dar aspecto de verdade às suas mentiras – na realidade, diz o apóstolo Paulo, esse mistério já opera no presente, e muitos estão sendo enganados por esses sinais (2Ts 2.7-11). Paulo está perfeitamente consciente de que Satanás é capaz de produzir fenômenos sobrenaturais com o propósito de induzir os crédulos, os inconstantes e os que rejeitam a verdade, a crerem na mentira, que finalmente os arrastará para a perdição (cf. Mt 24.24; Ap 13.11-14; 16.13-14). Ele temia que isso ocorresse com os crentes em Tessalônica.

Como Paulo enfrentou Satanás

O apóstolo Paulo não se deixou intimidar por essas coisas. Ele estava consciente de que o Senhor, que é fiel, haveria de confirmar e guardar os tessalonicenses do maligno (2Ts 3.3). Isso não significava, para Paulo, que as barreiras colocadas por Satanás haveriam de ruir ao simples som de sua voz de comando! Ele tomou algumas providências para enfrentar o contra-ataque de Satanás.

Primeiro, Paulo passou a perseverar em oração dia e noite para que Deus dirigisse o seu caminho até os tessalonicenses (1Ts 3.10-11). Embora ele orasse com o “máximo empenho”, não fez qualquer reivindicação a Deus, nem lhe deu ordens, nem decretou na oração que o caminho estava aberto. Ele simplesmente se submeteu à vontade soberana de Deus quanto ao tempo e ao modo de voltar a ver seus queridos filhos na fé (Ec 8.5).

Segundo, Paulo orou com igual fervor para que, durante a sua ausência, o Senhor fizesse crescer o amor deles uns para com os outros e os preservasse irrepreensíveis na santidade (1Ts 3.12-13).

Terceiro, Paulo enviou Timóteo a Tessalônica. Já que ele não podia ir, talvez Timóteo conseguisse chegar até à igreja. A missão de Timóteo era lhes fortalecer o ânimo e lhes dar notícias de Paulo

(1Tm 3.1-5). Timóteo conseguiu furar o bloqueio satânico, esteve com os irmãos em Tessalônica e regressou trazendo boas notícias a Paulo (1Ts 3.6-8).

Quarto, o apóstolo escreveu duas cartas para fortalecer o ânimo deles, para desmascarar o falso ensinamento que havia surgido, para preveni-los contra os prodígios de mentira e para responder a perguntas que eles haviam enviado através de Timóteo. É possível que para alguns adeptos dos ensinamentos do moderno movimento de batalha espiritual Paulo tenha se comportado de modo bastante carnal!

Conclusão

Uma vez fui convidado a fazer algumas palestras sobre o combate cristão para pastores e líderes de determinada região de São Paulo. Ao término de uma exposição sobre 1 Tessalonicenses, na qual mostrei como Paulo enfrentou a oposição satânica, um pastor retrucou que aquela havia sido apenas uma ocasião na vida de Paulo e que ele certamente poderia ter agido de outra maneira em outras situações. A "outra forma", a que o colega se referia implicitamente, era expelindo demônios, repreendendo-os e derribando toda oposição satânica à sua frente. Tive de concordar com o colega. No início deste capítulo mencionei duas dessas ocasiões: o confronto com Elimas e a adivinha de Filipos. Meu alvo neste capítulo não foi negar que Paulo ocasionalmente removia a oposição satânica exercendo autoridade sobre os demônios. Eu pessoalmente creio que, em determinadas circunstâncias, Deus pode nos dar autoridade para ajudar uma pessoa aflita por demônios, expulsando aquelas entidades malignas em nome de Jesus. Mas meu ponto neste capítulo foi mostrar que Paulo nem sempre agia dessa forma, que havia ocasiões em que ele se via impotente diante dos poderes das trevas.

O meu desejo é que as pessoas percebam que a mesma coisa é verdade hoje. Expelir demônios, repreendê-los, amarrá-los, decretar sua derrota – estas coisas não são o modo habitual e

normal da Igreja de Cristo ajudar as pessoas que estão aflitas pelo poder maligno. Na realidade, nós, crentes comuns, nem mesmo temos exemplos ou instruções nas Escrituras para fazer disto um ministério habitual e reconhecido! Queira Deus nos dar lucidez neste assunto tão importante!

CAPÍTULO 10

A ARMADURA PARA O DIA MAU

Neste capítulo gostaria de abordar aquilo que o apóstolo Paulo chama de “dia mau” em Efésios 6.13. Conforme temos visto nos capítulos anteriores, as Escrituras nos ensinam que Satanás e suas hostes nos atacam incessantemente, cruelmente, com astúcia, com sutileza, querendo nos derrubar, nos destruir, querendo fazer com que caíamos no pecado e nos afastemos de Deus. Paulo faz referência a ocasiões em que esse assalto maligno se faz sentir de maneira ainda mais intensa: *“Tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis”* (Ef 6.13). A razão pela qual devemos tomar a armadura de Deus e ficar preparados, diz o apóstolo, é que haverá de chegar o “dia mau” em que devemos resistir, vencer e permanecer inabaláveis.

O dia mau

A que Paulo se refere com “o dia mau”? Não penso que se refira ao dia do juízo como alguns têm sugerido. Creio que são períodos da nossa vida em que Satanás desfere um ataque mais veemente, arrebatador e impetuoso do que em outras ocasiões. São dias em que Satanás usa de todos os seus recursos para nos derrotar. Não estou dizendo que o diabo só nos tenta nessas ocasiões. É verdade que, em certo sentido, todos os dias são maus (cf. Ef 5.16). Mas existem dias *piores* do que os outros. Paulo fala *do* dia mau. Ele usa o artigo definido antes da palavra “dia”. Ele se

refere a uma situação específica. Temos um exemplo disso na vida do Senhor Jesus. Embora o diabo houvesse tentado o Senhor continuamente durante seu ministério, a tentação no deserto da Judéia por quarenta dias foi certamente uma das ocasiões em que ele o fez mais intensamente. Ali o tentador reuniu toda a sua astúcia, toda a sua sagacidade, para fazer o Salvador se desviar da cruz. Foi o “dia mau”! E após haver terminado toda a tentação, o diabo se retirou “*até momento oportuno*” (Lc 4.13). Ele se afastou esperando o momento de voltar ao ataque.

Satanás deve ter julgado que Jesus estaria mais vulnerável aos seus ataques enquanto sozinho no deserto. Além disto, o jejum prolongado de quarenta dias poderia abrir alguma brecha na armadura do Salvador. Momentos de vulnerabilidade e fraqueza podem transformar qualquer dia num “dia mau”. O fato de sermos mortais e fracos faz que momentos assim estejam frequentemente disponíveis para o diabo. Quando estamos adoentados, por exemplo, é uma ocasião propícia para as tentativas do maligno, um momento oportuno para sermos tentados de várias maneiras. Também quando estamos em crise financeira. Muitos sucumbem à tentação de sair da crise através de meios ilegítimos. Outros chegam ao suicídio nessa situação. Quando um ente querido morre, um membro querido da família se vai e nós estamos deprimidos e abatidos, esta é uma ocasião favorável para o diabo nos tentar ao desânimo e nos levar a abandonar a confiança no amor e no cuidado de nosso Pai celeste. Quando estamos desapercebidos, despreparados, desavisados – enfim, há uma variedade enorme de situações de que o diabo se aproveita para nos tentar de maneira mais intensa.

Os puritanos do século XVII chamavam esses dias maus de “a noite da alma”. Diziam que eram ocasiões em que Deus permitia que o diabo viesse com toda sua força para testar a segurança, a firmeza e a sinceridade do crente, fazendo-o passar na “peneira”. Nestas ocasiões, era como se Deus retirasse a luz de sua face e deixasse seus filhos por um pouco entregues aos poderes das tre-

vas.¹ Foi o que o diabo fez com Jó (Jó 1 e 2) e com os discípulos de Jesus. Naquela ocasião, o maligno pediu permissão para “cirandá-los”. E foi somente pela intervenção do Senhor que Pedro, posteriormente, não abandonou a fé (Lc 22.31).

Creio que uma das piores noites da minha alma foi um período durante meus estudos de pós-graduação em Novo Testamento. Durante muito tempo não fiz outra coisa a não ser ler livros de teologia e de exegese escritos por teólogos e estudiosos de convicções liberais – influenciados especialmente pelo liberalismo clássico alemão. Muitos desses autores não acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus, que Jesus é Deus, que ele morreu por nossos pecados e que ressuscitou dos mortos. Aham que tudo isso foi invenção dos discípulos, que criaram o Cristo da fé, distante do Jesus da História; que Paulo estava equivocado em sua avaliação do Judaísmo da sua época. Eu tive de ler e analisar essas coisas, e outras mais, durante boa parte dos meus estudos. Eles tinham argumentos fortes. Houve noites em que eu estava de joelhos diante de Deus e não conseguia dizer nada, não conseguia orar, só conseguia soluçar. Podia perceber claramente a tentação para me tornar um incrédulo nas narrativas e afirmações do Novo Testamento sobre Jesus. Eu só sabia dizer uma coisa: “Ó Deus, tem misericórdia de mim. Eu sei o que fizeste na minha vida, não me deixes perecer, não me deixes perder a fé, não me deixes abandonar o que sei que é a verdade”. Tudo era tão sutil, tão convincente e era apresentado de maneira tão lógica e clara! Foi uma “noite” para minha alma, como se Deus me houvesse entregado aos demônios da incredulidade.

O grande milagre é que Deus me preservou a fé. Quando colegas professores de seminários me perguntam se devemos passar aos seminaristas leituras de livros escritos por estudiosos in-

1 Cf. 2Cr 32.31. Este conceito se encontra refletido na Confissão de Fé de Westminster, que foi preparada por pastores e mestres puritanos. No capítulo sobre “certeza da graça e da salvação” se diz que o crente pode ter sua certeza de salvação abalada por vários motivos, entre eles “retirando Deus a luz de seu rosto e permitindo que andem em trevas e não tenham luz mesmo os que o temem” (XVIII.14).

crédulos eu respondo que é o mesmo que colocar diante deles um frasco de veneno sem o rótulo da caveira com os ossos cruzados. Bom número dos estudantes, quando ingressam nos seminários, não têm condição de ler criticamente esses livros e de identificar os erros que eles contêm. Em seminários onde não existe esse cuidado, muitos jovens que entram cheios de fé e de zelo pela verdade de Deus, já no primeiro ano, são envenenados com a incredulidade, e aos poucos vão abandonando suas convicções. Foi assim que as igrejas históricas da Europa que permitiram a entrada de professores incrédulos nos seminários viram surgir toda uma geração de pastores que começaram a pregar outro evangelho, destituído de poder e vida, esvaziando as igrejas. Não estou dizendo que não podemos instruir nossos futuros pastores acerca desses erros religiosos – certamente que podemos e devemos. Mas isso com cuidado, formando suas mentes dentro de um arcabouço teológico e exegético bíblicamente fundamentado, para que possam, partindo desse fundamento sólido, ler criticamente autores que já partem do pressuposto de que as Escrituras não são a infalível Palavra de Deus.

O fato de eu ter voltado do meu doutorado ainda crente representa para mim a vitória de uma tremenda batalha espiritual, na qual minha fé era o prêmio. Ela foi ganha aos pés da cruz, em oração. Os demônios responsáveis por doutrinas falsas (1Tm 4.1-2) não se intimidam com ordens de “amarramento” – eles são exorcizados somente pela verdade da Palavra, em oração. Durante aqueles dias eu não sabia fazer outra coisa a não ser gemer e suplicar que Deus tivesse misericórdia de mim. Foi a “noite da alma”, como diziam os puritanos, o dia mau, quando o diabo procurou arrancar minha fé.

A armadura de Deus

O que devemos fazer no dia mau quando todas as hostes do diabo parecem vir contra nós? Muitos têm procurado dar orientações distintas e diferentes sobre como resistir ao assalto do diabo.

Eu creio que a orientação bíblica é muito simples e está no versículo 13 de Efésios 6: “... *tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau*”. Antes de analisar a importância de *resistir* no dia mau, é necessário que procuremos entender o que Paulo quer dizer com a *armadura de Deus*.

A expressão tem sido entendida de algumas maneiras por renomados estudiosos das Escrituras. D. Lloyd-Jones acredita que a *armadura* aqui descrita se refere às grandes verdades do evangelho, às doutrinas básicas da Palavra de Deus, ou seja, à fé cristã.² Quando o crente está firme nestas verdades ele é imbatível, indestrutível, do ponto de vista do ataque de Satanás. Não poderíamos esperar outra explicação de Lloyd-Jones. Ele foi possivelmente um dos maiores expositores bíblicos deste século. A grande ênfase do seu ministério foi ao fato de que a Igreja precisa estar firme na sã doutrina, a Palavra de Deus. Ainda outro puritano, William Gurnall, sugeriu que a armadura de Deus é o próprio Cristo.³ Se nós nos revestirmos de Cristo, se estivermos em Cristo e Cristo em nós, somos indestrutíveis. Ele afirma que a armadura é a figura do próprio Jesus e compara esta passagem com Romanos 13.14, em que o apóstolo Paulo diz: “... *mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo...*” Em Efésios, Paulo diz: “*Revesti-vos da armadura de Deus*”. Para Gurnall Paulo está dizendo a mesma coisa nestas duas passagens: tomar toda a armadura de Deus é se revestir de Cristo, da sua graça e do seu poder. Sua interpretação é um pouco diferente da interpretação de Lloyd-Jones. Um autor contemporâneo e admirador dos puritanos, John MacArthur Jr., por sua vez, afirma: “todas as peças da armadura são instrumentos espirituais: a verdade, a justiça, a fé, o evangelho, a Palavra de Deus e a oração. Não são fórmulas ocultas, são simplesmente os

2 David Martyn Lloyd-Jones, *The Christian Soldier: “An Exposition of Ephesians 6.10 to 20”* (Michigan: Baker, 1977), 178-180.

3 William Gurnall, *The Christian in Complete Armour: A Treatise of the Saints' War Against the Devil* (London: Banner of Truth, 1979). Publicado originalmente em três volumes, entre 1662 e 1665.

bens que cada crente herda em Cristo”.⁴ Acredito que essas três interpretações se complementam. A armadura é Cristo, com tudo aquilo que temos nele.

É possível que Paulo, ao empregar a figura de um guerreiro em sua completa armadura, não esteja usando como fonte de inspiração para esta símile a figura de um soldado romano, como tem sido sugerido por vários estudiosos. Ao lado de Paulo, na prisão, estaria um soldado da guarda pretoriana (possivelmente algemado ao apóstolo) montando guarda. Bastaria uma olhada para o lado e Paulo teria diante de si uma esplêndida imagem inspirativa da Igreja como soldado cristão. Embora isto não seja impossível, é bom lembrar que Paulo tinha ao seu dispor ainda outra fonte de inspiração – e bem mais apropriada. A mente de Paulo vivia imersa nas Escrituras do Antigo Testamento, não só nos seus ensinamentos, como também na sua linguagem e figuras. Isaías 59.16-19 é uma passagem em que Deus é descrito como um guerreiro celestial. A linguagem é bastante semelhante à usada por Paulo:

“Viú [Deus] que não havia ajudador algum, e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve. Vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na cabeça; pôs sobre si a vestidura da vingança e se cobriu de zelo, como de um manto. Segundo as obras deles, assim retribuirá; furor aos seus adversários e o devido aos seus inimigos; às terras do mar dar-lhes-á a paga. Temerão, pois, o nome do Senhor desde o poente e a sua glória, desde o nascente do sol; pois virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito do Senhor.”

4 John Mac Arthur, Jr. *A Suficiência de Cristo* (São Paulo: Editora Fiel, 1995), p. 195.

Aqui, Isaías descreve Jeová como um *guerreiro celestial* que toma sua armadura e vem guerrear para vingar o seu povo, protegê-lo, fazer justiça e executar juízo sobre a terra. Essa linguagem reflete um tema central do Velho Testamento.⁵ O apóstolo Paulo conhecia esta linguagem. Frequentemente ele usava linguagem similar em referência à Igreja e aos cristãos (Rm 13.12-14; 1Ts 5.8). Em Efésios 6 ele toma a figura do Messias guerreiro (cf. “virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito”) e aplica-a à Igreja. Jesus Cristo, o Messias prometido, revestido desta armadura, resistiu a Satanás no deserto, durante todo o seu ministério, no jardim do Getsêmani e finalmente no Calvário. Da mesma maneira, revestidos da armadura de Deus os cristãos podem resistir a Satanás.

O objetivo de tomarmos a armadura de Deus é resistir. O verbo *resistir* ocorre várias vezes na passagem (Ef 6.11,13,14). A pergunta, então, é: Como oferecer resistência, como permanecer firmes? Creio que Paulo mesmo nos dá a resposta em Efésios 6.14b-18. Nestes versículos, as ações prescritas mostram como obedecer à ordem “resisti” (imperativo) que aparece no início de 6.14: *cingindo-vos* da verdade, *vestindo* a justiça, *calçando* o evangelho da paz, *embracando* o escudo da fé. E *tomai* a espada do Espírito, *orando* em todo o tempo no Espírito. Quase todos estes verbos estão num tempo grego (*aoristo*) que na forma como aparecem na passagem (participios) indica frequentemente uma ação ocorrida antes da ação do verbo principal (“resisti”).⁶ A exceção é *orando* (participio presente), que expressa uma ação simultânea com o imperativo *resisti*. A passagem poderia ser traduzida em português desta forma: “Havendo já tomado toda a armadura de Deus (cinto, couraça, capacete, es-

5 Na Antiga Aliança, é Deus quem sai à frente dos exércitos de Israel em combate contra os inimigos do seu povo, cf. Êx 14.13-14; Dt 1.30.

6 Para esta qualidade de ação dos participios do aoristo, veja Frans L. Schalkwijk, *Coiné* (Patrocínio, MG: CEIBEL, 1991, 6ª edição), 88; H. E. Dana e Julius R. Mantey *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (New York: Macmillan, 1957), 230.

cudo, sandálias e espada) agora resistam ao diabo, orando em todo o tempo no Espírito".⁷

Embora não devamos construir pontos teológicos baseados nas peculiaridades dos verbos gregos, creio que pode haver pouca dúvida de que Paulo está ensinando que só poderemos resistir após havermos tomado toda a armadura de Deus. Na realidade, creio que isto já ocorreu quando nos convertemos. Ali fomos revestidos da verdade de Deus, da sua justiça; ali fomos capacitados a crer na Palavra de Deus. O que ocorre é que, diariamente, *orando* (particípio presente) nos apropriamos em termos práticos daquilo que já é nosso em Cristo Jesus. E, assim, ficamos prontos para resistir às ciladas de Satanás.

As peças da armadura

Este ponto pode ser substanciado por um breve exame das peças da armadura de Deus. Não vou analisar em detalhes cada uma das suas peças. Outros já fizeram isso de maneira satisfatória em outros livros.⁸ Entretanto, lembremos logo de início a natureza da armadura. Em 2 Coríntios 10.4-5 Paulo diz:

"Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo".

O apóstolo está afirmando que as armas da nossa milícia não são "humanas" ("carnais" no Grego), mas "poderosas em Deus". O adjetivo *carnal* aqui, usado em oposição a Deus, significa aquilo que procede do homem, que tem origem nas elucubrações da mente humana, que procede da inteligência e da criatividade do homem, sem o auxílio divino. A inferência é que,

7 Algumas versões em inglês preservaram este aspecto temporal dos participios do aoristo, como a NASB, LB, RSV e KJV.

8 Recomendo, por exemplo, a obra clássica do puritano William Gurnall, *The Christian in Complete Armour* (nota 3, página 177).

no combate contra a incredulidade humana e contra as hostes das trevas, nós não usamos armas que são forjadas da mente humana, fruto da inteligência, da pesquisa, da inventividade de uma pessoa. Não, nossas armas são dadas por Deus; são armas poderosas *em Deus*; vêm da parte de Deus e não são fruto da nossa imaginação ou da nossa capacidade de criar ou articular estratégias ou manobras.

Isso está claro também em Efésios 6. Paulo qualifica a armadura como sendo “de Deus” (Ef 6.11,13). Embora essa construção (genitivo) possa significar várias coisas (como por exemplo, a armadura que pertence a Deus), o mais natural é supor que signifique “a armadura que vem de Deus”. A expressão aponta para a *origem* da armadura, de onde ela vem: não do homem, mas de Deus. E aponta também para a *natureza* da armadura: é divina. E isto é claro, já que temos de lutar não contra seres humanos semelhantes a nós, mas contra principados e potestades nos lugares celestiais (Ef 6.12). Um breve exame das peças da armadura de Deus revelará a mesma coisa: os valores que elas representam procedem de Deus.

A verdade como um cinto

Primeiro, a Igreja deve ficar firme, antes de tudo, *usando o cinto da “verdade”* (v. 14a). É possível que Paulo queira se referir aqui à verdade ética, o oposto da mentira, como o faz nessa mesma carta (cf. 4.25; cf. 5.9). E, de fato, falar sempre o que é verdadeiro protege o crente de toda a sorte de males – afinal, o diabo é o pai da mentira. Mas, é mais provável que Paulo se refira aqui à “verdade de Deus”, à verdade do evangelho, à sã doutrina, sem erros nem mentiras – como também já havia se referido em 4.15, em que o conceito de verdade aparece em contraste a “ventos de doutrina” (Ef 4.14). Firmada na verdade revelada de Deus, nas doutrinas puras do Evangelho, a Igreja estará pronta para o combate. O cinto do soldado servia para amarrar as roupas frouxas, para dependurar as armas e ainda para proteger seus rins,

lombo e ventre.⁹ O sentido é este: “a verdade de Deus será como um cinto bem ajustado em sua cintura”.

A justiça como couraça

Segundo, a Igreja deve *vestir-se com a couraça da “justiça”* (v. 14b). Possivelmente justiça signifique aqui um caráter justo (atitudes justas para com o próximo), já que Paulo emprega o termo duas vezes em Efésios com este sentido (4.24; 5.9). Na linguagem militar usada para o guerreiro celestial, Deus se reveste de justiça como de um manto (Is 59.17). Significa seu caráter justo e reto. Em termos humanos, um viver justo e reto serve de barreira eficaz contra as tentações malignas. Ao mesmo tempo em que é justo, Deus também é *justificador* dos que crêem em Cristo (Rm 3.26). É provável que Paulo tenha em vista aqui a justiça que vem de Deus e que justifica o pecador, tornando-o justo aos seus olhos. Afinal, este é um dos temas prediletos de Paulo (ver Romanos e Gálatas). Se este for o caso, “justiça” aqui é o mesmo que “justificação”. Nesse sentido, funciona como uma couraça contra os ataques do diabo: não há mais nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus (Rm 8.1). Em Romanos 8 Paulo desenvolve este tema em mais detalhes. É Deus quem justifica os eleitos (Rm 8.33) e, portanto, nada, nem mesmo anjos e potestades (uma referência às hostes satânicas) poderá separá-los do amor de Deus que está em Cristo Jesus (Rm 8.38-39). Justificados pela fé, estamos revestidos da couraça da justiça – não da couraça da nossa religiosidade, da nossa justiça própria, da nossa habilidade de orar muito – mas da couraça da justiça de Cristo, que ele adquiriu para seu povo na cruz do Calvário com seu sangue precioso. Esta couraça não é “carnal” nem humana, mas vem de Deus.

⁹ Outra possibilidade é que a palavra grega *aletheia* signifique aqui “lealdade”, já que em Isaias 11.5 o Messias é descrito como tendo tomado o cinto da lealdade. Neste caso, Ef 6.14 seria uma referência à lealdade dos crentes a Cristo, que os protegeria.

A paz do Evangelho como sandálias

Terceiro, a Igreja deve calçar os pés com a “preparação do evangelho da paz” (v. 15). Esta é possivelmente a expressão mais difícil de traduzirmos na descrição da armadura. Na língua original é uma construção com dois possessivos (genitivos), capazes de transmitir dois ou três sentidos diferentes, cada. Parte das traduções modernas prefere entender a passagem como uma exortação a que nos preparemos para levar o evangelho da paz aos outros. Ou seja, que evangelizemos.¹⁰ Outra parte traduz de modo a dar a entender que nós calçamos os pés com a preparação que vem do evangelho da paz.¹¹ Como ambas são gramaticalmente possíveis, o contexto poderá nos ajudar a determinar a mais provável. Não creio que Paulo esteja dizendo aqui que evangelizar é uma arma de defesa. Com certeza, o ataque é uma forma (segundo alguns, a melhor) de defesa, mas não vejo esta idéia aqui. Sem querer ser dogmático, acredito que Paulo está se referindo a uma mente preparada pelo evangelho. Nada melhor que o Evangelho para nos preparar para o combate espiritual. Na época de Paulo, os soldados romanos corriam descalços no campo da luta. Havia uma ocasião em que o guerreiro corria calçado, com sandálias nos pés: quando o inimigo colocava objetos pontiagudos ocultos no solo, para que o soldado se ferisse. As sandálias protegiam os pés do soldado.¹² Da mesma maneira, uma mente preparada pelo Evangelho nos protegerá.

Notemos ainda que esta preparação decorre do evangelho *da paz*. Paulo se refere à paz que é resultado da nossa reconciliação com Deus em Cristo, através do evangelho. No capítulo dois de Efésios Paulo emprega o termo “paz” para a cessação das hos-

10 Seguem uma tradução que transmite esta idéia: NRSV, LB, GW, TEV. E ainda Abbot, Louw & Nida.

11 Como a NVI, NCV. Outras traduções preferiram repassar a dificuldade do grego na tradução.

12 Havia a *caliga*, um sapato forte e pesado, e o *calceus*, um sapato menos grosseiro que era usado pelos oficiais.

tilidades entre judeus e gentios, que em Cristo se reconciliam com Deus e entre si (Ef 2.14-17). A paz, para Paulo, é sempre resultado da obra reconciliatória de Cristo (cf. Rm 5.1). É um estado de plena aceitação da parte de Deus. Este estado, por sua vez, produz a serenidade e a tranqüilidade emocionais e mentais que precisamos para nos defender dos ataques de Satanás. O evangelho produz a paz que nos prepara para o combate, protegendo-nos como as sandálias protegem os pés do soldado no campo de batalha. Essa paz não é humana. Ela vem como resultado da minha consciência de que o evangelho é o poder de Deus para salvar todo aquele que crê; que no evangelho Deus se reconcilia com o homem; que no evangelho de Jesus Cristo podemos ter paz com Deus e a sua paz em nosso coração. Tudo isso vem de Deus. É parte da armadura que vem dele e que ninguém pode imitar.

A fé como escudo

Quarto, Paulo orienta a Igreja a *tomar “o escudo da fé”* com o qual poderá apagar todos os dardos inflamados do maligno (v. 16). Fé, aqui, não é o resultado de pensamento positivo, não é confissão positiva, não é concentração para que uma coisa boa aconteça.¹³ Fé, como ensinada na Bíblia, sempre exige um objeto: é fé em alguma coisa. E só existe uma coisa na Bíblia que é o objeto da fé genuína: O Deus triúno revelado em Jesus Cristo, em quem todas as promessas de Deus tem o “sim”. Neste trecho da carta aos Efésios, Paulo menciona a fé *em Cristo* como o meio através do qual somos salvos e pelo qual Cristo vem habitar em nossos corações (Ef 1.15; 3.12; 3.12,17). A fé funciona como um escudo protetor quando nos apegamos e nos firmamos na Palavra de Deus, particularmente nas suas promessas: ninguém vai nos afastar do seu amor; ninguém nos arrebatará da sua mão; aquele que começou a boa obra há de completá-la até o dia de Cristo Jesus;

¹³ Críticas ao conceito de confissão positiva podem ser encontradas na literatura mencionada na nota 30 da página 71.

o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado. Só esta fé pode resistir aos embates do maligno.

Paulo se refere aqui aos “dardos inflamados do maligno”. Na Antigüidade, flechas cujas pontas eram embebidas em material inflamável eram usadas como armas eficientes para começar incêndios nos arraiais inimigos e semear a destruição. Uma defesa eficaz eram escudos compridos, recobertos com pele de animais embebida em água. Com esses escudos os soldados poderiam apagar os dardos incendiários. Semelhantemente, mediante a fé nas promessas de Deus que têm todas o “sim” em Cristo, o cristão “apaga” as tentações flamejantes e incendiárias que Satanás lança em sua mente, procurando levá-lo ao desânimo, ao desespero e, eventualmente, ao pecado.

A importância da fé como defesa contra as tentações inflamadas do diabo é realçada pela expressão “sempre”. Na realidade, esta expressão (no grego, *en pasin*) pode ser traduzida de várias formas. As diversas versões trazem traduções como “em tudo”, “acima de tudo”, “além destas coisas”. Ou ainda, “sempre, em todas as circunstâncias, em todo tempo”. Cada uma delas é possível – e todas enfatizam a fé como sendo, das defesas mencionadas, a de maior destaque.

A salvação como capacete

Quinto, Paulo menciona *o capacete da salvação* (6.17a). Em Efésios 2, Paulo fala de salvação do pecado e da morte, efetuada por Deus em Cristo, totalmente pela graça, e não por quaisquer obras de justiça que porventura tenhamos feito (2.5,8). A ordem que Paulo dá é para que *aceitemos* a salvação como um capacete (o verbo grego é *dechomai*, aceitar, receber, dar as boas-vindas, embora *tomar* também seja possível). Esta ordem para aceitarmos a salvação reflete o ensino de Paulo de que ela é um dom de Deus. A salvação de Deus, recebida pela graça mediante a fé, funciona como um capacete, que protege a cabeça. É a proteção divina para o guerreiro cristão. O capacete dos guerreiros daquela

época era de couro grosso ou de metal (cf. 1Sm 17.5), e era usado para proteger a cabeça dos golpes da espada do adversário. A figura da salvação como capacete reflete todo o ensinamento bíblico de que aquele que foi salvo por Deus em Cristo está a salvo dos ataques mortais de Satanás. Embora ainda possa ser atingido, jamais poderá ser destruído ou arrancado das mãos do redentor. O capacete da salvação representa o ensinamento bíblico da perseverança final dos santos.

A idéia de salvação como capacete vem da figura veterotestamentária de Deus como guerreiro celestial (cf. Is 59.17). Embora ali o capacete da salvação se refira ao poder salvador de Deus (TEV), Paulo usa o termo para descrever a salvação efetuada por Deus em seu povo, que o protege dos ataques do inimigo. É uma salvação presente, recebida aqui e agora (embora em 1Ts 5.8 Paulo fale da “esperança da salvação” como capacete).

A Palavra de Deus como espada

Sexto, Paulo ordena que tomemos (aceitemos) a *espada do Espírito*, que é a Palavra de Deus (6.17). Ou seja, que recebamos a palavra de Deus como uma espada que o Espírito nos dá para o combate. O termo que Paulo emprega aqui para “palavra” é *rhema*. Existe outro termo em grego que também significa “palavra”, que é *logos*. Alguns têm tentado fazer uma distinção entre estes dois termos, identificando *rhema* como sendo uma palavra *falada* e *logos*, uma palavra *escrita*. Os que pensam assim, insistem que *rhema* se refere à palavra falada com fé, com autoridade, a qual é poderosa para criar ou realizar aquilo que é comandado pelo crente, enquanto que *logos* seria as Escrituras. Segundo esta interpretação, Paulo aqui nos ensina a usar a confissão positiva para enfrentar e vencer o diabo. Entretanto, este ensinamento se baseia numa falsa distinção entre *rhema* e *logos*. Ambas as palavras são usadas no grego da época de Paulo para se referir a algo que foi dito ou mencionado, com ênfase no *conteúdo* – e não na *forma* (escrita ou oral).¹⁴

14 Cf. Louw & Nida, parág. 33.98.

Essa palavra é *de Deus*. Tanto pode indicar sua natureza (*divina*) ou sua procedência (*provém de Deus*). Qualquer que seja o caso – é possível que ambos os sentidos estejam presentes! – Paulo certamente se refere à palavra de Deus *escrita* (o Velho Testamento) e à mensagem do Evangelho, anunciado pelos apóstolos, e que já na época de Paulo havia parcialmente adquirido forma escrita (cf. 2Pe 3.14-16). Na carta aos Romanos Paulo se refere ao Evangelho como sendo *rhema* (Rm 10.8, 18; cf. 1Pe 1.25). O que Paulo está dizendo é que a mensagem do Evangelho que nós recebemos da parte de Deus (contida no Velho Testamento e anunciada por Jesus e pelos apóstolos) será como uma espada que o Espírito nos dá para enfrentar as astutas ciladas do diabo.

Há duas palavras para *espada* mencionadas na Bíblia. Uma é *rhomphaia*, que aparentemente denotava uma espada longa, quase uma lança, semelhante à usada pelos soldados da Trácia. Esta palavra aparece em Apocalipse 6.8 com referência à espada que a Morte emprega para dizimar os moradores da terra. A palavra é usada figuradamente no Novo Testamento para *angústia* (Lc 2.35), e *julgamento* (Ap 1.16; 2.12). A outra palavra é *machaira*, que provavelmente se refere a uma espada curta (uma adaga, propriamente) que o legionário romano usava à cintura, para o combate corpo-a-corpo. É esta a palavra que Paulo usa aqui para se referir às Escrituras. Quando o Senhor Jesus foi tentado por Satanás no deserto durante quarenta dias, ele usou as palavras de Deus escritas no Antigo Testamento como uma espada, para se defender e rechaçar as investidas de Satanás (cf. Mt 4.1-11).

Mas não devemos forçar demais a distinção entre *machaira* e *romphaia*, como se ao usar a palavra *machaira* o apóstolo Paulo estivesse excluindo o fato de que a Igreja também avança atacando as fortalezas do diabo. Certamente a Igreja ataca, avança, parte para a ofensiva na batalha espiritual. O que estou querendo dizer é que este não é o ponto de Paulo em Efésios 6.

A oração intercessória e a armadura

Ao acabar a descrição, Paulo ordena que a Igreja tome a armadura de Deus “... *com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito... por todos os santos*” (6.18). A armadura deve ser tomada em oração no Espírito. Muitos dos que têm sido influenciados pelas idéias da “batalha espiritual” pensam na oração aqui descrita como sendo “a oração de guerra” (popularizada por Peter Wagner), um confronto de poder com as entidades espirituais num contexto cósmico. Entretanto, nem aqui, nem em lugar nenhum das Escrituras é dito que os crentes devem em suas orações “amarrar” demônios, “declarar” a queda das fortalezas do diabo ou “decretar” a sua ruína. Não há em nenhuma passagem da Bíblia a recomendação de anularmos pela oração a atuação dos poderes malignos cósmicos. A oração aqui prescrita por Paulo em relação à guerra espiritual é simplesmente *intercessória* em favor dos demais cristãos. Paulo recomenda que façamos “*súplica por todos os santos*” (v. 18). Os santos são os cristãos. Esta é a oração da batalha, quando intercedemos pelos soldados, quando intercedemos uns pelos outros e oramos para que Deus não nos deixe cair em tentação, mas nos livre do mal. Paulo ainda acrescenta “... [orem] *também por mim*” (v. 19). Ele estava preso, acorrentado, impedido de exercer seu ministério livremente entre os gentios (cf. Ef 4.1; 6.20); ele podia ter dito que os crentes orassem para que o diabo fosse repreendido ou amarrado. Entretanto, ele não pediu isso, mas “*orem por mim. ... para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho...*” (v. 19). É com Paulo que nós temos de aprender a oração da batalha espiritual. Não estou dizendo que não podemos orar a Deus e lhe pedir que impeça Satanás de obstruir a obra da Igreja. Não só podemos como devemos. Entretanto, dar ordens diretas a Satanás, dirigindo-nos a ele em nossa oração, é outra coisa totalmente diferente.

Conclusão

Finalmente, quero dar uma palavra aos que ainda não são verdadeiros crentes em Cristo Jesus, que não conhecem a graça e a felicidade de pertencer ao Senhor dos senhores, ao Rei dos reis. Pergunto: Com que armas você pensa lutar contra esses seres espirituais maldosos e astutos? Será que é com sua força de vontade? Acha que ela pode resistir a esses seres malignos poderosos? Pense em suas resoluções tomadas no passado, em que reuniu toda sua vontade e disse que, a partir de determinado momento, deixaria o pecado e faria uma reforma de vida. Pense nas vezes em que quebrou suas resoluções. Digo-lhe que sua força de vontade é insuficiente, é fraca. Não se pode enfrentar o diabo com a força de vontade, com sua própria sabedoria, com seus próprios argumentos. Qual defesa você terá no dia mau, no dia da tentação? Como você se defenderá diante da tentação ao suicídio? Diante do desastre financeiro ou da tentação à revolta, à amargura quando perde alguém que ama, diante da tentação à infidelidade conjugal, aos atos desonestos... como resistir a tudo isso? Há uma só resposta. Em Cristo Jesus você encontrará as armas espirituais vindas de Deus para lutar e vencer. Ele deseja cobri-lo com a couraça da justiça, com o capacete da salvação, dar-lhe o escudo da fé, revesti-lo do Espírito Santo e ensiná-lo a orar para que resista firme até aquele grande dia, quando o diabo será totalmente esmagado sob os pés da Igreja.

Aos crentes que estão vivendo um dia mau, que estão no meio de uma tempestade, no meio de um ataque terrível, dou-lhes uma só palavra: *resistam*. Examinem sua armadura. Será que não existem brechas, pecados a serem confessados, relacionamentos quebrados? Será que não há necessidade de perdão, reconciliação, submissão à vontade de Deus, de aprender a paciência? Resistam, este é o caminho. Outras pessoas estão sendo tentadas como vocês, resistam firmes na fé e o diabo fugirá. Sujeitem-se a Deus, à sua vontade, humilhem-se diante dele, revistam-se da força que há em Cristo Jesus e confiem na plena suficiência de Cristo.

Não há necessidade de mais nada, não há necessidade de qualquer outro recurso senão da glória da plenitude do poder que há em Cristo Jesus. Não procurem caminhos fáceis, não procurem armas que foram elaboradas pela sabedoria da astúcia humana. Cristo lhes basta.

Aos crentes que não estão passando um dia mau e aos quais tudo parece ir muito bem e tranquilamente (como é bom quando Deus nos dá esses períodos!), com as finanças em ordem, a saúde perfeita, o trabalho firme, digo-lhes: cuidado! Repentinamente, sem que esperemos, a “mesa pode virar” como aconteceu com Jó. Repentinamente o diabo pode pedi-los para cirandar e Deus poderá permitir que vocês entrem no dia mau. Por isso devem estar preparados, vestidos completamente de toda a armadura de Deus, prontos para o combate a qualquer momento, porque o adversário não tarda e virá com toda a certeza. Que ele os encontre firmes na fé, resistindo no poder de Cristo Jesus. Que Deus nos ensine a confiar na plenitude e na suficiência da cruz de Cristo. Esta é a arma. Não precisamos de nenhuma outra mensagem, nenhum outro estandarte para nossa guerra, senão a cruz do Senhor. Amém.

CAPÍTULO 11

OBJETOS QUE TRAZEM BÊNÇÃO E MALDIÇÃO

Há ainda um assunto no qual preciso tocar antes de acabar este livro. Trata-se do ensino do moderno movimento de “batalha espiritual” acerca de objetos que têm o poder de abençoar e amaldiçoar aqueles que os tocam ou possuem.

Objetos que trazem bênção

Nos cultos de muitas igrejas de libertação, objetos variados são empregados como canais de bênção. Eles são ungidos (abençoados) nos cultos com o objetivo de transmitir ao fiel algum tipo de benefício. Os mais comuns são a água fluidificada (colocada sobre o rádio ou tevê durante a oração do “homem de Deus”), a rosa ungida, ramos de arruda, sal grosso, óleo, água, vinho, pedrinhas trazidas da “terra santa” (Israel), fitinhas, pulseiras e lenços.

Embora os líderes dessas igrejas insistam que esses objetos abençoados funcionam apenas como apoio para a fé dos crentes, ao fim, acabam sendo usados como talismãs, fetiches e outros objetos “carregados” de poder espiritual. Os seus possuidores devem usá-los de acordo com algum tipo de ritual, após o culto. A água pode ser bebida em casa, após a oração de consagração. O “cajado de Moisés” deve ser usado para bater naquilo que o crente gostaria de ter (um carro novo, por exemplo). Lenços ungidos devem ser carregados junto ao corpo por determinado tempo, geralmente durante o tempo de uma corrente de oração.¹

Muitas vezes objetos são “abençoados” nessas igrejas com o objetivo de espantar demônios. A idéia que está por detrás desse

¹ Para um estudo mais detalhado das práticas das igrejas de libertação, veja a análise feita por Leonildo Silveira Campos, “‘Teatro’, ‘Templo’ e ‘Mercado’: Uma análise da organização, rituais, *marketing* e eficácia comunicativa de um empreendimento

uso religioso de artigos e objetos é a de que as entidades espirituais (anjos e demônios) podem ser atingidas através dos sentidos com cheiros, cores, gosto e vozes. Nesse ponto os cristãos do primeiro século se afastaram significativamente das práticas exorcistas do Judaísmo que foram desenvolvidas no período intertestamentário. Os métodos rabínicos de tratar com demônios incluía o uso de tochas de fogo à noite, amuletos, filactérios,² fórmulas mágicas, fumigações, entre outros. A idéia era que essas coisas teriam em si algum tipo de poder mágico contra os demônios.³ No cristianismo primitivo, entretanto, a idéia de que demônios pudessem ser atingidos através de sons, cheiros ou coisas materiais e tangíveis está ausente.

É importante dizer que não duvido da sinceridade e da boa-fé dos que empregam esses objetos. Entretanto, podemos estar sinceramente enganados no que diz respeito ao culto a Deus, como os judeus na época de Paulo (Rm 10.1,2). É minha convicção que o uso desses objetos como apoio para fé ou canal de bênção não faz parte do culto agradável a Deus que nos é ensinado nas Escrituras.

Entendendo o uso de objetos na Bíblia

Salta aos olhos de quem conhece as práticas religiosas populares que o uso de objetos ungidos pelas igrejas de libertação é bastante semelhante ao benzimento de objetos no baixo espiritismo, nas artes mágicas e no ocultismo em geral. Entretanto, essas igrejas argumentam que a prática tem base na Bíblia. Provavelmente a passagem bíblica mais citada é Atos 19.12, na qual se relata o uso dos aventais e lenços de Paulo para expulsar demônios em Éfeso. É preciso salientar, entretanto, que esse acontecimento

neopentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus", tese publicada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996. Veja também o relatório da Comissão de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (*Igreja Universal do Reino de Deus* [São Paulo: CEP, 1998] 58-61).

2 Filactério era uma pequena caixa de couro, quadrangular, contendo cédulas de pergaminho com passagens da Escritura, que os judeus traziam atadas uma na cabeça e uma no braço esquerdo durante a oração da manhã.

3 Cf. Merrill Unger, *Biblical Demonology* (Wheaton, IL: Scripture Press, 1952), 33.

é o único do gênero que temos registrado no Novo Testamento. Fez parte dos “milagres extraordinários” que o Senhor realizou em Éfeso pelas mãos de Paulo (At 19.11).

Devemos interpretar essa passagem da mesma maneira como interpretamos os relatos do Antigo Testamento sobre o cajado de Moisés (Êx 8.5,16) e o manto de Elias (2Rs 2.8,14). Tais objetos foram veículos materiais do poder miraculoso desses homens. O propósito das narrativas acerca do poder que havia neles foi mostrar o extraordinário poder de Deus nas vidas dos seus possuidores, comprovando que a sua mensagem vinha realmente da parte de Deus. O ponto é que esse poder era tão grande que até as coisas com as quais Moisés e Elias tinham contato diário se tornavam canais através dos quais ele era transmitido.

Além dessas ocorrências no Antigo Testamento mencionadas acima, outros eventos são citados como justificativa para o uso de objetos como veículos do poder divino. Moisés fez uma serpente de bronze (Nm 21.9). Eliseu usou um prato novo com sal para miraculosamente sanar as águas de Jericó (2Rs 2.19-22), um pouco de farinha para purificar uma comida envenenada (2Rs 4.38-41), um pau para fazer flutuar um machado que caiu no rio (2Rs 6.1-7). Sob seu comando, as águas do Jordão serviram para curar a lepra de Naamã (2Rs 5.1-14). Seu bordão parece que era usado para realizar milagres (2Rs 4.29) e seus ossos ressuscitaram um morto (2Rs 13.20-21). O profeta Isaías usou uma pasta de figos para curar Ezequias (2Rs 20.7).

Alguns eventos narrados no Novo Testamento são também citados como prova. As vestes de Jesus tinham poder curador. Não somente a mulher com um fluxo de sangue foi curada ao tocá-las (Lc 8.43-46), mas muitas outras pessoas doentes (Mt 14.36; Mc 6.56; cf. Lc 6.19). Em pelo menos duas ocasiões, Jesus usou saliva para curar cegos (Mc 8.22-26; Jo 9.6-7), e em outra, para curar um mudo (Mc 7.33). Aparentemente, a sombra de Pedro, após o Pentecostes em Jerusalém, acabava por curar a quem atinxisse (At 5.15).

Devemos entender, entretanto, qual o objetivo dessas narrativas. Em todas elas, o conceito é sempre o mesmo. Jesus e os apóstolos eram tão cheios do poder de Deus que as coisas com as quais tinham contato íntimo se tornavam como que em extensões deles, para curar e abençoar as pessoas. O objetivo é idêntico: enfatizar a enormidade do poder de Deus em suas vidas e, assim, atestar que a mensagem pregada por eles, bem como pelos profetas do Antigo Testamento, vinha de Deus. A prova eram os poderes miraculosos tão extraordinários que até mesmo vestes, bordões, ossos, saliva, sombra e lenços desses homens transmitiam o poder curador de Deus que neles havia. É dessa maneira que devemos entender o relato de Atos 19 sobre o poder curador dos lenços e aventais de Paulo.

Comparando com o uso nas igrejas de libertação

Evidentemente, os relatos bíblicos discutidos acima não servem como prova de que, hoje, as igrejas evangélicas podem abençoar objetos e usá-los para expelir demônios, proteger seus possuidores contra forças malignas e curar moléstias. Notemos as principais diferenças entre o uso desses objetos nos relatos bíblicos e o uso que é feito hoje pelas igrejas de libertação.

1. *Foram usados como símbolos* – Em vários dos casos relatados na Bíblia, o papel de objetos na execução de milagres é melhor entendido como tendo sido *simbólico*. De algum modo estavam relacionados à natureza do milagre: uma serpente de bronze para curar mordeduras de serpentes, um pedaço de pau para fazer um machado flutuar, sal e farinha para purificar água e comida (os dois elementos eram usados nos sacrifícios), ossos para trazer vida e água do Jordão para “limpar” a lepra. Nas igrejas de libertação, muito embora se diga que os objetos funcionam simbolicamente como apoio para a fé, acabam sendo aceitos pelos fiéis menos avisados como possuindo *em si mesmos* alguma virtude ou poder.

2. *A natureza dos milagres em que foram empregados* – Os objetos fizeram parte de milagres que não vemos serem repeti-

dos hoje. A melhor maneira de provar que o uso de objetos ungidos hoje opera a mesma liberação do poder divino como nos eventos relatados na Bíblia, seria abrir rios, ressuscitar mortos, curar leprosos, cegos e aleijados, sanear águas amargas e limpar comidas envenenadas, usando objetos pessoais dos missionários e obreiros dessas igrejas. Entretanto, os “milagres” efetuados pelos objetos ungidos nas igrejas de libertação nem de perto se assemelham aos prodígios extraordinários narrados nas Escrituras.

3. *Seu uso se limitou ao momento do milagre* – Nos relatos bíblicos, nenhum dos objetos empregados preservou algum “poder” em si após o milagre ter ocorrido. A serpente de bronze, até onde sabemos, não foi mais usada para curar mordidas de serpentes após o incidente no deserto, muito embora os judeus supersticiosos passassem a adorá-la como a um deus. É natural supor que Eliseu, após usar o manto de Elias para abrir as águas, usou-o normalmente como peça do seu vestuário, sem que o mesmo exercesse qualquer poder mágico nas coisas em que tocava. O sal, a farinha e o pedaço de pau que ele usou para fazer milagres foram tirados da vida normal e retornaram a ela após seu uso. Não retiveram qualquer propriedade miraculosa em si mesmos. Semelhantemente, os lenços e aventais de Paulo tiveram um uso especial somente em Éfeso, e provavelmente somente durante determinado período, ao longo dos três anos que o apóstolo passou ali. Em contraste, as igrejas de libertação ungem e abençoam objetos e atribuem a eles efeitos que permanecem muito tempo após a cerimônia. É algo bem diferente do uso ocasional feito pelos profetas e apóstolos.

4. *Os objetos estavam ligados à pessoa dos homens de Deus* – Alguns dos objetos usados eram coisas pessoais dos homens de Deus, como a capa de Elias, o bordão de Eliseu, as vestes de Jesus, os lenços e aventais de Paulo e, em certo sentido, a sombra de Pedro. Eles só foram empregados por isso. O alvo era mostrar o extraordinário poder de Deus sobre tais homens. Quando refletimos no fato de que somente coisas pessoais dos profetas, do Senhor Jesus e dos apóstolos foram usadas, perguntamo-nos

se nossos objetos pessoais teriam o mesmo poder. A resposta humilde deve ser “não”. Os profetas, o Senhor e os apóstolos foram pessoas especiais e pertenceram a uma época especial e única dentro da história da revelação. Nossa suspeita de que nossos objetos pessoais são impotentes para realizar milagres fica ainda mais fortalecida quando não descobrimos nas Escrituras qualquer exemplo de coisas dos crentes comuns sendo usadas com esse fim.⁴

5. *Nenhum dos objetos empregados foi ungido ou abençoado* – Essa é uma diferença fundamental. Nas igrejas de libertação, os objetos são ungidos, abençoados, fluidificados e consagrados através da oração e da imposição de mãos dos pastores e obreiros, depois do que, passam supostamente a ter poderes especiais. No entanto, em nenhum dos casos mencionados nas Escrituras, os objetos empregados nos milagres passaram, antes, por uma cerimônia de consagração. A Bíblia desconhece totalmente a “unção” de coisas com o fim de serem empregadas em atos miraculosos, para atrair a bênção de Deus, ou ainda, para expelir demônios e doenças. É verdade que no Antigo Testamento alguns objetos, utensílios e mobília do tabernáculo e, depois, do templo foram ungidos com sangue e óleo. Mas o propósito não era investir essas coisas de poderes especiais, e sim *separá-las* do seu uso comum para o uso sagrado nos rituais de sacrifício. Eliseu não ungiu nem consagrou, pela oração, o sal, a farinha e o pedaço de árvore que usou para operar milagres. Nem Isaías ungiu a pasta de figo para curar a úlcera de Ezequias. Nem mesmo a serpente de bronze passou por uma consagração, antes de ser erigida diante do povo envenenado pelas serpentes. Os lenços e aventais de Paulo não passaram pela

4 Os milagres operados pelo Senhor Jesus eram sinais que apontavam para sua pessoa e obra (Jo 20.30-21). A promessa de que seus seguidores fariam obras similares e até maiores parece que não incluía curas através de saliva e vestes por parte de todos os crentes. Somente os apóstolos – e mesmo assim, somente Pedro e Paulo – realizaram sinais similares, que, por sua vez, eram sinais dos apóstolos. Visavam autenticar seu apostolado e estabelecer a sua mensagem (2Co 12.12). A passagem de Marcos 16.17,18 (sem considerarmos os problemas textuais) não se refere ao uso de objetos.

imposição de mãos do apóstolo antes de serem levados aos doentes e endemoninhados. O que dava “poder” àqueles objetos era o fato de que pertenciam, ou foram manipulados, por pessoas sobre quem o poder de Deus repousava de maneira extraordinária.

A conclusão inescapável é que não existe qualquer fundamento bíblico para que, hoje, unjamos e abençoemos objetos com o propósito de transmitir, através deles, uma medida do poder de Deus. Mais uma vez repito: creio que Deus faz milagres hoje. Creio que ele poderia usar o que quisesse para isso. Entretanto, creio também que Deus nos revela em sua Palavra os seus caminhos e seus meios de agir, para que não sejamos iludidos pelo erro religioso. E se vamos usar as Escrituras como regra da nossa prática, bem como critério para discernir a verdade do erro, acabaremos por rejeitar a idéia de que, pela oração e unção, determinados objetos repassam uma bênção de Deus aos seus possuidores.

Objetos que trazem maldição

Tratemos agora de outro ensino ainda relacionado com o uso de objetos no campo religioso. Segundo adeptos do movimento de “batalha espiritual”, objetos utilizados em qualquer forma de magia, ocultismo ou religião idólatra ficam impregnados de emanções malignas, como se demônios de fato residissem nos mesmos. Para usar a linguagem de alguns do movimento, esses objetos estariam “demonizados”. Esse conceito é similar ao praticado na magia. Objetos magicamente “carregados” são considerados como transmissores do poder da mágica que representam, e afetam aos que os tocam.

Conforme preceitua a “batalha espiritual”, caso um cristão venha a ter em sua casa, escritório ou local de trabalho qualquer um desses objetos, estará dando ocasião para que os demônios (as verdadeiras entidades espirituais associadas com esses objetos) prejudiquem sua vida material e espiritual. A idéia é que objetos como ídolos, imagens, esculturas, quadros e fotos se tornam pon-

tos de contato para os demônios, que sempre estão procurando se materializar através de alguma coisa e assim atormentar os homens.⁵ Admitir tais coisas dentro de casa seria convidar os demônios a entrar e nos atormentar. Nas palavras de Jorge Linhares,

*Não basta que abençoemos os nossos bens, nossos pertences. Precisamos verificar se não temos permitido adentrar em nosso lar objetos que são por natureza amaldiçoados — objetos que temos de lançar fora e, de preferência, queimar ou destruir.*⁶

Outra coisa que, segundo o pensamento da “batalha espiritual”, permite a entrada de demônios na vida da pessoa é o ingerir comidas “trabalhadas” em centros de umbanda. Num capítulo intitulado “Como os demônios se apoderam das pessoas”, do livro *Orixás, Cabloclos & Guias*, Edir Macedo inclui comidas sacrificadas a ídolos como um desses meios. Ele conta o caso de um homem que ingeriu uma comida “trabalhada” e foi atacado por um espírito maligno que o fazia sofrer do estômago. Ele conclui dizendo: “Todas as pessoas que se alimentam dos pratos vendidos pelas famosas ‘baianas’ estão sujeitas, mais cedo ou mais tarde, a sofrer do estômago”.⁷

Mark Bubeck, que ficou conhecido no Brasil por seu livro *O Adversário*, escreveu recentemente outro livro sobre como podemos criar nossos filhos em meio aos constantes ataques que os demônios fazem ao nosso lar. Ao fim do livro, Bubeck adicionou um apêndice, contendo questionários cujas perguntas procuram levar os leitores a descobrir as portas pelas quais têm permitido aos demônios entrarem no lar e atacar os filhos. Uma das portas é a presença em casa de objetos amaldiçoados, como amuletos,

5 Essa idéia estranha é defendida por Robson Rodovalho, *Por Trás das Bênçãos e Maldições* (Brasília: Koinonia, 1995), 32. Ele conta uma história na qual atribui a objetos amaldiçoados o poder de rachar uma ponte do Plano-Piloto em Brasília, mesmo após a quebra de maldições (*Ibid.*, 33).

6 Linhares, *Bênção e Maldição*, 41.

7 Cf. Edir Macedo, *Orixás, Cabloclos & Guias: Deuses ou Demônios?* (Rio de Janeiro: Universal, 1996; 13ª edição), 48.

fetiches e talismãs, livros sobre ocultismo, bruxaria, astrologia, mágica, adivinhação e utensílios ou objetos usados em templos pagãos, rituais de feitiçaria, ou ainda na prática da adivinhação, mágica ou espiritismo. A sugestão de Bubeck é que a presença dessas coisas no lar permite aos demônios que penetrem na casa e atormentem os filhos.⁸

Uso de objetos no paganismo

Os objetos considerados “amaldiçoados” por muitos cristãos são, via de regra, aqueles usados nas religiões afro-brasileiras, nas práticas ocultas e no catolicismo popular. Nas religiões populares que empregam artes mágicas e práticas ocultas, objetos religiosos desempenham importante papel no culto e na fé dos participantes. São usados, por exemplo, em despachos e trabalhos feitos pelos pais-de-santo da umbanda. Objetos como o sal grosso, a rosa ungida, a água fluidificada, fitas e pulseiras especiais (como a do chamado “Senhor” do Bonfim) e ramos de arruda são bastante populares. Ainda podemos incluir talismãs e amuletos do tipo “pé-de-coelho”. Para não mencionar ainda os fetiches usados na magia e no candomblé, as relíquias e imagens do catolicismo popular.⁹ Na feitiçaria, velas coloridas são usadas para evocar vibrações energéticas das cores e promover transformações pessoais. Amuletos são empregados na proteção contra maus espíritos. Ainda são usados óleos especiais, incensos, cremes, pó, cristais, pirâmides, pêndulos, pulseiras, brincos e pendentes, colares contendo saquinhos com fórmulas mágicas e encantamentos, e muito mais.¹⁰ As gárgulas (imagens de animais grotescos) são freqüentemente associadas com demônios.¹¹ Esses

8 Mark I. Bubeck, *Raising Lambs Among Wolves: How to Protect Your Children from Evil* (Chicago: Moody Press, 1997), 237-39.

9 Ver a excelente discussão de Loraine Boettner sobre o uso de objetos no culto católico, incluindo rosários, crucifixos, escapulários e relíquias que vão desde pedaços da cruz de Cristo, da coroa de espinhos e o Santo Sudário, até roupas e frascos de leite da Virgem Maria!!! (*Roman Catholicism* [Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1962, 9ª edição de 1980], 284-95).

objetos são ungidos, benzidos, abençoados, purificados, fluidificados com o objetivo de passar ao seu possuidor alguma espécie de poder ou proteção. Ou, ainda, são usados em rituais de magia associados com encantamentos, feitiços, despachos e trabalhos espirituais em geral. Em alguns casos, esses objetos são associados com os nomes das entidades espirituais aos quais são dedicados.¹²

Maldições trazidas por objetos consagrados a demônios

Como dissemos acima, para os aderentes do movimento de batalha espiritual a ingestão, a posse e mesmo o contato com coisas que foram oferecidas e consagradas aos demônios trazem maldição aos crentes. Um caso sempre mencionado é o do missionário que, ao regressar ao seu país de origem, trouxe da tribo africana onde trabalhava um pequeno fetiche (objeto usado nos rituais religiosos) como recordação. O missionário, evidentemente, não tinha qualquer atitude religiosa para com o objeto, como os africanos; trouxe-o apenas como lembrança, um *souvenir*. O fetiche foi colocado na estante da sala, em sua casa. Não muito tempo depois, sua filha ficou doente. Sua situação financeira foi de mal a pior. Havia uma "opressão espiritual" no ar, dentro da casa. Nada mais dava certo. Vozes e ruídos eram por vezes ouvidos à noite. Um dia, uma profetiza de uma igreja carismática veio visitar a famí-

10 Kurt Koch afirma que alguns mosteiros católicos na Suíça distribuem amuletos ou fetiches ao povo, para protegê-los contra doenças e epidemias. Esses amuletos são geralmente pequenos sacos, contendo, em alguns casos, pedaços de unhas e de casca de ovos. Cf. Koch, *Between Christ and Satan* (Michigan: Kregel Publications, 1962), 87.

11 Existem lojas virtuais pela Internet em que todas as parafernâlias usadas nos rituais mágicos e de bruxaria estão acessíveis e podem ser facilmente adquiridas com cartão de crédito.

12 O conceito pagão por detrás dessas práticas é o de *transferência* de poderes espirituais para objetos. James Fraser argumenta que essa idéia está presente nas religiões mais antigas e primitivas e consiste basicamente em transferir para objetos ou animais toda dor, culpa e sofrimento, bem como os maus espíritos que os produzem. Fraser dá vários exemplos interessantes, como por exemplo, a prática de povos indianos de curar epilepsia aplicando folhas de determinadas plantas ao paciente e depois lançando-as fora. Acredita-se que a doença passa para as folhas e depois vai embora com elas (James G. Fraser, *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion* [Nova York: Mcmillan, 1925], 538-40).

lia. Dirigiu-se imediatamente à estante onde estava o fetiche. Sem hesitar, declarou que a casa estava amaldiçoada por causa do objeto. Era preciso quebrar a maldição. Os passos necessários seriam: confissão do pecado de trazer para casa um objeto amaldiçoado, a quebra do mesmo e a total renúncia dos laços com os espíritos malignos. Esses laços haviam sido estabelecidos, mesmo inconscientemente, no momento em que o missionário trouxe o objeto para dentro de casa. Os demônios adquiriram a autoridade de invadir a casa e oprimir seus moradores.

Timothy Warner conta a história de uma estudante crente, por natureza uma pessoa bem ativa e enérgica, que começou a ficar mais e mais deprimida, tendo dificuldade em dormir e estudar, durante seus estudos de francês, em preparação para o trabalho missionário na África. Um missionário descobriu, após examinar o dormitório onde ela morava, que o ocupante anterior havia escondido no mesmo diversos objetos ocultistas. Warner então explica: “alguns dos demônios associados com os objetos haviam se apegado ao quarto e à mobília”. O missionário orou determinando aos demônios que fossem embora, e a moça pôde voltar a dormir normalmente.¹³

O pressuposto por detrás desse tipo de relato é que esses objetos abrem a porta para os demônios, visto que foram consagrados a eles nos rituais de magia e ocultismo, e mesmo no catolicismo. O fato de que uma pessoa é crente, afirmam os defensores da “batalha espiritual”, não evitará que seja oprimida pelos espíritos associados a objetos deste tipo.

Existem algumas dificuldades com esse conceito. No que se segue, vamos explicar algumas delas.

1) *O conceito da habitação de demônios em objetos físicos.* Warner conta a história de uma família de missionários nas Filipinas cujo filho era assediado por um demônio que residia numa árvore do jardim da casa onde moravam.¹⁴ O conceito de entidades espirituais morando em árvores remonta à mitologia grega e ao

13 Warner, *Spiritual Warfare*, 94.

paganismo em geral. As Escrituras desconhecem esse conceito e falam dos demônios como atuando especificamente em seres vivos, humanos ou animais. Entretanto, é comum lermos na literatura do movimento de "batalha espiritual" que espíritos malignos podem habitar em coisas como árvores, imagens, objetos, casas, etc.

Às vezes Apocalipse 18.2 é citado como prova de que demônios podem morar em lugares amaldiçoados.

Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável.

Aqui temos o anúncio da queda de Babilônia feito por um anjo de Deus. Notemos, porém, o seguinte, antes de concluir que o texto prova que demônios moram em ruínas! (1) A passagem é evidentemente alegórica. Nos dias de João, Babilônia já não mais existia. (2) João está citando Jeremias 50.39 e Isaías 13.21. Esses dois profetas se referem à queda e destruição da cidade de Babilônia que existiu em seus dias. A desolação que lhe haveria de sobrevir, como resultado do castigo divino, ia ser tão grande que a cidade, outrora populosa e opulenta, iria se tornar em um grande montão de ruínas. Com o propósito de enfatizar a desolação, os profetas descrevem as ruínas como sendo habitadas por feras e animais do deserto: chacais, avestruzes, corujas e hienas. A Septuaginta, ao traduzir o texto hebraico de Isaías 13.21, traduziu "bodes" por "demônios".¹⁵ O apóstolo João, ao citar essas passagens e aplicá-las figuradamente à Babilônia espiritual, o reino das trevas que será destruído por Cristo, acrescenta, além dos animais

¹⁴ *Ibid.*, 94-95.

¹⁵ A palavra hebraica sa'ir, "bode", ocorre mais de 40 vezes no Antigo Testamento. Em quatro dessas ocorrências, foi traduzida pela versão Almeida Atualizada (bem como outras versões importantes) como "demônios" ou "sátiros".

Nunca mais oferecerão os seus sacrifícios aos demônios, com os quais eles se prostituem; isso lhes será por estatuto perpétuo nas suas gerações (Lv 17.7). Jeroboão constituiu os seus próprios sacerdotes, para os altos, para os sátiros e para os bezerros que fizera (2Cr 11.15).

mencionados pelos profetas, os demônios e espíritos imundos, seguindo a tradução da Septuaginta (Ap 18.2). (3) Evidentemente, a passagem não está dizendo que essas entidades habitam em ruínas de cidades. Seu sentido óbvio é que Deus entrega a humanidade ímpia e endurecida que o rejeita à desolação espiritual e aos demônios. (4) Lembremos ainda que o Senhor Jesus ensinou que os espíritos imundos não encontram repouso em lugares áridos (Mt 12.43-45). A conclusão é que não existem argumentos bíblicos suficientes para provar que espíritos imundos moram e habitam em coisas como objetos, casas, árvores, etc.

2) *O estabelecimento de um pacto com esses demônios pela posse de objetos a eles consagrados.* Nenhum adepto do movimento de "batalha espiritual" estaria disposto a admitir que um incrédulo entra em algum tipo de pacto ou concerto com Deus simplesmente por ter uma Bíblia em casa, ou mesmo por ter participado inadvertidamente da Ceia do Senhor numa igreja evangélica. Entretanto, está pronto a afirmar que cristãos verdadeiros podem ser atacados, amaldiçoados e demonizados se tiverem em casa livros sobre ocultismo ou objetos ocultistas, para com os quais não tenha nenhuma atitude religiosa. É óbvio que a simples posse desses objetos não nos expõe a ataques satânicos da mesma manei-

Porém, nela, as feras do deserto repousarão, e as suas casas se encherão uns para os outros; fantasmas ali pousarão e acharão para si lugar de repouso (Is 34.14).

O *sátiro* era uma figura da mitologia grega, uma fera do deserto, metade homem e metade bode. Na antiguidade, era associada ao deus Dionísio. É provável que no período do Antigo Testamento existisse um culto aos sátiros, tendo origem no Egito, e com o qual os israelitas tivessem alguma familiaridade quando ali estiveram como escravos (cf. Js 24.14). Segundo Harrison nos informa, essa seita egípcia floresceu na região oriental do Delta e seu ritual incluía bodes copulando com mulheres adeptas (cf. R. K. Harrison, *Levítico: Introdução e Comentário*, em *Série Cultura Bíblica* [São Paulo: Mundo Cristão e Vida Nova, 1980], 165-166). Assim sendo, a tradução de Levítico 17.7 poderia ser simplesmente "Nunca mais oferecerão os seus sacrifícios aos *sátiros* (ou, deus-bode)". A tradução "demônios" é interpretativa, e pode dar a sugestão de que realmente existiam demônios em forma de bode que assombravam os desertos. O texto hebraico não se refere a demônios, mas ao culto aos sátiros praticado naquela época por alguns israelitas.

ra que a posse de uma Bíblia não expõe um incrédulo às investidas do Espírito Santo, a não ser que abra suas páginas e comece a ler, com seu coração aberto e desejoso de aprender as coisas de Deus.

3) Outra dificuldade é o conceito de que crentes, que nem estão conscientes de que esses objetos foram usados em rituais ocultistas, possam ser oprimidos pelos demônios associados com esses objetos. Não é suficiente escutarmos os relatos e as experiências, como a do missionário citado. Como já insistimos em quase cada capítulo deste livro, por mais sérias e válidas que sejam, experiências não podem servir como autoridade final nessa questão. É preciso examinar as Escrituras, seguindo as regras simples de interpretação, que procuram deixar o texto sagrado falar livremente. E o que encontramos nelas pode ser resumido nas palavras de Balaão, falando pelo Espírito de Deus: “Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel” (Nm 23.23).

Coisas amaldiçoadas na Bíblia

É preciso reconhecer que, para alguns defensores da “batalha espiritual”, existe suficiente apoio na Bíblia para defender o conceito de maldição através de objetos. Examinemos os dois principais argumentos.

1) *Passagens que condenam o uso de amuletos.* É defendido que os pendentos de ouro que as mulheres israelitas traziam nas orelhas, ao sair do Egito, e com os quais se fez o bezerro de ouro, eram amuletos (Êx 32.2-4), bem como as arrecadas (brincos) que Jacó arrancou das orelhas da sua família, junto com os ídolos (Gn 35.1-4).¹⁶ O uso de cordões ou cadeias com pendentos é chamado pelo profeta Oséias de “adultério entre os peitos” (Os 2.2). A atitude das Escrituras em relação a esses objetos é de condenação e rejeição. O profeta Isaías, ao condenar a vaidade do vestuário das mulheres israelitas, faz referência às luetas que elas traziam em seu pescoço (Is 3.18). Eram cordões ou cadeias de ouro com o símbolo da lua crescente, usados para proteger

16 Warner, *Spiritual Warfare*, 94-95.

contra maus espíritos. Esse era um costume pagão. Eles usavam amuletos assim até mesmo no pescoço de camelos (Jz 8.21,26).

É preciso notar, entretanto, que se condena não tanto o uso em si desses objetos, mas a *atitude religiosa* que os israelitas tinham para com eles. Eles o usavam conscientemente como amuletos protetores, como fetiches mágicos, como se fossem encantamentos contra maus espíritos. Foi contra essa prática de magia e ocultismo que os profetas falaram. Evidentemente, ter objetos desse tipo em casa pode não ser conveniente aos cristãos por vários motivos (veja a conclusão deste capítulo). Entretanto, se eles não têm qualquer sentido, significado ou relação religiosos, o cristão não se enquadra na condenação emitida pelos profetas.

2) *Passagens que condenam imagens*. Existem inúmeras passagens nas Escrituras que condenam a idolatria, isto é, o ato de prestar culto a imagens bem como às realidades espirituais que elas representam. Um fator que contribui significativamente para essa condenação é a relação entre a idolatria e os demônios. Nos tempos antigos, mágica, adivinhação, feitiçaria, bruxaria e necromancia (invocação de mortos) estavam tão intimamente ligadas à idolatria que era quase impossível separar uma coisa da outra. Moisés identifica os deuses pagãos com demônios (Dt 32.17; cf. Sl 106.36-37). O mesmo faz Paulo (1Co 10.19-20) e o apóstolo João (Ap 9.20). Acredito que o mesmo é verdade ainda hoje. Por detrás da moderna idolatria estão os antigos demônios.

Entretanto, mais uma vez é preciso observar que as Escrituras condenam propriamente o confeccionar e possuir imagens de entidades pagãs com *propósito religioso*:

Não terás outros deuses diante de mim. *Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto*; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles

que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos (Êx 20.3-6).

Os puritanos entenderam esse mandamento como determinando que nos livrássemos, se possível, de todos os monumentos à idolatria, e proibindo o culto a imagens representativas de Deus ou de falsos deuses e o possuir supersticiosamente artigos ou objetos.¹⁷ A preocupação sempre é contra a *idolatria* em si. O mandamento contra a idolatria não deve ser entendido como proibindo esculturas, representações, quadros e outros objetos artísticos em geral. O fato de que o culto a Deus deve ser em Espírito (Jo 4.24) não quer dizer, nem mesmo, que Deus proíba a confecção de objetos representativos de realidades espirituais. Ele próprio determinou que os israelitas fizessem imagens de ouro de querubins, que deveriam ser colocadas sobre a tampa da arca, o propiciatório (Êx 25.18-20). Noutra ocasião, mandou que Moisés fizesse uma serpente de bronze (Nm 21.8-9). Ela foi mais tarde destruída somente porque os israelitas passaram a adorá-la, provavelmente como uma relíquia provinda dos tempos de Moisés (2Rs 18.4). O motivo pelo qual o Senhor determinou que os israelitas destruíssem totalmente as imagens dos deuses cananitas, ao se apossarem da terra, foi evitar que os israelitas fossem atraídos à idolatria (Dt 7.1-5) e evitar a cobiça para com o ouro e a prata que revestiam essas imagens. Por esses motivos, não deveriam meter esses ídolos dentro de suas casas, *pois eram amaldiçoados por Deus* e representariam uma tentação para praticarem a idolatria (Dt 7.25-26). Mais uma vez percebemos que é o perigo da idolatria que o Senhor queria prevenir. As imagens em si mesmo nada eram.

Preciso reiterar minha convicção de que os cristãos deveriam evitar possuir qualquer objeto relacionado com a idolatria e práticas ocultas. Entretanto, acredito que isso deve ser feito pelas razões corretas e não por mera superstição e credence.

17 Ver *Catecismo Maior*, pergunta 109.

Atos 19 e a quebra de maldições de objetos

Talvez a passagem mais citada para justificar a quebra de maldições desses objetos amaldiçoados seja Atos 19.18-19:

Muitos dos que creram vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras. Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinquenta mil denários.

As “artes mágicas” no mundo antigo incluíam a adivinhação, o exorcismo, o uso de fórmulas secretas, a conjuração e a invocação dos mortos, pactos com entidades espirituais, encantamentos e rituais com o objetivo de ganhar o favor dos espíritos. Essas coisas eram usadas tanto para atingir e ferir inimigos quanto para curar doentes. Elas são bastante populares ainda hoje.

Havia muitos magos e bruxos no mundo do século I, na época de Jesus e dos apóstolos. Um exemplo é Simão Mago, que iludia o povo de Samaria com artes mágicas (At 9.9). A cidade de Éfeso, por sua vez, era um conhecido centro dessas artes. Ali, no início do reinado de Nero, um homem chamado Apolônio Tianeio abriu uma escola e ensinava artes mágicas e coisas do gênero. Taciano, em sua obra *Contra Graecos*, menciona que a deusa Diana dos efésios era considerada como sendo praticante de magia.

Lemos em Atos 19 que os ex-adeptos da magia em Éfeso, que haviam se convertido ao cristianismo pela pregação de Paulo, queimaram seus livros publicamente. Tais “livros” eram obras em que se ensinava a prática dessas artes. Continham encantamentos, símbolos secretos e mágicos, passos para a invocação de mortos e métodos para esconjurar demônios. Provavelmente continham tabelas e fórmulas essenciais para a prática da astrologia. Os “Papiros Mágicos”, encontrados no Egito na década de 50 do

século 20, continham pedaços de pergaminhos com símbolos e fórmulas mágicas chamados “cartas de Éfeso”, que eram usados como amuletos ou talismãs.¹⁸

É alegado por alguns da “batalha espiritual” que a queima dos livros de magia em Éfeso foi necessária porque a posse de tais livros continuaria a dar validade aos pactos feitos pelos efésios com entidades malignas e a dar autoridade a essas entidades sobre suas vidas, mesmo que eles tivessem se tornado cristãos. Queimar os livros fazia parte da quebra das maldições que pesavam sobre eles por terem praticado artes mágicas antes da sua conversão. Na cerimônia da queima dos livros, eles renunciaram publicamente a todos esses compromissos e pactos que fizeram com os espíritos malignos.

Evidentemente, a queima dos livros de magia representou o rompimento oficial e público dos efésios crentes com seu passado de ocultismo. Entretanto, nada há no texto que apóie a idéia de que o evento foi uma espécie de cerimônia de quebra de maldições. A queima dos livros foi o resultado da consciência que os efésios agora tinham de que tais artes mágicas era iniquidade diante de Deus, e que os livros que ensinavam essas coisas eram perniciosos à humanidade e que, por mais caros que fossem (cerca de cinquenta mil moedas de prata), deveriam ser destruídos para não causar mais danos a outros. O verso 19 que narra a queima dos livros deve ser entendido à luz do verso 18, em que se diz que os efésios vieram confessar seus pecados e revelar as suas obras más. A queima dos livros foi uma amostra de seu genuíno arrependimento.

Comentando essa passagem, John Gill, um estudioso puritano, diz o seguinte:

Eles queimaram seus antigos livros de magia para mostrar o quanto agora os detestavam. Também, para mostrar a genuinidade de seu arrependimento pelos pecados cometidos nessa

18 Cf. G. Adolf Deissmann, *Bible Studies* (Edimburgo: T.&T. Clark, 1901), 323.

*área, para evitar que esses livros não se tornassem uma armadilha para eles no futuro e para que não fossem usados por outros.*¹⁹

Os livros, portanto, não foram queimados porque possuíam qualquer poder maléfico intrínseco em si mesmos. Os motivos mencionados por Gill para a queima estão em harmonia com o ensino das Escrituras em geral, com o bom senso e com o que tem sido a prática normal da Igreja na História, além de ser a interpretação mais natural e óbvia da passagem.²⁰

Existe ainda outro motivo para a queima dos livros. Uma parte essencial da prática de artes mágicas daquela época era o *exorcismo*, a expulsão de espíritos malignos. Acreditava-se (*como também se acredita hoje em alguns círculos protestantes*) que todas as doenças – particularmente as mentais – eram causadas por espíritos maus que entravam nos homens. Grande parte do trabalho dos exorcistas era tentar curar essas doenças pela expulsão dos espíritos maus que as infligiam. Nos seus livros mágicos havia fórmulas especiais para esconjurar esses espíritos.

Quando Paulo chegou em Éfeso, duas coisas aconteceram que vieram contribuir para a queima dos livros: (1) Ele curou as enfermidades e expulsou demônios usando apenas o nome de Jesus (At 19.11-12), em contraste com os rituais elaborados e complicados dos exorcistas da época, como se encontravam nos livros; (2) quando alguns exorcistas tentaram usar o nome de Jesus e de Paulo para expelir um demônio de um homem, fracassaram

19 John Gill's *Expositor*; *in loco*.

20 Por outro lado, não quero com isso apoiar irrestritamente os movimentos entre os jovens para queimar discos e fitas de roque evangélico, considerados espiritualmente perniciosos por alguns líderes evangélicos (cf. Rick Lawrence, "Gothard slams Christian rock", em *Group*, set. de 1990, 41-42). Em geral, sou emocionalmente contra a iconoclastia (destruição de ídolos) por cristãos, como por exemplo, a ocorrida na Escócia, sob os auspícios de John Knox, quando o povo entrou nas igrejas católicas e quebrou todas as imagens, utensílios e objetos ligados ao culto idólatra. Se tivermos, porém, de queimar alguma coisa, a queima de horóscopos poderia fazer algum bem — numa pesquisa de 1992, 11% dos crentes americanos disseram consultar horóscopos e acreditar em astrologia ("Most Americans believe in moral absolutes...", em *National & International Religion Report*, 13 de julho de 1992, p. 8).

redondamente. O próprio demônio atestou a autoridade que havia no nome de Jesus (At 19.13-16).²¹ É possível que alguns dos efésios que haviam se convertido ainda mantinham algum tipo de contato com artes mágicas. O episódio dos exorcistas acabou por convencê-los. Ficou evidente a todos que a mágica ensinada nos livros não passava de fórmulas vazias e inúteis. Como escreve Marshall,

*A demonstração da futilidade das tentativas pagãs de dominarem os espíritos maus levou muitos dos convertidos efésios de Paulo a reconhecerem que a magia pagã, com a qual ainda tinham contatos, era tão inútil quanto pecaminosa. Como consequência, trouxeram os vários manuais de magia e as compilações de invocações e fórmulas que ainda tinham, e fizeram com eles um rompimento final.*²²

O verdadeiro poder contra Satanás estava apenas no nome de Jesus. A queima dos livros, portanto, foi um testemunho do poder inigualável de Jesus Cristo sobre as obras das trevas. Somente ele era o Senhor. Quanto a isso, os efésios cristãos não tinham mais qualquer dúvida.

21 Segundo Barclay nos informa, um dos métodos usados pelos exorcistas era conhecer o nome de um espírito mais poderoso do que aquele que estava no doente, e invocá-lo contra esse espírito de doença. Cf. William Barclay, "Hechos de los Apostoles", em *El Nuevo Testamento Comentado por William Barclay*, vol. 7 (Argentina: La Aurora, 1974), 154-55.

22 I. Howard Marshall, *Atos: Introdução e Comentário*, em *Série Cultura Bíblica* (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982), 294.

CAPÍTULO 12

COISAS SACRIFICADAS A DEMÔNIOS

Examinemos, agora, 1 Coríntios 8-10, a passagem da Bíblia que trata de maneira mais direta e clara a questão que estamos discutindo. Nesses capítulos, o apóstolo Paulo trata da atitude dos cristãos para com a carne de animais sacrificados como oferendas aos deuses pagãos. A questão que Paulo tratou nessa passagem era bem complexa. Os cristãos em Corinto (bem como nas demais cidades do mundo greco-romano) sempre corriam o risco de comer esse tipo de carne. O sacrifício de animais e o consumo da sua carne faziam parte do ritual religioso nos templos pagãos da época. Corinto não era exceção.

Modernamente, podemos nos referir ao caso das comidas “trabalhadas” nos terreiros de umbanda. De acordo com as crenças do candomblé, umbanda e quimbanda, os orixás exigem comidas variadas, que devem ser preparadas de acordo com rituais apropriados. Por exemplo, Exu gosta de cebola e mel entregues no mato com velas acesas e aguardente. Ogum gosta de feijoada, xinxim, acarajé e milho branco. Oxóssi, de peixe de escamas, arroz, feijão e dendê.¹ Essas comidas são feitas de acordo com as indicações dos demônios e a eles oferecidas. Para muitos cristãos, é uma questão aguda se algum mal vai lhes ocorrer se acabarem por ingerir uma comida que foi “trabalhada”. Os coríntios estavam perturbados por um problema similar. Eles escreveram uma carta a Paulo com várias perguntas, entre elas, se era lícito comer carne de

¹ Ver a descrição detalhada (inclusive com fotos) em Macedo, *Orixás, Caboclos & Guias*, 106-8.

animais que haviam sido consagrados aos deuses pagãos.² Os coríntios tinham em mente três situações:

1. Era lícito participar de *um festival religioso num templo pagão* e comer a carne dos animais sacrificados aos deuses? Na Antigüidade, o sacrifício de animais aos deuses fazia parte da vida pessoal, familiar e social. O sacrifício ocorria nos templos e a carne do animal sacrificado era dividida em três partes. Uma parte, geralmente simbólica (podendo ser até uma mecha dos pêlos!), era queimada no altar em homenagem aos deuses. A segunda parte, incluindo costelas e músculos, ia para o sacerdote. A terceira parte ficava com o ofertante, e com ela oferecia um banquete, geralmente em casamentos. Muitas vezes, essas festas ocorriam no templo, no qual o sacrifício fora feito.³ Os crentes de Corinto certamente mantinham relacionamentos com amigos não-crentes, e sempre havia a possibilidade de serem convidados a participar de uma dessas festas no templo, onde havia muita carne e bebida. Alguns daqueles cristãos não tinham quaisquer escrúpulos de consciência em participar e comer carne dos ídolos no templo dos ídolos, uma atitude que estava provocando os de consciência mais fraca.

2. Era lícito comer *carne comprada no mercado público*? A carne ali comprada poderia ser de animais sacrificados aos deuses, cujo excedente dos altares havia sido repassado pelos sacerdotes aos açougueiros da cidade. Em razão da enorme quantidade de animais sacrificados, uma parte deles acabava no mercado público, onde eram vendidos como carne boa e barata.

3. Era lícito comer carne *na casa de um amigo idólatra*? Como na situação anterior, um crente poderia ser convidado por um amigo pagão para comer um churrasco em sua casa. A carne provavelmente seria de um animal que o amigo havia primeiro con-

2 Aparentemente, a comunidade havia preparado algumas perguntas para Paulo sobre questões práticas. Esta carta havia sido possivelmente trazida por uma delegação (1 Co 16.17). Em 1 Coríntios Paulo responde algumas dessas perguntas. Podemos detectá-las nas partes da carta que Paulo começa com a expressão "com relação a...", ver 7.1, 25; 8.1; 12.1; 16.1; 16.12.

3 Barclay, *1 e 2 Coríntios*, 83-84.

sagrado ao seu deus, lá no templo. Um papiro grego muito antigo contém um convite para uma dessas festas, nos seguintes termos: “Antônio, filho de Ptolomeu, convida-o para cear com ele à mesa de nosso senhor Serápis”.⁴ Quem quer que tenha sido o convidado, ele sabia que ao se sentar à mesa de Antônio, estaria comendo carne de um animal que havia sido sacrificado ao deus Serápis.

A questão aguda era se um crente poderia comer carne em Corinto, correndo assim o risco de se contaminar. William Barclay, um autor bastante conhecido e citado, sugere que o problema era a crença, muito difundida na Antigüidade, de que os demônios estavam sempre procurando uma brecha para entrar nos homens, para destruir seus corpos e mentes. Uma das maneiras pelas quais faziam isso era através da comida. Tais espíritos se alojavam na comida e quando a pessoa a engolia, os demônios entravam nela. Por esse motivo, diz Barclay, as pessoas consagravam os alimentos – especialmente a carne – a algum deus bom. Acreditava-se que a presença de um deus bom na carne formava uma barreira contra os maus espíritos.⁵

O assunto dos sacrifícios de animais aos deuses é bem complexo, e não poucos estudiosos discordariam de Barclay. Essa não parece ser a razão primordial pela qual os pagãos consagravam comida aos seus deuses. Sacrifícios eram praticados nas religiões de quase todas culturas antigas, e no geral, visavam honrar uma divindade, apaziguá-la ou santificar a oferta. Em algumas dessas culturas, os sacrifícios estavam relacionados com o culto aos ancestrais, alimentar os deuses e mesmo “comer os deuses”.⁶ Paulo, ao discutir o assunto, em momento algum sugere que haveria o risco de demônios penetrarem mesmo naqueles que comessem carne consagrada aos demônios nos próprios templos dos deuses pagãos. A questão que incomodava os coríntios não era se estariam

4 Ibid., 84. Serápis era uma divindade do Egito, importada da Grécia. Era o deus dos mortos e da cura. Um dos seus adoradores mais famosos foi o rei Ptolomeu I, considerado também o iniciador do culto a esse deus.

5 Ibid.

6 Cf. Fraser, *The Golden Bough*, em que ele discute este assunto em relação ao culto de Diana.

comendo demônios, mas se não estariam participando direta ou indiretamente do culto ao ídolo. Note ainda que quem introduz o conceito de que os demônios estão por detrás da idolatria é Paulo. Provavelmente os coríntios nem estavam pensando nesses termos. A explicação de Barclay, portanto, é menos do que convincente.⁷

Os crentes de Corinto estavam divididos quanto ao assunto. Um grupo deles estava passando por grande aflição. Eram ex-freqüentadores dos templos, recém-convertidos ao Evangelho. Por vezes, acabavam caindo no velho costume de comer carne, encorajados pelo exemplo dos que achavam que não havia nada de errado com isso. Como resultado, suas consciências os acusavam: eles haviam acabado de consumir carne espiritualmente contaminada, consagrada aos demônios em um templo pagão. Paulo, no tratamento que faz do assunto, considera-os como “fracos”, pois suas consciências eram “fracas” (1Co 8.7,9-12). O grupo contrário, a quem Paulo chama de “dotados de saber” (1Co 8.10), tinha já plena consciência de que os ídolos dos templos pagãos nada eram neste mundo, e que os animais a eles ofertados, na verdade, continuavam a ser de Deus, o criador e Senhor de todas as coisas. Assim, sentiam-se livres para comer carne, até mesmo nos festivos pagãos nos templos. Os “fracos”, estimulados por esse exem-

7 Os que estão familiarizados com os comentários de Barclay percebem como freqüentemente ele apela para a antiga crença pagã em um mundo povoado de demônios para explicar passagens bíblicas em que demônios são mencionados, sugerindo que os cristãos primitivos, bem como os autores bíblicos, partilhavam das superstições pagãs quanto aos demônios, as quais seriam, diz Barclay, incompatíveis com os conceitos modernos de psicologia e da ciência. Infelizmente, ao fim de sua carreira, Barclay abandonou as principais doutrinas do cristianismo histórico, revelando que esse tipo de tendência tinha raiz mais profunda. No seu livro, *A Spiritual Autobiography* (Grand Rapids: Eerdmans, 1975), no qual ele narra sua vida e ministério, os evangélicos ficarão desapontados ao ver quanto ele se distancia do Cristianismo ortodoxo. Ele se declara universalista (p. 58); declara que o Novo Testamento nunca identifica Jesus como Deus (p. 50); nega a ressurreição literal e física de Jesus (p. 108); identifica o Espírito Santo com o Cristo ressurreto (p. 109); e declara que “os milagres geralmente não foram histórias do que Jesus fez, mas símbolos do que ele ainda pode fazer” (p. 45). Evidentemente podemos aprender muitas coisas de suas obras, mas o leitor deverá lê-las com discrição e discernimento.

plo, tentavam usar da mesma liberdade, mas com resultados desastrosos – suas consciências não eram fortes o suficiente para permitir que comessem carne livremente.

O problema parece que girava em torno de duas questões. Primeira, a relação entre os animais e os deuses, diante de cujas imagens os animais eram consagrados, oferecidos e sacrificados. A carne desses animais continuava a “pertencer” aos deuses após o ritual no templo, quando estava pendurada no açougue público para ser vendida? Quem comesse dessa carne estaria, mesmo de modo inconsciente, fazendo um pacto com os deuses? Segunda, comer essa carne não implicaria numa espécie de participação a distância dos crentes na adoração pagã e no culto aos deuses? Não deveríamos evitar a todo custo aquilo que tem relação com os cultos idólatras?

As respostas de Paulo são surpreendentes. O apóstolo concorda com os “fortes” quanto ao conhecimento de que Deus é o Senhor de tudo e que não há outros deuses ou senhores (1Co 8.4-6). Mas condena a falta de amor dos “fortes” para com os “fracos” (1Co 8.9-13). Deveriam limitar sua liberdade pela consideração à consciência dos outros. Após dar o exemplo de como abriu mão dos seus direitos como apóstolo de receber sustento por amor do Evangelho (1Co 9), e após alertar os “fortes” contra a arrogância, usando o exemplo de Israel no deserto (1Co 10.1-15), Paulo responde às três principais indagações dos coríntios já mencionadas acima.

O fato de que Paulo não invoca aqui a decisão do concílio de Jerusalém (At 15) para resolver o assunto de vez tem intrigado os estudiosos. Conforme lemos no livro de Atos, o concílio havia se reunido para tratar das condições sob as quais os não-judeus poderiam ser salvos e ser recebidos na Igreja. A polêmica havia sido causada por alguns judeus cristãos da Judéia que foram até as igrejas gentílicas forçar os gentios a se circuncidarem e a guardar as leis de Moisés (naquela época, as mais importantes eram as leis dietárias e o calendário religioso). Paulo e Barnabé resistiram e houve uma

grande discussão. O assunto foi levado aos apóstolos e presbíteros em Jerusalém. Alguns fariseus que haviam crido em Cristo insistiam na circuncisão e nas leis de Moisés para os gentios, mas Paulo, Pedro e Tiago, através de seus testemunhos e do apelo às Escrituras, convenceram o concílio de que os gentios eram salvos pela fé sem as obras da lei (como também os judeus o eram), e que não precisavam se tornar judeus para poder pertencer à Igreja de Cristo. O concílio, entretanto, em sua decisão, resolveu incluir algumas condições éticas, entre elas, a de os gentios se absterem das coisas sacrificadas aos ídolos (At 15.29).

O concílio havia acontecido um pouco antes de Paulo escrever 1 Coríntios. O apóstolo estava perfeitamente consciente do conteúdo da sua decisão. A pergunta é, por que não invocou aquela decisão para acabar de vez com o problema em Corinto? Algumas respostas têm sido dadas. Peter Wagner, por exemplo, sugere que Paulo não havia ficado satisfeito com essa decisão, considerando-a inadequada e superficial. Para Wagner, a decisão do concílio havia sido equivocada por tratar o comer carne sacrificada aos ídolos como algo *imoral*, quando na verdade era algo *neutro*.⁸ Entretanto, a melhor solução apresentada tem sido que as condições éticas requeridas pelo concílio eram para ser observadas num ambiente onde houvesse judeus e gentios. Eram regras a ser seguidas pelos gentios numa igreja onde houvesse judeus cristãos. Elas não eram uma lei moral geral e válida em todas as circunstâncias, mas uma orientação para quando a abstinência se fizesse necessária para preservar a unidade, conforme sugere Calvino em seu comentário em Ato 15.

A situação de Corinto era diferente. O problema lá não era o mesmo tratado no concílio de Jerusalém. O problema não era os escrúpulos de judeus cristãos ofendidos pela atitude liberal de crenças gentios quanto à comida oferecida aos ídolos. Portanto, a solução de Jerusalém não servia para Corinto. É provavelmente por

8 C. Peter Wagner, *Se Não Tiver Amor* (Curitiba: Luz e Vida, 1982), 67-68.

esse motivo que o apóstolo não invoca o decreto de Jerusalém.⁹ Antes, procura responder às questões que preocupavam os coríntios de acordo com o princípio fundamental de que só há um Deus vivo e verdadeiro, o qual fez todas as coisas; que o ídolo nada é neste mundo; e que fora do ambiente do culto pagão, somos livres para comer até mesmo coisas que ali foram sacrificadas.

1. A primeira pergunta dos coríntios provavelmente havia sido: *era lícito participar de um festival religioso num templo pagão e ali comer a carne dos animais sacrificados aos deuses?* Não, responde Paulo. Isso significaria participar diretamente no culto aos demônios onde o animal foi sacrificado (1Co 10.16-24). Paulo havia dito que os deuses dos pagãos eram imaginários (1Co 10.19). Por outro lado, ele afirma que aquilo que é sacrificado nos altares pagãos é oferecido, na verdade, aos demônios e não a Deus (10.20). Paulo não está dizendo que os gentios conscientemente ofereciam seus sacrifícios aos demônios. Obviamente, eles pensavam que estavam servindo aos deuses, e nunca a espíritos malignos e impuros. Entretanto, ao fim das contas, seu culto era aos demônios.¹⁰ Paulo está aqui refletindo o ensino bíblico do Antigo Testamento quanto ao culto dos gentios:

Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus... (Dt 32.17).

... pois imolaram seus filhos e suas filhas aos demônios (Sl 106.37).

O princípio fundamental é que o homem não regenerado, ao quebrar as leis de Deus, mesmo não tendo a intenção de servir a Satanás, acaba obedecendo ao adversário de Deus e fazendo sua vontade. Satanás é o príncipe deste mundo. Portanto, cada pecado

9 Note que Paulo não teve qualquer problema em anunciar o decreto em Antioquia, o que produziu muito conforto entre os irmãos (At 15.30-31).

10 Não somente Paulo, mas os cristãos em geral tinham esse conceito. João escreveu: "Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar" (Ap 9.20).

é um tributo em sua honra. Ao se recusar a adorar ao único Deus verdadeiro (cf. Rm 1.18-25), o homem acaba por se curvar diante de Satanás e de seus anjos.¹¹ Para Paulo, participar nos festivais pagãos acabava por ser um culto aos demônios. Por esse motivo, responde que um cristão não deveria comer carne no templo do ídolo. Isso equivaleria a participar da mesa dos demônios, o que provocaria ciúmes e zelo da parte de Deus (1Co 10.21-22). Paulo deseja deixar claro para os coríntios “fortes”, e que não tinham qualquer intenção de manter comunhão com os demônios, que era a atitude deles em participar nos festivais do templo que contava ao final. Era a força do ato em si que acabaria por estabelecer comunhão com os demônios.¹²

2. Era lícito comer *carne comprada no mercado público*? Sim, responde Paulo. Compre e coma, sem nada perguntar (1Co 10.25). A carne já não está no ambiente de culto pagão. Não mantém nenhuma relação especial com os demônios, depois que saiu de lá. Está “limpa” e pode ser consumida.

3. Era lícito comer carne *na casa de um amigo idólatra*? Sim e não, responde Paulo. *Sim*, caso não haja, entre os convidados, algum crente “fraco” que alerte sobre a procedência da carne (1Co 10.27). *Não*, quando isso ocorrer (1Co 10.28-30).

O ponto que desejo destacar é que para o apóstolo Paulo a carne que havia sido sacrificada aos demônios no templo pagão perdia a “contaminação espiritual” depois que saía do ambiente de culto. Era carne, como qualquer outra. É verdade que ele condenou a atitude dos “fortes” que estavam comendo, no próprio templo, a carne sacrificada aos demônios. Mas isso foi porque comer a carne ali era parte do culto prestado aos demônios, assim como

11 Cf. Charles Hodge, *A Commentary on 1 & 2 Corinthians* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1857; reimpressão 1978), 193.

12 Hodge (*1 & 2 Corinthians*, 194) chama a nossa atenção para o fato de que o mesmo princípio se aplica hoje aos missionários que, por força da “contextualização”, acabam por participar nos festivais pagãos dos povos. Semelhantemente, os protestantes que participam da Missa católica, mesmo não tendo intenção de adorar a hóstia, acabam cometendo esse pecado, ao se curvar diante dela.

comer o pão e beber o vinho na Ceia é parte de nosso culto a Deus. Uma vez encerrado o culto, o pão é pão e o vinho é vinho. Aliás, continuaram a ser pão e vinho, antes, durante e depois. A mesma coisa ocorre com as carnes de animais oferecidas aos ídolos. E o que é verdade acerca da carne, é também verdade acerca de fetiches, roupas, amuletos, estátuas, objetos consagrados aos deuses pagãos. Como disse Calvino,

Alguma dúvida pode surgir se as criaturas de Deus se tornam impuras ao serem usadas pelos incrédulos em sacrifícios. Paulo nega tal conceito, porque o senhorio e possessão de toda terra permanecem nas mãos de Deus. Mas, pelo seu poder, o Senhor sustenta as coisas que tem em suas mãos, e, por causa disto, ele as santifica. Por isso, tudo que os filhos de Deus usam é limpo, visto que o tomam das mãos de Deus, e de nenhuma outra fonte.¹³

Conclusão

Ao fim deste capítulo, espero ter dado evidências claras de que não há como justificar hoje a prática no culto cristão de ungir e abençoar objetos, quaisquer que forem os propósitos. Também, que não há como provar biblicamente que objetos usados e consagrados aos demônios nos cultos idólatras e ocultistas têm algum poder especial de “amaldiçoar” os que os tocam, ingerem, usam ou acabam por possuí-los fora do contexto de adoração e devoção a essas entidades.

Devemos sempre nos lembrar da diferença fundamental entre o conceito pagão e o conceito cristão quanto ao emprego de “coisas” com sentido religioso. As religiões empregam objetos e utensílios em seus cultos ou práticas como símbolos de realidades espirituais ou portadores de poderes mágicos. O culto cristão, em

13 João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, em Comentário à Sagrada Escritura, trad. Valter G. Martins (São Paulo: Paracletos, 1996), 320.

contraste, é bem mais simples. Ele emprega apenas dois símbolos materiais, a água do batismo e os elementos da Ceia (pão e vinho). A atitude do paganismo para com esses objetos é também diferente da atitude dos evangélicos para com seus símbolos (batismo e Ceia). Enquanto que para os evangélicos a água, o pão e o vinho são símbolos que têm seu valor e sua função apenas no momento da ministração dos sacramentos, na prática da magia, no ocultismo, nas religiões afro-brasileiras e no catolicismo popular, os objetos cúlticos continuam a manter uma relação vital para com as entidades e realidades espirituais aos quais estão associados, mesmo após a sua consagração durante os rituais. Por exemplo, uma rosa que foi ungida continua a emanar forças positivas após o ritual de consagração. Um amuleto que foi “carregado” de fluidos positivos continuará a emaná-los *ad infinitum*. Uma comida que foi “trabalhada” por uma mãe-de-santo num terreiro de umbanda vai afetar quem a comer, fora do terreiro. Para os evangélicos, em contraste, uma vez encerrada a Ceia, o pão é pão comum e o vinho, vinho comum. Na verdade, eles permaneceram sendo vinho e pão comuns durante a celebração da Ceia. Aquele uso especial para o qual foram separados cessa após a celebração. Água, pão e vinho perdem sua simbologia fora do culto. Para o paganismo, entretanto, a profunda relação entre objetos cúlticos e as realidades e entidades espirituais associadas a eles é permanente.¹⁴

Os evangélicos que conhecem a sua Bíblia não são supersticiosos quanto a objetos oriundos de outras religiões. Entretanto, acredito que devemos ter bastante cautela quanto a objetos assim. Eu mesmo não guardo em casa ou no ambiente de trabalho nenhuma dessas coisas. Não que tenha receio que elas possam dar aos demônios, a quem foram oferecidas, algum tipo de poder sobre mim e minha família. Estou seguro e protegido no poder do meu

14 Essa diferença fundamental não foi notada por Kurt Koch em seu livro sobre magia e ocultismo. Ele diz que “O uso de fetiches, isto é, objetos carregados de magia, corresponde talvez ao uso da água no batismo ou do pão e vinho na Ceia do Senhor” (*Between Christ and Satan*, 85).

Salvador Jesus Cristo; mas, pelas seguintes razões, que ofereço como orientação geral quanto ao uso desses objetos:

1) Devemos evitar ter e exibir esses objetos quando os mesmos forem uma tentação real para a idolatria ou ocultismo. Novos convertidos egressos da idolatria e cultos afro-brasileiros poderão ser tentados a retornar às práticas antigas, estimulados pelos símbolos do seu passado religioso. Devemos evitar toda e qualquer possibilidade de ser tentados nessa área, bem como evitar ser causa de tropeço para outros. Foi isso que o apóstolo Paulo recomendou aos “fortes” de Corinto (1Co 10.31-33).

2) Devemos evitar esses objetos se os mesmos evocam lembranças do nosso passado. Muitos de nós gostariam de esquecer períodos e eventos acontecidos nos tempos de ignorância. Deus nos deu a bênção do esquecimento. Livremo-nos, pois, de tudo que mantém vivas lembranças assim.

3) Devemos evitar esses objetos se os mesmos servirem de estímulo a outros a que façam o mesmo, sem que estejam firmes em suas consciências de que tais objetos, em si, nenhum mal trazem.

PARA UMA IGREJA VERDADEIRA E PURA

A aceitação do Evangelho e o seu ensino constituem uma das marcas da Igreja verdadeira e pura. Neste momento em que enfrentamos lobos vorazes e ensinos perversos (Atos 20.29-30) a Editora Cultura Cristã deseja contribuir para essa autenticidade e pureza com mais esta edição deste livro do Rev. Augustus Nicodemus Gomes Lopes. O paganismo que se infiltra na Igreja é aqui combatido sem hesitação. Por isso este livro é indispensável para pastores, professores e alunos de seminários e institutos bíblicos, bem como para líderes em geral. Ele pode ser usado como roteiro de estudo bíblico em classes de escola dominical, grupos familiares, células e classes de treinamento. Creemos ainda que este livro contribuirá para que a igreja estude com seriedade a Palavra de Deus e se firme na Verdade, rejeitando o erro de dentro e o de fora.

Cláudio Marra
(Do Prefácio)



O Dr. Augustus Nicodemus, casado com Minka, pai de Hendrika, Samuel, David e Anna, é pastor da IPB, mestre e doutor (Ph.D.) em Interpretação Bíblica (África do Sul, Estados Unidos e Holanda), chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, professor de exegese, Bíblia, pregação expositiva no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, e autor de vários livros.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

www.ccp.org.br

Vida Cristã / Igreja / Doutrina

ISBN 857622158-6



9 788576 221586